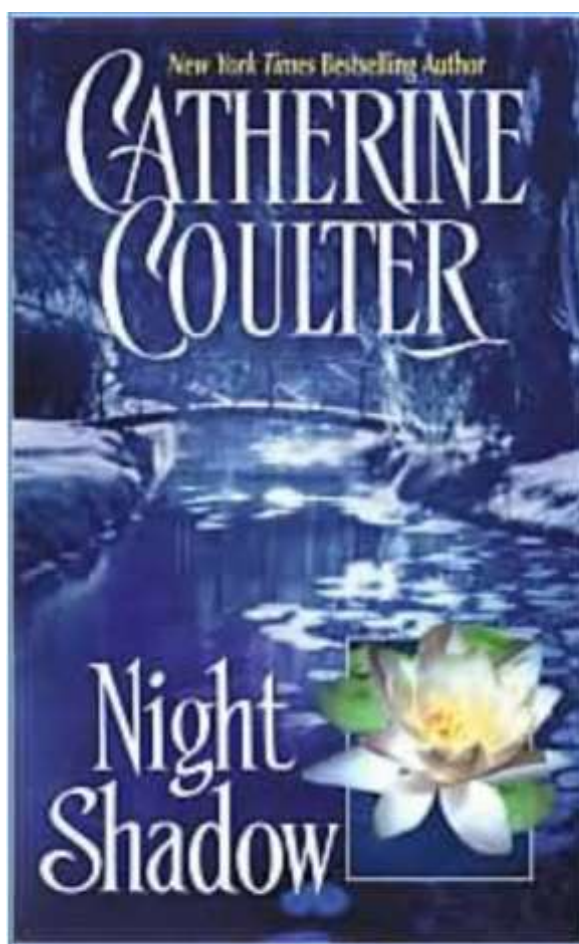




GRH

Catherine Coulter

Noites de Sombras



Série Noites 2

Tradução e Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Michèle Estorillio

Revisão Final: Ana Julia

Leitura Final : Cléria Janice

Formatação: Ana Paula G.







Nota da Revisora Michelle Estorillio:

O livro é bom, envolvente. Lá pela metade do livro fiquei irritada com o mocinho que banca o babaca com a mocinha, mas ela no melhor estilo não bate que eu gamo e uma boa pegada vale mais que mil palavras lisonjeiras, se apaixona pelo mocinho. Depois que o mocinho descobre a besteira que estava fazendo a coisa melhora e fica só a boa pegação com a mocinha. A mocinha por sua vez é determinada e valente. Faz de tudo para defender aqueles que ama.

Nota da Revisora Ana Julia:

Livro interessante e tem de tudo um pouco, assassinato, perseguição, boas risadas, um mocinho que é uma graça, mas que em mim provocou muitas emoções, pois no início ele te agrada, lá pela metade do livro eu o odiei e no final voltei a gostar dele, a mocinha é decidida, forte, mas perdoou o mocinho muito fácil...

Nota da Revisora Cléria Janice:

Tranquilamente pode-se dizer que é um bom livro e que agradará a todos os gostos, pois tem amor, aventura, mistério e romance bem apimentado.





Resumo

O brutal assassinato de seu benfeitor tinha deixado Lily Tremaine na mais absoluta miséria e com a responsabilidade de garantir a segurança de seus três filhos.

Desesperada, procurou ajuda na casa do sobrinho de seu prometido Knight Winthrop, Visconde de Castlerosse... homem ardiloso, solteiro e incrivelmente atraente.

Logo Lily se sentiu atraída por ele e envolta em uma complicada e perigosa relação, enquanto seu irresistível desejo se transformava em um apaixonado amor...

Prólogo

Londres, Inglaterra

Setembro, 1814

Knight se afastou e ficou de joelhos. Observou o corpo de Daniella, branco como o gelo, formoso e misterioso, como só pode ser o corpo de uma mulher apenas iluminado pela luz da lua na escuridão da noite. Roçou-lhe os seios com os dedos.

— É deliciosa— disse.

Daniella abriu os olhos e olhou um bom momento ao homem que era seu amante há quatro meses.

— Sim— murmurou, sem saber do que estava falando.

Com suas mãos lhe acariciou o peito, apalpou o pêlo crespo, a marcada musculatura e suspirou enquanto brincava com seus dedos no abdômen, plano e ardente. Ao encontrá-lo, Knight gemeu.

— Também é insaciável— começou a rir com dor.

— Possivelmente — disse, enquanto continuava acariciando-o. — Mas você também é um homem luxurioso.

— Tem razão— assegurou Knight e entrou nela com um fabuloso impulso. Ela ficou sem fôlego, ante semelhante sacudida, mas elevou seu corpo para encontrar o de seu amante. Ele a segurou pelos quadris para aproximá-la ainda mais. Daniella fechou os olhos e apertou os lábios. Knight saiu dela e observou seu rosto e viu a decepção gravada nos olhos.

— Besta — murmurou. Quando ele voltou a enchê-la, gemeu e lhe abraçou os quadris com as pernas.

Ele era seu prisioneiro agora, pensou enquanto se enchia e penetrava ainda mais dentro dela. Conhecia bem esse corpo: os débeis tremores que lhe contraíam os músculos do abdômen, a tensão espasmódica de suas coxas e seus glúteos, quão gemidos escapavam de sua boca, duros, terríveis, reais. Mas ele manteve seu ritmo irregular, primeiro rápido e superficial, logo lento e profundo, cada vez mais profundo. Até que ela gritou e lhe golpeou os ombros com seus punhos.

— Knight!

Ele sorriu e disse com suavidade

— Está bem.

Sua mão estava localizada entre os dois corpos; com seus sábios dedos a acariciava. E ela gemia, sacudia-se, com os olhos perdidos no rosto dele e a face brilhante por causa da transpiração. Nesse momento, ele se sentiu profundamente só, mas dono de um poder supremo. Nunca, desde os dezenove anos, desde que tinha aprendido como brindar prazer a uma mulher, tinha permitido que sua amante ficasse insatisfeita. Em realidade, não admitia simulações, e conhecia muito bem às mulheres para que o enganassem. Viu que ela estava rígida e esgotada debaixo de seu corpo. Consumido de prazer ele se deixou levar, liberando sua semente.

— Bem— disse, mais para si mesmo que para ela, depois de um momento, quando seu coração tinha voltado para o ritmo normal. — Acredito que fiz um bom exercício.

Daniella sorriu o mesmo sorriso feminino que tinha visto em todas as mulheres depois do sexo. Voltou a sentir esse poder absoluto. Acomodou-lhe o cabelo, beijou-a ligeiramente nos lábios e se levantou. Acendeu um abajur e, de joelhos, começou a preparar o fogo.

— Faz frio esta noite — comentou uns minutos depois enquanto se lavava com a água da vasilha que se encontrava em cima da cômoda.

Daniella o olhava. Tinha um corpo robusto delineado pelas chamas que cresciam da lareira e pela delicada luz da vela. Era um homem bonito, pensava, com esse cabelo espesso, quase negro. Não era um negro azulado como o dos Irlandeses que tinha conhecido, nem tampouco negro carvão como o dela que refletia a luz e emanavam brilhos acobreados. Não, era espesso e de um negro profundo. Enrolava apenas ao chegar à nuca.

Seus olhos eram os que monopolizavam a atenção. Eram marrons com faíscas amarelas: os olhos de uma raposa, inteligentes, ardilosos e cínicos. Era magro, mas firme, dotado de um formoso corpo masculino. Era um atleta e um reconhecido esportista, o cavaleiro mais famoso do clube Four Horse, conforme tinha escutado. Também se dizia que era o favorito do Cavaleiro Jackson, esse famoso boxeador que agora se dedicava a instruir homens ricos na arte do boxe. Comentava-se que o visconde de Castlerose possuía uma incrível técnica unida a uma grande força e inteligência. Daniella não sabia a que tipo de técnica se referia, mas esses comentários o pintavam como um ser superior, e isso lhe fascinava, porque lhe pertencia. Ao menos por um tempo. Já levavam quatro meses. Parecia tão pouco tempo. Quando se cansaria dela? Sacudiu a cabeça em uma tentativa de afastar o temido espectro.

Ele estava além do alcance de qualquer mulher, pensava inclusive de uma dama de qualidade, mas esse não era seu caso. Quantas vezes riu e tinha assegurado que o matrimônio não era para ele; que acreditava firmemente na filosofia particular sustentada por seu pai: que o homem sábio e cordato não se casava antes dos quarenta anos e que elegia uma jovem de não mais de dezoito, sã, forte e maleável como uma ovelha. Procriava um herdeiro e logo o deixava sozinho para que crescesse sem influências dos caprichos de seu progenitor.

Knight Winthrop, visconde de Castlerose, estava ainda muito longe dos quarenta anos, já que fazia três meses tinha completado vinte e sete anos. Era um solteiro renomado.

Ela o olhava enquanto lavava as longas pernas musculosas. Seus movimentos tinham graça e elegância. Fazia amor de um modo tal que nunca parecia apressado. Sempre estava no controle de seu corpo e do dela. Mas ela sentia, sabia que estava muito longe daqui, só e distante. Além dela, pensou uma vez, ao observar seu rosto quando alcançava seu prazer.

— Até os pés são encantadores. — Sacudiu a cabeça e riu.

— O que disse? Que meus pés são o que?

Daniella moveu a cabeça. Não tinha se dado conta de que tinha falado em voz alta. Sabia muito bem que não devia dizer algo tão estúpido e revelador e se apressou a voltar atrás.

— Nada, meu senhor. Disse que seus pés estavam sujos e que precisavam ser limpos como o resto do corpo.

Ele não queria saber nada de sentimentos. Deixá-la-ia se percebesse que ela o queria como algo mais que um generoso protetor. Não seria descortês nem cruel, mas a abandonaria. Levantou da cama e se espreguiçou lânguida, consciente de que ele a estava olhando. E com a mesma languidez, voltou a se deitar.

— Ponha algo ou ficará doente — disse com voz rouca.

Ela o havia excitado virada de lado, em uma pose negligente, seus seios apertados um contra o outro, a suave curva de seu quadril, mais marcada pela posição. Seu cabelo era tão negro como só podia ser o de uma Italiana e sua pele era tão branca como... Não como a neve, refletiu. Nem sequer em seus pensamentos se permitia ser comum. Sua pele era pálida, isso era tudo. E esses olhos escuros, com a forma das amêndoas, mostravam toda a paixão de sua herança napolitana. Alcançou-lhe uma bata de cor pêssego que lhe tinha comprado umas semanas atrás.

Olhou como a colocava com movimentos tão precisos que pareciam tão naturais e sedutores como os de uma virgem.

— Chá, meu senhor?

Assentiu. De repente seu estômago rugiu.

— Tem algo para comer?

— Não houve suficiente comida no banquete de casamento? — Sorriu.

— Estava muito nervoso. Por Deus, os noivos não deixaram de prodigalizarem-se carícias até que me fizeram sentir doente. Era deprimente. E as damas, de todas as idades, olhavam-me como se tratasse de uma raposa a ponto de ser caçada pelos caçadores. Escutei que uma matrona dizia a outra que sua filha era exatamente o que o visconde de Castlerose necessitava. Imagina a impudícia dessa velha louca!

Daniella começou a rir e abandonou o quarto. Sua empregada, Marjorie, já estava dormindo e sua cozinheira e seu mordomo não ficavam na casa durante a noite. Quinze minutos depois retornou com uma bandeja com pedaços de frango frito, fatias de pão, manteiga e mel, e um bule com chá da Índia.

Knight acabava de colocar a bata. Ajudou-a distribuir os manjares sobre a cama. Bateu em suas nádegas enquanto ela subia na cama, sorrindo.

— Ah — disse. — Isto é o que necessita de mim, meu visconde?

Knight tomou uma coxa de frango e lhe arrancou um bom pedaço.

— Minhas necessidades — disse enquanto mastigava — estão neste momento em minha boca, tão apropriado nesta instância como em outras.

Viu que ela não entendia e logo sorriu enquanto lhe alcançava uma asa de frango. Comeram em silêncio durante uns minutos até que Daniella, satisfeita, interrompeu:

— Me conte do casamento e da recepção. Não estavam seus amigos ali?

Ele sabia que ela adorava escutar as histórias das damas e os cavalheiros que ele conhecia. Uma espécie de inveja vigária pensou, mas tratou de agradá-la.

— Refere-se ao Burke Drummond e sua esposa, Arielle?

— Ele é o conde de Ravensworth?

— Sim. Estavam ali, é obvio, já que a noiva era sua ex-cunhada. O Conde e Arielle estavam muito bem e mais que felizes.

— Desaprova esse matrimônio? O conde ainda não chegou aos quarenta.

— Você ainda se lembra disso?

— Mencionou isso ao menos três vezes, se me lembro.

Knight conteve a risada.

— Espero não me tornar tedioso, querida. Não, Burke não está sequer perto dos quarenta. De fato, tem minha idade. No que diz respeito a sua esposa, bem... — Knight fez uma pausa para trazer Arielle a sua mente, a primeira vez que se encontrou em Ravensworth Abbey — Está bem agora, suponho.

— Bem? Que doença teve?

— Era uma doença do espírito. — Lubrificou com abundante manteiga e mel uma grossa fatia de pão. — É uma jovem formosa. Também é valente e leal. Eu gosto.

— Isto quer dizer que mudaria de opinião em relação ao matrimônio?

— Por Deus, não! Ela é perfeita para o Burke, mas não para mim.

— Laura se divertiu muito com o conde quando esteve em Londres.

Knight pareceu sentir um tanto incômodo.

— Tinha me esquecido disso — disse. — Estava muito mal. Queria tanto Arielle e ainda não podia possuí-la. Não haviam se casado ainda, sabe. Laura está agora com lorde Eaglemere, não é certo?

Daniella assentiu.

— Não gosto dele. É um porco e tem exigências que não são naturais.

— Diga para ela deixá-lo — demarcou Knight encolhendo-se de ombros. Daniella apenas o olhou e não lhe respondeu. Às vezes, era tão estúpido como uma mula. Não lhe ocorria que Laura não podia deixar lorde Eaglemere. Ao menos não até que lhe tivesse tirado mais dinheiro. Daniella queria mudar de tema.

— Você não gosta de crianças?— perguntou.

— Para nada. Não tenho jeito com crianças.

— Conhece-te bem, acredito.

— Não há razão para que me veja envolto com crianças. Como recordará, não é a quarta vez que lhe repito isso? Meu pai nunca se ocupou de mim. Deixou-me crescer com todas minhas perfeições e nenhuma de suas imperfeições. Gostava de me dizer, nas poucas ocasiões em que me via, que todos os meus defeitos eram meus e que não devia nada a ele. Talvez Burke e Arielle tenham filhos. Então me converterei em um tio distante, mas generoso. Agora, minha querida Daniella, me sirva outra xícara de chá e tire essa bata molesta. Toda esta comida despertou meus apetites mais baixos.

Perto de Bruxelas, Bélgica

Setembro, 1814

Tristan Monroe Winthrop cantarolava uma melodia enquanto apressava o passo. Estava feliz com sua astúcia e seu êxito. Sorriu ao cantarolar, e não se surpreendia de poder fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Estava convencido de que podia tudo. Pensou em Lily, que o esperava com os meninos, e quase começou a correr. Tinha estado ausente durante três dias, e sentia muita saudade. É obvio que sentir saudades dos meninos não era o mesmo que sentir saudades de Lily. A bela Lily, que logo seria sua esposa. Tinha lançado seus filhos como anzol e, agora o admitia sem vergonha, tinha dado resultado. Seus filhos, e o fato de que ela não tivesse outra possibilidade de escolha. Não chegava aos vinte anos, estava sozinha em uma cidade estrangeira, tinha que pagar o funeral de seu pai, e tinha que encarregar-se das dívidas que tinha deixado. O pai da moça, o barão Markham, um jogador

contumaz e incrivelmente desafortunado, tinha sido seu amigo. Tristan o tinha salvado não, mas muitas vezes de credores que teriam tomado sua formosa filha como pagamento de suas dívidas. Sem seu consentimento, é obvio. Um dia, caiu, com uma forte dor no peito. Lily estava ao seu lado; olhava-o sem entender ao princípio. Logo as lágrimas começaram a correr por suas bochechas. Viveu dois dias mais. Depois morreu deixando-a sem nada exceto suas roupas.

Mas Tristan tinha estado ali para ajudá-la. Gostava dela, além disso, ela amava os seus filhos e eles à Lily. Convidou-a para viver com ele e as crianças e, é obvio, ela se negou, até que ele mudou de melodia e lhe pediu que se transformasse na governanta de seus filhos. Fazia só dois meses que ela tinha aceitado casar-se com ele. Para isso ele teve que provar que não tinha hábitos desagradáveis, que possuía uma modesta inteligência e um pouco de engenho; e seus filhos, anjos benditos, se obstinaram ao coração leal e generoso da moça.

Lily Tremaine. Uma jovem tão bela que quase deixava sem fôlego aos que ousavam olhá-la. E ela não tinha mínima consciência do efeito que causava aos homens. Seu incrível cabelo de mel era espesso e ondulado. Quase não percebia; recolhia-o com uma fita ou o trançava e o prendia na nuca. Isso não importava. Nada podia ofuscar sua beleza. Seus olhos eram de um cinza pálido, calmos e serenos, mas a calma era uma máscara, uma fachada construída com cuidado, ele estava seguro. Ela estava cheia de paixão, e isso se revelaria uma vez que fosse sua esposa. Apressou o passo um pouco mais. Por Deus, quanto a desejava. Ela tinha dezessete anos menos que ele, mas isso não importava. Ela tinha se comportado como uma adulta com seu pai há muitos anos. Dezessete anos não eram nada. Era muito magra para seu gosto, mas já lhe preencheria a figura quando estivesse grávida. Supunha que sua magreza se devia às preocupações: encarregar-se de um pai errante e fatalmente encantador. Durante cinco anos viveu sem saber se haveria comida para o jantar ou, em raras ocasiões, deveria embelezar-se com diamantes e sedas para assistir a um baile.

Leal, valente Lily. Ainda conservava clara em sua mente a imagem dela quando, junto com as crianças, se despediu dele. Gostaria de dizer que tinha tido um êxito que superava suas expectativas mais amalucadas, mas não podia. Lily, ele se dava conta, tinha um estranho sentido de honestidade que, em ocasiões, era desconcertante, em particular se considerava que seu pai tinha sido um grande estelionatário, embora não tivesse tido sorte. É obvio, ele não tinha intenções de contar a seus filhos que seu pai era um ladrão, não um ladrão comum, é obvio um mestre e um grande estrategista. E sem escrúpulos, ao menos desta vez. Segundo seus cálculos, Monk e Boy deviam estar bem guardados no cárcere. Em Paris. Longe dele e de sua família. Os subornos tinham sido abundantes, mas valia à pena, na verdade. Esses frios e cruéis bastardos já não o perseguiriam mais.

Uma jogada de mestre, isso era o que tinha conseguido executar. Era o ganhador e tinha acabado tudo. Nunca mais teria que se preocupar com a comida e a moradia dos meninos. Poderia dar isso a eles e a Lily tudo o que necessitassem.

Já estava chegando à pequena casa de dois andares da Avenida LaRouche. Era uma rua tranquila, com árvores na lateral, respeitável ao extremo, mas para seus novos gostos refinados, muito pobres, dado o novo status que alcançaria.

Nada estaria agora fora de seu alcance. Aos trinta e sete anos, ao fim saboreava o êxito, um êxito duradouro. Não tinha matado ninguém, nem sequer tinha machucado alguém. Monk e Boy não contavam, Agora era rico. Tão rico que custava acreditar a capacidade de invenção de sua mente.

De repente escutou uns gritos a suas costas.

— Você, maldito bastardo! — Apenas se virou.

Quando a faca o atravessou nas costas, com um só golpe seco e profundo, não entendeu o que tinha acontecido. Sentiu um calafrio e, face aos tremores, apressou o passo. Escutou outra terrível voz e a reconheceu. Era a voz de Monk, rouca, maldita e como saída dos infernos.

— Muito bem, velho, pagará pelo que fez, mas primeiro, que diabos fez com os diamantes?

Tristan não podia acreditar no que ouvia. Se virou com lentidão para enfrentar seu antigo companheiro, Monk Busch, um homem que tinha o aspecto de um pirata do século dezoito, escuro e malvado.

— Monk — disse

— Onde, maldição, onde? Boy vem aqui! Já o peguei!

De repente Tristan desabou e Monk viu a mancha vermelha que se estendia em suas costas.

— Boy, maldito parvo! Apunhalou-o! Idiota! Disse que tomasse cuidado!

— Parem! O que acontece aqui? — escutou-se uma voz em francês.

Monk lançou uma maldição. Era o guarda de Bruxelas, Tristan gritou com todas suas forças, primeiro em inglês, depois em francês.

— Me ajudem! Ajudem-me!

O apito se ouviu forte e preciso. Monk e Dou se olharam, amaldiçoaram ao mesmo tempo e começaram a correr. Tristan viu-os se afastar e devagar, muito devagar, ficou de joelhos. Oxalá pudesse ver seus filhos e Lily ao menos uma vez mais.

— Lily— sussurrou enquanto desmoronava.

De repente se deu conta de que tinha que lhe contar do golpe. Tinha que lhe assegurar que sempre haveria suficiente dinheiro para ela e as crianças. A única condição era que se acostumassem a viver com normas de conduta menos severas. Deus queria vê-la uma vez mais. Mas não era possível. Não podia lhe dizer onde procurar... O último rosto que viu foi o do jovem guarda que se inclinava sobre ele.

Damson Farm, Yorkshire, Inglaterra

Outubro, 1814

Lily estava sentada na cama estreita com os pés recolhidos debaixo do corpo. Theo, Sam e Laura Beth a rodeavam. Encontrava-se em um pequeno quarto do terceiro andar da casa dos Damson, um dos quartos que correspondiam aos serventes. Já não tremia mais de medo pelo ataque de Arnold; já não se sacudia de ira; ao fim estava tranquila e pensava friamente no que fariam agora. Não podiam permanecer ali, na casa da irmã de Tristan. O marido de Gertrude, Arnold, tinha-o tornado impossível. Gertrude tolerava as crianças, mas não aceitava Lily, e era o suficientemente desagradável para desfrutar fazendo-a se sentir como uma empregada. Gertrude descobriria logo as atividades amorosas de seu marido e não seria Arnold o que deveria ir embora, seria Lily, e não lhe permitiriam levar a crianças.

Que situação ridícula! Tudo porque Arnold não podia controlar-se. Tinha-lhe rogado e suplicado que se entregasse a ele. Como não tinha conseguido nada, tornou-se malvado, como só podia sê-lo um miserável fanfarrão. Theo, seu protetor, um pequeno adulto de nove anos, sério e responsável, tinha impedido que Arnold a violasse contra a parede, nas escadas.

— Vou matá-lo, Lily — ameaçou Sam e levantou o queixo. — Theo deveria havê-lo feito!

— Cale-se, Sam — respondeu Theo a seu irmão de seis anos com voz firme e adulta — Não fará nada. Contive-o, mas não confio nele, Lily. Não é um homem sensato, e menos ainda honrado.

Tinha que confiar em Theo que falava como se fosse um vigário, pensou Lily enquanto se inclinava para lhe dar um tapinha no braço. Na verdade, Arnold Damson era uma besta viciosa e prepotente. Theo salvou-a, pigarreando para ser ouvido e com os punhos na cintura. Arnold se afastou de Lily ao dar-se conta de que não podia fazer outra

coisa nesse momento. Não podia violá-la diante de um menino, e menos ainda diante de seu sobrinho.

Lily olhou as crianças uma por uma: Theo era alto para sua idade, mas muito magro; seus olhos eram azul claro como os de seu pai e brilhavam com uma formidável faísca de inteligência; Sam, compacto e orgulhoso, independente e inquieto, um duende que amava a vida e a excitação e que nunca pensava no amanhã; e, finalmente, a pequena Laura Beth, de só quatro anos, calada e tão formosa que desolava Lily o mero fato de ver essa pequena boca em que agora tinha o polegar. Laura Beth se parecia com sua mãe, assim lhe havia dito Tristan, e Lily sabia que Elizabeth devia ter sido formosa, frágil, pequena e delicada. Certamente possuía um cabelo negro e sedoso e uns olhos azuis tão escuros que pareciam negros se visto em lugar com pouca luz.

Lily tossiu para falar com clareza enquanto abraçava a todos com seu tranquilo sorriso.

— Vamos isso é tudo.

Theo suspirou.

— Suponho que agora não temos outra opção. Não posso estar todo o tempo ao seu lado para te proteger.

Lily quis rodear com seus braços ao adulto Theo e abraçá-lo até que rangessem suas costelas.

— Não, não pode — disse com um sorriso um tanto indeciso.

— É um homem horrível — sentenciou Laura Beth, tirando o polegar da boca — Igual à tia Gertrude. E gordo.

— Isso é verdade — concordou Lily. Tomou a pequena mão de Laura Beth, com a esperança de manter o polegar fora da boca por uns minutos. Laura Beth permitiu e olhou Lily para que ela soubesse que estava permitindo.

— Quero que me escutem bem — disse Lily. — Vocês sabem que antes de seu pai morrer, na verdade, vários meses atrás, disse-me que se lhe acontecesse algo, trouxesse-os

aqui, à casa de sua irmã Gertrude. Também sabem que era a única coisa que podia fazer. Não havia dinheiro. Agora que o horrível Arnold mostrou sua verdadeira personalidade, temos que ir. Seu pai tinha um primo. Seu nome é Knight Winthrop, visconde de Castlerose, e vive em Londres a maior parte do tempo. Devíamos procurá-lo como segunda opção caso as coisas não funcionassem com Gertrude.

— É feio?— perguntou Laura Beth. Retirou a mão e voltou a colocar o polegar na boca.

— Não tenho ideia. Penso que seu pai o pôs como último recurso porque é solteiro.

— Isso eu não gosto— disse Theo — Pode te machucar, Lily, como fez Arnold.

— Arnold é um sapo — adicionou Sam — Besta asquerosa!

Lily fechou os olhos um momento. Onde tinha aprendido Sam semelhantes expressões? Não obstante, eram justas e descritivas.

— Sim, é certo— admitiu. — Talvez, Theo, mas não temos outra opção. Só tenho dinheiro para chegar até Londres. A casa deste primo. Se tiver algum sentido do dever, ocupar-se-á ao menos de vocês três.

— Não te abandonaremos — gritou Theo, e Sam e Laura Beth assentiram solenemente. Continuou depois de pensar um momento — Não acredito, entretanto, que deva dizer a este cavalheiro que foi a prometida de papai, como fez com tia Gertrude e Arnold. Pensaram que era uma impostora e não uma dama.

— Tampouco pode ser nossa governanta— adicionou Sam — Isso seria pior. Este primo poderia te afastar de nós ou te machucar.

— Sam tem razão— concluiu Theo com sua voz ajuizada— Tem que ser outra coisa.

— Você é minha mãe— disse Laura Beth, tirando o polegar só o indispensável para pronunciar esta frase assombrosa.

Lily olhou à menina, mas foi Theo que falou.

— Isso! Em realidade, Lily, não pode ser a mãe do Sam ou a minha; é muito jovem. Mas se tivesse se casado muito jovem com papai, poderia ser a mamãe de Laura Beth. Desse modo este primo não poderia te afastar de nós. Teria que se encarregar de todos. E, como é uma viúva, teria que te tratar com respeito.

— Mamãe— disse Laura Beth e subiu ao colo de Lily. Acomodou-se contra seu seio, com o polegar na boca e a outra mão acariciando sua boneca Catherine.

E isso, supôs Lily, era tudo.

Capítulo 1

Londres, Inglaterra

Outubro, 1814

Eram oito da noite de uma quinta-feira chuvosa. Knight Winthrop, visconde de Castlerosse, estava em sua casa na Rua Portland, sentado em sua poltrona de couro favorita, em sua biblioteca. Cândido de Voltaire descansava de barriga para baixo em sua coxa. Observava as chamas que lançavam brilhos de cor âmbar, com uma taça de brandi francês na mão. A estadia revestida em madeira estava em sombras, à única luz provinha de um candelabro colocado perto de seu braço direito. Era um lugar acolhedor, e Knight se sentia muito confortável e relaxado.

Sorriu ao recordar o rosto de Sr Edward quando Allegory, o cavalo castanho de Knight, criado como garanhão de Desborough, fez comer poeira a ele e a seu cavalo, a metade do caminho da linha final marcada pelo clube Four Horse em Hounslow Heath. Knight tinha apostado substancialmente na velocidade e no espírito indomável de Allegory, e em suas próprias habilidades, e foi com mil libras no bolso para os gastos de Sr Edward Brassby.

Allegory odiava perder ainda mais que ele, pensava. O castanho adquiriu um malvado brilho em seus olhos quando viu que outro cavalo se aproximava. Knight se perguntava se o cavalo tinha copiado esse olhar dele ou de seu famoso progenitor, Flying Davie.

Bebeu outro pequeno sorvo de brandy, logo jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. A vida era perfeita. Não tinha queixa, nem sugestões de potenciais melhoras. Estava satisfeito. Era são, seus dentes eram brancos e fortes, não estava em perigo de perder seu cabelo. Nesse momento tinha uma amante que cumpria com todos os seus desejos sexuais,

e ninguém, exceto algum novo potro, perturbava sua agradável existência. Não, não tinha nada mais que pedir.

Recolheu o livro e folheou com negligência as páginas.

— Meu senhor.

Knight se levantou de repente ao escutar o som da suave voz de Duckett. Poderia estar tudo em completo silêncio e mesmo assim não escutaria Duckett aproximar-se. Com apenas um pouco mais de um metro e meio de altura, redondo como sua cabeça quase calva, Duckett foi bento com um poderoso sentido de percepção: conhecia seu senhor melhor ainda que o valete de seu amo, Stomsoe, e se ocupava de limpar qualquer pedra que pudesse encontrar em seu caminho.

— O que acontece, Duckett? Nada mau, espero.

— Isso não posso dizer senhor.

Knight abriu os olhos e observou a seu mordomo.

— Perdão?

— Há uma pessoa jovem e três pessoas muito mais jovens que desejam vê-lo, senhor. A pessoa jovem quer vê-lo primeiro.

— A pessoa jovem, não as pessoas muito mais jovens?— Outra coisa de Duckett, pensava Knight, que não tinha senso de humor. Nem sequer um pinga. — Bom, diga a esta pessoa que abandonei o país. Diga a ela... Ou a ele?

— A ela, senhor.

— ...que me afundei no Mar do Norte, diga... Quem diabos é ela?

— Diz que é a esposa de seu primo.

— Que primo? Tris?— Knight olhou Duckett desconcertado. Tristán morto? Knight fez uma pausa e tratou de recordar a última vez que ouviu falar algo dele. Ficou de pé e arrumou a roupa. — Deixe-a entrar, Duckett. E a respeito das três pessoas muito mais

jovens, suponho que serão os filhos de Tristan, os entregue à senhora Allgood. Ela os alimentará, ou dará o que necessitam pessoas muito jovens às oito da noite.

— Sim, senhor.

Tristan morto! Sentiu uma tristeza desconsolada que surgia de muito dentro, pois conhecia Tristan desde menino. Tris tinha dez anos, e Knight o tinha visto em raras ocasiões, mas o idolatrava com paixão. Alegre, endiabrado Tris. Um homem que fascinava as mulheres, segundo o que recordava. Knight havia observado-o aos quinze anos quando Tris visitou Castle Rosse e quase sem esforço conseguiu a atenção de todas as jovens.

Sua viúva estava aí com três pessoas muito jovens que deviam ser os filhos de Tris. Por quê? Knight girou em direção à porta. Duckett a tinha aberto e, de fora, apresentava à dama em tons apagados.

— A senhora de Tristán Winthrop, senhor.

Uma mulher, coberta da ponta da cabeça até os pés com uma capa de lã marrom, entrou na biblioteca.

— Como vai?— saudou Knight com cortesia.

— Boa noite— respondeu Lily e ele percebeu fadiga em sua voz. — Lorde Castlerosse?

— Sim, por favor, entre. Me dê sua capa. Pode aproximar-se do fogo se tiver frio. Não é uma noite agradável, não é certo?

— Não, suponho que não. Entretanto, você está em sua casa e isso é um alívio.

Knight a ajudou a tirar a capa e, imediatamente, desejou havê-la deixado tão coberta como um pacote. Olhou-a um momento, logo se forçou a lhe oferecer uma cadeira perto do fogo. Via-se pálida e muito cansada; seu cabelo estava preso na altura da nuca; seu vestido estava amassado e se notava que não era de muito boa qualidade, e ela era tão bela que somente vê-la causava uma ardência na ponta dos pés. Deu-se conta de que a estava olhando muito.

— Por favor, sente-se e me conte como posso ajudá-la— disse com rapidez.

Lily se sentou agradecida.

Talvez fosse a luz escassa, pensou. Nenhuma mulher podia ver-se assim, ao menos não a plena luz do dia.

— Ordenarei uma xícara de chá. Tem fome? Alguns sanduiches e bolachas, possivelmente?

— Eu adoraria. Obrigada.

— Disse a Duckett que entregasse as crianças à senhora Allgood. Ela se ocupará deles.

Mas a senhora Allgood não tinha podido ocupar-se de nada. Nesse momento, escutaram-se passos que se aproximavam da porta da biblioteca, vozes agitadas e gritos que provinham de um adulto; logo a porta se abriu de repente e três pessoas muito jovens entraram correndo na estadia. Lily ficou de pé imediatamente.

— Por Deus!— foi tudo o que pôde dizer.

— Mamãe— choramingou Laura Beth e correu para refugiar-se entre as pernas de Lily.

Theo e Sam assumiram uma posição protetora a cada lado de Lily.

— Está bem?— perguntou Theo, investigando com seus olhos o rosto da jovem.

Lily riu. Não pôde evitá-lo.

— Estou perfeitamente bem. Agora o que aconteceu?— Viu uma mulher mais velha, de pé junto à porta, obviamente consternada. — Senhora Allgood? Sinto muito, mas as crianças, bom, não gostam de me deixar sozinha com estranhos... Quer dizer, com homens estranhos, e... — disse com rapidez.

— Isso— replicou Knight interrompendo esta explicação cada vez mais complicada— é possivelmente compreensível. As pessoas muito jovens o consideravam uma besta de rapina? Observava à viúva Winthrop e estava completamente de acordo com

essa super proteção. — Agora devem nos deixar por um momento — disse e a senhora Allgood se retirou, seguida de Duckett.

Lily suspirou, colocou a mão sobre o braço de Theo e voltou a dirigir-se a Knight.

— Este é Theo, o filho mais velho de Tris.

O magro menino estava avaliando-o com um olhar inimaginável.

— Senhor— disse— desculpe nossa impetuosidade. Nós não gostamos de deixar a nossa mãe só com estranhos.

— Theo— replicou Knight— não te culpo. Eu tampouco a deixaria.

— E este é Sam— se apressou a adicionar Lily. — Sam, este é o visconde de Castlerosse, seu primo.

— Senhor— disse Sam, com uma voz não de tudo balanceada. Era tão agressiva e brigona como seu pequeno queixo que apontava ao visconde. Seu corpo estava tenso, preparado para a luta.

— Olá, Sam— saudou Knight. Dirigiu seu olhar à pequena, que estava chupando o polegar e oprimindo uma boneca contra seu peito. Não se separava das pernas de sua mãe.

— E esta é Laura Beth. Agora está um pouco assustada. Foi uma longa viagem e não estávamos certos de como você, bom, quero dizer, não estávamos muito seguros de que seu temperamento... — a voz de Lily desapareceu. Parecia não poder encontrar uma frase para expressar-se ou para formar uma explicação lógica.

— acredite-me — interrompeu Knight — Te entendo. Olá, Laura Beth.

Laura Beth levantou a cabeça para olhar esse homem tão alto.

— Você não é muito velho— disse, sem desviar o olhar, nem pestanejar.

— Laura Beth— disse Theo com dureza. — Olhe suas maneiras. — Theo acreditava que isso deve tornar-se amável.

Knight viu que Sam dava um rápido olhar a seu irmão. Nenhum dos dois se parecia com Tris. Mas se os punha um ao lado do outro e se juntassem os traços de ambos, era surpreendente a semelhança com seu primo.

— Juntos, ali de pé, fazem-me lembrar tanto ao seu pai— refletiu.

Lily se voltou para Theo. Laura Beth não a soltou e, como resultado, empurrou o vestido de Lily deixando entrever as formas da coxa e o quadril. Knight tragou saliva. Era absurdo, por Deus. Aí estava experimentando o desejo de sempre por uma mulher que era mãe de três crianças. Não, pensou, isso era impossível. Era muito jovem. Sacudiu a cabeça, ao escutar sua voz. Com as crianças, era suave e cheia de doçura.

—...então, Theo e Sam levem Laura Beth para a cama. Ainda têm fome? Não? Bem, então me deixem chamar à senhora Allgood e...

— Não queremos te deixar sozinha com ele, mamãe— disse Sam em um sussurro bastante audível. — Laura Beth tem razão. Não é nada velho, nem sequer como o asqueroso Arnold, e olhe o que ele fez...

— Tentou fazer— corrigiu Lily com firmeza, desejando estrangular seus dois protetores. — É suficiente. — Não podia recordar a última vez que havia se sentido tão envergonhada. Abriu a boca para desculpar-se, para dizer algo, mas o visconde a interrompeu com delicadeza.

— Juro por minha honra de cavalheiro e de primo de vocês que não me comportarei inapropriadamente com sua mãe. Por favor, vão com a senhora Algood. Sua mãe os acompanhará em uns minutos. — Fez uma pausa, depois sorriu para Lily. — Deixaria que ela fosse com vocês agora mesmo, mas, como veem, não tenho a menor ideia do que está acontecendo. Não que eu ache que vocês são uns perigosos malfeitores que vão roubar-me, mas acredito que podem entender minhas precauções.

— Então— continuou Lily— é justo que explique estas coisas ao visconde. Theo, por favor. Laura Beth me solte agora. Sam, você gostaria de uma bolacha, não?

— Tem razão— disse Theo. — Poderíamos ser malfeitores pelo que sabe nosso primo. Iremos com a mulher...

— Mas— interrompeu Sam com seus pequenos punhos na cintura— estaremos atentos ao relógio. Mamãe não deve demorar.

— Não a reterei muito tempo. O suficiente para me assegurar que não é uma espiã de Napoleão.

— Muito bem— disse Sam com um gesto de aprovação em seu tom.

Chamaram então à senhora Allgood. Laura Beth se soltou e conseguiram convencê-la de que a acompanhasse. Laura Beth pôs sua mão na da mulher mais velha e sorriu.

— Sam e eu queremos uma bolacha— disse.

— Cuthbert faz umas excelentes bolachas de framboesa— explicou à senhora Allgood.

Lily ficou de pé, em silêncio por um momento, olhando a porta fechada da biblioteca. Escutou que o visconde falava com ela.

— Ela cuidará deles. Não se preocupe. E não se preocupe mais que eu lhe machuque. Não é meu estilo, sabe. Venha e sente-se de novo. Pedirei ao Duckett que traga chá, bolachas de framboesa, e outras coisas para comer.

Lily fez o que lhe ordenava. Estava tão cansada, em grande parte por causa dos nervos pelo possível recebimento do primo de Tristan, que deslizou na cômoda cadeira com um suspiro de profundo prazer.

Quando Knight voltou de dar as ordens a Duckett, viu que ela quase dormiu. Aproximou-se sem fazer ruído e lhe disse com suavidade:

— Se quiser retirar-se a seu quarto agora, podemos falar amanhã.

— Oh, não! Quer dizer, você é tão amável, mas deve perguntar-se por que estamos aqui e...

— Talvez, mas estou certo, cedo ou tarde, esclareceremos tudo. Duckett, aqui está. Suponho que tenha tudo preparado. Traz a bandeja e coloca-a diante da senhora Winthrop. Sim, isto é tudo.

Duckett, resistente a abandonar a estadia, brincou um momento com a tampa da bandeja; logo, ao escutar o pigarro do visconde, saiu lentamente da biblioteca.

— Não sei se sou aprovada ou não— comentou Lily, enquanto observava como se retirava.

— Acredito que são as consequências de ter serventes que me conhecem desde que tenho calças curtas. Não se preocupe com Duckett. Agora, senhora Winthrop... Soa tão estranho porque eu também sou um Winthrop. Sou Knight Winthrop. — inclinou-se em uma reverência.

Lily pestanejou, ficou de pé e lhe devolveu a cortesia.

— Sou Lily Winthrop, a viúva de Tris, senhor. Lamento dizer-lhe, mas ele morreu no mês passado em Bruxelas.

— Sinto muito. Como morreu? Foi uma longa doença?

Lily tratou de ocultar seu olhar, mas Knight já tinha percebido a dor em seus olhos.

— Não, mataram-no, assassinaram-no. Um malfeitor me disse o policial. Não os capturaram, ao menos não até que as crianças e eu abandonamos Bruxelas.

— Onde estiveram? Estamos quase no final de outubro já. Perdão sente-se, senhora Winthrop.

Lily lhe sorriu mostrando todo seu encanto, mas logo seu rosto ficou concentrado e sério como se tivesse fechado uma torneira de água.

— Na casa da irmã do Tris, em Yorkshire.

— Meu deus! Tinha esquecido completamente dos Damson. Esse é o nome, certo?

Lily assentiu sem dizer uma palavra.

Knight fez uma pausa e a observou com cuidado. A luz do fogo fazia que seu cabelo parecesse feito de suave mel. Tragou saliva. Maldição, nem sequer gostava de mel.

— Acredito que estamos falando do asqueroso Arnold.

— Sim, o marido de Gertrude. A deles não é uma casa feliz. Saímos dali faz quatro dias. — Lily não sabia se Gertrude não sentiria que sua obrigação era exigir a custódia das crianças, de modo que escaparam antes que amanhecesse.

— É uma longa viagem. Vieram de carro, verdade?

— É obvio.

— Você não pode ser a mãe de Sam ou de Theo. É muito jovem. De fato, inclusive Laura Beth...

— Laura Beth é minha filha. Tem quatro anos. Theo e Sam são meus enteados. A primeira esposa de Tris morreu faz uns seis anos. — Até isso era uma mentira. Tinha morrido dando a luz a Laura Beth fazia quatro anos.

— Mesmo assim parece muito jovem para ser a mãe de uma menina de quatro anos— disse Knight pensativo, mais para si mesmo que para ela.

Lily se levantou. Ela tinha que estar segura de que ele se convencesse agora.

— Tenho vinte e três anos — replicou, e seu olhar o fez voltar atrás.

Knight aproximou uma cadeira e se sentou frente a ela.

— Por favor, beba um pouco de chá. Os sanduíches do Cuthbert não são ruins. Por que saiu da casa dos Damson?

Ele sabia a resposta, é obvio; apenas olhando-a, um homem podia perder por completo a cabeça, a perspectiva, a honra, e toda outra virtude positiva que possuísse. Não estava seguro de por que o perguntava.

— Não estávamos bem ali, não fomos muito bem recebidos. E sim, estava o asqueroso Arnold, como o chamam as crianças. Você verá, Tris me havia dito fazia uns meses que se acontecesse algo com ele, fôssemos procurar os Damson, e se não estávamos

cômodos ali, bem, então, que recorrêssemos a você, seu primo. — Olhou-o diretamente nos olhos. — Estamos aqui porque não temos outro lugar aonde ir. Eu posso me cuidar sozinha, não interprete mal meu pedido, senhor. Mas não posso me encarregar das crianças. São maravilhosos e merecem muito mais do que eu posso lhes dar.

— Tristan os deixou sem dinheiro?— Falou sem rodeios, mas sabia que isso era o que queria a viúva Winthrop.

— Sim, virtualmente. Depois de me ocupar dos acertos do funeral e vender tudo o que pude, ficamos apenas com quarenta libras. — Fez uma pausa e ele observou que ela fazia umas dobras nervosas em sua capa. Knight desviou o olhar para o bule.

— Quer servir? — perguntou com serenidade.

— É óbvio— respondeu Lily, encantada de ter algo útil para fazer.

Ele a observou; admirou a graça de seus movimentos e soube que era uma dama no mais profundo de seu ser, uma dama apesar de sua falta de recursos e de alternativas nesse momento.

— Eu gosto com apenas uma gota de leite.

As mãos de Lily tremiam um pouco e ele se sentiu um pouco culpado. Sem dúvida, ela estava muito cansada, provavelmente aterrorizada de que ele a jogasse na rua junto com as crianças.

— Encarregar-me-ei de tudo— disse com uma voz profunda e calma. — Por favor, não se preocupe com nada. Deve comer; a senhora Allgood lhe mostrará qual é seu quarto. As crianças e você estão a salvo aqui, comigo. Não sou como o asqueroso Arnold, juro. Cuidarei de vocês.

No momento em que estas palavras saíram de sua boca, assombrou-se. Que diabos estava prometendo?

— Obrigada, senhor— foi a débil resposta de Lily.

Knight lhe alcançou um prato com sanduíches.

— Sirva-se. É uma das especialidades de Cuthbert. Bem-vinda. Tristan era meu primo favorito, embora não nos tínhamos visto em mais de cinco anos. Lamento que tenha morrido. — Alguém bateu na porta. — Sim?— respondeu Knight.

A senhora Allgood, bastante consternada, apareceu à cabeça pela porta. Obviamente estava lutando contra uma considerável angustia.

— Perdoe que o incomode senhor, e a você, senhora Winthrop, mas sua pequena está chorando e pede por você. Tem medo. É uma casa estranha e nova para ela.

Lily ficou de pé imediatamente.

— Desculpe-me, senhor. — Caminhou com passo ligeiro para a porta, mas pareceu que se lembrava de algo e se voltou. — Obrigada. Penso que verei as crianças, e logo vou para a cama. Até amanhã, senhor.

Knight não teve tempo de levantar-se antes dela ir, a senhora Allgood se apressou a segui-la. A porta se fechou. Ele deu a volta e ficou contemplando a lareira. As chamas tinham perdido força. Esperava que ela se esquentasse o suficiente. Era uma noite fria, e a chuva penetrava até os ossos. Viu sua cópia do Candide na cadeira de couro. Franziu o cenho. No que estava pensando? Ah, sim, em que sua vida era perfeita, que estava satisfeito, que não mudaria nada.

Agora, em troca, havia três crianças em sua casa e uma viúva muito bela e muito jovem.

Sacudiu a cabeça. Embora não tivesse sido atrativa, não teria duvidado em ajudá-la. Lily. Era um nome encantador. Seus olhos eram de um cinza pálido, pensou, mas não estava seguro. Talvez fossem azuis. Teria que comprová-lo amanhã

Três crianças.

Isso era outra coisa. Ele não sabia nada de crianças. Sabia, pelo contrário, que ninguém poderia separar a mãe de seus pirralhos. Estava assombrado como os meninos se pareciam com o pai. Maldição, Tris, pensou. Por quê? Por que não teve mais cuidado?

O que teria ocorrido se não tivesse estado em casa quando ela e as crianças chegaram? Certamente Duckett os teria feito ir embora. Logo recordou as muitas vezes que tinha falado mal das crianças e Duckett o tinha escutado.

No piso de cima, em um quarto encantador de hóspedes, Lily encontrou Laura Beth chorando. Theo e Sam tratavam de consolá-la, sem sucesso.

A senhora Allgood estalou a língua.

— Obrigada, senhora Allgood— disse Lily com sinceridade — agora eu cuidarei deles. Dormirão aqui comigo. Não tem problema.

A senhora Allgood não sabia o que fazer. Fazia tempo tinha havido uma área destinada às crianças no terceiro andar, mas agora se transformou nas dependências de serviço. Não tinha havido crianças em mais anos dos que podia contar. Onde os colocaria?

Lily entendeu seu problema.

— Não há dois quartos comunicados? Amanhã, se o senhor estiver de acordo, poderemos nos mudar ali. Mas por esta noite, os meninos podem dormir neste andar.

A senhora Allgood assentiu e apressou-se a procurar umas mantas.

No momento em que se fechou a porta, Laura Beth deixou de chorar e sorriu satisfeita.

— Já imaginava que algo estranho havia em seu pranto muito dramático — a repreendeu Lily, com as mãos na cintura. — Agora...

— Foi uma atuação— esclareceu Theo. — Queríamos estar seguros de que estava bem. Nosso primo parece um cavalheiro, mas nunca se pode ter certeza. Estava a sós com ele, depois de tudo, e você sabe o que acontece quando está a sós com homens...

— Poderia ter fechado a porta e depois jogado a chave à lareira, e então... — interrompeu Sam.

Lily levantou a mão para que se calassem.

— Não, foi um perfeito cavalheiro. Venham aqui, junto a mim. Acomodemos-nos na cama até que a senhora Allgood retorne com as mantas.

— Foi uma atuação— repetiu Laura Beth enquanto se aconchegava no peito de Lily. Theo e Sam se sentaram com as pernas cruzadas na ponta da cama.

— Bom, impressionaram-me. Pobre senhora Allgood. Acredito que pensa que feriu suas sensibilidades. É um quarto formoso— continuou Lily, olhando pela primeira vez o suave papel de parede de um azul pálido e cores pastéis. A cama estava sobre um assoalho e tinha uma colcha de um azul mais escuro. O tapete Aubusson era de cor creme, as cortinas, azul claro.

— É uma estadia para meninas— disse Sam com uma careta de desgosto. — Suave e delicada.

Lily estava muito cansada para fazer algo mais que sorrir. De onde tiravam tanta energia? Sentiu que a mão de Laura Beth se distendia e seu pequeno corpo se afrouxava. Caiu um, pensou enquanto escondia um bocejo.

— Ao menos tem o polegar fora da boca— demarcou Theo. — Sam tem razão, é um quarto de meninas.

— Sim— adicionou Sam.

— Está segura de que será um cavalheiro honrável, mamãe?— perguntou Theo.

Lily tomou sua mão e a apertou com força. Sam e Theo tinham começado a chamá-la de mamãe em cada oportunidade que tinham desde que saíram de Damson Farm. Agora parecia natural.

— Sim, acredito que sim. Não preciso dizer que estava surpreso, porque aparecemos de repente em sua porta. Mas se comportou com muita propriedade e cortesia.

— Ah, aqui estão às mantas para vocês dois.

Com todo o cuidado possível, levantou Laura Beth de seu colo, apoiou-a na cama e a agasalhou. Agradeceu à senhora Allgood, e indicou que os deixasse sozinhos. Junto com as crianças, esticou os lençóis sobre o espesso tapete.

— Podem despir-se depois que reduza a luz das velas— disse e deu a cada um um abraço e um beijo. Não um forte abraço, quase uma palmada nas costas. Depois de tudo, eram meninos.

Em trinta minutos, Lily e sua família estavam dormindo profundamente.

Knight, ainda na biblioteca, olhava à senhora Allgood.

— O que disse?

— Disse senhor, que todos eles estão no mesmo quarto. Levei-lhes lençóis e mantas para os meninos.

— Isso é absurdo! Tire-os imediatamente dali. A jovem está exausta e precisa descansar. Quatro pessoas em um quarto, bom...

— É o que a senhora quis senhor— disse a senhora Allgood com firmeza. Conhecia o visconde desde que tinha três anos. — Podemos arrumar as coisas pela manhã. Boa noite, senhor. Se não necessitar nada mais...

— Não, não. Vá dormir senhora Allgood.

— Entendo que a senhora e as crianças ficarão por um tempo.

— Suponho que sim— disse Knight. — Sabe um pouco de crianças, senhora Allgood?

— Certamente, senhor. Passou muito tempo desde que minha Gladys era uma menina, mas ela tem dois filhos agora e os vejo todas as semanas.

Knight não tinha ideia de que a senhora Allgood era avó. De repente se sentiu estranhamente desvinculado. Tinha estado com ele sempre. E ele nunca se deu conta de que ela era uma pessoa fora dessa casa e dentro dela.

— Sei— foi tudo o que disse.

— Pela manhã, o senhor Duckett e eu os transferiremos aos quartos comunicados.

Não tem que preocupar-se com nada.

Estava lhe fazendo saber, na forma mais gentil possível, que ele podia seguir ocupando-se de seus assuntos. Viu-se obrigado a sorrir.

— Muito bem. Diga ao Duckett que pode levar a comida. A senhora Winthrop não teve muita oportunidade de comer.

— Assim, o farei. Boa noite, senhor.

Capítulo 2

Onde diabo estava? Eram dez da manhã e Knight caminhava de um lado a outro da biblioteca. Terminou por chamar Duckett.

— Senhor?

— Por Deus, tem que deslizar como se fosse um maldito fantasma? Me arrepiou o cabelo.

— Desculpe-me, senhor. Desejava algo?

— Sim. Onde está a senhora Winthrop? Já passou a metade da manhã e certamente deve estar levantada e pronta para tomar o café da manhã.

— Antes perguntei onde se encontrava senhor. Subiram o café da manhã a seu quarto. Desejava como qualquer mãe suponho, ficar com as crianças.

Isso tinha sentido, embora não resultava muito adulator para ele, seu anfitrião, seu salvador, seu protetor em um mundo frio e duro.

— Diga que quero falar com ela na biblioteca.

— Sim, senhor.

— Quando lhe convier, é óbvio.

— Entendo que não deseja parecer autoritário, senhor.

— Maldição, Duckett, pode guardar suas opiniões.

— Como você deseje senhor.

— Matar-lhe-ão enquanto dorme Duckett.

— A mim, senhor?— Levantou suas sobrancelhas escuras.

— Sim, ordenarei ao Stromsoe que o faça.

— Seu valete, se me permite ser um tanto arrogante, senhor, não tem estômago para este tipo de violência. Para falar a verdade, vi-o empalidecer em presença de um inseto esmagado.

— Saia já!

— O inseto acabava de picá-lo. É curioso.

— Fora!

Lily recebeu a mensagem do visconde três minutos depois. Betty, uma criada do andar superior, o transmitiu sem regular cortesias.

— O senhor Duckett diz que vá quando lhe convenha, senhora. Sua senhoria não está... Não tem muita pressa, sabe, é só que deseja vê-la antes que passe muito tempo— repetiu escolhendo as palavras com certa dificuldade.

— Obrigado, Betty. Descerei imediatamente.

— Para que quer te ver?— perguntou Theo. — Essa criada era estranha— adicionou sem perder um detalhe. — Sua mensagem não teve muito sentido.

— E sozinha?— continuou Sam, agressivo, imediatamente. — Por que não perguntou por nós? Vou lhe dar uma bofetada.

— Não é velho— afirmou Laura Beth, tirando o dedo da boca.

— Vocês são muito desconfiados— disse Lily divertida. — Sem dúvida, quer saber quais são nossos planos, ou melhor, que planos temos para ele. Quero que vocês se mudem para o seu novo quarto. Theo, por favor, cuide de Laura Beth. Sam, peço que não faça nada terrível. Entenderam-me?

— Como o que?— perguntou Sam com grande interesse.

Theo deu uma dessas olhadas adultas que o caracterizavam.

— Como atar toalhas e pendurar na janela com uma mensagem na ponta que diga que está prisioneiro nesta casa.

— Ah, esse tipo de coisas terríveis.

— E isso é o mais leve— disse Lily — Temo que estou em problemas. Não faça nada que possa nos envergonhar e provoque que sua senhoria queira nos jogar de sua casa. Voltarei logo.

Lily fez uma rápida visita ao espelho sobre a cômoda, arrumou uma mecha rebelde de cabelo, suspirou ao ver suas pálidas bochechas e seus olhos escurecidos, pois sabia que não podia fazer nada a respeito e saiu do quarto.

Não tinha se dado conta de que seus enormes olhos estavam mais cinzas que o habitual e mais escuros por causa das preocupações, mas Knight sim. Queria gritar e amaldiçoar, porque tinha rogado com devoção que a criatura incrivelmente bela da noite anterior se dissolvesse no ar e se transformasse em uma mãe comum pela manhã. Mas isso não tinha ocorrido. Não tinha nada sofisticado ou atraente. Seu vestido era de musselina cinza pálida, com umas poucas nervuras e nenhum enfeite, de pescoço e cintura alta e mangas longas. Entretanto, deixava em evidência a plenitude de seus seios e a magra linha de sua cintura. Tinha o cabelo afastado do rosto, mas o único que conseguia com esse estilo era enfatizar suas altas maçãs do rosto, a curvatura exótica de seus cílios, suas delicadas orelhas, e seu magro nariz romano.

Era a mulher mais deliciosa que tinha visto em toda sua vida, mas era a viúva de seu primo e a responsável por três crianças. Decidiu nesse momento que, em um futuro próximo, mudaria para Castle Rosse com as crianças; desse modo, sua vida recuperaria seu curso tranquilo e aceitável. Não havia dúvidas de que ela era uma tormenta indesejável na serenidade de sua existência.

— Senhor— se antecipou Lily com uma modesta cortesia.

— Por favor, me chame Knight. Somos parentes, sabe.

— Então, você deve me chamar Lily.

— É um nome pouco comum.

— Meu pai, Francis Tremaine, não sei se soube que era o barão de Markham, bom, ele tinha diferentes qualidades e uma delas era conhecer todo tipo de plantas e flores. Batizaram-me como Lily Ophelia antes que nascesse porque adorava as lilás.

— Uma referência a Shakespeare é preferível, devo dizer, a Lily Hortênsia ou a Lily Ranúncula.

— Adicionaria à lista Lily Gerânio!

— E se tivesse sido um varão?

— Acredito que deveria ter tomado um descanso, não é certo?

— Como, por exemplo, o asqueroso Arnold Rododendro?

— Eu gosto disso— disse rindo. — Meu irmão, se tivesse tido um, teria se chamado Abedul Hawthorne Tremaine. O que se pode dizer a isso?— e voltou a rir pelas extravagâncias de seu pai, supôs Knight. Ao escutar sua voz e ver seu sorriso, sentiu como se o sol tivesse aparecido em um dia completamente nublado e tivesse brilhado sobre ele e através dele, lhe brindando calor. Logo se deu conta de quem era o pai de Lily. Tremaine o sétimo barão de Markham! Meu Deus pensou, o homem escapou da Inglaterra fazia alguns anos, estava até a cabeça de dívidas, deixando seu lar ancestral em Dorset, se Knight recordava bem, abandonando tudo, de fato. Então tinha ido a Bruxelas.

Com Lily?

— E sua mãe?

— Morreu quando eu tinha quatorze anos. Ela não era uma flor era uma pura e simples Jane.

— Se ela se parecia com você, não devia haver nada de simples nela.

Se tivesse podido, Knight teria cortado sua maldita língua larga. Lily se levantou, não fisicamente, mas ele o advertiu. Ela estava na defensiva, e era compreensível. Ele era um homem e ela estava a sua mercê, para falar a verdade, e tudo isto depois das desagradáveis maquinações do asqueroso Arnold. Knight era um cavalheiro, por favor, não um luxurioso libertino interessado só em se meter entre as pernas de uma mulher.

Começou a desculpar-se, logo se deteve. Não, simplesmente se seguraria. Isso seria suficiente.

— Não, minha mãe era uma mulher formosa— disse finalmente Lily, com bastante serenidade e um sorriso que, se foi forçado, só ela notou. Fez uma pausa e olhou à janela que dava ao parque que estava do outro lado da rua. Então adicionou com uma voz muito cautelosa: — Posso dizer por sua expressão que ouviu falar de meu pai. Não foi um homem particularmente sábio, mas me amava de verdade, e cuidou de mim.

Knight imaginou que foi ela a que cuidou dele, mas não disse nada.

Estava sendo cortês, pensou Lily.

— Queria me ver, senhor?— interrompeu abruptamente. — Queria me falar de algo em particular?

— Knight— a corrigiu calmamente.

— Sim, é certo, Knight.

— Entendo que você e as crianças dormiram no mesmo quarto ontem à noite.

— Sim, parece um tanto abarrotado, não é certo? Asseguro-lhe que não estivemos em cima como as gravatas de um cavalheiro. Deve compreender que os meninos...

— Não, compreendo perfeitamente seus motivos. E esta manhã vão se mudar?

— Se você estiver de acordo. Acredito que Duckett está arrumando tudo neste momento.

— Não duvido — Knight assinalou com negligência uma cadeira. — Me esqueci de minhas boas maneiras. Por favor, sente-se. — deu a volta e se sentou em uma cadeira de couro muito grande e cômoda atrás de sua imponente escrivaninha de mogno. — Tris deixou testamento?

— Não, não que eu saiba. Nunca me falou de um, e eu não encontrei nada entre seus papéis.

— Então ninguém foi nomeado tutor das crianças.

— Eu sou a tutora. — endireitou-se na cadeira. — Certamente isto não pode ser uma surpresa para ninguém.

— Teria pensado que Tris tivesse nomeado um cavalheiro para ser responsável por eles.

— Por quê?

Ele a olhou com tolerância e paciência.

— Você é muito jovem. Os varões necessitam uma figura masculina. Necessitam alguém que os cuide. Você é uma mulher, e embora esteja muito perto deles, não é o mesmo.

Ela quis perguntar: Não é o mesmo que o que, mas se limitou a dizer:

— Talvez.

— Além disso, você não tem estabilidade econômica. Por isso é uma vantagem que tenham um parente do sexo masculino como tutor, falando em termos financeiros, é óbvio.

— Não!

— Esse parente do sexo masculino poderia ser o asqueroso Arnold ou eu. A escolha é sua. Mas acredito que você desejará ter tudo isto resolvido legalmente assim não haverá possibilidades de que depois perca as crianças.

Lily ficou em silêncio ao considerar essa temível possibilidade.

— É óbvio que não teve tempo de pensar nisto — adicionou com cortesia Knight.

— Não— respondeu Lily— Não tive. Estive procurando encontrar um lar para nós. Ficou pouco tempo para outras coisas.

— Entendo; mas agora você deve cuidar de que as coisas se façam como corresponde e de acordo com a lei.

— Ninguém pode me tirar às crianças, ou sim?

— Duvido, mas farei que meu advogado, Tilney Jones, venha esta tarde. Ele saberá nos dizer o que fazer.

— Você é muito gentil.

Não, em realidade era um cínico bastardo, mas um que não causaria muito problema a seus familiares quando tudo fosse dito e feito. Deixou passar o comentário.

— Você se dá conta, não é certo? Que se for o tutor legal, terei poder para tomar decisões por eles até que os varões alcancem os dezoito anos e Laura Beth chegue aos vinte e um. Ou até que se case.

Lily não respondeu nada. A ideia de que Laura Beth, sua menina de quatro anos, se casasse evocou em sua mente a imagem de uma jovem mulher de pé junto a um suposto noivo com o polegar metido na boca. Sorriu diante desta imagem. Começou a brincar com as dobras de sua saia de musselina.

Knight a observou. Obviamente, ela considerava toda a proposta desagradável, mas estava se contendo porque ele podia se desejasse jogá-la no meio da rua. Sentia-se culpado, e um pouco zangado pela situação.

— Você deve estar pensando neste momento que desejaria ter suficiente dinheiro para não ter que ter vindo aqui em primeiro lugar— disse abruptamente.

— É verdade— foi sua cândida réplica com o queixo levantado. Como Sam, pensou Knight. Ficou de pé de repente e suas pálidas bochechas se avermelharam. De aborrecimento, o notou. Bem. Isso significava que tinha esquecido sua desastrosa situação, ao menos no momento. — Não o conheço senhor. Quão único sei é que é o primo de Tris. Pode ser um santo ou um demônio, pode ser Napoleão ou Wellington, o Príncipe Regente O... O...

— Difícil encontrar a outra cara dessa moeda, não é certo?

— Não importa! Não lhe darei o controle das crianças. Não farei.

— Por favor, senhora Winthrop, comporte-se. Você é uma dama muito jovem que sabe muito pouco do mundo...

Esse desagradável alarde de pretensão masculina a tirou do sério.

— Ha! Se você ouviu falar de meu pai, então sabe que estava viciado pela febre do jogo. Nunca o abandonou. Em seu leito de morte, apostou com o médico que viveria outras vinte e quatro horas e o estúpido do médico lhe disse que era impossível. Meu pai apostou os honorários do médico e sabe o que aconteceu? Viveu vinte e cinco horas mais! Não, senhor, não fui acolhida e protegida como suas pequenas damas inglesas. Cuidei de meu pai, salvei-o de mais feridas e assassinos malvados dos que você tenha visto em todos os anos de sua vida...

— Eu só tenho quatro anos mais que você— disse com acanhamento.

— Você tem mais que vinte e três anos!

As palavras surgiram abruptas de sua boca. Lily se deu conta e deu um passo atrás. Golpeou o braço de uma cadeira, com dureza; a cadeira deslizou para trás e a obrigou a mover os braços como remos para recuperar o equilíbrio. Mas tudo foi inútil e não pôde evitar terminar no chão.

— Lily! Por Deus, está bem?— Knight correu rapidamente de sua escrivaninha.

Seu "sim" foi muito débil. Ficou de pé de frente para ela por um momento, observando seu encanto, sua fúria, sua saia revolta e seus formosos tornozelos, e apesar de suas melhores intenções, riu.

— Me permita que a ajude a levantar-se. — Ofereceu-lhe uma mão que ela finalmente aceitou e a ajudou a ficar de pé. Empurrou-a com muita força e ela cambaleou contra ele. Por uns breves instantes, sentiu todo o peso de seu corpo apoiado no dele. Um golpe de desejo o atravessou e foi tão poderoso, tão determinado, que quase não pôde reconhecê-lo. Não podia acreditá-lo. Resistia a acreditar que uma mulher pudesse empurrá-lo para o abandono sexual. Entretanto, queria tocá-la...

— O que está fazendo a mamãe?

Knight se virou de repente, seu desejo morto como as cinzas na lareira durante o verão. Viu Sam e foi soltando Lily pouco a pouco ao notar que as pequenas mãos do menino formavam dois punhos e todo seu corpo estava preparado para o ataque. Knight suspirou.

— Caminha tão silenciosamente como Duckett. Não estou fazendo nada com sua mãe, Sam. Caiu e a ajudei a se levantar. O que quer?

Lily se afastou e arrumou a saia. Estava envergonhada, precisava se recompor. Perdeu o controle e gritou com Sam com a voz de uma lavadeira:

— Isto é muito, Sam! Volta para seu quarto e arruma os malditos lençóis. Onde está Theo? E Laura Beth?

—Tiramos na moeda— admitiu, olhando a ponta de seu sapato. —Eu ganhei.

— Agora que já viu saia daqui. Estou falando com sua mãe.

Sam ficou empertigado, com uma expressão de obstinação digna de uma mula.

Lily se recuperou de sua vergonha, e compreendeu que o menino não tinha culpa de que ela tivesse perdido o controle.

— Sim, querido, saia daqui. Sua senhoria e eu estamos tomando algumas decisões— disse Lily com mais calma. Sam continuou sem se mover e a observou intrigado.

— Por favor, Sam. — A voz de Lily foi mais autoritária.

— Fora!— ordenou Knight depois de uns minutos de absoluto silêncio por parte do menino.

— Está bem, mas temos mais moedas— Falou Sam em tom ácido.

Lily e Knight o viram se afastar da biblioteca com passo lento. Por fim foi embora. Knight fechou a porta e trancou. Era a primeira vez em sua vida que fechava uma porta com chave. Ficou um momento sacudindo a cabeça. O que tinha passado com a agradável e previsível parte dos acontecimentos? Sua vida se transformou por completo nas últimas doze horas. Era desconcertante. Dirigiu-se a Lily.

Parecia sentir-se suficientemente culpada para lhe colocar a culpa.

— Gritei com ele— disse em um murmúrio— gritei.

— Garanto que sobreviverá. Agora se você estiver bem e não tenha se machucado na queda, voltemos para nossos assuntos. Você também permitirá que eduque as crianças, ao menos aos varões.

— Oh, não! Não, ainda! Eu os educarei, ainda são muito jovens e...

— Que idade tem Theo?

— Vai fazer nove anos em agosto, mas ele...

— Deveria estar na escola. Em Eton.

— Não o permitirei. Eu sei o suficiente para começar sua educação. Ensinei-os durante quase um ano...

— Só um ano? Pensei que tinha estado casada com Tris durante quatro anos ao menos. Essa é a idade de Laura Beth, não é certo?

O preço do pecado, as conseqüências da mentira, pensou Lily.

— Tris os ensinava— respondeu, e ele sabia que ela estava mentindo, não por completo, mas o suficiente para que ele se desse conta.

— Estou vendo— disse e se afastou dela. — Mandarei lhe procurar quando Tilney Jones chegue. Confio que ele causará boa impressão, senhora.

Tornou-se mais frio que um cubo de gelo e ela advertiu que ele sabia que tinha mentido. Suspirou. Esta conversa não tinha sido boa. Foi uma desajeitada, tinha ouvido como ria dela, logo que tinha em seus braços, tinha gritado com o pobre Sam e tinha discutido com seu anfitrião por todos e cada um dos temas que trataram...

— Obrigada, meu senhor— disse com uma voz sem emoção. — Até mais tarde.

Knight deu a volta para vê-la caminhar ritmicamente para a porta, com a cabeça curvada.

— Lily, me acompanharia no almoço?— convidou-a antes que saísse.

Ela fez uma pausa, sem dizer nada.

— As crianças também, naturalmente— adicionou Knight e se amaldiçoou em silêncio por isso. Não podia se imaginar comendo com crianças, por Deus. Como poderia manter uma conversa inteligente? Como poderia discutir, por exemplo, as políticas da granja de lorde Liverpool com as crianças ali?

Sorriu. Nunca tinha discutido nada que concernisse à política nos últimos três meses.

— Está bem— disse Lily e se retirou.

Sou um perverso idiota, disse para si mesmo, enquanto olhava a porta fechada. Por que a convidei para almoçar comigo? Se ela havia escapado. Não gostava nada.

Knight saiu dez minutos mais tarde. Encontrou-se com Raymond Cosgrove, lorde Alvanley e Julien St. Clair, o conde de March, e os três juntos visitaram a academia de boxe do Sr Jackson. Knight estava suando, respirava de forma agitada e tinha um grande roxo por cima da terceira costela esquerda quando se deu conta de que fazia muito tempo que tinha passado da hora do almoço. Perguntou-se em um breve momento de honestidade se tinha feito de propósito porque havia se sentido incomodado desde o começo.

— Tenho que voltar para casa— disse. — Esqueci do almoço.

— De que diabo está falando, Knight?— perguntou Julien. — Acaba de deixar Canney estendido e agora está falando que perdeu o almoço?

— Tenho visitas— replicou Knight, secando o suor com uma toalha.

— Quem é?— perguntou lorde Alvanley.

— A viúva do meu primo e suas três crianças.

— crianças?— Tanto Julien como Raymond olharam desconcertados.

Sr Charles Ponsonby aproximou-se incrédulo.

— Não posso ter ouvido bem. Knight falando de crianças? Passou por cima deles? Os deu a Cuthbert para que fritasse, ferveu-os ou colocou-os no forno? Isto é fascinante. Que crianças?

Knight observou seus amigos.

— Acabo de dizer que são os filhos do meu primo. Eles e sua mãe estão se hospedando em minha casa.

— E você vai almoçar com eles? — disse Raymond. Conseguiu fazê-lo com uma voz bastante tranquila, mas não pôde conter totalmente a risada. — Oh, não! — adicionou em meio às gargalhadas que se transformaram em soluço. — Crianças na casa de um solteiro? Crianças, na casa dos Winthrop?

— Estou vendo — disse Sr Charles, apontando para Knight com o dedo. — É a mãe dos meninos, não é certo, Knight? Aposto que é bonita. Inventa outra, camarada.

— Não é uma bonita — se defendeu Knight, mentindo sem escrúpulos. — Por Deus, cavalheiros, ela esta na indigência e quer o melhor para suas crianças. Não tenho opção neste caso. Agora, se vocês, asnos divertidos, permitem-me...

— Quantas crianças, Knight? — perguntou Julien St. Clair.

— Três.

— Ah, já estou vendo. Um dos filhos é uma formosa menina, de dezoito anos, não?

— Não, Raymond, todos têm menos de dez.

— E estão hospedando-se na sua casa?

— Sim, estão. Agora, se me desculparem...

— Por Deus — disse sir Charles. Não posso acreditar. — Talvez quisesse dizer que estavam vivendo debaixo de sua casa. Ou talvez debaixo do carvalho no jardim.

— Eu tampouco posso acreditar — disse lentamente Julien.

Na casa dos Winthrop, Lily esperou o máximo que pode antes de permitir que a senhora Allgood servisse o almoço. Sua senhoria ainda não tinha retornado. As crianças tinham fome, estavam aborrecidos e irritáveis. Tinham transferido seus pertences aos seus novos quartos duas horas atrás, e não tinham mais o que fazer.

Lily acabou cedendo, rogando que seu anfitrião não se importasse. Na verdade, considerava que tinha sido muito mal educado, mas não teria admitido a ninguém.

— Venham— disse. — Almoçaremos e depois sairemos para caminhar. Estou tão entediada quanto vocês, deixem de queixas.

— Nós não estávamos...

— Sim, Sam. Fiquem quietos e sentem-se.

— Deixei a Czarina Catherine lá encima.

— Laura Beth, te asseguro que ela não tem fome. Sente-se agora.

Ela sentou e seu queixo ficou na altura da mesa. Duckett sorriu.

— Eu ajeito isso, senhora— disse e, uns minutos depois, Laura Beth se sentou sobre quatro pesados livros tirados da biblioteca.

— Sam, deixa de brincar com os talheres de todo o mundo! Sente-se direito!

— Estou analisando o desenho, mamãe. Parecem repolhos com um W entrelaçado.

— Esta sopa é verde, mamãe.

— É sopa de ervilhas, Laura Beth, e se supõe que seja verde.

— Eu não gosto de presunto— anunciou Sam, observando cientificamente o pedaço de presunto que tremia no seu garfo.

Lily olhou para as três crianças e quis estrangular os três.

— Se não comerem neste minuto, vão para os seus quartos e vão ficar sem passeio. Sam pare de tirar os livros que estão debaixo de Laura Beth!

— Mas este parece interessante. É...

— É de Francis Bacon— disse Theo, logo gritou: — Cuidado, Sam! Oh, não!

Laura Beth caiu ao chão, em meio ao berreiro. Knight entrou na sala de jantar nesse preciso momento.

Lily estava de joelhos, e Sam debaixo da mesa, esperando escapar do castigo.

— Boa tarde, senhor — disse Duckett com calma. — Quer almoçar agora?

Knight fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, encontrou o olhar de Lily. Ela continuava no chão tentando acalmar as choramangações de Laura Beth. Seu rosto estava perfeitamente branco e ele se deu conta de que tinha medo. Ele se sentia oprimido pelo caos, mas não estava zangado.

— Prefiro comer depois, Duckett— conseguiu dizer com calma. — Lily, Laura Beth e você estão bem? Quer que castigue Sam?

Sam tirou a cabeça de debaixo da mesa.

Theo, que um momento atrás era o acusador de seu irmão, era agora seu principal defensor.

— Foi minha culpa, senhor— disse, parando com valentia diante de Knight. — Sam não sabia o que estava fazendo. Era de Francis Bacon, vê. Seu *Sylva Sylvarum*. Que quer dizer...

— Sei o que quer dizer, Theo. — Knight observou o pequeno cômodo mais uma vez, girou nos calcanhares e saiu.

— Oh, Deus— disse Lily.

— Não se preocupe com sua senhoria, senhora— tratou de tranquilizá-la Duckett. — Atrever-me-ia a dizer que ele mudará de opinião.

— Isso é o que temo— replicou Lily.

— Dar-lhe-ei uma bofetada— adicionou Sam, saindo de debaixo da mesa.

Capítulo 3

Arnold Damson, cunhado do falecido Tristan Winthrop, deteve-se na esquina da Rua Portland e se sentiu um tanto abatido. As casas transmitiam uma sensação de riqueza, poder e antigos privilégios.

Obrigou-se a plantar-se com os ombros bem erguidos. Não importava. Depois de tudo, o direito estava do seu lado. E o direito indicava que podia ter Lily Tremaine. E ele queria Lily Tremaine. Desejava-a mais do que temia a conversa com lorde Castlerosse. Tentava se convencer que o visconde não iria querer ser incomodado pelos três pirralhos de Tristan. É obvio, Lily era outra questão. Perguntava-se se o visconde já a tinha levado para a cama.

Sacudiu a cabeça para afastar essa ideia. Não tinha estado ali tempo suficiente. Só um dia, dois no máximo, segundo seus cálculos. Chegava a tempo de salva-la das lascivas intenções do nobre.

Ela teria sucumbido a ele, a Arnold, se não tivesse sido por esse maldito pirralho, Theo, que o interrompeu na escada. Ah, sim, os faria voltar e depois afastaria aos pequenos monstros da influência de Lily, e ela da deles.

Levou duas horas de sutis considerações, fazer com que Gertrude se recordasse da existência do visconde. Ele, um homem do mundo, é obvio, sabia que o visconde tinha que viver em Londres. Localizá-lo foi muito simples. Perguntou-se o que diria para Lily quando a visse.

Arnold Damson sabia que não era um magnífico expoente de masculinidade. Não era um desses presunçosos e arrogantes Corintos, ou um maravilhoso cavaleiro ou um

atleta de renome. Mas era o tio das crianças. Tinha todas as cartas nas mãos. Tinha poder sobre seu futuro.

E isto era suficiente para superar todos os obstáculos.

Aproximou-se das impressionantes portas de carvalho escuro e bateu com decisão a aldrava de bronze polido.

A porta se abriu e encontrou-se diante de um homem gorducho, muito baixo e muito calvo. Quem contrataria um parvo como esse?

— Sim?

— Homem, leve-me a lorde Castlerosse.

Duckett sorriu. Um rato do campo, inchado com sua própria importância, um pouco acovardado pelo ambiente e desdenhoso por ter encontrado um homem de menos estatura que ele. Duckett viu que não era nem velho nem jovem. Era muito magro e muito pálido e suas roupas denotavam um corte pouco elegante. Isso sim: tinha uma formosa cabeça coberta de cabelo castanho. Também parecia um homem desgostoso, descontente, que fazia sentir miseráveis os que o rodeava.

A cuidadosa leitura de Duckett requereu só um segundo.

— Quem é você? — disse com educação. — Um dos sapateiros de sua senhoria? — Duckett decidiu divertir-se. Esse patético espécime não devia conhecer o incomparável sapateiro, Hoby. — Ou possivelmente desejava vender para sua senhoria uma nova marca de pomada para o cabelo? Lamento lhe dizer que sua senhoria não usa essas coisas, mas talvez queira falar com seu valete. Posso ver se tem tempo para você. É uma pessoa muito ocupada, mas talvez encontre um momento para atendê-lo.

Arnold estava aturdido.

— Não— conseguiu dizer depois de um momento. — Não quero ver o maldito valete. Sou o tio das crianças! Exijo ver Knight Winthrop.

— Seu nome, senhor?

— Damson. Arnold Damson. — Nesse momento Arnold desejou desesperadamente ter algum título que antepor seu nome. Era muito tarde para inventar um.

Duckett sorriu com todos seus dentes.

— Entre, senhor Damson. Verei se sua senhoria deseja recebê-lo.

Duckett deixou um tímido Arnold na entrada e se afastou com passo lento e majestoso para a biblioteca, um passo mais lento e mais solene que o de costume. O visconde estava ditando a correspondência para o seu secretário, Trump Dickie.

Duckett informou ao visconde da presença de seu visitante e ficou à espera de ordens. Knight pareceu atônito por um instante, logo começou a sorrir. Esfregou as mãos e seu sorriso ficou quase malvado. Duckett estava fascinado.

— Deixe-o entrar Duckett. Trump pode voltar, digamos, em meia hora.

Quando Duckett deixou entrar o senhor Arnold Damson na biblioteca, Knight estava de pé com um amplo sorriso no rosto.

— Como está— disse com cortesia. — É um prazer conhecer o cunhado de Tris.

Sem alternativa que a de devolver a cortesia, Arnold respondeu com modos que podia simular, mas que não gostava. Sabia que o visconde era um homem jovem. Gertrude, a estúpida vaca, recordou que ele era vários anos mais novo que Tristan. Mas o homem não era o suave e brando espécime que ele imaginou. Era alto: a ponta da cabeça de Arnold chegava ao seu queixo. Desgraçadamente era muito bem formado: ombros largos, cintura estreita e longas pernas bem musculosas. Era, para ser breve, um esportista. Seu rosto deixaria as mulheres interessadas, pensou Arnold, aguçando todas suas faculdades críticas. Viu-se obrigado a admitir que o visconde era, ao menos, um homem moderadamente bem apessoado. Isso o desagradava bastante.

Knight se conteve para não rir a gargalhadas ante o intenso escrutínio de Arnold. Desejou perguntar qual era sua conclusão final.

— Vejo que acaba de chegar de Yorkshire— disse ao invés.

Arnold não sabia como sua senhoria podia saber de algo assim, mas se apressou a responder.

— Sim, senhoria. Damson Farm é perto de Harrowgate. Um lindo lugar.

— Sim, lembro que Tris me falou da granja faz uns anos. Mencionou que pertencia a sua irmã, Gertrude. Era, é obvio, antes que se casasse com você. Que estranho que você tenha trocado de nome. Pelo que sei antes se chamava granja Oberlon. Por causa de um dos Winthrop que viveu ali faz muitos anos.

Arnold não gostou dessa alusão. O visconde, esse arrogante bastardo, estava fazendo-o se sentir como um miserável intruso.

— Prefiro meu nome ao de outro homem— esclareceu e conseguiu levantar seu queixo um pouco.

Um queixo débil pensou Knight, sem mudar de expressão. Talvez devesse recomendar uma barba. Ajudá-lo-ia.

Mostrou a Arnold uma cadeira e ele se sentou na oposta cruzando as pernas à altura dos tornozelos. Parecia tentar estabelecer uma camaradagem masculina.

— Agora, poderia me dizer o que posso fazer por você, senhor?

— Estou aqui para apanhar meus sobrinhos e sua mãe— disse Arnold sem pensar muito.

— Que interessante. — Knight afastou uma penugem da manga da sua jaqueta antes de olhá-lo nos olhos. — Por que razão deseja fazer isso?

— Sou seu parente mais próximo. Lily não tem desculpas para ter abandonado a granja de um modo tão intempestivo, e tudo por um estúpido mal-entendido. As crianças, e sua mãe, é obvio, são minha responsabilidade depois de tudo.

— Entendo— disse Knight, e entendia na verdade. Não podia culpar ao asqueroso Arnold por sua obsessão com a encantadora Lily, mas ir a Londres para encarregar-se de três crianças, só com a esperança de levá-la para a cama... O tipo tinha suportado grandes

dificuldades e tinha feito com muita rapidez. Merecia certa esperança. — Parece-me bastante lógico. Se isto convier a seus planos, senhor Damson, eu gostaria que jantasse.

Arnold não sabia muito bem o que fazer com esse convite. Esperava que o visconde fosse desdenhoso, ou que possivelmente o tratasse com condescendência, mas estava sendo muito afável, muito mais que seu mordomo careca. E parecia estar de acordo com sua reclamação. E agora um convite para jantar!

— Estará presente Li... A mãe das crianças?

— Gostaria que ela estivesse presente?

— Como ela provavelmente irá insistir em acompanhar as crianças à granja, considero que seria apropriado.

— Estou de acordo— replicou Knight, com seu rosto imutável. — Agora, meu prezado senhor, suponho que tem muitas coisas a fazer. Esta noite, digamos, às oito da noite?

Arnold se viu na porta um minuto depois, sem compreender como tinha chegado ali com tanta rapidez. E com tanta cortesia.

Betty estava dando uma nova mensagem a Lily.

Quando Lily bateu na porta da biblioteca, percebeu suavidade na voz que lhe respondeu:

— Entre, senhora Winthrop.

Abriu a porta com lentidão, enquanto se perguntava o que a esperava. Talvez o visconde quisesse desfazer-se deles nesse momento. A catástrofe da hora do almoço ainda fazia a cabeça doer. Sam tinha merecido que o castigassem. Mas ela não tinha sido capaz de fazer ela mesma. Tinha jogado seu incrível olhar de órfão e ela tinha sucumbido. Pequeno patife.

— Olá— disse e deu só dois passos dentro da biblioteca.

— Feche a porta, Lily. — Fez o que lhe ordenou. — Agora, tenho novidades muito interessantes para você.

— Novidades?— Olhou-o desconcertada. — Não está... Zangado? Com as crianças? Por causa do almoço? Pelo Sam e Francis Bacon?

— Não. Só um pouco surpreso. Na verdade, me diverti. Tive que adiar umas respostas bastante entediadas que estava ditando a Trump, meu secretário, para atender um visitante que eu estava esperando, mas que se antecipou a meus prognósticos. Veio de tão longe e estava tão decidido a conseguir o que queria. Em suma, Lily, você e eu vamos ter esta noite o prazer de jantar com o único e autêntico asqueroso Arnold.

— Não, por favor!— Sua mão se aproximou da garganta e ela soube que ficou tão pálida como a cor da gravata de Knight. Todas as consequências se amontoaram em seu cérebro. Arnold a colocaria na rua, diria que ela não era na verdade a viúva de Tris, que Laura Beth não era sua filha, e que só podia reivindicar ser a prometida de Tris. Olhou Knight e se sentiu profundamente indefesa. Tinham estado naquela casa por vinte e quatro horas. E tudo por nada. Viu que Knight sorria. Talvez tivesse inventado toda essa mentira para castigá-la. — Não— disse — Arnold não pode estar aqui. Eu não disse nada sobre você, nenhuma palavra. Você está inventando isto, não é verdade? Por isso não veio para o almoço. Por favor, me diga que só se trata de uma brincadeira!

Knight suspirou com dramatismo.

— Desejaria que pudesse mostrar tanta tolerância comigo como tem com as crianças. Imagino que o asqueroso Arnold soube de minha existência através de Gertrude. Certamente, moveu-se com muita rapidez para encontrá-la. De todos os modos, senti que tanta obsessão e devoção repugnante mereciam alguma esperança. Além disso, quando Tilney Jones se for, há duas horas, estaremos bem encaminhados nos trâmites para que obtenha a tutoria legal das crianças. Suponho que já não terá mais... Objeções a minha proposta?

— O asqueroso Arnold aqui— repetiu Lily, mais para ela mesma que para ele. Realmente tinha se movido com muita rapidez! — Quer as crianças?

— Não, quer você. Está disposto a levar os meninos para tê-la.

— Ele disse isso?

— Não seja ridícula. Bom, disse, mas não com essas palavras. Digamos que deixou bem claro. Acredito que nosso Arnold não teria escrúpulos em chantageá-la para se meter na sua cama. Quer dizer, poderia propor que, se quer ficar com as crianças, deverá aceitar a seus... Requisitos.

Viu que estava tremendo, mas não se abrandou.

— Talvez não seja tão mau— disse Lily em uma voz que dava pena. — Apesar de tudo é seu tio.

— Toleraria as crianças. Mas o que deseja é ser o protetor da mãe. Agora, o que é que você quer fazer a respeito? Considera-me um tutor mais aceitável? Prometo senhora Winthrop, que não tentarei chantageá-la para colocá-la em minha cama.

— Por que quereria fazer isso? Nem sequer gosta de nós.

Por Deus, pensou, olhando-a com uma expressão cativa nos olhos. Como tinha chegado a essa maravilhosa conclusão?

— Eu gosto o suficiente, senhora. Agora, qual é sua decisão?

Não tinha outra opção do que entregar as rédeas. Pensava que o visconde, mesmo que tivesse todo o poder legal sobre as crianças, não seria um tutor muito atento.

— Faremos o que considere melhor.

— Que diabo significa isso?

— Você será seu tutor legal?

— Sim. Se for possível, Tilney saberá o que fazer. — Knight consultou seu relógio de bolso. — Gostaria de estar presente? Vai chegar a qualquer momento.

Lily tocou instintivamente o cabelo.

— Teria que me trocar. Estava dando um sermão... Sam é um anjo, um menino tão doce, em realidade...

Estourou ante o olhar de absoluta incredulidade no rosto do visconde.

— Sim que o é! É um pouco peralta nada mais!

— É o mesmo que o filho do demônio— replicou Knight. — Estou certo que em Eton tirarão suas travessuras menos aceitáveis.

— Não, é muito pequeno. Só tem seis anos e...

— Senhora Winthrop, por favor, cale-se. Fará o que eu digo, ou se não, corre o risco de encontrar-se de novo nas mãos do asqueroso Arnold.

— Chantagem— disse. — Você está muito acima desse tipo de coisas? Não é um...

— Um príncipe entre os homens? Um sapo entre os príncipes? Um cordeiro com roupa de lobo?

Ela riu, não pôde evitá-lo. Era uma cruz que tinha que suportar. Até nos momentos de maior fúria, era capaz de considerar outro ponto de vista. Seu pai a tinha ensinado isso; melhor, tinha cruzado tantas vezes a linha que ela se acostumou a aceitar a fúria junto com a risada.

Era um formoso som. Etéreo, flutuava sobre ele como o mel mais doce ou o aroma dos jasmims. Knight sacudiu a cabeça. Estava se convertendo em um estúpido. A mulher riu isso era tudo. Ao menos tinha senso de humor.

— Não precisa trocar o vestido ou pentear os cabelos. Está como deve ser uma mãe: um pouco cansada, perturbada e oprimida. Ah, Duckett. Suponho que chegou Tilney Jones?

— Sim, senhoria. O senhor Jones.

Tilney Jones era um homem de uns trinta e cinco anos e aspecto agradável. Dotado de inteligência, olhos marrons, ombros largos e maneiras graciosas, também possuía um excelente senso de humor e o talento de contar contos que faziam morrer de rir sua

audiência. Era um dos melhores amigos do visconde. Deu um passo adiante e o saudou com um aperto de mãos.

— O que é tudo isto das crianças, Knight? Certamente devo ter entendido mal! Você e crianças... Não merece uma séria consideração. Trump não estava me fazendo uma brincadeira?

— Na verdade, Tilney, se prestarmos um pouco de atenção, teria o sublime prazer de conhecer a mãe das crianças. A senhora Winthrop, Tilney Jones, meu advogado, e um tipo que, às vezes, não pensa antes de abrir a boca.

Tilney se virou, e viu Lily, de pé, em silêncio atrás dele, e ficou mudo. Tinha esperado uma mãe, por amor ao céu, uma mulher que se parecesse com sua mãe, não esta mulher tão jovem e tão deliciosa.

— Você não pode ser uma mãe!

— Ela é, velho — replicou Knight. — Só de uma pequena menina. — Meu Deus pensava, enquanto observava quão perplexo estava seu amigo, nunca olharia uma mulher, a qualquer mulher, e cairia assim seus pés. Era humilhante, uma degradação. — Agora, querido amigo, diga: "prazer, senhora. Perdoe minha impertinência. Estou seguro de que suas crianças devem ser umas formosas criaturas." Deve falar agora, Tilney — ironizou Knight.

Lily tinha tido muitas experiências como essas em sua curta vida. Simplesmente as ignorava. Não significavam nada para ela, absolutamente nada. Sorriu e lhe deu a mão.

— Não dê atenção, senhor Jones. Estou encantada em conhecê-lo e confio que encontre a solução para o nosso problema.

— Sim, senhora— disse Tilney, incapaz de desviar os olhos dela.

— Tilney, se comporte. Está envergonhando a senhora Winthrop, e a mim, é obvio.

Lily tirou a mão da do senhor Jones.

— Podemos começar?— perguntou Knight com seu tom mais cínico.

Perto de Harrowgate, Inglaterra

Outubro, 1814

— Sim— disse Monk Busch — estamos perto dela, Boy. Dela e dos pirralhos. Vamos pegá-los.

— Tenho sede— foi o comentário de Boy enquanto passava a língua pelos bigodes.
— E fome.

— Sempre o mesmo. É fraco como uma força e come como uma maldita rameira gorda. Fecha a boca. Vamos à granja dos Damson para nos assegurar que a querida de Tris esteja ali; aguenta um pouco.

Boy voltou a repetir a frase já familiar.

— Não sabemos se ela teve algo a ver com isto, Monk. O velho Tris pode ter escondido em qualquer parte. Uf, em Bruxelas, inclusive, pelo que sabemos.

Monk olhou seu companheiro com um profundo desgosto.

— Colocamos abaixo a maldita casa, olhamos em todas as partes, até no buraco do rato. Nada. E sua querida fugiu com os pirralhos nem bem o velho tinha sido enterrado. Não, ela tem a mercadoria. Tenho certeza.

— Então por que veio para cá? À casa de um parente? Por que não escapou com tudo?

Isso também intrigava Monk.

— Não sei— admitiu. — Mas o que nos importa? É uma raposa ardilosa, essa. Tris estava louco por ela, escapou uma vez, quando ele estava bem preso.

— Ela é uma pomba— adicionou Boy. — Pergunto-me se o pobre Tris conseguiu ir para a cama com ela antes de se arrebentar.

— Pobre Tris? É um imbecil! Extorquiu-nos, Boy! Subornou o maldito juiz, e nos deixou para que apodrecêssemos nessa fétida prisão francesa! Mereceu tomar uma facada pelas costas! E em relação a sua querida, estava vivendo com ele, não é verdade? Por Deus, estava vivendo e dormindo em sua casa... Cuidando dele e desses pirralhos. Tris não era um monge...

— Não, não como você!— exclamou Boy.

— Fecha a boca, Boy. Não parece nada engraçado. É um maldito bastardo. Talvez a querida queira fazer conosco. Você sabe... Deixamos um pouco da mercadoria em troca de uma ou duas reboladas por dia.

— É uma beleza— repetiu Boy. — Não me importaria de me colocar nela, digo-lhe isso.

— Não tem o suficiente entre as pernas para que perca o tempo contigo, não gosta de mim. Mas por que, não? Outra coisa, Boy. Não me surpreenderia se ela tivesse dito a Tris que nos entregasse. Uma beleza como ela. Vê sua oportunidade e a aproveita. — Monk estava bastante satisfeito com esta análise e continuou por um momento. — Sim, ela enganou o pobre Tris. Apostaria que foi sua ideia comprar os policiais e fazer com que nos prendessem nessa maldita prisão.

— Ela não é tão inteligente como nós— adicionou Boy. — Vir direto a Inglaterra, nem sequer tratou de cobrir seus passos. Por Deus, todos os homens de Bruxelas até os York se lembram dela e não só porque os pirralhos não os deixaram em paz. Não, lembra o que disse esse chofer? — Ele virou os olhos e limpou a baba.

— Ela pensa que estamos na prisão. Não se preocupa conosco. Acredita que o velho Tris foi assassinado por uns malfeitores, isso foi o que os guardas acreditam, isso é o que ela crê. Ninguém vai saber.

— Como fazemos para tirá-la deste lugar?

Monk encolheu os ombros e estreitou os olhos. Parecia malvado, cruel e determinado. Boy estremeceu, não pôde evitá-lo. Monk era uma coisa séria, decidido a conseguir o que queria. Boy considerava que ele estava cheio de humanidade, que não era como Monk. Não, senhor. Ele seria muito cortês com todo mundo quando fosse rico.

— Vou pegá-la— disse Monk, e Boy não duvidou nem por um segundo de sua palavra.

Winthrop House, Londres

Outubro, 1814

— Isso é tudo, então— disse Theo, encurvando os ombros. — Não posso imaginar o que fará agora sua senhoria.

Lily tinha contado às crianças a respeito da chegada de seu tio.

— Chutá-lo-ei no fígado— adicionou Sam, mas não parecia que tinha realmente a intenção de fazê-lo.

— Não é um homem bom— acrescentou Laura Beth.

Lily suspirou.

— O que está feito, está feito. Tratei de ter tudo o mais resolvido que pude com o advogado do visconde, o senhor Jones. Se Arnold se animar a vir aqui esta noite, bom, talvez o visconde se sinta obrigado a ficar com vocês três.

— Não!

— Dar-lhe-ei uma bofetada!

— É muito jovem.

Lily tentou convencê-los com voz suave e razoável.

— Mas, queridos, o fato é que eu menti. Evidentemente, a Arnold não ocorreu que tinha trocado meu status. Se o visconde disser algo, se Arnold se distrair, tudo está perdido. Não há nada, mas nada, que possamos fazer a respeito.

— Se descobrir ficará com muita raiva, então vamos todos, e acabou.

Querido Theo, não sabia como era o mundo real. Quão frio, difícil e malvado podia ser.. Mas ele e Sam eram seus protetores, por isso sorriu e deu-lhes um abraço.

Colocou seu melhor vestido duas horas depois. Despediu-se dos meninos com um beijo e prometeu a eles que voltaria e contaria tudo o que ocorresse no jantar. As crianças estavam em um quarto muito amplo comunicado com o dela e da Laura Beth. Desceu as escadas, conseguiu simular um sorriso para Duckett, e permitiu que ele abrisse as portas do salão.

— Lily!

Deteve-se um momento na soleira. De pé, diretamente atrás de Arnold, estava Knight. Parecia tranquilo, bastante descontraído, embora houvesse uma faísca de diversão em seus olhos, estava certa disso. Não tinha havido nada. Arnold não havia dito nada que contradissesse o que ela tinha contado. Ao dar-se conta disto, sentiu que todo o medo que teve por causa do horrível Arnold tinha desaparecido, ao menos por um minuto. Durante esse precioso minuto, viu-o como um homem bastante patético, com objetivos ignóbeis e uma obsessão infeliz por ela.

— Boa noite, senhor Damson— disse com cortesia e um leve movimento de cabeça. — Espero que tenha tido uma agradável viagem a Londres. Espero que Gertrude esteja bem.

— Gertrude está muito bem. Sempre está bem, embora se queixe de problemas biliares, como sabe.

— É muito gentil de sua parte ter vindo para comprovar que estamos instalados e muito cômodos.

— Não, não é assim! Não é assim em tudo!

— Não quer que estejamos cómodos? Asseguro que lorde Castlerosse é um anfitrião muito gentil. Nunca seria...

— Isso não é o que quis dizer!— Arnold desejava que o maldito conde o tirasse dessa confusão. Tentou se acalmar. O direito estava do seu lado. Mas o simples fato de ver Lily fazia que todos os pensamentos lógicos escapassem de sua cabeça. Era mais formosa do que recordava. Reconheceu o vestido de seda cor pêssego. Era modesto e possivelmente um pouco fora de moda, mas nela era o suficientemente maravilhoso para vestir a uma maldita rainha. Seu cabelo estava preso numa pesada trança. Algumas mechas soltas flutuavam perto de seu pescoço e sobre suas orelhas. Parecia calma, composta, essa expressão serena tão dela que recordava tão bem.

— Compreendo. O que quer dizer, senhor?

— Quero dizer que você e as crianças...

— O jantar está servido.

Arnold amaldiçoou em voz baixa e só Knight o escutou. Abafou uma gargalhada.

— Obrigado, Duckett. Senhor Damson, poderia dar seu braço à senhora Winthrop?

Lily não o queria nem a dois metros de distância, mas sorriu e esperou que tomasse o braço. Arnold estava tremendo e ela se perguntava por que. Era ela quem tinha mentido, depois de tudo, não ele.

Quando chegaram à sala de jantar, Duckett estava segurando uma cadeira para ela. Aproximou-se dele, mas Arnold não soltou seu braço. Ela lutou, mas nem assim a deixou ir.

— Senhor Damson, por favor.

— Ah— disse Arnold e soltou seu braço.

Knight olhou Arnold, com a sobrancelha franzida por esse comportamento escandaloso.

Arnold ruborizou, Lily rogou que não dissesse nada e Knight decidiu deixar que a farsa continuasse. Quando todos estavam sentados dirigiu-se a Duckett.

— Pode servir agora.

— Muito bem, sua senhoria.

Não passou muito tempo antes que Arnold soltasse o primeiro sapato.

— Eu gostaria de sair amanhã cedo, Lily— anunciou enquanto serviam cordeiro assado. — Prepare as crianças

Era agora ou nunca, pensou com o garfo localizado entre o prato e sua boca.

— Não, Arnold. Não vamos a lugar algum contigo. Vamos ficar aqui.

Arnold soltou então o outro sapato.

Capítulo 4

Damson Farm Harrowgate, Inglaterra

— Sim, senhora. Somos amigos de Lily Tremaine, a garota do seu irmão. Não sabe quanto sentimos que o velho Tris tenha morrido, mas ficaríamos muito contentes de ver a moça, sim, nós gostaríamos.

Gertrude Damson conseguiu captar a essência deste discurso mal expressado, embora não pôde reduzir o medo que estas duas criaturas com aspecto de vilões causaram nela. O homem mais velho, que tinha falado, parecia o suficientemente malvado, com sua cara redonda e seus chatos olhos escuros, para roubar da caixa dos pobres na igreja e depois estrangular o vigário. E no que se referia a seu pequeno companheiro, com seu aspecto de doninha, parecia capaz de segurar o vigário enquanto seu amigo cometia semelhantes maldades. Conteve-se. Queriam falar com Lily, certo? São amigos de Lily? Isso não era muito provável, mas a Gertrude não se importava o mínimo que fosse. Procurou ao parvo do Beem. Não estava em lugar nenhum. Por que tinha deixado que esses dois malfeitores entrassem?

Na verdade, Beem tinha recebido cinco libras deles para deixar-los entrar, mas, contudo, estava preocupado. Rondava o salão, rezando para que o homem mais velho não enforcasse a senhora.

Gertrude sabia no íntimo de seu ser que teria gritado com todos seus pulmões se os homens tivessem perguntado por qualquer outra pessoa exceto por Lily Tremaine, a pequena cadela. Ainda estava irritada pela miserável obsessão que tinha Arnold por essa rameira. Assim queria recuperar as crianças? Um homem que tinha dado tão pouca atenção

a seus próprios filhos agora queria ser o pai de seus pobres sobrinhos? Gertrude teria cuspidido na cara dele se não fosse tão patético e óbvio. Mas Lily tinha pegado as crianças e desapareceu. Gertrude tinha uma ligeira suspeita de por que tinha fugido, mas jamais admitiria, nem para ela mesma, nem ao vigário, nem a nenhum poder do alto.

Gertrude sorriu aos dois vilões que estavam com seus chapéus sujos na mão no meio da impecável sala.

— Lily Tremaine está em Londres— disse vivamente. — Acredito que agora está vivendo com o visconde de Castlerosse. Era o primo de meu irmão. Não lembro o endereço de memória.

Monk não estava preparado para uma capitulação tão fácil. Franziu o cenho ante a mulher de grandes peitos e se perguntou se não estava mentindo.

— Tem certeza?— exigiu, do modo mais ameaçador possível.

Gertrude pestanejou.

— É óbvio que sim. Meu marido foi procurar por ela e as crianças para trazê-los de volta.

— Ah— adicionou Boy e puxou a manga de Monk. — Vamos, Monk.

— Muito bem— aceitou Monk, ainda atônito pela facilidade de seu êxito. Não necessitou ameaças; não necessitou o pequeno estilete, sua posse mais valiosa, um presente que o tinha dado fazia muitos anos sua Santa mãe; não necessitou maldições. Era desalentador. Não era o que estava acostumado.

Depois que Beem viu afastar-se aos vilões, apresentou-se imediatamente a sua senhora e disse que o tinham ameaçado se não os mostrava a entrada. Gertrude o olhou e estendeu a mão.

— Dê-me Beem, tudo.

Beem ficou sem resposta, logo negou e tratou de mostrar-se ofendido e inocente e terminou colocando o bilhete de cinco libras na mão de sua ama. Não era justo.

— Queriam à senhorita Tremaine— disse enquanto Beem olhava como acomodava o bilhete em seu volumoso seio.

Beem se alertou imediatamente.

— Deus— exclamou — espero que você não saiba onde foi, senhora.

— É obvio que sei, e disse imbecil! A diferença de vocês, homens bobos, é que não acredito que eles se derretam quando olharem esses "olhos formosos". Agora saia daqui antes que eu te chute da fazenda.

Winthrop House

Londres, Inglaterra

— Conte-nos tudo, Lily. Tudo.

Lily sacudiu o sonho dos olhos e da mente. Olhou o relógio que estava no suporte da lareira e viu que só eram seis da manhã, e ali estavam as três crianças, subindo e descendo da cama. Quando foi vê-los a noite anterior, estavam completamente adormecidos. Por isso não os acordou para contar o que tinha acontecido durante o jantar.

— Muito bem. Me deem um minuto. Vão para debaixo dos cobertores. Faz frio e não quero que adoçam.

Laura Beth, com Czarina Catherine sob seu braço, deslizou ao lado de Lily e se enrolou o mais perto possível. Theo e Sam ficaram debaixo das cobertas aos pés da cama, e se apoiaram nos travesseiros.

— Temos que ir, mamãe?— perguntou Laura Beth.

— Eu não... Não, não temos. — Lily rogou estar dizendo a verdade. Não sabia e tinha medo de ser otimista. Isso era o que seu pai tinha sido toda a vida.

— Conte-nos— repetiu Theo e sua voz parecia assustada. — Não podemos suportar mais.

Lily quis abraçá-lo e jurar que nunca permitiria que nada de mal acontecesse, nunca. Em vez disso, sorriu calorosamente, com isso esperava fornecer segurança.

— Bem, o asqueroso Arnold se comportou como sempre. No começo da comida pensei que tudo estava terminado para nós. — Olhou para o retrato de uma espantosa mulher presa em uma dura creolina cinza. Uma antiga Winthrop? Com mau gosto?

— Mamãe— reclamou Sam, impaciente, e ela voltou para o presente.

— Contarei tudo. — Não tudo, corrigiu-se em silêncio. Não as maldições, nem a maldade encoberta, apenas, por uma falsa cortesia.

— Lily, você e as crianças voltarão comigo— havia dito Arnold. — Sou o tio das crianças. Se te negar, afastá-los-ei de você e nenhuma corte do país lhes devolverá.

— Pelo contrário, senhor— tinha replicado o visconde. — Lily e as crianças ficarão aqui. Não gostaria de umas moelas ao curry? Cuthbert está muito orgulhoso delas e são muito saborosas.

— Não!

— Está seguro de que não gostaria de provar, senhor?

— Não, quero dizer que Lily virá comigo!

Knight não a olhou. Já a tinha visto na salinha, o medo alagava seus formosos olhos. Conhecia a ela e as crianças faziam vinte e quatro horas. Era estranho. Ela tinha virado sua vida de cabeça para baixo. E ele estava se divertindo enormemente. Não tinha permitido considerar o fato surpreendente de que seria o tutor legal de três — e três!— crianças cuja existência não tinha perturbado sua vida até o dia anterior.

— Senhor Damson, preferiria terminar meu jantar em calma e relativa paz. Podemos discutir este... Mm... Pequeno desacordo depois.

— Não— se opôs Arnold — quero deixar as coisas bem claras já.

— Muito bem— respondeu Knight com um suspiro prolongado. — Duckett, os serventes e você podem se retirar. Serviremos-nos sozinhos. Como, não sei, mas suponho que encontraremos uma forma.

— Perfeito senhor — Duckett liderou a saída de Charlie e Ben. Os três se retiraram decepcionados.

— Agora, senhor Damson— continuou Knight — se não quer provar as moelas, talvez o cordeiro com feijões atraia seu apetite?

— Não!

— Ah, tem razão. Bom, então, um pouco de frango a bechamel?

— Senhor— disse Arnold, com um crescente desespero ante este excesso de afabilidade — vim jantar só porque queria ver Lily e dizer a ela quais eram meus planos. Você não é um parente próximo; não tem nada a dizer neste assunto.

— Não tão próximo como Gertrude, isso é correto. Entretanto, senhor Damson, isso não importa na verdade. As crianças e Lily ficarão comigo. Em pouco tempo serei seu tutor legal.

— Não pode! Não o permitirei! Vou pegar um advogado...

— Por favor, faça-o, senhor. Talvez meu próprio advogado possa lhe recomendar uma pessoa idônea. Mas, você sabe, um caso como este pode prolongar-se para sempre. Você não tem chances ao longo prazo. Não, embora seus motivos sejam sem dúvida elevados e sublimes até mesmo para o céu, deve abandonar toda esperança de recuperar as crianças. Agora são meus, e acabou.

— Não permitirei senhor. Nunca.

— Senhor Damson— disse Knight com muita gentileza— me esqueci de dizer que tenho muito dinheiro? Esqueci, não é verdade? Perdoe-me. Mas tenho. Você não tem um peso. Agora, podemos terminar nosso jantar? Lily termine seu frango fricassé.

Lily estava quase engasgada. Não podia acreditar no que estava ouvindo. O visconde era um arrogante. Tinha suplicado que ele não empurrasse a ela e as crianças aos braços ofegantes de Arnold, mas que se convertesse em seu salvador? Estava além de seus mais ardentes desejos.

— Você só quer levá-la para a cama! Só quer que se converta em sua maldita amante!

Lily tragou com dificuldade e se ruborizou até as sobrancelhas, não de vergonha, mas sim de fúria.

— Você, asqueroso...

Knight levantou uma mão para que se calasse e olhou para Arnold com uns olhos que o fizeram tremer até a ponta dos pés. Sentiu uma quebra de onda de ira pela rudeza desse homem, mas isso era tudo o que podia fazer para conter-se e não colocar as moelas na magra garganta de Arnold.

Arnold, ao ver que tinha causado um silêncio sepulcral, seguiu adiante, apesar do medo visceral que sentia pelo visconde.

— Lily, não pode ficar aqui com ele. Arruinar-te-á... Acabará com sua reputação. Deve vir comigo. Eu... Gertrude te quer muito, de verdade.

Knight retirou sua cadeira e ficou de pé.

— Fique de pé, senhor Damson, não quero quebrar seu nariz estando sentado.

Arnold sabia que tinha ido muito longe. Mas era irritante a soberba desse maldito homem. Só porque era rico como Creso e um nobre presunçoso acreditava que podia fazer o que queria.

— Não, não me levantarei! Não quebrará o meu nariz... Se o fizer, vê-lo-ei em Newgate!

Knight não pôde evitá-lo. O asqueroso Arnold se transformou em uma comédia inesperadamente melodramática. Jogou a cabeça para trás e riu a gargalhadas.

— Muito bem— disse com toda amabilidade depois de recuperar o fôlego. — Não quebrarei seu nariz. Já é de uma feiúra inegável. E, Deus sabe, eu não gostaria de ir a Newgate. Lily, poderia agora entrar na sala? Eu gostaria de terminar este assunto com o asque... Com o senhor Damson, agora. Por favor, tudo vai estar bem. Não se preocupe.

Meia hora depois, o visconde chegou à sala. Ficou um tempo na porta, olhando-a. Ela estava ao lado da lareira, as chamas crepitavam atrás de sua figura, e estava tão formosa que ele desejou...

— Se foi — disse ao entrar. — Quando o horrível Arnold se deu conta de que não havia nenhuma esperança, recolheu suas coisas e foi embora. Não queria, mas fez, me amaldiçoando, amaldiçoando sua sorte, amaldiçoando a todo mundo, até a sua pobre mulher, Gertrude.

— Não... Disse nada? De mim?

Knight caminhou para o bar e se serviu um brandy. Mostrou a garrafa, mas Lily negou com a cabeça.

Ele bebeu um sorvo do maravilhoso e quente brandy francês.

— De você? Bom, ofereci as crianças, mas rechaçou esse trato, o que, é obvio não me surpreendeu em nada. Disse que não era justo separar as crianças de sua mãe. Afetou-o muito... Esta consideração. — Knight viu que o alívio se apoderava das feições de Lily. Um imenso alívio. Já havia dito que Arnold foi embora. Por que essa amostra de alívio então? Sorriu fracamente e logo atacou. — Esta tarde quando estávamos desfrutando de nossos combates verbais, lembro que me referi ao feito de que eu só era quatro anos mais velho que você. Você me corrigiu, e me disse que eu tinha mais de vinte e três anos. Agora, por que não me diz a verdade, toda a verdade.

Lily tinha rezado com devoção para que essa horrível parte da informação tivesse escapado no calor da batalha verbal. Mas, não. Era uma parva por ter perdido a cabeça desse modo.

— Lily?— Sua voz era muito, muito gentil.

Limpou a garganta e disse:

— Faço vinte em dois de dezembro, um pouco mais de um mês a partir de hoje.

— Entendo. — Sentiu uma fúria instantânea de Tristan. Por Lily não, pobre menina. Por Deus, Tris a tinha tomado por esposa quando só tinha quinze anos! Uma menina! E a tinha deixado grávida imediatamente. — Foi uma noiva criança— disse e seu aborrecimento deve ter sido evidente. — Seu pai na verdade parece um tipo honrável.

Lily o olhou desconcertada. O fio da guilhotina não tinha caído. Então compreendeu. Ele tinha tirado a mais incrível das conclusões. Enviou em silêncio uma ação de graças ao céu.

— Suponho que pode dizer que era um tanto jovem.

— Um tanto! Era um maldito bebê! Não sabia que Tris fosse um... — Sua descarga se apagou de repente. Tris estava morto. Além disso, se Lily tinha sido tão formosa quando tinha quinze como era agora, o pobre Tris não tinha outra possibilidade. Encolheu-se de ombros. — Terminaremos com o assunto de minha tutoria o mais breve possível. Por que não vai para a cama?

Lily caminhou até a porta sem se virar, agradecendo a cada passo, até que ele levantou a mão para que ficasse em silêncio.

— Não exagere Lily! Não sou tão perverso para entregá-la ao asqueroso Arnold. A você ou as crianças.

Lily saudou com a cabeça agora ante as crianças como tinha feito na noite anterior ante o visconde quando partiu da sala.

— E isso foi tudo— terminou Lily com um sorriso para cada uma das crianças. — Assim eu acho que, talvez, tudo esteja bem. — Escutou que Theo proferia um muito adulto suspiro de alívio. Ele estendeu a mão e lhe deu um tapinha no ombro — Essa parte no que se refere a que me casei sendo muito jovem com seu pai, lembrem-se e não se equivoquem.

— Estamos a salvo— disse Theo, e Lily soube que ele sentia que o peso do mundo tinha sido tirado de seus ombros.

— Acredito que vamos às compras hoje. Cada um poderá obter o que quiser. O que acham?

— Qualquer coisa? — perguntou Sam.

— Não seja ambicioso— o repreendeu Theo com voz adulta.

— Bem, vocês sabem com quanto dinheiro contamos— recordou Lily. — Só recordem isso.

— Lily?

— Sim, Theo.

— Sinto muito, me esqueci. É mamãe. Você acha que o primo Knight me deixaria tomar emprestado um ou dois livros da sua biblioteca?

Lily não tinha a ideia da reação do visconde ante semelhante pedido. Parecia bastante razoável.

— Por que não pergunta a ele, Theo? Parece que tem muito em conta o bem-estar de vocês três.

— Eu quero montar seus cavalos— adicionou Sam.

— Isso, meu amor— disse Lily com firmeza — é um assunto completamente diferente. Escutei dizer que os cavalheiros são muito especiais em relação a seus cavalos e os meninos pequenos. Veremos. Há uma coisa mais— adicionou Lily dúbia, temendo a reação que podia provocar. — Seu primo Knight se converterá em seu tutor legal.

— Por quê? Ele não é nossa mãe— disse Theo com razão. — Que diferença faz?

— Ele somente nos dará um quarto e comida— demarcou Sam. — E talvez um cavalo para sair a cada tanto.

— Ele é lindo— anunciou Laura Beth, e esse comentário atraiu todos os olhos para ela.

— Pequena estúpida! Os homens não são lindos!

— Não ria Sam— atravessou Theo e adicionou com paciência a seu irmão — Por que diz isso, Laura Beth?

Mas Laura Beth só encolheu os ombros e voltou a meter o polegar na boca.

Lily sentiu um nó na garganta. Era aterrador. Tinha que dizê-lo antes de se tornar muda.

— Seu primo Knight acredita que as crianças devem ir a Eton. Quando exatamente, não sei ainda. É só que terá a autoridade para que vocês façam o que ele queira.

Theo emitiu um assobio.

— Desta vez nós mergulhamos na sopa fervendo, não é verdade, Lily... Mamãe?

Era invejável como Theo podia ver as consequências com grande rapidez.

— Não sei ainda— disse sem mentir. — Simplesmente não sei. O que sei é que todos nós devemos estar bem longe do seu caminho. Agora, devemos nos preocupar com a ignorância de vocês, que é muito mais vasta do que deveria. Depois das compras, teremos umas lições, está bem?

Sam vociferou sua negativa. Os olhos de Theo brilharam e Lily se sentiu culpada que eles não tivessem um instrutor, um verdadeiro instrutor que soubesse muitas coisas, mais do que ela sabia. Teria que falar com o visconde.

Como não havia uma área destinada às crianças, Lily pediu à senhora Allgood que levasse o café da manhã no seu quarto. Estavam vestidos e preparados para sair de

Winthrop House as nove da manhã. Sam, por sorte, não tinha feito nada temerário durante os trinta minutos em que Lily teve que deixá-lo para tomar banho e se vestir.

Encontraram-se com o visconde ao pé da escada. Estava saindo.

— É lindo— repetiu Laura Beth, com os olhos fixos no casaco cor bolacha.

Theo grunhiu e Sam riu da menina.

— Bom dia, senhor— saudou Lily com tranquilidade. — Como vê nós também vamos sair. Vou levar às crianças as compras. Merecem um presente.

Knight se virou quando ouviu a voz de Laura Beth. Assim sou lindo? Pensou, e sorriu incapaz de evitá-lo. Mas foi um choque ver uma mulher e três crianças descendo suas escadas e parando no seu hall de entrada. As crianças estavam limpas e arrumadas. Theo parecia um tanto preocupado, e Knight se deu conta de que o menino estava reagindo como faria um adulto inseguro da forma em que seria recebido. Sam parecia ser o dono do mundo e embora não fosse se movia como se desejasse. Estavam todos juntos e transmitiam calor. Lily estava particularmente atraente em uma grossa capa de veludo azul claro forrada de arminho, um casaco de grande qualidade. Suas luvas faziam jogo e eram de um arminho mais suave, embora nem a capa nem as luvas parecessem muito novas. Perguntava-se quando os teria dado Tris. A capa era inclusive um pouco curta. É obvio, Tris casou com ela antes que terminasse de crescer, por Deus. Knight sacudiu a cabeça para afastar seus pensamentos errantes. Sorriu.

— Bom dia a todos. Posso levá-los a algum lugar, Lily?

— Não, não. Não queremos interrompê-lo— disse com rapidez. — Falei com Duckett e ele nos disse aonde ir.

— Aonde?

— No Pantheon Bazaar.

Knight se sobressaltou. Viu que não tinha saída. Não confiava que o asqueroso Arnold se afastasse derrotado. Era possível que estivesse vigiando a casa com a esperança de encontrar Lily e as crianças a sós. Sequestraria-os? Knight amaldiçoou quase em silêncio,

levantou a cabeça e se obrigou a sorrir. Faria que Duckett enviasse uma mensagem através de Raymond avisando que não iria para a reunião do clube de equitação.

— Eu gostaria muito de acompanhá-los— disse com voz muito masculina. — Depois de tudo, ainda não podemos nos conhecer tão bem como deveríamos.

— Mas certamente você tem outros planos, senhor!

— Absolutamente— comentou com calma, e Lily se manteve tranquila apesar de saber que estava mentindo. — Me considere a sua completa disposição.

Duas horas mais tarde, Knight estava completamente arrependido de suas palavras. Estava mal-humorado e bastante fatigado pela energia irreprimível de Sam e a falta de limite de seu entusiasmo cada vez que via algo que chamava a sua atenção e isso ocorria em quase todos os negócios e casinhas. No que se referia a Theo, tentava acalmar seu irmão, mas isso parecia ter o efeito oposto. Laura Beth, igualmente cansada, choramingava quando não tinha o polegar na boca e queria soltar-se nos momentos mais inoportunos.

O Pantheon Bazaar estava saturado de comerciantes. Era um lugar que Knight tinha visitado muitos anos atrás, aproximadamente quando tinha a idade de Theo, se recordava bem. Era um lugar que nunca quis voltar. Theo se voltava louco em cada negócio de livros, quase parecia com Sam. Lily percebeu que o visconde perdia a paciência a cada minuto. Não o culpava. Ela mesma queria pegar Sam pelas orelhas ao menos uma dúzia de vezes e sacudi-lo. O visconde não estava acostumado com as crianças, e hoje era o primeiro dia que estavam soltos, por assim dizer, em quase uma semana.

Estava a ponto de dizer que comprassem o presente para Laura Beth e voltassem para casa, quando a menina tirou o polegar da boca e começou a agitar Czarina Catherine no ar.

— Aí está!— gritou com todas suas forças. Aí está... — O asqueroso Arnold!

— Não!— gritou Lily e apertou Laura Beth contra seu corpo. — Sam! Theo! Venham aqui, os dois.

Theo voltou imediatamente, mas Sam entusiasmado com um novo brinquedo, um vagão de feno com rodas verdadeiras e palha, não deu atenção.

— Sam— disse Knight em sua voz mais ameaçadora. — Vem aqui, já!

Sam levantou os olhos, viu seu primo Knight que parecia um imperador imponente e não duvidou. Aproximou-se dele.

— O que aconteceu?— perguntou Sam.

— Temos companhia— respondeu Knight. — Não se afastem de sua mãe. Entendeu Sam?

— Sim, é obvio. Não sou nenhum parvo!

— Isso, querido, é uma questão para discutir.

— O asqueroso Arnold— disse Laura Beth. — É velho.

— Sim, meu amor, é— disse Lily. — Tampouco é um homem bom. Mas não se preocupe, seu primo Knight cuidará dele.

Eu cuidarei, eu cuidarei? Pensou Knight. Ela disse com uma convicção tão serena.

— Venham comigo— disse de repente. — Vamos cumprimentar o asqueroso Arnold.

Lily o olhou com incerteza, mas não questionou sua decisão.

Arnold os viu aproximar-se e sentiu pânico. Não se supunha que viessem até ele, por Deus. Não se supunha que o vissem! E não se supunha que estivessem com esse maldito visconde. Que tipo perverso... A noite anterior se inteirou, depois de se misturar com um grupo de moradores, que o visconde de Castlerosse era um solteiro em todos os sentidos do termo. Ele com crianças? Absurdo! Ridículo! Entretanto, aí estava protegendo-os como fosse seu verdadeiro pai. Não era possível de acreditar.

— Maldição, vamos! —disse a Boggs, o vilão que o acompanhava. — Os pegamos depois, quando ele não esteja ao redor.

Boggs, que não era um tipo tímido e queria suas cinco libras, manteve sua posição.

— É só um cavalheiro, um dândi pelo que parece. Vou limpar o chão com ele.

Arnold não se decidia. Boggs era um homem musculoso, mas os tipos da noite anterior também haviam dito que o visconde era um atleta, um cavaleiro, um homem que enfrentava a qualquer um no ring e o deixava quebrado.

— Não, mais tarde, possivelmente. Não quero brigas aqui. É muito perigoso.

Boggs teria que ficar satisfeito com isso. Teria que obedecer a quem lhe pagava.

— É um covarde, primo Knight!— gritou Sam, apontando e pulando para cima e para baixo. — Está fugindo!

— Fecha a boca, Sam— disse Theo com rapidez. — Não queremos que as pessoas fiquem nos olhando. Não é de boa educação.

— É verdade— adicionou Knight. — Se comporte Sam. Se o asqueroso Arnold tentar algo, deixo-o para você, está bem?

— Vou quebrar sua alma— replicou Sam.

Knight o olhou aprovando essa ameaça bem intencionada. Uma vez passada a excitação, as crianças perceberam sua própria fadiga. Sam tinha fome. Theo estava tenso e exausto. Laura Beth estava irritante com suas agudas choramingações.

Lily se virou para Knight.

— Eu cuidarei deles agora. Por favor, você não está acostumado com as crianças. Eu os levarei para casa.

Knight, que teria dado tudo para estar livre das pestes, dos três pequenos demônios, disse justamente o contrário.

— Absolutamente. Ainda temos que comprar um presente para Laura Beth. Faremos isso, logo os acompanharei ao Gunthers. — voltou-se para Theo. — Querem um sorvete?

O grito de aprovação foi suficiente para perfurar os tímpanos.

O que tinha feito? Perguntava-se. Assim como tinha insistido em pagar pelo livro de Theo — uma tese sobre a viabilidade do motor a vapor— e por uma pistola para Sam, de novo insistiu em pagar pelas pequenas luvas de couro branco que escolheu a sonolenta Laura Beth.

Lily disse que não.

Knight, enfurecido, disse que sim e tirou um bilhete de uma libra.

— Senhor— disse Lily com os dentes cerrados — Já passamos por isso duas vezes. Os meninos são minha responsabilidade. Não sou uma indigente. Tenho recursos. Comprarei os presentes. São meus, depois de tudo, não seus.

Knight ostensivamente dobrou o bilhete e deu de ombros com exagero. Estava para ser franco muito cansado para pensar em uma resposta aguda.

O Gunthers não foi uma experiência tão chocante como imaginou. Uma vez que Sam teve diante de si uma enorme tigela de sorvete, acabaram as palavras, inclusive as queixas. Laura Beth estava encostada em Lily, e aceitava a cada pouco uma colherada. Insistia em usar suas luvas brancas. Theo estava esgotado e comia seu sorvete em silêncio, dando a cada pouco um olhar incerto a Knight.

— Meu Deus! Não posso acreditar nisto!

Knight levantou a vista e viu Julien St. Clair, o conde de March, que o olhava e a seu pequeno rebanho. A seu lado estava a condessa, Katherine St. Clair. Ela acotovelou seu marido nas costelas e se adiantou com um sorriso em seu encantador rosto. Fizeram as apresentações. As crianças estavam esgotadas, mas o conde e a condessa não sabiam o porquê, pensou Knight cinicamente. Eram corteses e educados e desconfiados. No que se referia a Lily, ela era o que ele tinha esperado: uma dama com os dotes sociais adequados e uma gentileza de espírito que fazia com que os que acabavam de conhecê-la quisessem permanecer em sua companhia. Knight também se deu conta de que Julien não estava impressionado com a beleza de Lily. Seu sorriso era cortês, nem apaixonado nem cheio de

luxúria. Isso era um alívio. Knight estava começando a acreditar que ia ter que controlar de perto a todos os homens que nadassem nas águas de Lily.

Julien St. Clair não podia conceber este Knight Winthrop. O que tinha ocorrido a seu cínico, inteligente e irreverente amigo? Este homem que estava sentado em uma mesa circular com uma formosa mulher e três — e três! — crianças. Desconcertava-o. Deixava-o totalmente atônito.

Escutou que Knight dizia ao menino mais velho:

— Por que não mostra a sua senhoria seu novo livro? Acredito que está fascinado com o tema dos motores a vapor.

Julien olhou para Knight como prometendo uma retribuição, mas o sorriso de Theo era caloroso e interessado.

— Ela é encantada — disse Katherine St. Clair a Lily. Laura Beth, tímida e meio adormecida conseguiu dizer um confuso "obrigada" e enterrou seu rosto no ombro de Lily.

— Também está muito pesada. Espero que supere este desejo de me usar como cama em um futuro próximo.

— Suponho que essas luvas são novas? Que bonitas são!

Laura Beth abriu os dois olhos com este comentário e voltou a agradecer à dama.

— Mamãe comprou para mim. O primo Knight queria comprá-las, mas ela não deixou. Acredito que ela queria bater nele, mas não o fez. Mamãe disse que...

— Fecha essa boca, querida. Vem, come um pouco mais de sorvete. — Lily ergueu a vista e viu que a condessa a olhava fixamente. — É uma menina muito doce.

— Concordo — assentiu a condessa.

Vários conhecidos se detiveram nos próximos quinze minutos, e suas reações seguiram o mesmo molde de:

— Por Deus, velho, você com crianças?

— Meu Deus, Knight, você na infantaria?

— Que loucura!— murmurou o assustado marquês de Bourne, sacudindo sua cabeleira cinza. — Já não se pode acreditar em nada!

A atenção de Lily, quase todo o tempo, concentrou-se nas crianças, principalmente em Sam. Mas até ele mostrou sua boa educação. Lily viu que Knight se assegurou de pedir outro pote de sorvete nem bem terminou o primeiro. Em resumo, não tinha tido tempo de disparar sua pistola em nenhum dos incrédulos visitantes.

— Tem vários encantos e é fantástica— escutou Lily o que dizia Julien St. Clair. — Poderia matar a todos os franceses se só tivesse uns anos mais.

— Sem dúvida— foi a resposta de Julien, com um débil sorriso.

— Está bastante sedento de sangue— adicionou Knight, e para sua surpresa, desordenou com a mão o suave cabelo castanho de Sam.

Julien o olhou. Meu Deus era mais do que um simples mortal podia compreender. Quando partiu com a condessa, permaneceu um momento em silêncio, em um estado de confusão que durou quase duas horas.

A carruagem os levou de volta para casa em uma paz similar.

— Assim que esse é o truque, né?— disse Knight. — Saciam-se os estômagos e se recupera a paz.

— Sim, mais ou menos assim — respondeu Lily com um sorriso.

Mandaram crianças ao andar superior com a senhora Allgood.

Laura Beth e Sam para que fizessem uma sesta, Theo para que devorasse seu novo livro.

— Acredito que eu também farei uma sesta— disse Knight enquanto se esticava.

Lily ofereceu um sorriso inclinado e isso o encheu de desejo.

— Os pais dizem que as crianças os mantêm jovens; entretanto, acredito que o envelheceram.

Knight respondeu com um sorriso, era impossível não fazê-lo. Ele tinha estado todo o dia ciente dela, e isso o incomodava sobremaneira. Decidiu nesse momento que iria ver Daniella. Ela o tranquilizaria; devolveria a perspectiva. Mais até, visitá-la o salvaria das inevitáveis zombarias de seus amigos. Não duvidava que sua conduta aberrante fosse à conversa da cidade nessa noite. Perguntava-se se a atribuiriam à formosa viúva Winthrop.

— Vou sair— disse abruptamente a Lily. — Não voltarei para o jantar.

Deixou-a de pé na entrada, perguntando-se o que havia dito para ofendê-lo.

Às dez da noite estava tremendo de terror. Havia algo que o tinha ofendido. Não lhe surpreenderia que Knight os jogasse na rua nos braços do asqueroso Arnold.

Capítulo 5

Knight estava relaxado e satisfeito. Apoiou a cabeça na almofadas do carro e fechou os olhos. Por desgracia, isto o fez recordar e estremeceu. Tinha estado muito perto por um momento. Mas tudo se solucionou, graças aos poderes superiores que tiveram piedade dele. Não queria seguir pensando nisso, mas não pode evitar: Antes nunca tinha pensado nunca em toda sua vida adulta.

Apesar do seu desejo, pensou que por um momento nada fosse acontecer. Daniella estava como sempre: linda, atraente, sexy, se adaptando a tudo, e no final, sua boca habilidosa o conseguiu, por assim dizer.

Tudo por essa maldita mulher que acabava de conhecer. Objetivamente era absurdo.

Não podia acreditar que, no momento de sua liberação sexual, tivesse gritado seu nome.

Era intolerável. Enviá-la-ia e as crianças para Castle Rosse. Logo.

Tinha que recuperar sua antiga vida em sua maravilhosa previsibilidade antes que sua amante o abandonasse por ser estúpido e seus amigos o internassem em um asilo. Podia escutar como Julien St. Clair contava a todos seus amigos comuns o estranho encontro no Gunthers com Knight e sua ninhada. Estava comendo sorvete, rodeado de crianças e de brinquedos. Eram sua família. Knight com uma família. Ah, mas a mãe, um anjo de beleza, sim, nosso Knight.

Suspirou e terminou com seu monólogo imaginário quando se deu conta de que não podia mandá-los longe até que não fosse oficial e legalmente o tutor das crianças. Não

podia arriscar a enviá-los a Castle Rosse se o asqueroso Arnold estava à espreita com intenções perversas em sua alma.

Falaria com Tilney Jones no dia seguinte, apuraria, dar-lhe-ia instruções de molhar todas as mãos que fossem necessárias. Não importava o custo.

Vinte minutos depois, Knight entrou em casa usando sua própria chave. Para sua surpresa, viu luz que provinha da sala. Era tarde, mais de meia-noite. Franziu o cenho e se dirigiu para lá. Deteve-se assustado.

— Lily, o que está fazendo acordada? Aconteceu alguma coisa errada? — Parecia pálida e nervosa e incrivelmente bela. Maldita mulher!

Lily tratou de evitar a mentira.

— Não, nada está errado, se o que você quer saber é se alguém está doente— começou.

— Excelente. Vamos progredindo.

Estava sarcástico: sua voz suave e branda, sua sobrancelha esquerda arqueada para cima, seu olhar irônico. Caminhou para ela e se apoiou no aparador. Lily sentiu o aroma sutil de perfume de rosas. Tinha estado com uma mulher, sua amante, sem dúvida. Ela engoliu com dificuldade.

Observou como se servia um brandy. Estava a ponto de falar quando ele a interrompeu abruptamente.

— Tenho vinte e sete anos. Não faz muito que deixei a infância. Mas tinha me esquecido de que as crianças têm personalidades tão distintas. Theo, por Deus, esse pirralho é tão intenso, tão amadurecido. Alguma vez foi uma criança?

— Foi uma pouco antes de seu pai morrer.

— Ah. — Knight olhou sua taça de brandy. — Isso é outra coisa. As crianças não falaram nada de seu pai. Não é estranho isso? Não deveriam dizer algo? Não deveriam chorar?

Eles tinham chorado, pensou Lily, cada um a sua maneira, em privado, o que não era tão bom, em especial para as crianças.

— Desde que seu pai foi assassinado, Theo tratou de converter-se na cabeça da família. Sempre foi um menino muito sério, mas agora... — deu de ombros. — Talvez você tenha razão a respeito de Eton. Talvez em companhia de outros meninos de sua idade volte a ser mais jovial, mais despreocupado. Eu gostaria que parecesse talvez até um pouco com Sam. Mas é um estudioso, sabe, e creio que nada mudará isso.

— Bem, agora nosso estudioso será um perito em motores a vapor. E Sam?

— Sam é exatamente o oposto. Desde a morte de Tris, tornou-se incontrolável. Sempre se portou mal, mas agora é como se, bom, como se tivesse que comportar-se mal. Por favor, noto que, depois da morte de Tris, os meninos não conheceram o que é segurança. Fizemos uma longa viagem de Bruxelas para Yorkshire, sem saber se os Damson nos aceitariam. Aceitaram, mas Gertrude nunca nos quis e logo aconteceu a catástrofe com Arnold. Eu tive que mudá-los novamente, muito rapidamente, para trazê-los aqui. Uma vez mais não estávamos seguros da recepção que teríamos. As crianças estavam aterrorizadas, embora morressem antes de admiti-lo. Sam é muito agressivo; sempre quer golpear alguém. Acredito que é sua forma de digerir o medo. Quanto ao querido Theo, começo a pensar que quanto mais amadurecido e mais adulto parece, mais esconde seus verdadeiros sentimentos.

— Laura Beth parece ter escapado.

— De modo nenhum. Depois da morte de seu pai, não deixa Czarina Catherine nem de noite nem de dia, e não tira o polegar da boca. Como você já notou, está muito grudada em mim. E como demonstração de dor, escutei Sam chorar de noite e me aproximei dele. Tinha o punho na boca para que Theo não o ouvisse. Não fui capaz de interrompê-lo em seu pranto. Teria o denegrado, acredito.

— Mas é uma criança!

— Sim, uma criança muito orgulhosa.

— Estou vendo— disse Knight com lentidão. — Parece que considerou isto em grande detalhe.

— Eu os amo. Preocupo-me com eles. As mudanças são óbvias para mim, assim como as razões destas mudanças. Causa e efeito, suponho que se diria.

Knight apoiou sua taça.

— Por que ainda está acordada?

— Sam— respondeu com um profundo suspiro.

— Sam? Ah, já entendo. Fez alguma de suas pequenas travessuras.

— Sim.

Depois de uns momentos de silêncio, Knight suspirou.

— Estou esperando, Lily.

— Suponho que devo dizer, imediatamente, já que o esperei acordada para fazê-lo, mas...

— Não a comerei, nem a você, nem ao Sam.

— Roubou de Cuthbert a massa do pão que este estava levando para a cozinha e com ela revestiu o corrimão da escada que leva aos quartos dos serventes no terceiro andar. A escada não está bem iluminada. De fato, está bastante escura.

Knight simplesmente a olhou.

— Meu Deus! Que criatividade incrível. Ninguém gritou? Morreu de medo? Saiu catapultado escada abaixo?

— Betty pôs a casa abaixo com seus gritos. Pensou que estava colocando a mão "dentro de um cadáver", como ela mesma disse. "Pegajoso, esponjoso e úmido". Não sei a que se referia com isso de úmido. Porque me parece que Cuthbert não faria uma massa de pão úmida, mas... — Deixou de falar para observar seu anfitrião, que não parecia zangado absolutamente, mas sim divertido e, até certo ponto, admirado.

Na verdade, Knight estava tentando recordar como era vinte anos antes. Alguma vez tinha levado a cabo uma aventura semelhante? Não se lembrava.

— Você... Não está furioso?

— Como para jogá-los na rua com um chute?

— Sim, isso é exatamente o que quero saber.

— Não, mas quero que Sam limpe tudo.

— Não sou uma mãe tão desastrosa! O fiz limpar tudo imediatamente. Foi uma tarefa bastante árdua. — Retomou o fôlego. — Há algo mais.

— Começo a pensar que devo trazer um padre para casa, para as confissões, sabe. Parece que teria muito trabalho aqui. Aconteceu mais alguma coisa esta noite?

— É Cuthbert. Vociferou a quem quisesse escutar que ia embora desta casa.

O olhar e a voz de Knight pareciam cansadas e cínicas.

— Não deixe que as ameaças de Cuthbert a assustem. Pago bem ao parvo para que alguma vez considere sequer abandonar este emprego.

— Mas foi bastante convincente em sua ameaça de que se não fossemos, ele iria.

— Muito bem. Que o faça. Não me importa.

Desta vez foi Lily quem olhou para Knight.

— Não está zangado? Na verdade, não está?

— Não, mas estou cansado. Vamos dormir agora, Lily. — No momento em que estas palavras saíram de sua boca — com duplo sentido só para ele — sentiu que o alagava uma onda de desejo.

Afastou-se rapidamente dela, só para deter-se na porta e recordar o comentário mesquinho de seu valete justo antes de partir para visitar Daniella.

— Teve alguma dificuldade com meu valete, Stromsoe?

Sim, tinha tido, mas não queria pôr esse homem em problemas. Negou com a cabeça.

Não sabia mentir bem, pensou Knight, mas deixou passar. Disse um breve boa noite e foi para a cama.

Lily, ao invés, seguiu-o com muita lentidão. Stromsoe não a tinha incomodado na verdade, de forma alguma. Tinha sido rude, isso era certo, mas só estava tentando proteger seu amo. Ela conseguiu se sair muito bem; ao menos isso pensava. Ele tinha se detido no corredor do piso de cima...

— Posso perguntar aonde vai, senhora?— exigiu com voz afetada. Na verdade estava bloqueando o caminho.

Lily olhou a esse homem pomposo, penteado com gel e de bochechas muito rosadas.

— Não— foi sua resposta.

— Não, o que?

— Não, Stromsoe.

— Senhora, por favor!

— Muito bem, Stromsoe, não pode perguntar. Não é assunto seu.

Isso o fez retroceder.

— Então, posso ajudá-la em algo, senhora?

— Se me trazer um copo de leite quente. É para um dos meninos.

Suas bochechas rosadas se acenderam.

— Esse não é meu trabalho!

— Então, para que me pergunta se pode me ajudar? Não tem sentido, Stromsoe.

E com isso, se foi. Lily se perguntava o que havia dito esse homenzinho afetado ao visconde para que ele o mencionasse. Provavelmente tinha se referido a ela como a uma intrusa acompanhada de uns pirralhos indigentes e tinha levantado seu nariz. Depois de tudo, isso era verdade.

Lily estava cansada, e para falar a verdade, sentia-se tão assustada como as crianças. Como mulher adulta, era capaz de esconder seus temores com mais êxito que as crianças, mas estavam ali, não havia dúvidas.

Sacudiu a cabeça enquanto continuava a despir-se em silêncio. Podia ouvir a suave respiração de Laura Beth e sabia que a menina se esticou no meio da cama com os braços e as pernas abertos e Czarina Catherine a seu lado.

Antes de dormir, Lily se deu conta de que queria paz. Queria segurança. Não era capaz de pensar além dessas necessidades básicas.

Knight se perguntava por que não tinham mostrado sua dor. Ela deveria ter dito que simplesmente não tinham tido tempo.

No dia seguinte, Knight, muito pensativo, entrou na biblioteca para procurar vários papéis que Tilney Jones tinha pedido. Surpreso, deteve-se abruptamente.

De joelhos em sua cadeira estava Laura Beth.

Ela estava examinando uma folha de tamanho ofício que se encontrava sobre seu escritório, e mantinha para baixo sua pluma que em qualquer momento ia começar a gotejar.

Alguns papéis importantes estavam ao redor da menina, e Knight viu que havia umas pilhas em uma estabilidade precária muito perto de um tinteiro de ônix polido. Limpou a garganta, e com uma voz suave para não assustá-la disse:

— Laura Beth.

A menina deu um salto e o olhou com seus enormes olhos azul escuro. Não deixou de surpreender-se de quão diferente parecia, não tinha nenhuma semelhança com Lily, nem com Tris.

— Olá— disse Laura Beth.

— Posso te perguntar o que está fazendo aqui?

Laura Beth ficou de pé na cadeira e se apoiou com as mãos na mesa.

— Estou desenhando— disse. — Quer ver?

— Em um momento— disse rapidamente, com um olho no maldito tinteiro. — Por que está desenhando aqui? Esta é minha sala e meu escritório.

— Ah— foi à resposta de Laura Beth que não parecia nem um pouco arrependida.

— Onde está sua mãe?

— Mãe está na cama. Está doente.

Knight avançou um passo.

— O que tem? Por que ninguém me disse isso?

— Não está doente na verdade. É só o estômago.

— O estômago? Comeu algo que não caiu bem?— Cuthbert, pensou. O maldito a tinha culpado do fiasco da massa e lhe deu algo em mal estado? Não, não podia ser. — irei vê-la.

— Disse que queria dormir um pouco, depois já ia estar bem.

— Ah— disse Knight a sua vez. — Ela te disse que viesse aqui a meu escritório?

Laura Beth teve a graça de baixar a vista.

— Não— apenas sussurrou. — Ela acredita que estou em seu quarto. Mas eu não gosto de cinzas. É uma confusão. — balançou-se de repente na cadeira para lhe mostrar as manchas de carvão em seu vestido de musselina cor rosada. Knight a viu apoiar-se no escritório e empurrar a cadeira para trás. O móvel girou sobre suas próprias rodinhas. O tinteiro voou e, ao cair, derramou uma espessa tinta negra em todo papel importante que se encontrava na escrivaninha.

A menina gritou e Knight se apressou a tomá-la em seus braços antes que caísse da cadeira que girava enlouquecida. Sentiu que a tinta que caía da pluma lhe manchava o rosto. Sentiu que os esqueléticos braços de Laura Beth se apertavam em seu pescoço e o

apertavam com toda a força que tinha. A cadeira golpeou contra seu joelho e por um instante Knight perdeu o equilíbrio. Ele bateu na borda da escrivaninha e sentiu que a tinta negra se derramava por suas imaculadas calças de pele de antílope.

Knight fechou os olhos. Laura Beth se abraçou a ele com mais força. Duckett abriu a porta e ficou boquiaberto.

— Senhor!

Laura Beth começou a chorar e afundou seu rosto no pescoço de Knight.

— Está bem, Duckett— disse Knight. — Tivemos um pequeno acidente. Pediria que levasse Laura Beth para sua mãe, mas a senhora Winthrop não se sente bem. — Knight fez uma pausa. O que ia fazer com a menina? Theo que escutou a comoção o salvou.

— Meu Deus— exclamou Theo, que já estava ao lado de Duckett. — Senhor, o que minha irmã fez?— Theo viu a resposta a sua pergunta. A tinta negra estava em toda parte: nas calças do visconde, em sua antiga gravata branca, inclusive em sua bochecha. Theo fechou os olhos para bloquear o terror.

Knight, que estava disposto a jogar Laura Beth pela janela do escritório, viu que Theo ficou branco como sua gravata. Viu o golpe de terror que alagava os olhos do menino. Sorriu.

— Está bem, Theo. Não há danos. Laura Beth e eu tivemos um pequeno acidente. Sua mãe está acordada por acaso?

— Não — conseguiu dizer Theo sem que o desespero aparecesse em sua voz. — Não está bem. Eu cuidarei de Laura Beth, senhor.

— É muito gentil de sua parte, Theo, mas temo que os dois, Laura Beth e eu, fomos manchados com o mesmo pincel. Levá-la-ei acima e nos lavaremos os dois — Viu que o menino mal conseguia engolir e sentiu uma quebra de onda de compaixão tão poderosa que o fez pestanejar. — Você gostaria de me fazer um favor, Theo?

— Sim, senhor, sim. Qualquer coisa!

— Vá à sala e diga ao senhor Jones que não posso vê-lo esta tarde. Diga que estou ocupado com um pequeno macaco bem armado e que amanhã conseguirei os papéis que necessita.

Theo assentiu com rapidez, e Knight soube nesse momento que o menino faria todo tipo de reverências e tentaria toda sorte de desculpas desnecessárias diante Tilney.

— Theo— recomendou — só transmita minha mensagem. É um Winthrop e esta é sua casa. Pertence a esta família. Não se esqueça disso, está bem?

Theo engoliu com dificuldade.

— Sim, senhor.

— Bom menino. Agora, Duckett, se fosse tão amável de remediar a destruição que se produziu aqui.

— É obvio senhor. Mm... Gostaria também que me encarregasse da senhorita Laura Beth?

— Não, ela vem comigo. — Knight sorriu a seu mordomo. — Além disso, não acredito que ninguém possa tirá-la do meu pescoço.

Se alguém houvesse dito a Knight que estaria dando banho em uma menina de quatro anos em sua tina de cobre, em seu quarto, vestido só com suas calças, teria rido a gargalhadas.

Mas assim era. Teve que enfrentar Stromsoe, que o olhava como se o mundo tivesse explodido de repente. Knight supôs que assim tinha ocorrido.

— Busca uma tina de água quente e muitas toalhas, Stromsoe. Laura Beth e eu vamos nos dar uma boa escovada.

— Senhor!

— Por Deus, homem, me obedeça! Vá!

Quando Stromsoe, sem fala, saiu da estadia, o visconde disse a sua companheira,

— Agora, querida, para baixo. Nós dois estamos um desastre. — Conseguiu tirar os pequenos braços do pescoço, e no processo sua antiga camisa branca, que nunca tinha estado manchada em toda parte, ficou coberta de pequenos rastros bem marcados de tinta negra.

Despiu Laura Beth e a envolveu em uma toalha.

— Sente-se nessa cadeira e não se mova. — Seu tom tinha o suficiente de ameaça para assegurar a obediência da menina. Perguntou-se por um momento se era próprio de um cavalheiro tirar parte de sua roupa diante de uma menina. Havia regras precisas para todas as situações, mas ele as desconhecia. Em realidade, não lhe ocorreu perguntar se também havia regras que governassem o banho das meninas pequenas. Encolheu os ombros e tirou a roupa, exceto as calças. Laura Beth riu quando ele se dedicou a tirar as botas.

— Parece engraçado, né, pequena diabinha?

— Ajudar-te-ei— disse Laura Beth, cheia de disposição e tinta negra.

— Não, não o fará. Sente-se tranquila até que chegue a água quente. Sente-se!

Obedeceu. Tiveram que esperar uns minutos até que chegasse a água. Knight se esticou e coçou o peito.

— É lindo— disse Laura Beth. — Posso tocar?

Knight deixou cair os braços.

— Já o fez. Quase me afogou. Isso fez rir à pequena

— Tem cabelos por toda parte.

— Bom, não pode tocar e não tenho cabelos por toda parte. — Laura Beth se rendeu e Knight viu que ela soltou algumas mechas de cabelo que estavam cobertas de tinta. — Acredito que o que precisamos é uma área dedicada as crianças— disse pensativo, mais para si mesmo que para sua convidada. — Você sabe um lugar onde possam destruir coisas sem importância. Terei que pensar nisso.

Stromsoe retornou seguido por dois serventes com baldes de água quente. Knight, sabendo que sua dignidade estava sob questionamento e não desejando testemunhas, fez com que eles se retirassem, tirou a toalha de Laura Beth e a colocou na água.

A pequena gritou e começou a salpicar. Knight pestanejou ante semelhante entusiasmo, seus tímpanos tinham estalado e se empapou tanto quanto ela. Terminou lavando o cabelo assim como o resto de seu corpo. Estava jogando água com suas mãos para tirar o sabão do cabelo, quando escutou que tossiam na porta. Levantou a vista e viu Lily.

— Olá— disse, sorrindo. Deu uma pequena saudação com a mão molhada e se dispôs a terminar com sua tarefa.

— Mamãe!— gritou Laura Beth enquanto esperneava na água. — O primo Knight está me dando banho! Olhe meu cabelo! Não é tão bom como o teu, mas é divertido.

— Insulta-me, bruxinha ingrata?

Ofereceu-lhe um sorriso inocente. Com sua pequena mão tocou o pêlo do peito. Enroscou dois dedos no arbusto e puxou. Knight gritou mais de susto que de dor. Laura Beth não parava de rir.

Lily não podia pensar em nada que dizer, tampouco podia deixar de olhar ao visconde. Tinha visto seu pai e as crianças, é obvio, em um estado similar de nudez, mas nunca um homem da idade e dotes físicos de Knight. Laura Beth tinha razão, era lindo. Mais que isso, era formoso. Lily observava à larga e tênue linha de suas costas, os músculos profundos e firmes de seus ombros e braços, o arbusto de pelo escuro de seu peito. Engoliu com dificuldade, intrigada por esta reação. Logo ele se voltou de repente e encontrou seus olhos. Ela se ruborizou até as sobrancelhas e olhou para o outro lado. Oh, Deus, aí estava, boquiaberta como se fosse uma idiota!

Stromsoe tinha batido na porta, despertando-a de seu sono. Havia dito que a menina estava no quarto de sua senhoria, que a menina estava na tina de sua senhoria.

Estava mortalmente ofendido, e Lily, aterrorizada pelo que a menina pudesse estar fazendo, correu pelo corredor.

— Laura Beth, fique quieta!— Knight levantou o pequeno corpo da tina e o envolveu em uma enorme toalha.

Era outro jogo, e Laura Beth se sacudia de risada quando ele retirava a toalha de seu rosto.

— Minha vez! Minha vez!

— O que é sua vez?— perguntou Knight enquanto lhe secava o cabelo.

— Agora eu te dou banho.

— Ai, Laura Beth— a repreendeu Lily que tinha recuperado a voz. — Knight, sinto muito. Eu não queria... O que fez? Ai, Deus, está todo coberto de negro. O que é?

— Tinta— disse Laura Beth, espiando através da toalha.

— Tinta— repetiu Lily automaticamente.

— Do escritório do primo Knight.

Lily ficou pálida. Knight tinha visto a surpresa em seus olhos quando entrou e se deu conta de que, até esse momento, não o tinha visto como a um homem. Tinha gostado do que tinha visto, ele conhecia bastante de mulheres para perceber isso. Isso o agradou imensamente. Mas agora via o mesmo medo em seus olhos, que tinha visto em Theo. Isso o fazia sentir-se como uma espécie de monstro.

— Por Deus, Lily, basta! Não vou jogar ninguém a chutes desta casa, nunca. Pode me fazer o favor de acreditar? Agora, sei que não se sente bem. Volte para a cama. Parece muito mal.

Na verdade, parecia deliciosamente bem.

— Levarei Laura Beth.

— Não, você está doente. Chamarei à senhora Allgood para que a vista.

— Não, não estou doente. É só que... — Sua voz caiu como uma pedra que se desbarranca por um precipício.

— Dói o estômago, ao menos isso é o que me disse Laura Beth.

Lily ficou muda de vergonha.

— Mamãe disse que era só seu estômago de mulher— adicionou Laura Beth em tom confidencial a Knight.

Lily fechou os olhos. Estava além da vergonha. Se tivesse tido a garganta de Laura Beth entre suas mãos, a teria estrangulado.

Knight não disse uma palavra ante esta espantosa explicação.

— Lily— disse com voz impessoal — vá para o seu quarto. Agora, já.

Lily fugiu.

— No que diz respeito a você, incrível criatura, vou te entregar à senhora Allgood.

— Não, não vai lavar-me. Se comporte, entende?

Laura Beth, com a inocência de um anjo em seu rosto, assentiu, e Knight, que já tinha visto esse olhar antes, grunhiu.

Capítulo 6

Knight esticou suas pernas para o fogo, rodeou com suas mãos a taça de brandy, e se recostou em sua cômoda cadeira. Ficou assim possivelmente por um minuto. Mas não era o mesmo. Absolutamente, como tinha sido antes da chegada de Lily, dela e das crianças. Suspirou, esperando que ela se sentisse melhor, com certeza, é obvio, que já estava bem, pois sua enfermidade não era na verdade uma enfermidade.

Tinha visto Lily só de passagem nos últimos três dias. Era óbvio que ela tentava evitá-lo e supunha que não podia culpá-la. Tinha-o visto seminu em seu quarto e Laura Beth a tinha envergonhado até as raízes de seu formoso cabelo.

Para ajudá-la, tinha jantado no clube as três últimas noites, e tinha passado o resto da noite fora. Não tinha visitado Daniella, o que era muito estranho nele, mas tinha ganhado quinhentas libras de Davey Cochrane no salão de jogos do White'S. Como tinha suposto, vários de seus amigos o tinham torturado sem piedade por causa de sua nova família. Encontrou-se sorrindo de repente com a lembrança do pequeno corpo de Laura Beth sacudindo-se de risada. Tinha brincado de esconder o rosto atrás da toalha com a maldita menina! O fazia sorrir inclusive agora ao pensar nisso. No que se referia a todos os papéis cobertos de tinta, bom, o pobre Trump não tinha estado muito feliz quando teve que voltar a copiá-los, mas se dedicou a isso com todo seu afã. Os papéis que Tilney necessitava já tinham sido entregues em seu escritório. Agora se tratava só de uma questão de tempo e subornos adequados antes que Knight tivesse a custódia legal das crianças.

Ele decidiu começar. Era à hora da sesta e devia estar a caminho do Tattersall'S. O antigo barão de Setherly estava vendendo, e havia um magnífico berberes negro que Knight

queria ver. Escutou que a porta da biblioteca abriu com cuidado. Lily? Voltou a sentar-se na cadeira. Seu corpo estava tenso e sentiu algo tremendamente ardente e maravilhoso que se expandia desde seus pés a seus ouvidos.

Não disse uma palavra. Não se moveu. Devagar, olhou a seu redor pela lateral de sua cadeira de couro. Era Theo que caminhava — Deslizava nas pontas do pé — através do tapete Aubusson até chegar à larga parede coberta do piso até o teto com pilhas de livros. Observou o menino. Deu-se conta de que Theo era mais magro do que um menino de nove anos devia ser, e era muito pálido. Cada vez que o olhava, descobria mais características de Tris nele — a inclinação da cabeça, o nariz magro e aquilino, o queixo soberbo. Por que demônios o moço vinha à biblioteca às escondidas?

Theo estava aterrorizado. Não sabia se o visconde estava em casa ou não. Não o tinha visto faz um bom momento, mas a casa era do primo Knight e podia estar em qualquer parte. Lily havia dito que se mantivessem longe do visconde e ele sabia que ela estava preocupada, em particular depois que Laura Beth tinha manchado com tinta sua escrivaninha, seus papéis, e a ele mesmo. Theo olhou furtivamente e logo subiu à escada para procurar o livro que queria da segunda prateleira começando de cima para baixo. Era um volume de couro negro sobre as propriedades memoráveis da antiga raiz omaya, escrito por um escuro monge do norte da Itália durante o século dezesseis. Era um livro velho e delicado, e Theo pegou com cuidado como se tratasse do broche preferido de Lily, uma ametista em forma de coração que tinha pertencido a sua mãe.

— Theo.

A voz tranquila vinha de detrás dele e o fez ficar sem fôlego. As mãos se afrouxaram e viu com horror como o valioso exemplar caía no chão. A antiga encadernação se abriu e várias seções se separaram. Theo fechou os olhos e se sacudiu. Queria morrer.

— Senhor— conseguiu dizer por fim. — Oh, senhor, sinto muito, ai, não... — Theo se virou na escada, viu o desastre, soube que o veria até o dia de sua morte, e perdeu o equilíbrio.

Knight ficou de pé de um salto e conseguiu pegá-lo na metade do voo. O impulso do menino enviou aos dois ao chão, mas Knight o sustentou com firmeza, diminuindo o impacto da queda com seu próprio corpo. Theo lutou para libertar-se, entre soluços.

Knight ficou imediatamente de joelhos e começou a examinar os braços e as pernas do menino. Não pôde encontrar ossos quebrados, mas isso não significava que Theo não tivesse feridas internas.

Puxou-o pelos ombros e o sacudiu com suavidade para lhe ver o rosto. Colocou-o de joelhos.

— Está bem, Theo? Não está ferido?

Theo afastou as malditas lágrimas de seus olhos e sacudiu a cabeça, com medo de falar.

— Está seguro?

— Sim, senhor — respondeu com a voz mais fraca que Knight escutou alguma vez.

— Bem — disse Knight com energia e sentiu que seu coração deixava de pulsar aterrorizado. Ficou de pé e ofereceu uma mão a Theo.

Theo queria afundar-se rápido e sem ruídos no piso e aparecer diretamente no inferno.

— Vem comigo. — O visconde tomou a mão de Theo e o obrigou a levantar-se. — Você parece pior depois da sua aventura. E eu também. Lamento ter te assustado.

Theo ergueu os olhos. O visconde estava se desculpando? Era muito. Sacudiu a cabeça, incrédulo, e soube que a verdade devia sair à luz.

— Senhor, destruí um livro! — Aí estava, tinha-o admitido. Agora esperava que o visconde visse a destruição e o castigasse: isso era o que merecia.

Knight franziu o cenho ao ver que baixava a cabeça. Que livro? Viu então o velho volume no chão.

— Que diabos é isto? Nem sequer o reconheço.

— É uma primeira edição.

— Ah, sim? Bom, deve ser do mais chato, porque nunca o li.

— Oh, não, senhor! Refere-se a esta estranha raiz que pode curar todo tipo de enfermidades malignas e...

Knight sorriu, aliviado ao comprovar que o menino havia tornado a animar-se.

— Nesse caso, vamos consertá-lo... Há um encadernador que conheço na Rua Court. Ele pode arrumar até os antigos volumes sobre raízes milagrosas. Você gostaria de vir comigo, Theo?

— É obvio que sim, senhor. E eu... Eu pagarei pelo conserto.

— Está bem — disse com tranquilidade. — O que te parece se formos a cavalo?

A mudança no menino foi notável. Ante o olhar fascinado de Knight, Theo levantou os ombros. Seus olhos — nem um pouco semelhantes com os de Tris— brilhavam de excitação. Parecia que ia arrebentar as costuras de sua jaqueta pelo entusiasmo. Logo, de repente, a luz abandonou seus olhos e podia se ver que estava a ponto de chorar outra vez.

— O que acontece? Não sabe cavalgar?

— Fiz algo muito mau — esclareceu Theo. — Não pode me recompensar. Deve me castigar. Sericamente mereço senhor.

— Jogou esse maldito livro porque te assustei. Não é nada. Menos que nada. Agora, basta de recriminações. Parece que é excessivamente tedioso Theo. Vá procurar suas roupas de montar. Ok?

Theo o olhou com o rosto de alguém que sabia que não tinha escutado bem. Estava esperando a correção e os proverbiais golpes.

— Theo, estou perdendo a paciência. Tem quinze minutos, nenhum mais. Peça permissão a sua mãe. Está bem?

— Sim, senhor!

Houve um olhar pensativo no rosto de Knight quando viu o menino apressar o passo ao sair da biblioteca. Agachou-se e juntou o livro.

— Que horror — disse para si mesmo, enquanto tratava de acomodar as seções separadas na encadernação quebrada. — A única razão pela que é uma primeira edição é porque ninguém quis uma segunda, exceto, possivelmente, a mãe do monge.

Enquanto esperava Theo, Knight decidiu que primeiro levaria o moço com ele ao Tattersall's, logo iriam ao negócio do senhor Mulligan na rua Court. Perguntava-se se o menino tinha dinheiro para pagar pela reparação do livro. Duvidava que assim fosse. Agora sim que tinha um problema. Falando de orgulho... Podia imaginar reação de Theo se ele, Knight, pagava a reparação. O que podia fazer?

E de repente soube o que fazer. Sorriu e saiu da biblioteca, assobiando e bastante orgulhoso de si mesmo. E se chocou com Lily.

— Meu Deus, você está bem? — Puxou-a pelos braços, jogando o livro que terminou de desencadernar.

— Sim, sim.

Soltou-a enquanto sacudia a cabeça divertido.

— Parece que hoje assusto a todo mundo. — Só lhe sorriu, mas foi suficiente para que quisesse deitá-la ali mesmo na entrada, por assim dizer, e fazer amor. — Onde está Theo? — perguntou incapaz de tirar os olhos de cima.

Ela seguia sorrindo, embora um tanto nervosa pelo estranho olhar em seu rosto.

— Ele... Está trocando de roupa. Quero te agradecer, Knight. Não o vi tão excitado desde... Bom, desde antes da morte de seu pai. Você é muito amável.

Agora franziu o cenho. Ela estava tão pálida como Theo. Todos ficaram dentro da casa desde que chegaram ali?

— Suba e troque-se — disse abruptamente— Você sabe montar, não é mesmo? É obvio que sim. Você vem com Theo e comigo.

Viu uma faísca de excitação em seus olhos com a proposta, mas logo desapareceu.

— É uma oferta maravilhosa, mas devo ficar com as crianças. Você sabe Sam... Se não ficar de olho, pode fazer algo. Ah, esqueci de dizer. Desculpou-se com Betty por conta da massa de pão. Ela o chamou "horrível girino", mas terminou perdendo-o.

— Excelente — disse Knight, mas na verdade não estava prestando atenção. Estava pensando. Deu-se conta de que não devia diluir a corrente de simpatia que estava surgindo com Theo levando as outras crianças. Não queria dizer, mas se viu forçado a fazê-lo. — Tem razão. Deve ficar com as crianças, para proteger a casa e todos seus habitantes. No que se refere ao Theo, não se preocupe com ele. Estaremos fora algumas horas. Cavalga bem?

— Sim, seu pai o ensinou faz anos. Tem boa mão. É obvio, não cavalgou nos últimos dois meses... E.

— Isso não é problema. Tenho um cavalo no estábulo será maravilhoso. Ah, Lily...

— Sim?

— Jantaré comigo esta noite?

Sua voz era cálida e Lily sentiu que algo se deslizava por cada segmento coberto ou descoberto de sua pele.

— Se você quer — respondeu e o viu por um momento nu até a cintura, lutando com Laura Beth na tina. Escutou sua risada, viu-o levantando a menina até o teto e envolvendo-a em uma enorme toalha.

— Sim, quero. Não se preocupe com o Theo. Cuidarei bem dele.

— Sei que o fará.

— Contou... Algo do que aconteceu? — Perguntou em uma voz que tratou de parecer natural.

— Sim. Theo é muito honesto. Perguntou-me se pensava que estava bem que se divertisse tão quando tinha sido tão mau.

— Mau! Pelo amor de Deus, jogou um estúpido livro!— Knight assinalou ao volume desmantelado que se encontrava a seus pés. — Este é o livro que tanto o perturba... Duvido que valha sequer o papel no que está escrito. — agachou-se e recolheu o livro.

— Theo leva as coisas muito a sério, incluindo qualquer defeito que acredita ter. Danificou algo que pertencia a você. Mas disse que te fazendo companhia ia cumprir sua boa obra do dia.

— O que? — Knight estalou em gargalhadas. — Que jogada magistral, Lily. Bem feito. Bom, imagino que o moço não tem dinheiro e...

— Lhe dei cinco xelins.

Knight amaldiçoou e Lily o olhou com curiosidade.

— Me perdoe, mas teria preferido que você não o tivesse feito. Queria emprestar o dinheiro e o fazer trabalhar para me pagar. Necessita seu próprio dinheiro, embora seja só uns xelins por semana.

Lily não podia acreditar. Não tinha querido torcer as orelhas de Sam pelo desastre da massa de pão, riu da destruição de Laura Beth com o tinteiro e inclusive ele mesmo tratou de dar banho nela e agora estava pensando no que fazer pelo querido Theo.

Para seu horror, e pela primeira vez desde a noite da morte de Tris, Lily rompeu em lágrimas.

Knight ficou atônito. Lágrimas porque havia dito que Theo necessitava uns xelins por semana? Era a coisa mais natural do mundo que a tomasse entre seus braços e que apoiasse o rosto contra seu ombro. Era inclusive mais natural que murmurasse ao ouvido amenidades para acalmá-la e que acariciasse as costas. E era a sensação mais prazerosa respirar seu sutil aroma. Era jasmim ou talvez lavanda? Ou possivelmente simplesmente Lily...

— Você... Você faz sair o que tenho de mulher — sussurrou contra seu ombro, e seus dedos se agarraram às lapelas da jaqueta.

— Faço sair o que tem de mulher? Esse é um novo conceito para mim. Eu gosto como soa. — Estava feliz de poder falar com tanta rapidez e que sua voz soasse zombadora.

Ela o ofereceu um sorriso úmido.

— O que está fazendo, senhor?

— Meu Deus — disse Knight e se afastou com suavidade de Lily. — Seu protetor, querida, tem os punhos preparados. — Sorriu ao ver o aspecto feroz de Sam que estava ao pé da escada, com as pernas separadas e os punhos na cintura.

— Bem, senhor?

— Bem, nada, Sam. Ponha seus punhos nos bolsos e deixa de me chamar senhor. Sou seu primo Knight. Agora, sua mãe estava chorando porque não teve pão no café da manhã.

— Mas eu sim, primo Knight.

— Mas teve pão velho. Meu cozinheiro, Cuthbert, sabe, bom, ele não quer fazer mais porque um menino que vive aqui não sabe que o pão vai na barriga e não no corrimão da escada.

Sam se encostou contra o corrimão. Estava rindo tão forte, e Lily também ria um som claro e doce que alagava Knight de tanto desejo que queria gritar.

— É o máximo, senhor — disse Sam entre gargalhadas.

— Não esqueça menino. Ah, aí está Theo. Parece bem, moço. E Laura Beth não está longe. Como está pequenina?

— Quero outro banho — exigiu Laura Beth e voltou a colocar o dedo na boca. — E brincaremos de novo com a toalha.

— Laura Beth! — exclamou Theo, horrorizado.

— Talvez um dia desses — atravessou Knight. — Primeiro devo me recuperar de nossa primeira sessão. Quase me afogou.

Laura Beth começou a rir, e Knight sentiu a urgência de levá-la em seus braços e beijar suas bochechas rosadas. Em lugar disso, sorriu ao esperançado Sam e lhe disse com gentileza:

— Não, Sam, não pode ir conosco hoje. Fecha a boca e não faça bico. Os meninos não fazem bico. Faremos uma excursão ao Richmond na próxima semana, está bem?

— O que é Richmond? — perguntou Laura Beth.

— Tola, é um lugar que é muito lindo e tem lugar para fazer um piquenique.

— Excelente descrição, Theo — felicitou Lily.

— Agora, Theo, vamos. Sua mãe te disse que sua obrigação é me fazer companhia esta tarde. Sam, Laura Beth, prestem atenção a sua mãe e não destruam a casa...

— Ou seus habitantes — adicionou Laura Beth.

— Habitantes — corrigiu Theo.

— Exatamente — terminou Knight. — Lily, vê-la-ei no jantar.

— Se desejar.

— Claro que sim.

Lily assentiu a Charlie, o primeiro servente, e ele voltou a encher sua taça de vinho com um doce Bordeaux.

— Este é o melhor vinho que provei em minha vida — disse, sorrindo a seu anfitrião. Ele estava incrivelmente belo em seu traje de noite negro. Desde que o tinha visto em seu quarto, com apenas suas calças e nada mais, parecia não poder vê-lo senão como um homem agora, um homem muito belo para falar a verdade.

— Meu pai foi um bom conhecedor de bebidas alcoólicas — explicou Knight. — Passou-me algo de seus conhecimentos. Sinto-me adulado de que goste da escolha de hoje. Mudando de tema, está encantadora esta noite.

— Obrigada.

Sua voz era leve, incrédula. Não estava atuando. Voltou a surpreender-se que ela não soubesse quão deliciosa parecia ao olho masculino. Ela pensava que ele estava sendo gentil. Era desconcertante. Na verdade, ele tivera sua reação habitual quando ela entrou na sala. Seu vestido era modesto segundo os ditados da moda de Londres, mas a cor pêssego suave fazia brilhar sua pele; seu cabelo parecia mais lustroso; em suma, somente de olhá-la ficou com os músculos paralisados.

— Não usou luto pelo Tris — interrompeu abruptamente.

Lily empalideceu, mas respondeu com voz composta.

— Não. Não houve tempo e não quis gastar nosso dinheiro em coisas desnecessárias. — Levantou o queixo com um pequeno gesto de desafio.

— Sinto-o — se apressou a dizer. — Não é meu assunto. Agora, voltemos para nosso Theo. É um grande cavaleiro. Necessita um cavalo mais vivaz que o pobre Bruno. Wicket seria o cavalo ideal para ele, acredito.

— Knight, por favor, não deve deixá-lo montar em um de seus melhores cavalos. Na verdade...

— Calma, Lily, e prove um pouco deste bacalhau cozido com molho de ostras. Farei o que eu queira, trate de recordar isso. Agora, depois que saímos do Tattersall'S... Ah, sim, Theo é um juiz bastante bom de cavalos... Fomos ao encadernador. Eu tinha a intenção de atirar esse velho volume no Tamises, mas Theo, bom, ainda estava sofrendo com um completo ataque de consciência.

— Teve dinheiro suficiente?

Knight considerou por um momento a possibilidade de mentir. Mas não pode. Theo não mentia assim de todos os modos descobriria.

— Não — respondeu Knight. — Houve uma situação muito interessante por um momento. — ficou calado, recordando o olhar no rosto do menino. Havia pena, mas sobre tudo medo, e isso o afetou como nenhuma outra coisa em seus anos de vida.

O menino tinha suspirado profundamente antes de dirigir-se ao benévolo senhor Mulligan.

— Senhor, não tenho mais que cinco xelins. Poderia pagar o resto à semana que vem?

Se o senhor Mulligan sentiu piedade ante a aparente falta de recursos do menino, sobre tudo por estar em companhia de um dos membros mais ricos da nobreza, não o deixou entrever.

— Minha mãe não tem muito dinheiro, e...

— Theo. — A voz baixa e firme de Knight fez que Theo se calasse imediatamente.

— Tenho uma proposta para te fazer. Deixaremos o livro com o senhor Mulligan e cavalgaremos até o Hyde Park para discuti-lo. Minha proposta não te fará milionário, mas te dará alguns ganhos, por assim dizer.

— Senhor farei qualquer coisa!

Knight tomou com o garfo uma porção substancial de perdiz assada com molho, um de seus pratos favoritos. Sorriu para Lily.

— Theo me pagará os outros cinco xelins a semana que vem, não duvide. Ele, minha querida Lily, é agora o bibliotecário e catalogador. Minha biblioteca é um desastre e Theo está disposto a trabalhar duro para ordená-la. Trump o ajudará quando for necessário. Theo não ocupará nesta tarefa mais que duas horas por dia e cinco dias à semana.

— Mas...

Knight levantou uma mão imperiosa.

— É entre Theo e mim, Lily. Não sou um escravo, mas tampouco acredito que tudo deva chegar sem esforço para um menino de nove anos. Assim silêncio. Você é só sua mãe. Não tem voz nem voto neste assunto. Agora, prove um pedaço de bacalhau. É um dos melhores esforços de Cuthbert.

Lily comeu.

Knight a olhou comer. Observou os músculos de sua garganta quando engolia a comida; observou as gotas de vinho em seus lábios quando bebia do fino cristal da taça.

Depois de um momento, perguntou abruptamente.

— Por que chorou?

Os olhos de Lily voaram para seu rosto.

— Por quê? — repetiu. Lily tratou de parecer arrependida, mas sabia que não parecia. Provavelmente se via como uma patética idiota. — Você foi maravilhoso. Não pude suportar.

— Isto sim que é interessante. Deveria ser cruel com as crianças? Deveria ameaçar Sam? Cortar o cabelo de Laura Beth? Isso a faria rir em lugar de chorar?

Viu-se obrigada a rir.

— Não, é absurdo. Não quis dizer isso precisamente. É que você se comportou de um modo tão inesperado. É mais do que eu... Pelo que nós merecemos.

— E não entra na sua cabeça, não é verdade?

— Sim. Lamento ter umedecido sua gravata.

— Está perdoada. E há outra coisa. As crianças necessitam um instrutor. Decidi que não devem entrar em Eton até o próximo ano. O instrutor que tenho em mente é o terceiro filho de um vigário que vive graças a mim. Na verdade, é o irmão mais novo de Tilney Jones, meu advogado. Acaba de terminar seus estudos em Oxford e está livre por uns meses. Também cuidará que as crianças façam exercícios. Dei-me conta hoje que Theo está muito pálido, e quando não estiver comigo, então...

— Você decidiu?

Knight terminou abruptamente seu monólogo e olhou à formosa Lily. Ela também estava pálida, não pela falta de exercício, mas sim pelo aborrecimento que causava sua

prepotência. Continuou com mais humildade, com a serenidade de um homem acostumado aos privilégios e o cérebro de um diplomático.

— Na verdade, se você permitir, pode vir aqui na próxima segunda-feira. Se não gostar, então o esqueceremos. Além disso, necessitamos recondicionar o segundo piso, assim as crianças têm seu próprio lugar para brincar. Necessitam seus próprios quartos, uma área para eles. Você e eu nos reuniremos com o arquiteto e...

— Por que faz tudo isto? Não o entendo!

Knight viu sua confusão e a compreendeu. Para falar a verdade, sua própria confusão ante semelhante comportamento era muito maior.

— Não sou o asqueroso Arnold, Lily — disse com calma. — Não tenho intenção de seduzi-la nas escadas. Não tenho intenção de tratar de ganhar seus favores em minha cama sendo agradável com as crianças de Tris.

— Mas por quê?

— Sabe uma coisa? Se tiver que lhe ser sincero, não tenho a menor ideia. Agora gostaria de um pouco de sobremesa? Talvez um pouco de bolo de ameixas?

Lily negou com a cabeça.

— Então podemos passar à sala. Eu gostaria que tocasse algo para mim. Você sabe tocar, não é verdade?

— Estou fora de prática.

— Não posso imaginá-la tropeçando com seus dedos até o ponto de não poder suportá-lo.

— É muito otimista, senhor.

— Agora, no que diz respeito ao arquiteto, pode vir amanhã, se você estiver de acordo.

Lily se inclinou para frente, e Knight viu que seu punho direito estava pressionando a mesa perto de seu prato.

— Não quero que... Transtornemos toda sua vida, ao menos mais do que já o temos feito. Não quero que se sinta obrigado a quebrar paredes e construir outras novas. Estou tentando manter as crianças tranquilas e longe de você. Não quero que se sinta em débito...

— Há muitas coisas que quer Lily. Uma vez houve uma área para crianças no terceiro andar desta casa. Agora são os quartos dos serventes. Não quero deslocá-los. Mas no segundo andar há muitos quartos sem uso. Faremos o que pudermos. Atrever-me-ia a dizer que vou adicionar valor à propriedade se alguma vez no futuro, algum de meus herdeiros decidir vendê-la. Além disso, não sinto que deva fazer algo. Só faço o que quero. Terminamos com isto de uma vez?

Lily o olhou.

— Você não quer bolo de ameixas, senhor?

— Knight, por favor, e não.

— Eu gostaria de escutá-la viajar um pouco por Beethoven.

Lily estava fora de prática, mas tocou o suficientemente bem para que Knight relaxasse. Ele não virou as páginas. Sentou-se em frente ao piano para observar seu rosto enquanto tocava. Desejou que fosse uma bruxa. Desejou que tivesse o temperamento de uma vendedora de pescado. Desejou que as crianças fossem uns pirralhos malvados. Ainda não tinha quarenta anos. Faltavam treze anos. E ali estava Lily. Franziu o cenho. Tinha sido a esposa de Tris e agora era sua viúva fazia um mês mais ou menos. Estava chorando seu marido morto. Que diabo fazia pensando assim, pelo amor de Deus?

Levantou-se de repente quando ela chegou ao final do terceiro movimento da Sonata em Dó maior.

— Vou sair Lily. Obrigado. Vê-la-ei amanhã. — A plena luz do dia. À luz das velas queria violá-la.

Lily se levantou depressa, mas não com a suficiente rapidez. Ele foi embora.

Havia dito algo errado? Tinha desafinado tanto? Abandonou a sala e subiu para o seu quarto. Eram só nove da noite. Ainda tinha tempo de brincar com Theo e Sam. Laura Beth tinha dormido há muito tempo, esticada, Lily sabia, no meio da cama.

Dois dias depois, Knight Winthrop, oitavo visconde de Castlerosse, foi nomeado tutor legal dos três filhos de seu primo.

Capítulo 7

Boy nunca tinha estado em Londres. Sentiu-se imediatamente como em sua casa. Depois de tudo, falava-se inglês. Era um presente depois de ter passado pela França e Bruxelas com todos esses sapos que emitiam melindrosos sons estranhos.

Monk, um homem de Londres, levou-o para ver todas as suas antigas guaridas no mole e juntos desfrutaram dos aromas dos becos miseráveis e descobriram as fumaças asfixiantes dos botequins.

— Temos tempo, Boy — disse Monk enquanto baixava uma enorme moringa de cerveja morna. — Encontraremos esse maldito cavalheiro o quanto antes e, com ele, a queridinha de Tris, não duvide. Faremos isto como uma espécie de cortesia. Sim senhor, te mostrarei toda a minha cidade.

— Sim — afirmou Boy. Tratou de imitar as ações de seu amigo, mas terminou tossindo até expulsar seus pulmões. — eu adoro Londres.

— Faz muito tempo que não venho— adicionou Monk e piscou um dos olhos a uma triste empregada. — Muito tempo.

— Cidade maravilhosa, Londres.

— Ah, sim. Lá pelo ano 02, acredito que foi, era ainda mais linda. Eu apenas me levantava do chão e um maldito guarda me segurou com as mãos no bolso de um mercado. Espancou-me, é obvio. Mamãe tinha morrido então e isso me trouxe má sorte. Encontrei-o em Liverpool, lembra-te? Logo fomos para a França, mas antes roubamos essa dama que não me lembro como se chamava em Dover.

Continuaram com as lembranças, pediram mais cerveja para beber, e logo Monk e Boy dormiam no esplendor de sua bebedeira, completamente ignorantes de onde se encontravam.

Boy quis conhecer todos os lugares de interesse, em particular a Torre de Londres, e Monk, que se sentia no controle dos seus destinos e cheio de uma graciosa bondade, levou seu amigo para ver o lugar onde a encantadora lady Jane Grei tinha perdido sua formosa cabeça. Em geral, evitaram a Rua Bow.

Julien St. Clair, o conde de March, sentou-se ao lado de Knight na sala de leitura do White's.

— Há rumores, Knight — disse sem preâmbulos. — Muitos. Provavelmente porque estávamos tão ocupados tomando sorvete, não nos detivemos para pensar em quão tolos podiam estar nos escutando. Alguns, com sorte, até tiveram a fortuna de vê-los todos vocês no Pantheon Bazaar.

Knight tinha baixado com lentidão a Gazette e olhou para seu amigo com olhos sombrios.

— Entendo. Por favor, continue Julien.

— Sabe que odeio ter que te dizer isto, mas Lily é, naturalmente, seu amor, e a pequena Laura Beth é, obviamente, sua filha. É uma desgraça que tenha o cabelo quase tão negro como o teu.

— Não tinha me dado conta, mas acredito que tem razão — refletiu Knight, com um sorriso divertido em seu rosto. — Seus olhos são de um azul muito escuro entretanto, nada parecidos com os meus.

— Suponho que as fofocas não chegam a te conceder a paternidade das três criaturas. Depois de tudo, o mais velho tem nove anos, não é verdade? Teria que ter tido um grande poder aos dezessete anos para ser seu pai.

E Lily teria os teria aos dez anos, pensou Knight. Não o disse em voz alta. Não queria que Julien soubesse que seu primo se casou com uma menina de quinze anos e a tinha deixado grávida imediatamente. Continuou escutando seu amigo. É certo que se inteirou de alguns falatórios e que tinha comprovado que antigos conhecidos o saudavam

com frieza, mas tinha ignorado tudo isso. Era absurdo, ninguém tinha feito nada de errado, não podiam incomodá-lo com semelhantes idiotices. Entretanto, se Julien estava o suficientemente preocupado para vir vê-lo e lhe contar é sinal que as coisas andavam mal. Mais que mal. Logo se tornaria intolerável. Amaldiçoou em voz baixa.

— Estou de acordo — disse Julien. — Divulguei a verdade, assim como todos os nossos amigos, mas você conhece as intrigas. — encolheu os ombros. — É como uma roda que ganha velocidade quando vai barranco abaixo. Por desgrça, não há um escândalo mais suculento neste momento, então todos falam do teu até que por fim apareça um novo. — Julien sorriu. — Nunca vi minha esposa tão enfurecida. Acreditei que ia insultar, com uma linguagem pouco digna de uma dama, lady Gregorson na outra noite em um recital no Ranelaghs. Foi uma experiência terrível, por outra parte. Por sorte perdeu isso. Uma soprano de Milão que nos matou aos gritos.

— Acredito que devo enviar Lily e as crianças a Castle Rosse. Já sou seu tutor legal, de modo que o asqueroso Arnold não poderá levar a cabo nenhum plano nefasto que tenha preparado para ela.

— Vi o anúncio na Gazette. Só provocou mais furor, como imaginará. — O conde, que sabia da tentativa de ataque de Arnold no Pantheon Bazaar, perguntou enrugando um pouco a testa — Está seguro de que o fulano sabe ler?

— Julien, informo-te que o querido Arnold é um latifundiário de primeira ordem. Sua esposa é minha prima, infelizmente. Bem, obrigado pelo que me disse, mas...

— É obvio— interrompeu Julien— já sabia das línguas de cobra.

— Sim, mas é pior do que pensava. Não levei Lily a nenhum baile, nem a nenhum recital só porque está de luto pela morte de seu marido, e não gosta de deixar as crianças sozinhas. — Knight sorriu. — Tem medo de que Sam tampe todas as lareiras com nossas camisas de dormir e nos obrigue a sair tossindo no meio da noite.

— Você não usa camisa de dormir.

— Seria uma vergonha maior, tenha a plena segurança.

— Lily é uma formosa mulher. Se fosse mais vulgar, não teria gerado estas intrigas.

— Sei. — Knight fez uma pausa e ficou a jogar com seus dedos. — Isso é o mais estranho. É desconcertante, em particular, para um homem que passou tantos anos na cena social londrina. Penso que me envolveram em todos os planos, todas as maquinações que as férteis mentes das mães casamenteiras pudessem inventar. É obvio, você tinha o mesmo problema até que conheceu Kate.

— É verdade, mas não até este ponto. Deve enviá-los a Castle Rosse?

— Que diabo posso fazer se não?

Julien examinou por um momento suas unhas bem cuidadas.

— Suponho que poderia te casar com Lily.

Isto sim era incrível, pensou Knight com a boca aberta. Olhou ao conde de March como se tivesse perdido sua capacidade de raciocinar assim como seus ouvidos e seus dentes.

— Não tenho quarenta anos — disse Knight com lentidão, modulando cada palavra. — Tenho vinte e sete. Ainda ficam treze anos de liberdade antes de... Fazer... Semelhante coisa.

— Diz-se casar-se Knight — demarcou o conde. — Era só uma sugestão, companheiro. Não há necessidade de falar tão lento como se fosse meio idiota.

— Contratei um instrutor para as crianças. — Knight fez uma pausa de novo. Logo adicionou — Na verdade se trata de John Jones. Virá para que Lily o entreviste na segunda-feira.

— Então, ele os acompanhará a Castle Rosse?

— Suponho que sim.

Mas Julien sabia que esse instrutor que ainda não tinha sido contratado nunca se encarregará de Lily ou das crianças, não se Knight tinha voz e voto no assunto, e era óbvio que tinha. Esta seria uma situação completamente imprevisível e bastante divertida se não

fora pelas intrigas. Julien não podia imaginar, depois de ter conhecido Lily, que Knight saísse dela como entrou. Cada vez que o comentava com sua esposa, Kate, ela sempre terminava estalando em gargalhadas, e conseguia dizer entre soluços:

— Pobre Knight! Escreverei uma peça de teatro sobre ele. O homem ardiloso que jurou e perjurou com palavras grandiloquentes que um homem sábio nunca se casava antes dos quarenta anos e então só o fazia para conseguir um herdeiro. Ah, não, nada tão parvo para Knight Winthrop! E agora tem vinte e sete anos e é o padrasto de três crianças. Ah, é maravilhoso. O Final Esperado do Homem que Protestava Muito: esse seria o título de minha obra.

— Seu novo instrutor... Certamente se tornará louco de amor por ela, Knight.

Knight parecia muito sombrio. Logo depois de refletir um momento, suspirou.

— Sim, sei que o fará, só não faria se fosse idiota ou cego, que não é o caso. — Voltou a suspirar. — Alguma vez ouviste falar de uma mulher instrutor?

Julien começou a rir.

— Então, você estaria com problemas, meu amigo. Apaixonar-se-ia por ti.

— Oh, vá pro inferno, St. Clair. — Julien se levantou de sua cadeira e Knight o deteve. — Obrigado por me contar. Farei algo. Devo proteger Lily e as crianças.

Julien o olhou com a cabeça inclinada e partiu.

Embora resultasse estranho, foi o dia de campo em Richmond a manhã de sábado, que Knight decidiu que Lily e as crianças deviam ir a Castle Rosse. O quanto antes, melhor. Para todos.

Para finais de outubro, o tempo estava incomumente quente, o sol brilhava com força e só uma débil brisa brincava com os cabelos. As crianças estavam muito excitadas. Depois de muita discussão, Knight permitiu que todos fossem a cavalo; Lily insistiu que ela podia levar Laura Beth e Czarina Catherine diante dela. Charlie, o servente, e Lucy, a assistente de Cuthbert, viriam atrás na carruagem com todo o necessário para a excursão.

Knight alugou um pônei para Sam e comprou uma égua vivaz para Lily. Não disse que a tinha comprado para ela, só deu de ombros quando ela viu o animal no estábulo no sábado pela manhã. Se ela queria tirar a conclusão de que a égua tinha sido alugada como o pônei de Sam, não era problema dele.

— Ah, é divina! Seu nome é Violet? Formoso, não é verdade, minha menina? Não, não tenho uma cenoura, mas irei procurar uma neste momento. — voltou-se para Knight, quase dançando de entusiasmo. — O que faz você com uma dama tão fina em seu estábulo, senhor?

Então, não tinha tirado a conclusão de que a égua era alugada. Ele não disse nada. Não era tão estúpido para abrir a boca e pôr o pé nela. Olhou-a com um desejo desconhecido. Seu traje de montar tinha vários anos de uso, mas tinha um bom corte e era de bom material. Era de cor azul Royal e enfatizava seus seios plenos e sua magra cintura. O desenho era severo exceto pelo pequeno chapéu de montar adornado com uma pluma de avestruz que caía na lateral do rosto. Pendurada em um de seus braços, estava à formosa capa com pescoço de arminho que já tinha visto antes.

No que se referia a Sam, o menino tinha aprovado seu pônei, embora Wicket, o cavalo de Theo, protestou com vigor que ele não era um menino pequeno, depois de tudo. Laura Beth só sorria a todo mundo com o polegar na boca. Quando chegou o momento de montar, a menina esticou os braços para Knight.

Ele a olhou, perplexo.

— Quero ir contigo — disse Laura Beth com uma voz inocente que não deixava lugar a discussões.

Lily riu um pouco desconcertada. Não olhou Knight.

— Você, minha querida e pequena peste, vais cavalgar comigo. Tem medo de que não possa te sustentar, Laura Beth?

— Não, mamãe, mas Knight é meu homem especial, meu primo especial.

— Sou seu único primo.

Este fato não incomodou Laura Beth ou a sua lógica. Feliz, Colocou o dedo na boca. Lily engoliu com dificuldade.

— Mas não podemos incomodar seu primo Knight, meu amor. É muito gentil de sua parte que nos dê de presente este dia de campo. Não queremos que sinta que está aqui para nos servir. Cavalgará comigo. Vem aqui, agora.

— Não me incomoda. Dê-me ela Lily — escutou Knight dizer.

Lily o olhou. Parecia confundido pela oferta que acabava de fazer. Ela ficou em silêncio um momento, esperando que voltasse atrás. Mas não o fez.

— Está seguro, senhor?

— Meu nome é Knight, Lily, e sim. Dê-me à pequenina.

— Por que pequenina? — quis saber Laura Beth.

Knight se agachou um pouco, arranhou a ponta do nariz dela e a levantou em seus braços.

— Porque é menor, uma coisinha.

— Meninas — protestou Sam enquanto Charlie oferecia um empurrão para subir no seu pônei, um castanho um pouco gordo chamado Darby. Theo sorriu com bondade ao ver o desfile.

— Se cansar-se dela, senhor — disse Theo — eu a levarei. É só uma menina pequena.

— Vou sobreviver, Theo. — Montou com facilidade apesar de levar Laura Beth erguida em um de seus braços. Logo a depositou diante dele. — Em marcha, tropa.

Nem bem deram a volta na esquina da Rua Oxford, Knight teve que deter-se para que passasse uma carruagem rápida. Levava a glacial condessa de Bormaine e à senhora Frazier, uma mulher briguenta e de língua afiada que tinha conseguido localizar-se nos mais altos degraus da sociedade, provavelmente mediante algum tipo de chantagem. Ao menos isso era o que Knight pensava.

— Oh, olhe, minha senhora — escutou que dizia aos gritos a senhora Frazier. — Juro que se trata de sua senhoria e de sua querida família. Como vai Lorde Castlerosse!

Knight não teve mais alternativa que parar seu cavalo com cuidado para que as crianças e Lily fizessem o mesmo. Seu braço aferrou Laura Beth que protestou.

— Fique quieta, pequena — sussurrou e sem querer a beijou na cabeça.

— Que doce! — disse a senhora Frazier. — E olhe, juraria que essa é a encantadora viúva. Ela está vivendo com você, não está? Sem nenhuma mulher mais velha na residência, pelo que eu saiba.

— Senhora Frazier, lady Bormaine, apresento a senhora Winthrop, a viúva de meu primo e seus três filhos.

As duas mulheres passavam os olhos dele para Lily, percebendo sua beleza, a riqueza de sua capa de arminho — sem dúvida um presente do visconde a sua amante— e a égua, bastante cara, que está montando.

— Isto vai além do passível — disse em voz alta a senhora Frazier cobrindo apenas a boca com uma mão enluvada.

— É uma desonra — adicionou a condessa em um sussurro igualmente audível. — Sua querida vestida como uma dama!

O chofer, depois de dar um olhar de comiseração a Knight, pôs em marcha a carruagem. Knight sentiu que tinha as mandíbulas rígidas, tão furioso estava.

— Está me machucando!

— Sinto muito, Laura Beth — disse automaticamente e soltou um pouco à menina.

— Penso — refletiu Theo, enquanto via afastar a carruagem— que foram bastante mal educadas. Tem algo de mal uma querida? Não o entendo, primo Knight.

— Esqueça-as, Theo. Gente estúpida e malvada, isso é o que são e não têm nada a ver conosco.

Knight deu a volta para olhar Lily. Estava tão pálida como o arminho branco de sua capa. Também estava furiosa; Knight podia ver o pulsar da veia do pescoço, suas mãos estavam fechadas em punhos nas rédeas.

— Sinto — disse simplesmente.

— Ai! — gritou Laura Beth.

— Fica parada, pequenina. Disse que era seu homem especial. Deve tolerar minhas extravagâncias.

— O que são extravagâncias?

— Minhas peculiaridades, neste caso minha estupidez sem limites. Agora, sigamos para Richmond.

Assim fizeram. Lily não disse uma palavra. Laura Beth se balançava e ria, e Knight estava muito ocupado tratando de que a pequena se mantivera em cima do cavalo, e ele também.

Por sorte, pensou Knight quando chegaram ao caminho principal que levava a Richmond, Sam estava tão excitado que não tinha escutado nenhuma palavra. Graças a Deus. Podia imaginar Sam ameaçando esbofetear às duas damas, embora essas duas velhas bruxas merecessem.

O dia foi ficando mais quente, o sol brilhava com todas suas forças. Knight viu que Lily tirou a capa e a colocou sobre a cadeira. Ele correu para se abrigar com Laura Beth. Ela ria e se sacudia com suas tentativas desajeitadas.

— Cale-se, Laura Beth, e ajude seu primo Knight!

— Está bem, Theo — disse Knight quando obteve por fim que o braço da menina saísse da manga. — Sou maior e a lógica indica que devo prevalecer.

— Não conhece Laura Beth — disse Sam, olhando para os lados. — É uma boba e uma chata.

— Ao menos ela não assusta Betty com uma asquerosa massa de pão na escuridão — o repreendeu Theo com voz pedante.

Sam parecia disposto a dizer algo completamente fora de lugar a seu irmão quando Knight se apressou a levantar a mão.

— Basta todos. Olhemos a paisagem. A nossa direita está o Tamises. Tem muito lodo, mas é inglês, portanto nosso, e devemos apreciá-lo. Sam cuida de seu pônei.

Lily tratou de relaxar. Conseguiu em parte. Viu como Knight cuidava das crianças, sabia que era um trabalho exaustivo. Mas ele estava fazendo com uma habilidade inesperada. Mas não podia dizer nada. Essas duas horríveis mulheres tinham pensado — não, acreditavam de verdade, porque a tinham chamado querida — que ela era a amante de Knight. Sua prostituta. Sacudiu-se de indignação. Mas por quê? Pelo amor de Deus, havia três crianças. As mulheres acreditavam que eram filhos de Knight? Impossível. Era muito jovem. Dela. Ainda mais ridículo.

Era mais que ridículo. Era espantoso. Estava furiosa, não só pelo insulto para ela, mas ainda mais pelo insulto para Knight. Ele não tinha feito nada para merecê-lo. Era tão inocente de qualquer coisa desagradável que queria lançar inventivas aos céus.

— Mamãe, o que acontece?

Lily conseguiu simular um sorriso para Laura Beth.

— Nada, meu amor. Pare de se mexer para um lado e para outro, ou Knight te deixará cair. Ele pode ser seu homem especial, mas não disse nada que você fosse sua menina especial. Pode te jogar no Tamises.

Laura Beth olhou Knight, tirou o dedo da boca e perguntou:

— Jogar-me-ia no Tese?

— Em um instante, se não me obedecer.

— Ah. — depois deste breve comentário, Laura Beth colocou o polegar na boca, abraçou Czarina Catherine e a apertou contra seu peito, e olhou com grande interesse o rio.

Trinta minutos mais tarde chegaram a um pequeno parque encantador, perto do rio. As crianças se apressaram a desmontar para jogar pedras no rio, Laura Beth pediu pão para os ruidosos patos e Lily não pronunciou palavra. Seus movimentos eram rígidos, duros, furiosos.

Logo chegou a carruagem. Ajudou Charlie e Lucy, de algum modo para sua consternação, colocar a formosa toalha de linho branco sobre a erva.

— Vá brincar com Laura Beth — disse Knight. — Necessita que a controlem.

Lily obedeceu imediatamente.

Knight a seguiu com o olhar, perguntando-se que diabo devia dizer. Ele também estava furioso. Deus tinha sido parvo por não ter tomado medidas apropriadas para protegê-la.

O almoço em si mesmo foi exaustivo; isso é o que pensava Knight ao observar à contínua e crescente devastação. As crianças comeram como se fosse sua última comida ou a primeira em anos. No que diz respeito à Laura Beth, provou tudo, deixando miolos e pedaços empilhados ao redor de seu prato. Lily a repreendeu, ameaçou-a, lisonjeou-a. Finalmente, para surpresa de todos, ficou de pé em seu salto, colocou as mãos na cintura, e disse com a voz mais aguda que ele poderia imaginar:

— Todos vocês, parem neste mesmo momento! Escutaram-me? BASTA!

Três pares de mãos ficaram congeladas imediatamente. Estava pálida, suas mãos tremiam ligeiramente.

Knight, que na realidade estava desfrutando das loucuras das crianças, também olhou surpreso para Lily. Estava muito zangada.

— Theo, Sam, estou envergonhada de vocês. Knight nos está brindando um magnífico almoço e vocês estão atuando como... Condenados! Certamente deve acreditar que ninguém os educou, que não conhecem boas maneiras! Por favor, comportem-se! — Parecia que ia dizer algo mais, mas não o fez. Deu meia volta e fugiu.

— Meu Deus! — gritou Lucy.

— Mamãe!

— De certa forma parecem uns condenados — disse Knight com a voz mais serena que pôde encontrar — embora nunca visse pessoalmente a nenhum. Cuidem suas maneiras e fiquem aqui. Irei ver Lily. Lucy, Charlie, cuidem deles!

Knight a alcançou com rapidez, pois sua direção era errática e logo ficou cercada pela margem do rio.

Não tentou tocá-la. Ela estava soluçando; tinha os ombros caídos e os braços se atavam a seu corpo. Knight sentiu ódio por essa dor causada por umas bruxas malvadas.

— Lily — disse finalmente com voz calma.

Em meio de seus soluços, viu que erguia os ombros. Soube que estava tentando recuperar sua compostura.

— Gritei com as crianças e eles só estavam se divertindo — disse com uma voz apagada, carregada de culpa.

— Sim, é verdade. E o que? Garanto que vão sobreviver. Não pode ser sempre a senhorita Perfeita, Lily.

— A senhora — corrigiu Lily.

Knight sorriu.

— Isso é muito melhor. Tome meu lenço. — O alcançou para que não tivesse que dar a volta e enfrentá-lo ainda.

— Obrigada.

— De nada. Agora, por que não fazemos uma caminhada e falamos disto?

— Não há nada que dizer! Você as viu e as escutou! Eu sou sua querida, sua prostituta! O mau já foi feito e parece que sou a responsável! Vou, devo ir. Agora que você é o tutor legal das crianças, estão seguras. Irei pela manhã e tudo voltará a estar bem em sua vida.

— Que idade disse que você tinha?

Deu volta seu rosto para ele com uma expressão de absoluta confusão.

— Tenho quase vinte.

— Para alguém que alcançou uma idade tão avançada, mostra sinais notáveis de estupidez.

— Não é certo! Escute Knight, as crianças agora estão a salvo. Na verdade não me necessitam, assim posso ir. Talvez logo possa me mandar Laura Beth.

— Sempre pensei que os mártires são insuportáveis.

— É por isso que sempre são queimados na fogueira ou ocorrem outras coisas terríveis. Essa é a razão porque são mártires.

— Bom ponto. Você me faz esquecer minha lógica. De todos os modos, você é insuportável, Lily. Não deixará as crianças. — Não me deixará. — Este ato de maldade que presenciou foi uma situação desafortunada. Foi minha culpa, não dela. Eu sabia o que estava acontecendo. Você não tinha a menor ideia. Agora, isto é o que lhe proponho.

— Não quero escutar nenhuma proposta de sua parte! — A ambiguidade a surpreendeu de repente e seu rosto se inflamou de cor. Deu meia volta e saiu correndo, aproximando-se mais à borda.

Knight a observou um momento e começou a andar atrás dela. Esperava que Sam não estivesse observando esta maravilhosa atuação, se não, o pequeno poderia pensar que Knight estava atacando sua mãe.

— Lily, está me cansando e acredito que desfruta com isso — gritou. — Termine com estas tolices! Pare de correr! Pare e ponto! — Assim o fez, debaixo de um salgueiro. — Assim é melhor.

Lily o olhou e logo explodiu.

— Não posso ficar aqui e ver como destrói sua reputação, tudo por minha culpa e das crianças. Compreende-me? Não posso permitir.

— Não pode, né? Muito bem, então. Isto é o que faremos. Você e as crianças irão para Castle Rosse. É minha residência de campo em Dorset, nem sequer a um dia de viagem de Londres. Depois que entrevistar John Jones, tudo ficará arrumado. Está bem?

— Não.

Knight nunca tinha tido uma mulher que contradissesse seus desejos, não desde que sua mãe tinha partido para climas mais celestiais muitos anos atrás. Olhou-a, desconcertado.

— O que?

— Não, não o farei. Não se sacrificará por nós.

— Notável— disse Knight, mais para si mesmo que para ela. — Não pensei que fosse tão cabeça dura, Lily. Na verdade, acreditava que era bastante maleável. Pensei que como se casou com Tris quando você era apenas uma menina, ele a teria moldado e transformado em uma criatura mais submissa.

— Tris não acreditava em moldes — disse Lily, levantando o queixo. Isso acreditava, na verdade. Ele queria tanto casar-se com ela que nunca tinha mostrado nenhuma característica masculina dominante. Ela sempre tinha assumido que todos os homens queriam governar um reino, qualquer que fosse seu tamanho, nem que fosse só uma mulher. Seu pai tinha governado com mão de ferro, até que tiveram que deixar a Inglaterra. Era estranho como ela se converteu então na mandona. Não tinha pensado nesses termos até agora. — Ele queria que eu fosse feliz, isso é tudo — adicionou consciente de que Knight não deixava de olhá-la.

— E foi? Digo feliz?

Lily não pôde encontrar resposta. Nem sequer pôde assentir com a cabeça. Ficou ali, com os dedos arrancando a casca de um carvalho, sentindo-se estúpida e indefesa e completamente inútil.

Knight suspirou.

— Muito bem, Lily, isso foi impertinente. Volte para a excursão antes que Sam me ataque por assaltar sua mãe. Falaremos disto mais tarde.

— Não mudarei de opinião, Knight.

— Fará o que eu digo.

Lily se encolheu de ombros. Que delirasse, desvairasse e seguisse adiante. Não importava. Aprenderia que ela era tão obstinada como ele. Não deixaria que ele arruinasse sua reputação, o nome de sua família, perdesse todos seus amigos, só por ela.

— Tenho fome — disse e caminhou de retorno para o piquenique.

— Bem, isso indica que está voltando para um estado mental mais equilibrado.

Ocorreu a Lily depois da meia-noite quando estava acordada em sua cama que, talvez, tinha reagido excessivamente depois do encontro com essas duas mulheres. Talvez fossem só dois em um montão. Tinha que pensar nisso.

Pela manhã, entretanto, cavalgando no Hyde Park com Sam, Theo e Laura Beth, descobriu que nem sequer tinha começado a conhecer a extensão do dano à reputação e ao bom nome do visconde.

Capítulo 8

Como no dia anterior, a manhã de domingo continuou formosa e quente; o sol brilhava como se nunca tivesse conhecido as nuvens negras. Era tão incomum para fins de outubro que só os parvos podiam ficar dentro de casa. Ao menos isso era o que estavam dizendo os serventes e Lily esteve de acordo com eles. Mandou dizer no estábulo que as crianças e ela iriam cavalgar. Parecia que Knight já tinha saído. Perguntava-se se teria ido cavalgar. Perguntava-se, também, onde tinha estado à noite anterior. Quando retornaram de Richmond, tinha-a saudado com cortesia e tinha partido.

Esta manhã se sentia mais animada, mais otimista, disposta a enfrentar qualquer um ou a qualquer adversidade. Na verdade, tinha reagido excessivamente no dia anterior. Fez todos se sentirem miseráveis só porque duas mulheres muito mal educadas não tinham nada mais importante que fazer que destruir alguém importante.

Cantarolava uma melodia enquanto vestia Laura Beth. Escutou atentamente Theo enquanto contava as milagrosas propriedades de uma raiz chamada omayá. Inclusive as queixas de Sam.

Pelo autoritarismo de Theo não mereceu mais que uma suave reprovação de sua parte.

— Tenho seis anos — declarou Sam indignado. — Não necessito que Theo me diga como dobro minhas camisas. Papai teria dito que fosse dar ordens às formigas, mamãe!

Isso, pensou Lily, provavelmente era correto. Tris tinha o costume de zombar de Theo por ser tão adulto. Entretanto, as camisas de Sam eram um desastre. Encolheu-se de ombros, tal era seu excelente estado de ânimo.

Deu aos dois, a Sam e a Theo, firmes instruções quando chegaram à porta do parque.

— Fiquem comigo ou se não voltaremos para casa imediatamente. Prometem?

Prometeram, mas Lily sabia que Sam se esquecia das promessas com muita rapidez.

Havia poucos cavaleiros no Hyde Park essa manhã e todos eram cavalheiros. Roçavam a asa de seus chapéus quando passavam. Um homem deteve seu cavalo, olhou Lily um momento, logo suspirou dramaticamente, com a mão sobre o coração.

— Imbecil!

— Sam! Onde escutou isso?

Para sua surpresa, Theo encheu o incômodo silêncio.

— Bom, mamãe, tem razão, não é culpa dele. Os moços do estábulo do primo Knight falam todos assim. Mas o assunto, mamãe, é que esse homem era um estúpido. — Theo fez uma pausa e inclinou a cabeça como estava acostumado a fazer Tris. — Você é o problema, mamãe.

— Eu?

— Sim — respondeu Sam enquanto lhe dava um olhar crítico. — É muito bonita. Os homens não podem evitar olhar e atuar como... Imbecis.

— Imbecil — repetiu Laura Beth com clareza.

Lily os olhou e começou a rir.

— São do pior... Extraordinários! Laura Beth, não repita isso de novo. Não é agradável. Basta já; galopemos um pouco.

Estavam desfrutando imensamente até que Lily viu que uma égua castanha se aproximava. Sobre a égua ia uma moça, bastante bonita, de uma exótica pele escura que fez Lily pensar que era francesa ou italiana. Atrás dela cavalgava um cavaleiro montado em um animal completamente branco. Sua expressão era insossa, suas maneiras pareciam

distantes. Era mais velho, teria uns quarenta anos, belo, supunha se não fosse pela frieza de seus olhos, de um cinza invernal. Reconheceu os sinais de dissipação; tinha convivido com eles durante muito tempo no rosto de seu próprio pai. Não sorria, só fixava sua vista na dama que o acompanhava e Lily alternativamente e esperava em silêncio.

— Você é a senhora Winthrop, não é? — perguntou a jovem mulher sem sorrir nem franzir a sobrancelha.

— Sim, sou eu. Estes são meus filhos — adicionou Lily, assinalando com a mão Theo e Sam.

Para surpresa de Lily, a dama não se apresentou. Nem tampouco o cavalheiro. Os olhos escuros da mulher se estreitaram e Lily adotou uma postura defensiva. Por que, não estava segura, mas não faltou muito para que se inteirasse, e foi espantoso.

— Você é a prostituta de Knight Winthrop, e me assombra que fique aqui, em sua própria casa, com seu montão de pequenos bastardos, enquanto ele é condenado ao ostracismo. Os rumores aumentam, e logo todos os cavalheiros e damas com moral em Londres não falarão com ele. Você é desprezível, senhora. Tome a seus pirralhos e vá de Londres.

Lily viu tudo vermelho.

— Como se atreve! Nada disso é verdade, nada!

— Não vou ficar tranquila vendo como destrói um homem que todos admiram! Miserável prostituta! — A dama enviou um olhar de desprezo que abrangeu todas as crianças, cravou os calcanhares nas laterais de sua égua, e saiu correndo. Depois de um momento, Lily viu que o cavalheiro não tinha saído a galope atrás dela. Estudou o rosto furioso e avermelhado de Lily e disse depois de um longo momento:

— Se quer deixar lorde Castlerosse, querida, estaria encantado de recebê-la. Sou um homem generoso e me encarregarei de que seus bastardos estejam bem alimentados, se você me agradar.

Lily o olhou sem poder acreditar no que estava escutando.

Quando partiu, correntes de palavras saíram de sua boca, mas era muito tarde. Calou-se, consciente de que Sam e Theo estavam em silêncio em suas montarias, tão rígidos como estátuas.

Laura Beth tirou o polegar da boca e anunciou:

— Acredito que vou jogar essa mulher à Tese.

— Mamãe, ela não é mais que uma maldita cadela! — Sam parecia preparado para cuspir pregos. — Como se atreve a nos dizer coisas assim!

— E o que me diz desse miserável? — Theo estava furioso Lily pestanejou ante esta mostra incomum de irritação. — O que quis nos dizer ao nos chamar bastardos? Não somos bastardos!

— O que quer dizer bastardo? — perguntou com acanhamento Laura Beth.

— Oh, fecha essa boca grande, Laura Beth!

— Bom, Theo, já passou. Ele e a... a mulher estiveram muito mau, mas não voltaremos a vê-los. — Era estranha quão tranquila soava. Lily supôs que na verdade tinha estado esperando que outro sapato caísse, por assim dizer. O sapato tinha caído... E cem pares de botas com ele.

— Ele é o bastardo — disse Sam, levantando seus punhos ao casal que se afastava. — Não, nós.

— Mamãe — disse Theo com uma voz tão gentil como uma chuva da primavera. — Vamos Voltar para casa agora. Quero que esqueça o que disseram. Tudo foi uma tolice. Vamos.

Lily assentiu. Querido Theo. Reconheceu que tinha ficado completamente bloqueada pela comoção. Escutou que dizia algo a Sam, mas não pôde entendê-lo. Um momento depois, Sam limpou a garganta e disse:

— Sinto muito haver dito essa palavra, mamãe. Não o voltarei a fazer.

— Que palavra, amor?

— Cadela, mamãe.

— Oh. Obrigado, Sam. Mas quer saber uma coisa? Eu gostaria de segui-los e dizer exatamente o que penso deles.

— Atire-os ao Tamises!

Lily riu e Theo se sentiu relaxado. Rogou que o primo Knight estivesse em casa. Estava preocupado. Muito preocupado. Lily estava pálida como cera e sabia que somente poderia se manter na montaria. Gente má, muito má. Por que as coisas não podiam ser mais justas?

Knight estava em casa, mas Lily se antecipou a Theo e suas boas intenções. Ainda estavam no estábulo, preparados para retornar a casa, quando falou com tranquilidade e firmeza.

— Theo, Sam, nenhum dos dois mencione este incidente a sua senhoria. Prometem-me isso? — Theo pareceu perturbado. — Prometam-me!.

— Muito bem. Prometo-o.

— Sam?

Sam assentiu.

— Bem — disse Lily, abraçou-os e caminhou com eles até em casa, apertando a mão de Laura Beth entre as dela. Só Sam se deu conta de que dois moços do estábulo ficaram duros admirando Lily. Estúpidos. Ela era sua mãe, pelo amor de Deus.

Knight estava descendo as escadas quando Lily e as crianças entraram em casa. Fez uma pausa e cobriu com os olhos cada polegada de seu corpo em um breve instante. Algo estava errado.

— Onde estiveram? — Quis parecer curioso, mas escutou que havia certa preocupação em seu tom de voz.

Sam começou a dizer algo até que Lily deu um olhar que poderia havê-lo cozinhado.

— Só demos um passeio a cavalo pelo parque — interrompeu Lily. — Penso que agora tomaremos o café da manhã e logo nos vestiremos para ir à igreja.

— Mamãe!

— Sem protestos, Sam. Não vais converter-se em um pagão. Poderíamos usar a carruagem, senhor?

— É obvio — respondeu Knight. Tinha na ponta da língua o oferecimento para acompanhá-los a St. Paul, mas tinha um compromisso que não podia cancelar. — Vê-la-ei no jantar, Lily?

— Talvez — disse e se obrigou a sorrir.

— Eu agradeceria. Acredito que temos muitas coisas para falar.

Lily ficou muito pensativa o resto do dia. O sermão que deram no serviço foi o suficientemente erudita para permitir que sua mente vagasse com liberdade. Por sorte, Laura Beth a tinha deixado em paz. No momento da bênção, Lily tinha tomado uma decisão. Partiria, deixaria Knight, sua formosa e segura casa, e as crianças. Mas logo se deu conta de que não podia fazê-lo. Não podia deixar Sam, Theo e Laura Beth.

O que ia fazer?

Na verdade, uma tolice mudou sua forma de pensar. Essa noite Laura Beth quis que Betty a agasalhasse antes de dormir. Lily sentiu uma punhalada em seu peito, mas logo uma sensação de alívio. Podia estar separada da menina por um tempo. Laura Beth não sentiria saudades; tinha Betty, e Betty era uma moça de bom coração.

Lily escreveu uma carta a Sam e Theo. Mandou dizer ao visconde que tinha dor de cabeça e que não jantaria com ele. A propósito, remarcou que queria vê-lo pela manhã para discutir todas as coisas do mundo. A nota que escreveu a ele era muito mais curta. Ela percebeu que não sabia onde colocá-la. Ficou desconcertada em seu quarto, com o envelope nas mãos, e os olhos em branco. Ao final, rasgou-a. Saberá de sua partida por Sam e Theo.

Preparou uma valise. Às oito e meia da noite, deslizou pela escada dos serventes e se dirigiu à porta de trás. Escutou que Cuthbert, o cozinheiro, repreendia em gaélico à criada da cozinha, mas não viu ninguém. Caminhou depressa até a esquina da rua e chamou um carro de aluguel que acabava de deixar um passageiro. Disse ao condutor que a levasse a estalagem de Tottingham, onde ela e as crianças se alojaram na semana anterior. Só uma semana atrás! Parecia impossível. Pareciam anos, como se estivesse abandonando tudo o que amava e desejava no mundo.

O carro para Brighton estava programado para partir às dez e meia. Lily ficou na sala de espera, sem cuidar dos olhares dos homens. Sua expressão era tão proibitiva que a deixaram sozinha. Aceitou uma xícara de chá da esposa do hospedeiro e se transferiu a uma pequena mesa na esquina da sala de jantar.

Levou só meia hora para tomar consciência de todas as consequências de sua loucura.

— Oh, Deus, perdi a cabeça?

Uma mulher mais velha, com sua valise apertada contra o peito lhe dirigiu a palavra.

— Ei você, querida, tem algum problema?

Lily sacudiu a cabeça automaticamente. Tinha sido uma estúpida, uma imprudente... Tomou sua valise e se apressou a sair da estalagem. O pátio estava bem iluminado, mas não pôde ver carros perto. Saiu correndo do pátio para a esquina. E ali se encontrou com o asqueroso Arnold.

Knight franziu o cenho ante seu prato quase sem tocar. Não tinha fome. Queria ver Lily. Perguntava-se se estava doente de verdade ou só tratava de evitá-lo. Amaldiçoou os feijões.

— Senhor?

— Nada, Duckett.

— Senhor, a senhora Allgood me informou que Betty contou que a senhora Winthrop estava se comportando de um modo estranho. É óbvio que sua dor de cabeça influiu e...

Knight deixou seu prato de lado e fez um gesto para que Duckett se calasse.

— Não importa. A senhora Winthrop pode fazer o que desejar. No que refere a minha falta de apetite, diga ao Cuthbert que estou jejuando ou algo parecido. — Retirou o guardanapo de seu colo e ficou de pé. — Estarei na biblioteca.

Maldito Duckett e sua rabugice, Knight pensava enquanto caminhava pelo mármore branco do vestíbulo. Escutou o que parecia um rangido e levantou a vista para ver Betty que se segurava no corrimão da escada e trabalhava em excesso em descer, com o gorro sobre o rosto.

— Que diabo acontece?

— Meu senhor! Meu Deus, Meu Deus!

Tratou de manter a paciência.

— O que acontece, Betty?

— É Laura Beth, meu senhor. Está muito mal!

— Por quê?

— A senhora Winthrop, meu senhor! Se foi!

Knight ficou gelado.

— Aonde? — escutou que perguntava e se maravilhou de quão calmo parecia.

— Não sei! — Betty gritou com todos seus pulmões. — Se foi!

— Muito bem — disse. — Irei ver a menina.

Não tinha sentido, disse-se uma e outra vez. Betty estava equivocada. Provavelmente Lily estava agasalhando Sam e Theo. Ou estava lendo uma história. Ela estava... Não, estava doente. Apressou-se pelo corredor para o quarto e empurrou a porta.

Um candelabro estava aceso. Laura Beth estava sentada no meio da cama, com Catherine contra seu peito seu cabelo trançado caía sobre seus ombros, seu pequeno rosto estava avermelhado pelo pranto.

— Primo Knight! — atinou a dizer entre soluços enquanto ficava de joelhos na cama.

— O que é o que acontece pequenina?

Czarina Catherine caiu sobre a colcha imediatamente

Laura Beth levantou seus magros bracinhos e Knight, sem pensar, abraçou à menina contra seu peito. Laura Beth rodeou o pescoço com os braços e a cintura com suas pernas e ele sentiu que pressionava sua bochecha molhada contra a dele.

— Tudo vai estar bem, pequenina. Juro que tudo vai estar bem. Não chore mais; faz-me tremer os joelhos.

A menina começou a rir e terminou em um soluço. Knight a colocou na cadeira que estava diante do fogo que queimava preguiçosamente na lareira. Sentou-se, abraçando-a com força e balançando-a, sem se dar conta do que estava fazendo, agindo por instinto.

— Agora, me diga o que é isto de que sua mamãe não está aqui? — Devia parecer calmo, não devia alarmar a menina.

— Se foi — Laura Beth começou a soluçar e se segurou mais contra o peito de Knight.

— Eu a encontrarei — disse Knight com confiança, e tinha confiança. Lily apareceria na soleira da porta a qualquer momento. Ela se envergonharia que ele estivesse aqui em seu quarto, abraçado sua filha, mas ela...

— Se foi por causa dessa apavorante mulher — adicionou Laura Beth.

— O que? O que disse pequenina?

— Mamãe nos levou ao parque para cavalgar esta manhã. Tudo era lindo até que essa horrível mulher e um homem em um enorme cavalo branco nos detiveram. Eu quis jogá-la no Tese. Ela foi muito rude e mal educada e nos insultou e mamãe ficou muito mal.

— Que insultos? O que disse a mulher a sua mamãe?

Seu coração pulsava agitado. Tinha medo de escutar o que ia sair da boca da menina. Sabia, sabia o que seria.

— Disse que mamãe era uma prostituta e... Que eu, Sam e Theo somos uns bastardos e disse que você era um bom homem mas que a gente te mandaria ao orsta... À orquestra...

— Ao ostracismo?

Laura Beth assentiu e seu polegar encontrou o caminho de volta para sua boca.

Queria insultar até que a casa viesse abaixo, mas não podia, não com uma menina de quatro anos nos braços. Assim Lily, em um gesto de martírio, tinha fugido de cena, uma apocalíptica estupidez. Maldita seja por ser tão sensível! Não se dava conta de que ele podia se cuidar e podia cuidar dela e das crianças também?

— Laura Beth agora vamos ver Theo e Sam. Aposto que sua mamãe deixou uma carta.

— Por que a mim não?

— Porque não sabe ler, essa é a razão. Vem comigo agora.

A pequena era como um bonito alpinista, mas Knight não se dava conta. Disse que se mantivesse o mais calada possível e juntos entraram nas pontas dos pés no quarto de Sam e Theo. Em seguida descobriu uma carta apoiada na jarra de água que estava sobre a cômoda.

Desceu com a menina para a biblioteca. Segurou-a em seus braços até enquanto abria e lia a carta de Lily a suas crianças. Era o que tinha esperado. Desejou quebrar o seu pescoço.

Meus muito queridos filhos:

Seu primo Knight é agora seu tutor legal. Vocês o querem, sei, e ele os quer. Tratem de comportar-se bem e não o façam se zangar. Vou por um tempo até que os horríveis rumores cessem. Por favor, tratem de me entender. Não é justo que fique quando seu primo é tratado de um modo tão terrível por todos seus amigos. Por favor, me perdoem e tratem de me compreender. Os amo e quero que estejam seguros e felizes. Cuidem de Laura Beth. Escrever-lhes-ei logo. Com todo meu amor.

Mamãe.

Knight fez um bola com a folha. Laura Beth estava dormindo, esparramada sobre ele como uma manta. Beijou-a ligeiramente na têmpora, logo subiu as escadas e a depositou na cama. Seus movimentos eram decididos e calmos, embora estivesse aterrorizado que algo terrível tivesse ocorrido a Lily. Era uma mulher formosa e estava sozinha. Em Londres. Que mulher estúpida!

Queria golpeá-la com todas suas forças.

Ao menos as crianças não teriam que ler essa carta. Perguntava-se onde teria deixado uma carta para ele. Sabia que tinha escrito, sem dúvida as mesmas tolices, mas em termos muito diferentes.

Estava a ponto de chamar Duckett para enviar os serventes às distintas estalagens de Londres. Deteve-se, seus dedos estavam a poucos centímetros do sino. Não, ele sabia onde estava Lily. Sem dúvida tinha fugido à única estalagem que conhecia. Deu-se conta de que estava arriscando-se com esta hipótese, mas tinha a suficiente certeza para seguir sua intuição.

Knight colocou sua capa e suas luvas.

— A senhora Winthrop é uma idiota— disse a Duckett-. Vou procurá-la. Não diga nada a ninguém.

— É óbvio que não, senhor.

— Arnold! O que está fazendo aqui? — Lily não tinha medo, mas estava assombrada de vê-lo.

— Olá, Lily.

— Boa noite, Arnold. Repito o que está fazendo aqui? Está se preparando para voltar para casa? — Deu a volta para retornar à estalagem e, ao fazê-lo, afastou-se dele com um ar casual e esticou sua capa.

— Você está formosa— soltou abruptamente.

Lily ficou imóvel.

— Como está Gertrude, Arnold? — perguntou com calma, tentando manter a serenidade.

Arnold não respondeu, só a olhou, como um beduíno faminto a uma ovelha solitária.

— Não tem escrito a Gertrude? Quanto tempo faz que saiu de Yorkshire?

— Te segui, Lily. Desejo-te. Por favor, dar-te-ei tudo o que queira, mas deve vir comigo. Iremos à França, a Itália, aonde queira, só...

— Basta, Arnold. Cale-se. — Tinha que pensar. Deus, que situação ridícula.

— Se desfez dos meninos, graças a Deus. Fez por nós, não é verdade, Lily? Fez que o visconde se convertesse em seu tutor legal assim poderíamos estar sozinhos.

— Arnold — disse furiosa— não tem ideia do que está dizendo. O visconde se converteu no tutor das crianças por duas razões. A primeira, era sua obrigação; a segunda, viu que desse modo você não podia nos coagir... Coagir-me para que voltasse para Yorkshire e suportar o desprezo de Gertrude e suas espreitas.

— Lily, não! Não te espreitarei de verdade que não o farei. Amo-te!

Lily viu sua palidez, as pupilas dilatadas, escutou o tremor de sua voz. Ai, Deus, o que tinha acontecido com o asqueroso Arnold?

— Me escute — disse fechando a capa com seus dedos. — Vamos entrar na estalagem e vamos beber uma xícara de chá. Você gostaria Arnold? Você não parece estar bem. — Não estava bem... Parecia um homem com uma missão fanática. Era ela sua missão? Lily sentiu um calafrio. Não pôde evitá-lo.

— Quer que te toque, não é verdade, Lily? Vi que está tremendo de desejo. Quer que meus dedos e minha boca te toquem. Oh, Deus, Lily, vamos agora mesmo. Podemos estar em Dover amanhã pela manhã e...

— Não! É suficiente! — Lily deu um salto para afastar-se dele virou para correr para a estalagem. No minuto seguinte, Arnold a pegou pelo braço e a fez retroceder, aproximando-a de seu peito. A moça sentiu seu fôlego quente sobre a bochecha. Sentiu que a mão tampava a boca, sentiu que seu outro braço rodeava a cintura.

Era uma loucura!

Onde estava todo mundo? Estava escuro, as nuvens ocultavam a lua crescente. Podia escutar homens e mulheres rindo, falando na estalagem, a não mais de dez metros de distância. Isto é um absurdo. Era Arnold. Só o horrível Arnold. Podia comandá-lo, estava certa. Do mesmo modo que o tinha dirigido em Damson Farm?

Estava a arrastando para longe da estalagem. Ela deu uma cotovelada no estômago dele. Arnold grunhiu, mas a segurou com mais força.

Começou a lutar com todas suas forças e sabia que seus golpes estavam bem dirigidos e causavam dor. Entretanto, não a soltava, como um cão com seu osso. Mordeu mão, mas os dentes só puderam roçar a palma.

Era ridículo!

Arrastou-a para trás dos estábulos, para um beco fétido.

— Não muito longe — escutou gemer perto de seu ouvido. — Tenho uma estadia para nós perto daqui. Estaremos a sós, Lily, por fim sozinhos, e já verá, irá me desejar.

Lily fechou os olhos por um instante, logo soube que tinha que acalmar-se. Tinha que pensar, que superar Arnold com sua inteligência. Sem dúvida isto não estava além de sua capacidade, sem dúvida ela não carecia de sentido. Escutou a voz de outro homem e sentiu afundar o coração.

— Agarrou-a, né, senhor Smith?

— Sim, Boggs. Já não te necessito mais, moço. Espera um momento e te pagarei o que te prometi.

— Deus, que linda peça é! — Boggs se maravilhou. — Olhe que cabelo, suave como a pele de um gatinho, e a cara branca e suave senhor, mais linda que quando a vi no Pantheon Bazaar, e eu quero...

Essas foram às últimas palavras do senhor Boggs. Lily observou sem palavras como o homem caía depois de um salto silencioso a um metro deles.

Knight! Estava de pé nas sombras, esfregando os nódulos enluvados de sua mão direita.

— Sugiro senhor Damson, que a libere imediatamente.

Parecia divertido. Na verdade, pensou Lily, não se dava conta que isto era um pouco sério, ao menos, que o asqueroso Arnold a estava sequestrando?

— Não — gritou Arnold. — Ela é minha, maldição! Minha e a possuirei, entendeu?

— Está gritando tanto que fará cair toda a Rua Bow sobre você. É obvio que posso escutá-lo. Entretanto, você não a possuirá. Deixe-a ir.

Arnold a segurou mais à medida que se separava de Knight. Lily deu outra cotovelada, desta vez mais abaixo, no ventre. Ele gemeu, mas a segurou com firmeza como se fosse uma tábua de salvação.

— Aborrece-me, Arnold — disse Knight— e sem dúvida está incomodando à senhora. — No instante seguinte Lily estava livre, e caía sobre suas mãos e seus joelhos no chão sujo. Com estupor, viu como Knight levantou Arnold pela gola de sua camisa. Sacudiu-

o como um rato e lhe falou devagar para que entendesse. — Irá para a sua casa, Arnold, ou porei uma bala no seu braço. Entendeu?

— Não! Quero...

Knight o esmagou contra a parede de um edifício.

— Me escute, miserável verme. Não quero que volte a incomodar, nunca. Se você volta por aqui, obriga-me a ver sua horrível cara só uma vez mais e não porei uma bala no braço, a não ser em seu pequeno coração. Volte para sua casa com sua mulher! — Knight soltou Arnold que deslizou pela parede até o chão. Não se moveu. Não era tão estúpido quando explicavam bem as coisas. Knight deu a volta.

— Lily, você está bem?

Lily estava ainda apoiada em suas mãos e seus joelhos, olhando-o nos olhos.

— Como me encontrou?

Ele encolheu os ombros.

— Você não é muito criativa quando se trata de escapar. Tive a sensação de que retornaria à estalagem onde se alojou quando chegou a Londres. E assim foi. Me permita que a ajude. — Ofereceu uma mão e ela a aceitou. Cambaleou um pouco ao ficar de pé, mas Knight não fez nada para ajudá-la. Quando esteve firme de novo, segurou-a pelo braço e a arrastou longe do beco. — Só quero dizer o que tenho que dizer sem temer ser interrompido por esses dois malfeitores.

Ela não pronunciou nenhuma palavra até que chegaram ao carro que os esperava do outro lado da estalagem

— Minha valise— disse.

Knight não se deteve. Olhou-a com frieza.

— Esqueça-a. — Abriu a porta e deu uma mão para ajudá-la a subir. Deu um passo para trás e disse ao condutor — Quero que dê algumas voltas. Eu direi quando parar.

— Sim, sua senhoria — respondeu o condutor e pôs o carro em movimento.

Knight se sentou em frente à Lily. De repente, sem aviso, o carro se meteu em um buraco profundo e Lily caiu no colo de Knight. Foi como se tivesse quebrado o dique. Ele tinha suas mãos nos braços dela e a sacudia sem parar.

— Maldita mulher! Estúpida! Como pôde fazer semelhante coisa!

— Não sei — respondeu Lily, consciente de que suas pernas estavam entrelaçadas com as de Knight, seus seios pressionados contra seu peito, e que ele a estava abraçando.

Knight amaldiçoou com violência, levantou-a até suas coxas, apertou forte contra seu corpo e a beijou, com paixão.

Capítulo 9

Knight era um homem selvagem. Sua língua sondava em busca de entrada — queria prová-la agora— e para sua completa alegria, ela separou os lábios para ele. Sentiu o momento em que respondeu, e essa resposta desinibida, incrivelmente apaixonada o levou até seus limites. Tinha sua língua na boca dela, afundando, conhecendo texturas, deleitando-se nesse doce sabor; então, com muito esforço, conseguiu recuperar um pouco de controle. Separou-se um pouco; sua língua se tornou lenta, gentil. Mas não pôde obter o mesmo controle de suas mãos e de seus braços. Estava a segurando, apertando as costas contra seu braço, e sua mão direita estava nos seios, acariciando-os, conhecendo-os, e Knight sentiu que ela tremia e se arqueava para cima oferecendo-se totalmente.

Escutou um pequeno gemido e esse doce som de sereia o trouxe para a realidade de um modo abrupto. Suas mãos abandonaram o corpo com tanta rapidez que quase caiu no chão. Segurou-a na altura da cintura e a colocou no assento em frente.

Olhou-a. A luz era escassa, mas não importava, ainda assim podia vê-la, e isso o comoveu até a ponta dos pés. Ela tinha os olhos fixos em sua boca. Esses incríveis olhos se obscureceram por efeito da paixão. A fome por ele estava ali, à vista.

A ele, custava respirar.

— Lily, não me olhe assim. — Tinha derrubado todas as formalidades.

Ela não sabia do que estava falando. Queria dizer o que sentia: uma espécie de calor no ventre, e uma dor tão insistente e maravilhosa que a fazia pressionar as coxas com força. Escutava o batimento de seu coração, agitado, oprimido. Com a língua, umedeceu os lábios para degustá-lo uma vez mais. Seus seios estavam inchados e doíam. Sentia-se viva,

tremendamente viva, pela primeira vez em sua existência. Olhou-o uma vez mais sem entender, mas com o desejo de dizer que a fizesse sentir tudo isso de novo.

— Deixa de fazer isso, maldição!

Knight necessitou de toda sua resolução para não pular sobre ela outra vez. Levou as mãos à cintura e ordenou que ficassem ali. Entretanto, ela seguia olhando-o como se não compreendesse o que tinha acontecido, como se não tivesse acabado de beijá-la, de tocá-la, de acariciá-la...

— Chega!

— Já o escutei — disse e suspirou com suavidade. — Não estou fazendo nada, absolutamente.

— Está me olhando como se quisesse que te violasse — foi uma réplica brutal, para salvar se — que te possuísse aqui mesmo, nesta maldita e suja carruagem! É isso o que quer Lily? Quer que te levante as saias e que entre em ti, aqui e agora?

Lily sentiu os batimentos cardíacos correrem e se aquietarem de repente para chegar a um ritmo doloroso e acalorado. As ondas de calor desapareciam. Tratou de unir as palavras de Knight, de lhes encontrar algum sentido.

— Que o diabo te leve, mulher! Sua atuação de virgem virtuosa é ridícula! Tris te possuiu desde que tinha quinze anos. O que ocorre? Estranhas a um homem? É isso? Deseja-me tanto como eu a ti? Por que não ficou com o asqueroso Arnold em Yorkshire? Ele estava mais que disposto a te usar sempre que o quisesse. O Senhor sabe isso teria conservado minha saúde mental.

Bateu com o punho o teto do carro que, nesse mesmo instante, deteve-se.

— Vá para casa e deite na cama. Depois de tudo, lhe dói à cabeça, não é verdade?

Abriu a porta com violência e saltou à rua dando uma portada. Lily escutou que dava ordens ao chofer. Não disse nada, só se encostou no assento de couro, com as mãos cruzadas sobre o colo. Começava a chover. Escutou o Top, Top sobre o teto do carro. Esperava que Knight não se molhasse. Que estupidez. Não queria que ficasse gripado.

Que tola.

Duckett a estava esperando. Observou suas roupas rasgadas e sujas, seu cabelo emaranhado, seu rosto pálido, seus olhos perturbados, e chamou com rapidez à senhora Allgood.

A senhora Allgood cuidou de tudo imediatamente. Segurou Lily pela cintura e tentou tranquilizá-la.

— Venha comigo, tesouro. Eu a agasalharei. Não se preocupe agora com as crianças. Laura Beth está completamente adormecida. Sua senhoria se encarregou disso antes de ir procurá-la. Não, não precisa dizer nada. Entendo-o, de verdade.

Lily se perguntava como podia entender. Como podia alguém entender? Ela mesma não podia.

— Oh, querida, temo que seu vestido está bastante arruinado. Mas sua formosa capa está bem. O arminho não se danificou. Em quinze minutos Lily estava vestindo sua comprida camisola de flanela, em sua cama, Laura Beth grudada a ela, profundamente adormecida.

Usá-la. Supunha que se referia ao ato de posse dos homens. Com a ponta dos dedos, tocou o estômago, logo seguiu um pouco mais para baixo para o lugar onde essa maravilhosa dor se centrou. Não era uma estúpida. Embora nunca tivesse visto o corpo de um homem, sabia que era muito diferente do dela, que tinha uma espécie de vara que se sobressaía de sua virilha quando o homem sentia desejo. Uma vez, quando Tris a tinha abraçado depois da morte de seu pai, seu sexo tinha pressionado com dureza contra seu ventre. Ela não havia sentido nada exceto um vago desgosto, mas depois, quando pensou nisso, soube que o que ele tinha querido era entrar em seu corpo.

Nunca parou para pensar muito no tema do sexo, depois dessa vez, e de forma superficial, todo o assunto parecia bastante estranho para ela e muito vergonhoso para o homem. Mas não tinha parecido nada desagradável quando Knight a tinha beijado e tinha

acariciado os seios com seus dedos fogosos. Queria mais e mais e não se deu conta de que ele tinha deixado de desejá-la até que ele se separou dela.

Lily tremeu. Ele a tinha acusado de torná-lo louco. Bom, ela podia ir ao inferno com ele, por voltar a experimentar o que tinha feito no carro e que a tinha transformado em outra pessoa: uma mulher que não tinha controle de si mesma. Voltou a tremer, e se perguntou o que sentiria se ele levantasse com seus largos dedos a camisola de flanela e tocasse sua carne nua. Chega, era uma idiota. Entretanto, não deixou de pensar nisso até que adormeceu.

Knight devia conservar o controle da situação. Deu-se conta que se sentou atrás da escrivaninha para tomar distância, para colocá-la na posição de suplicante. Não importava. Necessitava todas as vantagens imagináveis.

Dez minutos depois, umas batidas suaves soaram na porta da biblioteca.

— Entre — disse contente que sua voz parecesse não tão diferente como tinha planejado.

Lily deslizou na estadia. Não havia outro modo de dizer, pensou ao vê-la e sentir-se cheio de desejo imediatamente.

Maldição, por quê? Esta manhã tinha colocado um simples vestido cinza de musselina, com um corte debaixo da linha do busto, mangas longas e o decote quase à altura do queixo. Seu cabelo luxurioso estava preso com severidade. Devia dizer que esses esforços por parecer-se com uma monja só a faziam mais atraente, incrivelmente encantadora, mas tinha conhecido a outras mulheres encantadoras, tinha feito amor com elas, tinha desfrutado delas e tinha terminado abandonando-as, sem lamentos. Tinha que fazer amor, então toda esta conduta aberrante e ridícula desapareceria. Mas não podia. Ela era uma dama, a viúva de seu primo morto, e era tão apaixonada que o mero fato de recordar o acontecido o fazia tremer. Endireitou-se na cadeira.

— Entre e sente-se, Lily. — Voltou a tratá-la por você. Não se levantou. Era um gesto de descortesia, mas não se importou. Ela não levantou a vista para olhá-lo. Isso ajudava. — Como está sua dor de cabeça esta manhã? — Isso a fez levantar a cabeça e olhá-lo desconcertada. — Ah, provavelmente isso foi uma mentira, não é verdade?

— Sim — disse enquanto se acomodava na cadeira. Suspirou— Temo que sim. Eu deveria ter pensado melhor nas coisas antes de agir.

Knight franziu o cenho por um momento. Então se forçou para não demonstrar nenhum tipo de expressão.

— As crianças estão bem?

— Sim.

— John Jones estará aqui em três horas para que o entreviste. Confio que ficará ao menos até esse momento.

— Não irei de novo a menos que você me mande.

— Oh, eu não farei isso. Sem dúvida, isso faria que fosse impossível manusear as crianças. Além disso, como poderia fazer entender que sua mãe é uma mulher muito tola e muito estúpida que deixa seus pirralhos à deriva só porque tem um inexplicável desejo de ser mártir?

— Provavelmente não poderia. Fazer entender quero dizer. Sam o golpearia primeiro, em particular se pensasse que está me insultando.

Knight fez uma pausa. Ao menos agora estava falando.

— Muito bem, basta de bate-papo. Não me dá prazer, em especial porque tudo o que faz é agir como um cão espancado. — Viu que suas bochechas se acendiam e soube que tinha completado com seu objetivo. O merecia. Levantou uma mão para impedi-la de falar. — Já sei por que foi ontem de noite. Sei a história da dama e o cavalheiro que a perseguiram no parque.

Isso a trouxe para a ponta da cadeira.

— Mas Sam e Theo me prometeram...

— Laura Beth não fez promessas. Foi ela que me contou. Disse-me que queria jogar à dama ao Tese. Disse que a tinha chamado de prostituta e que a tinha acusado de causar a mim, um homem irrepreensível de alta moral, a condenação ao ostracismo. Minha pergunta é a seguinte: por que não se incomodou em me avisar, Lily? Não ocorreu sequer que teria podido contribuir com alguma alternativa diferente que correr para resgatá-la.

Lily olhava com esmero o globo terrestre que estava em um pé de bronze ao lado da enorme escrivaninha de Knight.

— É verdade — disse, ignorando a pergunta. — Não quis preocupá-lo. Suponho que quis protegê-lo, porque você não merece todos esses comentários mal intencionados.

— Por Deus, mulher! Asseguro que a forma de me proteger não é ficar nas mãos de meus inimigos!

— Não queria que culpasse as crianças ou nos olhasse e amaldiçoasse o dia em que entramos em sua vida.

— Já o tenho feito, milhões de vezes.

Os olhos dela voaram a seu rosto e ele viu a dor e a surpresa neles.

— Quem era a dama? E o cavalheiro?

— Não se apresentaram. Evidentemente, conhecia-nos. O cavalheiro não disse nada tampouco até que ela se afastou e então... — Se deteve de maneira abrupta e recomeçou seu estudo concentrado do mapa-múndi.

Knight sentiu uma câibra no ventre.

— O que disse o cavalheiro?

— Nada.

Knight ficou de pé e apoiou as palmas sobre a escrivaninha

— Lily, juro que vou te bater...

— Só queria que fosse sua amante em lugar de sua! É isso que todo mundo pensa que sou?

— Aha — disse. — Isso era o que pensava.

— Se isso era o que pensava, por que me fez dizê-lo?

— Descreva-os — ordenou com voz autoritária.

— A jovem dama era formosa, tinha o cabelo escuro e aspecto estrangeiro, pensei que era muito exótico. No que diz respeito ao cavalheiro, era mais velho, um crânio, acredito que é o termo, e cavalgava em um cavalo completamente branco e também estava vestido dessa cor.

— Meu Deus!

— Sabe quem são?

— Sim, é obvio. — começou a rir. Ergueu-se nos braços da cadeira sem deixar de rir. Lily o olhava, sem compreender. Finalmente Knight conseguiu controlar-se. — Essa dama — disse — não era uma dama absolutamente. Seu nome é Daniella e é... Era... Minha amante. Tem razão sobre sua nacionalidade. É italiana. No que diz respeito ao cavalheiro, é seu último protetor; seu nome é lorde Daw, e certamente não é um bom homem. Também tinha razão nisso.

— Ah.

— Vê, minha querida Lily, sou um homem tão irrepreensível, de critérios morais tão altos que abandonei minha amante faz uns dias. Na verdade, tinha começado a me aborrecer muito. — isso não era a verdade completa, mas Lily não podia sabê-lo. — Em todo caso, já tinha escutado que esse lorde Daw tinha estado entretendo-se com ela, e nunca fui um homem que gosta de compartilhar o que é meu. Suponho que Daniella queria uma espécie de vingança. Com você, pelo visto. Parece que cometi o engano imperdoável de gritar seu nome, Lily, quando obtinha meu prazer com ela.

Knight se deteve. Deus, o que lhe estava acontecendo?

Falar assim a uma dama, à viúva de seu primo? Olhou seu rosto. Estava com os olhos bem abertos. Neles viu, fundamentalmente, confusão. Viu que tinha a cabeça inclinada como se quisesse fazer uma pergunta. Queria sacudi-la para que abandonasse essa pose absurda. Queria beijá-la até que repetisse esse som de sereia, até que caísse sobre ele e rasgasse a roupa.

— Lily — disse e parecia estar dolorido. — Me perdoe por minha linguagem. Foi o mais impróprio que poderia dizer e...

— Deveria escutar Sam se quer aprender o que é impróprio.

Knight sorriu, mas o sorriso não chegou até seus olhos.

— O que você fez é mais que estúpido. Não contarei as crianças, pode estar segura disso, mas Laura Beth sabe que você foi embora. Chorou com todas suas forças e Betty veio me buscar.

— Pensei que estava completamente adormecida.

— Bom, estava dormindo até que despertou e descobriu que não estava ali, nem a encontrava em nenhuma parte.

— A senhora Allgood disse que você cuidou dela.

— O que esperava? Que a deixasse rolar, gritando? É obvio que me ocupei dela. Na verdade, parecia com um bonito alpinista e eu a sua árvore móvel, levando-a de um lado para outro.

Foi à vez de Lily levantar sua mão para que ele se calasse.

— O problema segue existindo. Na verdade, acredita que as pessoas irão deixar de falar se as crianças e eu vamos de Londres?

— É obvio. Longe da vista, da usina de rumores, tudo se acaba. Se aprovar John, todos podem ir a Castle Rosse nos próximos dias.

— Não acredito.

— Que as pessoas vão deixar de falar? — Knight encolheu os ombros. — Você não conhece a sociedade como eu. Esta é minha selva privada, Lily. Conheço as regras. Por Deus, algumas eu mesmo ajudei a criar! E conheço como funcionam suas mentes. Se você não estiver aqui para ser perseguida, já não existe.

Lily se levantou da cadeira.

— Muito bem — disse e olhou de novo ao globo terrestre.

— Quer saber onde está Ceylán? Ou está tentando localizar uma pequena ilha para onde fugir?

— Não, é que estou envergonhada... Pelo que aconteceu ontem à noite. Não agradei por me salvar do asqueroso Arnold e seu horrível amigo.

— Não há de que.

— Também estou envergonhada do que aconteceu depois, no carro. Lamento ter te incomodado.

Incomodar-me! Ficou mudo. Ele a tinha atacado, pelo amor de Deus!

Depois de um momento, continuou. Parecia verdadeiramente confundida.

— Lamento ter me comportado de um modo tão estranho. Não entendo como pude ter feito isso. Ofendi-o e sinto muito. Espero que esqueça isso.

— Pode estar segura de que não o farei. — Olhou-o indefesa, com uma expressão tensa. — Tem ideia — começou com suavidade— o que significa para um homem que uma mulher se ofereça de um modo tão pleno e livre? Não, é obvio que não. Maldição vá agora ou seguirei dizendo porcarias. Pelo menos, teria que me pedir uma desculpa, senhora Winthrop. Não me comportei precisamente como um cavalheiro ontem à noite. Por Deus, não só a ataquei, também a insultei. — Suspirou. — Lily, vá agora, e se desejar, leve o globo terrestre. É melhor, acredito que olhar ao idiota que tem diante.

Lily se umedeceu os lábios.

— Sinto muito, de verdade...

— Fique quieta! Pensa que sou um imbecil? Sei que estava respondendo a mim em particular. Meu deus, que feliz deve ter sido Tris nos últimos cinco anos. Ter sua paixão, confiança; possuí-la.

Enquanto falava, Lily deu meia volta, recolheu sua saia e correu para a porta. Viu que tentou inutilmente abri-la até ceder. Acreditou escutá-la soluçar, mas não pôde ter certeza.

Um bastardo. Voltou a machucá-la. Não era sua intenção; queria pô-la em seu lugar.

Seja o lugar que correspondesse.

John Jones, o irmão mais novo de Tilney, era um jovem agradável, de textura magra, frente ampla e inteligentes olhos marrons. Melhor até, tinha senso de humor, e, o mais importante, Lily não parecia deixá-lo com a boca aberta. Knight não a deixou a sós com ele. Não pôde fazê-lo. Se o moço sucumbia, queria estar ali para encarregar-se pessoalmente de jogá-lo a chutes.

Depois que John, como ele insistiu em que Lily o chamasse foi embora, Knight perguntou se dava sua aprovação.

— Sim, sim. É um jovem muito agradável. As crianças se darão bastante bem com ele, tenho certeza.

— Melhor até, não se apaixonou imediatamente por você.

Lily então sorriu, como se ele estivesse dizendo tolices.

— Teria gostado que os meninos o conhecessem.

— O conhecerão na quarta-feira. Sam e Theo confiam no seu julgamento.

— E no seu, é óbvio.

— Isso é certo. Trocando de tema, Theo começa com seu trabalho em minha biblioteca em uma hora mais ou menos. Trump o ajudará a organizar. Quando chegar a

Castle Rosse, continuará seu trabalho na biblioteca de lá. É menor, mas se lembro bem, está mais desordenada que esta.

— Obrigada.

Knight mostrou certa impaciência.

— Gostaria de sair por um momento? Está bastante quente, ao menos há sol e você pode animar-se um pouco.

De fato, Lily pulou de sua cadeira.

— Não, não!

Ela observou.

— Covarde.

— Tem razão se isso quer dizer que quero evitar insultos mais terríveis.

Knight não disse nada, só deu uma volta pela estadia. Lily ficou em silêncio e o observou. Parecia não poder evitá-lo. Suspirou recordando as sensações que ainda viviam em seu corpo: suas mãos acariciando-a, sua boca...

— Lily! Chega!

Knight engoliu com dificuldade. Virou-se para dizer algo e ali estava olhando-o como se estivesse nu, ou então como se estivesse, por suas mãos; seus olhos famintos dele. Deus era maravilhoso e intolerável.

— Vou sair Lily. Não estarei aqui para o jantar, — Dirigiu-se para a porta, então se deteve de um modo abrupto. — Vai estar aqui quando retornar, não é verdade? Não vai tentar escapar outra vez? — Ela sacudiu a cabeça sem pronunciar palavra. — Que tenha um bom dia. — E foi.

E Lily pensou: sigo afastando-o de seu lar, mas não sei como nem por que. Levantou-se com lentidão e abandonou a biblioteca justo no momento em que Theo e Trump entravam, o secretário de Knight ria de algo que Theo acabava de dizer. Lily escutou

que Theo se maravilhava da excelente coleção que sua senhoria possuía em matéria de cavalos.

— Olá, mamãe — disse Theo, sorrindo com vontade. — Isto é maravilhoso, não?

Lily segurou seu braço e sorriu a Trump.

— Obrigado por sua ajuda.

Estava na metade do caminho as escadas quando escutou que batiam na porta de entrada. Fez uma pausa e viu que Duckett se dirigia para a porta com seu passo solene e a abriu.

A saudação que o mordomo brindou aos visitantes foi glacial. Comerciantes? Perguntou. Então escutou seu próprio nome: Lily Tremaine. Oh, Deus!

Duckett observou aos dois tipos suspeitos que estavam nas escadas de entrada. Um deles parecia suficientemente mau para matar sua mãe, com sua frente pequena seus olhos malvados; o outro tinha os olhos injetados em sangue, o queixo débil, e um aspecto completamente desagradável. E estavam perguntando pela senhora Winthrop, exceto que tinham se equivocado de nome.

— Não está aqui — disse Duckett com uma voz que poderia congelar mel. — Não há nenhuma Lily Tremaine nesta residência.

Monk deu um olhar ao mordomo baixo e escuro. Que prepotente este galo de briga inflado.

— Olhe, nós sabemos que está aqui. Vá buscá-la, se não vai se arrepender. Somos amigos dela, somos, e...

Não é possível, pensou Duckett, e com muita eficiência fechou a porta em sua cara. Fez com tanta rapidez que Monk não teve tempo de reagir. Boy deu um passo atrás automaticamente, quando viu a fúria escura no rosto de Monk quase caiu, rodou pelos cinco degraus.

— Bastardo! — gritou Monk à porta fechada. Levantou punho para voltar a bater, mas pensou melhor.

Lily parecia mais confundida que assustada, mas se segurou ao corrimão com todas suas forças.

— Quem era Duckett?

— Um par de malfeitores, senhora. Agora foram embora. Que estranho, perguntaram por você, mas pelo sobrenome de seu pai, Tremaine, não é verdade?

Ela assentiu; um grande alívio a alagou. Sentiu todo o peso de sua mentira nesse momento, mas o tirou de cima. Tinha olhado brevemente ao homem mais velho, que tinha falado com Duckett. Era uma criatura com aspecto de vilão e não podia confiar nele nem remotamente, como estava acostumado a dizer Sam. Conheciam Tris, obviamente. Conheciam ela, isso também estava claro. O que podiam querer com ela? Era uma pergunta que não tinha resposta.

— Provavelmente cometeram um engano — disse a Duckett e o sério mordomo a olhou sem pronunciar palavra.

Subiu as escadas até o quarto de hóspedes que dava frente para a casa. Viu os dois no parque que estava na calçada oposta. Um estava falando, o outro gesticulava para a casa. Lily se afastou antes que a vissem e acomodou a cortina.

Tinha medo. Algo andava mal.

— Mamãe?

Lily se virou e viu que Laura Beth estava de pé na soleira com Czarina Catherine sob o braço esquerdo.

— Sim, meu amor?

— Czarina quer brincar agora. Com uma pessoa mais velha, me disse.

— Está bem — disse Lily, distraída. Tinha que controlar-se. Ela e as crianças deixariam Londres em uns dias. Até então, tinha que ficar dentro de casa. — Me deixe ver o que está fazendo primeiro Sam, Laura Beth— disse com uma calma sorridente.

Chegou bem a tempo. Sam estava sobre uma cadeira diante de uma pintura muito antiga de algum Winthrop da época isabelina vestido com um amplo pescoço branco e casaca de seda.

Tinha uma pluma na mão estendida e foi detido no momento justo de sua consagração como artista.

— Sam! Não se atreva! — Virou-se e caiu da cadeira, aterrissando sobre o seu traseiro. Depois de comprovar que não estava ferido, Lily explodiu. — O que ia fazer?

Sam se crispou, tossiu, gaguejou e finalmente confessou.

— Ia colocar a este tipo um bigode. Necessita-o, mamãe. Não tem lábio superior. Faz parecer malvado.

— Oh, Sam, como pôde? Admito que este homem não é um espécime maravilhoso para olhar, mas não pode fazer coisas como essas. A pintura não te pertence. Deveria te desenhar um bigode!

— Isso é algo que eu gostaria.

Lily e Sam ficaram mudos. Knight se aproximava deles pelo corredor.

— Esse, meu caro rapaz, é meu tatara— tatara— não sei o que, cujo nome nobre, por sorte, sou incapaz de recordar. Era, conforme me informou meu instrutor, um homem bastante malvado. — Knight se aproximou um pouco mais à pintura e esticou o queixo para estudá-la melhor. — Penso que tem razão, Sam. Não tem lábio superior. Entretanto, agradeceria que se contivesse e não adicionasse um bigode a ele neste momento. Talvez melhore se dermos um ou algo assim.

Uma vez que completou esse monólogo, Knight saudou Lily e se dirigiu para seu quarto que estava no final do corredor.

De repente apareceu Stromsoe. Limpou a garganta ao passar e deu a Sam um olhar que podia cortar o leite.

— Menino malvado! — ouviu que murmurava entre dentes.

— Porco presunçoso! — Sam disse atrás dele.

Stromsoe fez uma pausa e Lily conteve o fôlego. Tocou a mão de Sam e apertou com força. O valete não virou graças a Deus, mas sim continuou atrás de seu senhor.

— Oh, Deus — disse Lily em um suspiro. Ficou de pé e colocou a cadeira em seu lugar.

— Me dê a pluma, Sam.

— Mamãe... bom, está bem.

Sam esperava uma boa reprimenda, mas não chegou. Viu que Lily franzia o cenho preocupada, e se sentiu culpado pelo estúpido retrato e o valete presunçoso, mas não lamentava Stromsoe porque este também tinha pouco lábio superior e um queixo débil além disso.

— Brincarei com a Laura Beth, mamãe — foi sua oferta.

— Obrigada, amor. Seja gentil com Czarina Catherine, entendeu?

— Sim, mamãe.

A senhora Allgood limpou a garganta. Lily levantou o olhar do quebra-cabeças que estava fazendo com as crianças.

— Sua senhoria requer sua presença para jantar, senhora Winthrop.

Theo examinava com cuidado uma peça que parecia ajustar-se a uma esquina do Pavilhão Real de Brighton.

— Vá mamãe — disse enquanto levantava o olhar. — E diga ao primo Knight o quanto fiz hoje em sua biblioteca.

— Vá — repetiu Sam. — Diga que não pintarei bigodes em nenhum de seus antepassados, inclusive as mulheres.

— Ficará muito aliviado, tenho certeza — disse Lily e assentiu.

— Eu também, irei — anunciou Laura Beth.

A senhora Allgood sorriu.

— Sua senhoria quer que leve as crianças assim pode desfrutar um pouco deles, senhora Winthrop.

Lily aceitou. Não podia fazer outra coisa. Sam e Theo estavam excitados e Laura Beth não deixava de mover-se, muito perto do quebra-cabeças que estavam montando.

Não confiava em Knight. Imaginava que Duckett tinha informado a respeito dos visitantes. E sobre o nome que tinham invocado.

— Oh, Deus — suspirou. Olhou as crianças. — Nunca, nunca digam uma mentira. Volta-se um monstruoso labirinto com mais voltas e paredes das que alguém possa imaginar. Não termina nunca. Não façam.

Theo a olhou com estranheza, mas Sam, que não podia esperar para ver sua senhoria, já estava na porta.

— Vamos, mamãe — disse Laura Beth e esticou seus braços.

Capítulo 10

Knight estava de pé, isolado em seu esplendor, no meio da sala, esperando. Vestia um traje de noite, em preto e branco. Estava imponente, assim tinha assegurado Stromsoe pouco antes de descer.

— Você tem porte, senhor — havia dito Stromsoe em uma inaudita explosão emocional— o porte mínimo que faz com que os cavalheiros se voltem verdes de inveja.

Knight tinha observado seu valete, em geral bastante reticente, com certa surpresa. Então, Stromsoe tinha arruinado seu promissor começo passando dos elogios a seu senhor a lamurientas críticas severas e mordazes contra as maldades de Sam, quão inapropriado resultava que houvesse meninos vivendo na casa de um cavalheiro, até a conduta inadequada, desde seu ponto de vista, das damas que eram viúvas.

Knight tinha talhado o monólogo, voltando para o tema Sam.

— Essa pintura não estaria pendurada nem sequer na casa da mãe do artista. Meu ancestral provavelmente era cego ou tinha um gosto execrável. Se Sam tivesse colocado um bigode teria ajudado bastante. De fato, talvez permita que o faça. Agora, Stromsoe, deixa de se queixar. A senhora Winthrop e as crianças partirão na quarta-feira para Castle Rosse.

Pareceu que Stromsoe quase começou a chorar de alegria pelas notícias recebidas, ou ao menos gritar umas quantas aleluias, e Knight se perguntou de repente se ele e todos seus serventes não se acostumaram muito a sua plácida e previsível existência e que qualquer mudança que os ameaçasse os incomodava além do razoável.

Knight olhava fixamente as portas duplas, e se perguntava o que retinha Lily e as crianças. Tinha a pressionado contra a parede, sabia, e sorriu por sua estratégia. Com o convite as crianças, tinha-a forçado a descer para jantar. Mas como, já o tinha admitido, era

a razão pela que tinha voltado para a casa. Na verdade, tinha a intenção de estar longe até a meia-noite, pelo menos. Tinha planejado visitar a ópera e levar Janine, uma encantadora cortesã de grandes seios, para a cama, mas nada disso tinha acontecido. Esteve caminhando sozinho, tentando desfrutar do entardecer, mas tinha descoberto que seus pensamentos não podiam deixar de se dirigir para Lily. Sempre Lily. Era uma traição inexplicável que fazia seu cérebro.

Ela era a única mulher em toda sua vida adulta que o tinha feito perder o controle, que o tinha posto de joelhos. Ele tinha se comportado de um modo abominável. Se tivesse continuado seu ataque a noite anterior no carro, não teria dado prazer, mas sim a teria machucado. Tinha sido um selvagem, um bárbaro, e isso o assustava. Não gostava, nem um pouco.

Maldição era um cavalheiro. Tinha tratado de convencer seu cérebro uma e outra vez na noite anterior, mas não tinha conseguido reduzir o furioso desejo que sentia por ela, o efeito instantâneo e assustador que até seu nome tinha sobre ele.

Conhecia-a fazia tão pouco tempo no esquema infinito das coisas. Sua reação era absurda.

Escutou sua suave voz atrás da porta da sala e sentiu que seu corpo respondia. Amaldiçoou e se obrigou a se mostrar indiferente. Uma ordem difícil de cumprir.

Sam saiu como expulso da porta e se deteve, agitado, a uns escassos dez centímetros de Knight.

— Senhor, sinto muito, de verdade, não foi culpa da mamãe, ela me deteve e me desafiou o bastante, e juro que não voltarei a fazer!

Knight olhou para baixo à preocupada carinha do menino que não se parecia em nada com Tris, mas que, entretanto, estava começando a querer, e pensou que nunca tinha querido proteger sua mãe como ele. E ela é sua madrasta, não sua verdadeira mãe.

— Nunca supus que fosse culpa de sua mãe — disse Knight com ternura. — Tinha todas as características de uma operação de Sam, não uma de Lily.

Sam riu como Knight propos.

— Não o...

— Voltará a fazer — disse Theo, adiantando-se até ficar ao lado de seu irmão.

— Nunca faça afirmações que sabe que não poderá cumprir querido Theo. Dada a história de Sam, não me aventuraria sequer a uma afirmação muito menos definitiva.

— Senhor — esclareceu Sam — não sou tão mau.

— Provavelmente é muito pior — disse Knight e logo sorriu, alvoroçando o cabelo do menino.

Knight levantou o olhar para ver Lily que levava Laura Beth nos braços. Não estava com um vestido de noite... Não tinha dado tempo. Mas estava tão deliciosa em seu vestido de musselina que doeu o coração. Desejava-a com desespero.

— Boa noite, Lily.

Quando ela elevou os olhos para olhá-lo, ele sentiu uma poderosa urgência de segura-la pela cintura, pô-la sobre seu ombro e escapar de noite com ela. Por Deus, pensou atônito, se seu pai o visse agora começaria a rir a gargalhadas. E o chamaria tolo, entre outras coisas, por confundir a antiga luxúria masculina com outra coisa, com outra coisa que não existia exceto na mente das mulheres débeis e as páginas de ardentes livros.

— Boa noite, senhor.

Levantou uma sobrancelha ao escutar semelhante formalidade, mas não teve tempo de responder. Laura Beth estava a seus pés, puxando a barra de suas calças.

— Boa noite, pequenina. — Elevou-a e sentiu seus magros bracinhos ao redor do pescoço. A pequena lhe deu um beijo úmido na bochecha.

— Eca — disse Sam mostrando seu desgosto. — Não faça isso Laura Beth. É asqueroso.

— É só uma pequena menina e não sabe o que faz — explicou Theo e ganhou um "presunçoso" em voz baixa da parte de seu irmão — A ação que você vê— mas Lily disse que não era necessário.

— Sim, e agradeço. Agora, venham aqui, junto ao fogo, me contem o que fizeram durante o dia.

Lily ficou atrás, olhando o visconde com as três crianças sorrindo ao ver como cada um deles tratava de monopolizar a atenção. Laura Beth se sentou em todo seu esplendor, como uma pequena princesa, no colo de Knight, enquanto os meninos ficaram em ambos os lados de seu primo e tentavam falar ao mesmo tempo. Ela escutou Knight rir e tratou de acalmá-los.

Sentou-se em uma cadeira de respaldo duro bastante longe do grupo. Poderia ter ido embora, pensou, vendo esta íntima cena familiar. Não sentiriam falta. Tendo a ele. Eles...

— Mamãe — chamou Sam— como se chamava essa coisa?

Lily sacudiu sua cabeça para espantar essas tolices. O fato era que ela não podia estar sem eles.

— Que coisa, amor?

— Vem aqui, mamãe — disse Theo, afastando-se de Knight. Mostrou a cadeira que estava à direita do visconde.

Lily caminhou para eles. Encontrou os olhos de Knight e o olhar dele quase a desarmou. Ferozes e tenros, tudo ao mesmo tempo, e famintos de novo, selvagens e gentis. Tremeu ao perguntar-se como podia evocar semelhantes opostos e causar um efeito tão devastador nela.

— Aproxime-se do fogo, Lily.

Queria gritar que era ele quem produzia calafrios, não a temperatura da maldita estadia. Em troca, sorriu.

— Agora, querido Sam, de que coisa estava falando?

— Essa coisa que encontrei debaixo dessa horrível cadeira nesse apavorante quarto verde.

Lily teve dificuldades para engolir; tentou evitar os olhos de Knight.

— Não recordo nada disso— disse com firmeza. — Agora o que...

— É obvio que lembra mamãe. Era larga e magra e muito velha, — disse— como se fosse do século dezesseis. O primo Knight quer saber tudo sobre isso.

O primo Knight deu-se conta nesse momento que essa coisa que mencionava Sam era, provavelmente, algo proibido e que Lily estava aterrorizada de que ele caísse sobre todos eles por perturbar uma preciosa relíquia de família.

— Vou dizer o que podemos fazer, Sam — disse em tom conspiratório— por que não me traz essa maldita coisa amanhã pela manhã? Examiná-la-emos juntos, só nós dois.

— Sim, senhor!

Aí está o que Knight queria dizer a Lily, isso te convence de que não sou um monstro?

Trinta minutos depois, quando as crianças, entre queixas, aceitaram ir com Betty para a cama, Lily e Knight se sentaram na sala de jantar, ela à direita dele. Fez-se silêncio, logo interrompido pelo som dos garfos e as facas. Duckett foi apoiado por um único serviçal: Charlie.

— Mais bolo de carne, senhora? — perguntou Duckett.

— Não, obrigada, Duckett. Estou satisfeita.

— De que? — indagou Knight observando que seu prato estava cheio.

— Posso dizer o mesmo de você. Não comeu nada do seu leitão assado.

Tinha razão, e ele sabia, mas todo o apetite o tinha abandonado quando ela entrou na sala. Só uma insaciável fome dela enchia sua mente. Knight bebeu seu vinho, logo despachou Duckett e Charlie. Quando a porta se fechou devagar atrás deles, disse de um modo abrupto:

— Duckett me falou de seus visitantes.

Lily ficou gelada, com o garfo suspenso sobre uma montanha fria de purê de batatas, e automaticamente começou a sacudir a cabeça.

— Estou vendo. Então, você não pensava mencioná-lo, não é verdade? Mesmo depois do incidente com a dama e o cavalheiro no parque... Está tentando me proteger? Ou se trata de outra coisa? Você tem um passado turvo, Lily?

— Não! Que absurdo!

— Duckett me disse que tinham todas as características de ladrões, contrabandistas ou até de assassinos. — Knight fez uma pausa, olhou fixamente o rosto dela e adicionou com uma voz bastante grave: — Também me disse que perguntaram por Lily Tremaine.

Lily afastou os olhos dele. Olhou com toda sua concentração ao purê. Não se movia.

Obrigou-se a fazer um gesto indiferente com os ombros.

— É estranho, não é verdade? Não tenho ideia de quem são. Duckett se livrou deles. É completamente incorruptível.

Knight ficou de pé e foi procurar a garrafa de brandy que estava no aparador. Ela estava dizendo a verdade. Era estranho, mas depois de tão pouco tempo juntos, conhecia-a, conhecia-a bem.

— Servirei um pouco para cada um. Acredito que necessita.

Não o rechaçou. Bebeu um gole do bom brandy e sentiu que o calor chegava até os joelhos. Era maravilhoso. Nunca antes tinha provado brandy. Assim que o disse. Knight começou a rir.

— Tem a capacidade de curar todos os males do mundo. Por essa razão, acredito, os cavalheiros bebem depois das refeições. Ajuda na digestão e fortifica para a companhia feminina que os aguarda na sala.

— Que cínico, é.

— Que estava acostumado a ser, em todo caso — corrigiu Knight.

— O que acontece agora?

— Esses dois homens. Está certa de tê-los visto antes?

— Não acredito. Não, estou certa. Não tenho a menor ideia de quem são.

— Mas esteve pensando nisso, não é verdade? Obviamente conhecem você de Bruxelas. Podem ter sido cupinchas de seu pai? Ou de Tris?

— É provável — disse convencida. — Depois que Duckett fechou a porta, subi as escadas e os vi do outro lado da rua, no parque. Têm um aspecto terrível, são candidatos para Newgate, como diria meu pai. Que teriam a ver com meu pai? Ou com o Tris? Asseguro-lhe, nem meu pai, nem Tris contratavam assassinos.

— Por que a chamaram Lily Tremaine?

Ela não moveu nenhum músculo desnecessário.

— Não tenho a menor ideia.

— Entretanto, é para pensar.

— Se alguém se dedicar a isso, suponho que sim.

Knight começou a rir.

— Que fazia Tris para sustentar todos vocês? — perguntou de repente.

— Não sei — respondeu Lily. — Nunca me disse isso, mas... — interrompeu-se e o olhou direto nos olhos. Sabia que tinha mordido o anzol e estava a ponto de falar de mais.

— Continue Lily. — Sacudiu a cabeça, muda. — O que é o que não quer me dizer? Que importância tem? Tris está morto, muito além de nossos comentários mortais. Devo confessar que me confunde Lily.

— Muito bem — se animou. — Se está tão interessado, posso dizer que com Tris as coisas sempre foram ou de festa ou de fome. — Cuidado, Lily. Não viveu com eles mais que

seis meses. Mas ela recordava os dois anos prévios quando Tris visitava seu pai. — Mais festa que outra coisa — adicionou. — Com meu pai era o oposto.

— Mais fome que festa?

— Exatamente. — Senhor, isso sim era verdade. Se não tivesse sido pelo Tris, ela e seu pai teriam sido jogados de sua pequena casa em Bruxelas muitíssimas vezes.

— Festa ou fome — repetiu Knight, olhando a seu brandy. — Isso deve ter sido difícil para você, sua esposa, durante os tempos de fome. E como filha durante os tempos maus de seu pai.

— Talvez.

— Não tem ideia de como Tris fazia dinheiro?

— Não, absolutamente, exceto, não... Isso é ridículo, é só uma sensação que tinha, mas...

— Que sensação? Diga-me isso

— Eu entendo que as senhoras consideram que o que se refere a dinheiro não são de sua conta, diferente do cavalheiros.

— Não é meu caso. Então fale mais. O que ia dizer?

Lily franziu o cenho.

— Disse que meu pai ou Tris nunca contrataram assassinos. Bom, isso tenho certeza. Estou segura. Mas em ocasiões, Tris ficava fora até por duas semanas, sem explicações, e, invariavelmente, voltava para casa com dinheiro, com muito dinheiro. Se alguém perguntava o que tinha estado fazendo, limitava-se a rir e a dar as crianças os presentes mais caros que se possa imaginar.

— Você acredita que Tris estava envolvido em alguns negócios sujos?

Lily encolheu os ombros.

— Não sei. Você queria que dissesse o que pensava e assim fiz. Isso é tudo.

— Alguma vez o viu com outros homens? De aspecto criminoso?

Viu a surpresa desenhada em seu rosto enquanto assentia.

— Sim, uma vez. Não estes homens que vieram aqui hoje, eram outros dois que eram igualmente repulsivos. Quando perguntei a Tris, voltou a rir nessa forma tão dele que implicava que não pensava responder e me disse que minha imaginação era muito ativa.

— Possivelmente assim era. — tinha dado muito no que pensar. — Beba seu brandy, Lily — disse depois de um momento. — Depois possivelmente queira jogar baralho comigo.

Lily negou com a cabeça. Não era uma completa idiota. Passar mais tempo a sós com ele, podia resultar em um desastre. Sabia.

— Não sou muito boa — Ele confiou por fim, olhando uma vez mais a seu purê de batatas.

Knight não pôde conter a risada.

— Lily, não minta. Tris era um jogador, mais que isso, amava todos os jogos de baralho. Não posso acreditar que não tenha ensinado todos os jogos de azar que existiam nos cinco anos que viveram juntos.

Lily ficou de pé e acomodou o guardanapo no prato.

— Muito bem, senhor. Vou te bater. Só estava tentando evitar uma humilhação.

Knight, que era um excelente jogador, sorriu.

— Aprecio sua consideração, Lily. Asseguro que sim.

Knight estava acordado ainda quando o relógio do corredor mostrou doze horas. Lily não o tinha espancado, mas tinha ganhado duas de três mãos com uma diferença mais que respeitável no resultado.

— Que ardilosa é — tinha remarcado depois que ela o tinha pescado com uma espada. Estava encantado com sua risada leve, livre de preocupações. Teria gostado que ela fosse mais alegre. Teria gostado de liberar sua vida de pesares, medos e inseguranças.

— Acredito — havia dito com bastante honestidade— que você também foi chamado ardiloso várias vezes em sua vida. É um rival de peso, senhor.

— Que elogio — havia dito— Gostaria de apostar algo nesta partida?

Ela tinha torcido a cabeça para um lado com expressão interrogante, mas em seus olhos se via uma faísca de excitação, de desafio.

— Você sabe que eu vou ganhar Knight, então, por que deseja perder uma aposta comigo?

— Espere um minuto, senhora, está ficando muito petulante. Até agora só jogamos uma partida. E você tinha as melhores cartas. Agora, sobre a aposta.

— Não sei. Não tenho muito dinheiro e não sou tão parva para achar que sou invencível. Existem cartas más, sabe.

— Sua habilidade não é suficiente para superar uma mão má?

— Sou uma jogadora bastante boa, admito-o, mas não sou uma idiota. Tampouco vou ser esbanjadora com minhas poucas libras.

— Não estava pensando em apostar dinheiro, Lily.

— E o que, então?

Se encostou na cadeira e ficou pensativo. Uniu a ponta de seus dedos e soube que Lily o estava olhando fixamente. No que estava pensando? Possivelmente o desejava outra vez? Knight sacudiu a cabeça. Falando de tolos e idiotas.

Fez a aposta, embora a dele fez que Lily perdesse o fôlego pela surpresa e o olhasse com uma excitação mau dissimulada.

— É muito, Knight, é muito! — Mas ele sabia que queria que insistisse; viu-o em seu rosto.

Ah, mas essa faísca de prazer em seus olhos... Ele se propôs a persuadi-la.

No que se referia ao que ele ganharia se ela perdesse, ela sacudiu a cabeça e disse que ele estava sendo bastante tolo, excêntrico, e o mais importante, que não ganharia sob nenhuma circunstância.

Knight encolheu os ombros.

— Então, o que importa?

O jogo se tornou muito sério; a concentração, fundamental. Teria gostado de continuar, mas sabia que ela estava cansada, sabia que Laura Beth estaria pulando da cama quando nem bem tinha amanhecido, reclamando a atenção de sua mãe.

— Perdi — declarou e sorriu. A vela que estava junto a seu cotovelo esquerdo estava quase acabando.

— Parece feliz por isso. Não me parece natural.

— De todos os modos, você agora é proprietária de sua própria égua, Lily. As duas são perfeitas uma para a outra. A vivacidade de Violet é impressionante.

— Obrigado, Knight. Ela é maravilhosa.

Knight nunca ia dizer, jamais, que tinha comprado Violet para ela. Bom, talvez algum dia. Seu cérebro se deteve em branco. Não estava pensando com clareza. Algum dia? Perguntava-se o que teria feito Lily se tivesse perdido. Teria aceitado um novo guarda-roupa pago por ele? E que ele a acompanhasse para comprá-lo? Voltou a sorrir, com malícia.

— O que acontece?

— Se tivesse ganhado a aposta, perguntava-me se você teria pago, por assim dizer.

— Fez-se justiça em minha opinião — disse Lily, tratando de soar imparcial sem sucesso. O humor resultou bastante evidente a Knight. — Você é impossível! A única razão pela que aceitei seu oferecimento bastante inapropriado foi porque sabia que ganharia. Você não deveria fazer apostas que façam sofrer seus bolsos sem importar qual seja o resultado. Agora, vou para a cama, senhor. Boa noite, e obrigado por Violet.

Knight ficou de pé e ficou ali por um momento. Não disse nada; só a olhou. Levantou uma mão e com os dedos logo que roçou sua suave bochecha.

— Boa noite, Lily — se despediu, baixou e beijou ligeiramente sua boca.

Afastou-se com passo rápido, enquanto ela observava suas largas costas...

Agora o maldito relógio estava se aproximando das três e meia da manhã. A próxima vez apostaria o mesmo e ganharia. Sorriu ante essa ideia e terminou por dormir.

— Meu irmão mais novo é como Sam, senhora — disse John Jones com humor. — Minha mãe arrancava os cabelos e dizia que ele era seu Nêmeses. Seu nome é Robert. Agora tem dezoito anos e aterroriza a todos em Oxford.

Lily resmungou.

— Nunca termina, então?

— Quem sabe? Tenho que esclarecer, entretanto, que ninguém nunca se aborrece em companhia de Robert.

— Ao menos você tem experiência, John.

— Amo muito meu irmão, senhora. Descobri que se tinha diretivas e atividades que o esgotassem, tendia a cometer menos travessuras. Agora, posso conhecer os meninos?

Lily fez as apresentações, logo se afastou um pouco para observá-los. Sam fez um exame exaustivo e quase grosseiro de John. Theo sorriu com acanhamento ao novo instrutor, mas parecia preocupado.

— Sua senhoria me disse — remarcou John — que está se ocupando da catalogação da biblioteca. Meu Deus, que tarefa. Talvez seja capaz de me contar o que está fazendo.

Um ponto para John Jones pensou Lily, sorrindo para si mesma.

— Eu vou ser um artista — anunciou Sam, interrompendo Theo depois de ter esperado ao menos uns quatro minutos. Lily estava agradecida pela amostra de paciência tão pouco comum em Sam. Quatro minutos eram uma eternidade para ele.

— Um artista? — disse John enquanto se dava volta.

— Sim, o primo Knight disse que devo começar com um dos ancestrais Winthrop neste corredor. O tipo do retrato necessita um bigode. Não tem lábio superior.

John não estalou em gargalhadas.

— Talvez, convir-te-ia praticar desenhando bigodes antes de tentar o definitivo. Uma vez que esteja posto sabe, todas as gerações que lhe sobrevierem o observarão. Não querera que seu tataraneto diga: "Essa porcaria a fez meu tataravô. Tinha talento, obviamente, mas não praticou o suficiente."

Sam pareceu bastante assustado por esta mostra de lógica até que recordou sua obrigação. Deu um olhar a Lily antes de falar.

— Senhor, Theo e eu devemos perguntar quais são suas intenções para com nossa mãe.

— Isso é verdade, senhor — adicionou Theo, aproximando-se de Lily de um modo inconsciente.

Lily começou a rir ante a expressão de espanto de John.

— Eu... Não entendo, meninos — começou.

Lily pôde ver que uma quebra de onda de cor vermelha subia pelo pescoço.

— Devemos tomar cuidado com nossa mãe — disse Sam. — Os homens atuam como estúpidos quando estão perto dela e devemos protegê-la.

— Sam! Chega!

— Juro para vocês — prometeu John recuperando o controle da situação— que nunca terei um pensamento estúpido referente à sua mãe. — Colocou a mão sobre o coração.

— Fará algo? — insistiu Sam.

— É suficiente — cortou Lily, e se aproximou de John. — Fizeram com que se envergonhasse, sabem, e provavelmente o tenham insultado também.

— Não, não, senhora. — disse John. — Realmente, Theo, Sam, serei um modelo de retidão perto de sua mãe.

— Muito bem — aceitou Sam. — Mas estaremos observando-o.

— Está certo de que ainda deseja sua companhia, senhor Jones? — perguntou Lily.

— Sim, senhora. Penso que vamos nos entender bem.

— Muito bem. Deixá-los-ei agora. Meninos façam o que o senhor Jones disser. Eu estarei com Laura Beth.

Bem, pensou Sam, enquanto chutava uma pedra do caminho, tinha praticado durante uns quinze minutos. Ele havia feito completamente. Até tinha mostrado a John o retrato, e tinha prometido que com apenas umas pinceladas arrumaria o problema de seu ancestral, mas John tinha insistido em que praticasse mais. Sam tinha enchido o papel de desenhos com bigodes, tantos que sabia que ia sonhar com eles. Não era uma perspectiva atraente na verdade. Ele tinha deslizado da sala, aborrecido, cansado de escutar Theo com seu monólogo a respeito de seus famosos motores a vapor. E parecia que o novo instrutor estava igualmente entusiasmado.

Era suficiente para que uma pessoa quisesse sair, exatamente o que tinha feito Sam. Duckett não estava em seu posto habitual, de modo que ninguém o viu partir. A tarde estava nublada e fria. O vento penetrava pela jaqueta. Mas não queria voltar. Não era justo que Theo monopolizasse a atenção de John. Era quase tão mau como Laura Beth.

Sam se afastou um metro e meio do caminho para chutar outra pedra. Ao menos no dia seguinte iriam para Castle Rosse. Perguntava-se se haveria outros meninos, se poderiam brincar fora, se haveria um estábulo e muitos cavalos. Sentiu por um instante a

culpa de ter desobedecido Lily. Mas, a quem importava? Ficaria fora somente por dez minutos, logo retornaria para a casa do primo Knight e ninguém se daria conta.

Começou a assobiar.

— Meu Deus! Esse no campo não é um dos pirralhos do Tris?

Sam virou a cabeça ao escutar o som do nome de seu pai. Viu dois homens horríveis, os dois se protegendo do vento do norte. Estavam observando-o. Um deles gesticulava para reclamar sua atenção.

— Sim, é o menor dos pirralhos, acredito. Não, também há uma menina.

Monk olhou para Boy com ódio por essa ridícula precisão.

— Caiu justo em nossas mãos, né, Boy? Ei, você! Você, pirralho!

Sam se deteve, mas seu verdadeiro desejo era fugir. Olhou para o homem mais velho que se aproximava. Tinha as botas sujas, o terceiro botão de seu, sobretudo coberto de barro. Não era agradável absolutamente. Entretanto, não necessitava bigode. Seu lábio superior era bastante grosso e proeminente.

— Sou um amigo de seu pai. Sim, Tris Winthrop. Eu e Boy fomos seus cupinchas.

Isso pareceu pouco provável para Sam.

— Está mentindo asquerosamente — gritou Sam.

— Maldita boca grande! Vem aqui!

Sam, que não era nenhum parvo, deu meia volta e correu o mais rápido que pôde. De repente sentiu um enorme braço que se fechava ao redor de sua cintura e o levantava do chão. Podia ver a casa Winthrop à distância. Oh, Deus, pensou e empurrou o cotovelo para trás.

— Ai! — O braço o apertou até mais e Sam não pôde respirar.

— Ele não se parece com Tris, Monk. Tem certeza que é um de seus pirralhos?

— Sim, tenho certeza. Como se chama, pirralho?

Sam sacudiu a cabeça.

— Não conheço nenhum Tris. Eu vivo lá. Se Você não me deixa ir e logo todos os guardas de Londres vão perseguir vocês. Pendurarão-te e porão suas cabeças em lanças e cortarão as tripas e as farão comer.

Monk soltou uma gargalhada.

— Que imaginação, pirralho! Não é verdade, Boy? Não se parece com seu pai. Tem certeza que sua mamãe não enganou ao velho Tris?

— Me Deixem ir — gritou Sam, tentando mais uma vez com o cotovelo acertar o estômago do homem. Mas de novo o braço o apertou com mais força e o apertou.

— Eu te digo, pequeno. Eu e Boy pensamos que é um presente, perfeito para nós. Virá conosco e logo sua ma... Quer dizer a prostituta de sua p... Dará-nos o que é nosso.

Sam só escutou o insulto a Lily. Esses homens terríveis a machucariam.

O que podia fazer?

Embora só tivesse seis anos, Sam não acreditava muito na divina providência. Por isso, quando viu um homem com um chapéu de castor e um, sobretudo de bom corte que dobrava a esquina, foi capaz de olhá-lo ao princípio como um parvo. Logo gritou com todas suas forças.

— Me ajudem! Sequestradores! Sequestradores!

— Maldito pirralho, Vou te fazer picadinho!

Capítulo 11

O cavaleiro se deteve e gritou:

— Solte o menino! Agora, ou será pior para você!

As palavras foram seguidas pela ação. Rápido como um raio tirou a cabeça de sua bengala e saiu à luz a brilhante folha de uma adaga. Brandiu no ar e começou a correr para eles.

Monk estava furioso.

— Pirralho maldito! Que o diabo te carregue!

Boy tomou uma pedra que estava na lateral do caminho e a jogou no cavaleiro que vinha ao ataque.

— Imbecil! Vamos fugir!

Monk soltou Sam como se fosse um pacote e correu na direção oposta.

— Malditos covardes! — gritou Sam, agitando os punhos para os homens que corriam a toda velocidade. — Pagar-me-ão isso. Encarregar-me-ei disso! Meu primo Knight cortará suas orelhas em pedacinhos!

O cavaleiro se deteve, guardou a arma e ofereceu uma mão a Sam.

— Olá, Sam — disse Julien St. Clair. — Que alegria te ver de novo. Quem eram seus amigos?

— Ai, senhor! Não sei, mas eles sabiam quem eu era. Não estavam fazendo nada bom, disso tenho certeza.

— Sem dúvida tem razão. Lembra se de mim? Sou Julien St. Clair, um amigo de seu primo Knight.

— Sim, senhor, recordo. Conheci-o no Gunthers. Sua esposa é quase tão bonita como minha mãe.

— Obrigado. Tenho certeza que minha esposa ficaria encantada de ouvir como você, bom... Não importa. O que estava fazendo aqui sozinho, Sam, se é que posso perguntar? — Sam avermelhou e Julien levantou uma sobrancelha. — Tem a permissão de sua mãe, não é assim?

Sam se perguntou se podia escapar com uma mentira, mas logo decidiu que era melhor não tentar. Julien St. Clair conhecia o primo Knight. Ele ia descobrir. As apostas como estava acostumado a dizer seu pai, estavam contra ele.

— Não, senhor, minha mamãe não sabe. Estava brincando com Laura Beth, e nosso instrutor estava escutando Theo que não parava de falar de seus estúpidos motores a vapor.

— Entendo — disse Julien pensativo, enquanto estudava o menino — Por que não retorna para casa? Talvez, possa compartilhar uma xícara de chá comigo. — na verdade o que Julien tinha em mente era um brandy.

— Não te incomodaria senhor?

Que adulto podia ser imune a essa súplica? Perguntava-se Julien. Ele sabia exatamente o que o menino estava pedindo e isso o divertiu.

— Seria um magnífico álibi, sem dúvida — disse. — Mas, Sam, não vai funcionar. Knight deve saber o que aconteceu com esses homens. Não seria correto ocultar uma coisa assim.

Sam o olhou como se fosse a coisa mais correta do mundo, mas conseguiu, sabiamente, manter a boca fechada.

Knight, chegou em casa somente cinco minutos antes, ficou bastante surpreso quando Julien, com Sam no rastro, apareceram na porta da biblioteca.

— Bom dia, Knight. Saúde um salvador que resgatou seu primo das garras de sequestradores.

— De que diabo está falando, St. Clair? — Knight fez uma pausa e observou o rosto de Julien e adicionou: — Sam vá e peça a Duckett um pouco de chá e umas bolachas. Vá!

Então se dirigiu ao Julien.

— Agora, o que aconteceu? Ah, sim, sente-se, Julien.

— Muito obrigado. Sim, bem, aproximava-me da casa, preocupado em meus assuntos, e vi Sam preso sob o braço de uma criatura de aspecto mais que desprezível. Seu companheiro tinha um aspecto um pouco melhor. Sam estava gritando com todas suas forças, com uma grande presença de espírito. Eu tinha minha bengala, por sorte, tirei a folha e me aproximei como se fosse São Jorge com sua espada. O tipo soltou Sam e os dois fugiram em direção oposta. Não os segui, estava mais preocupado em te contar. Depois de tudo, eles eram dois, e não tinha desejo que me cortassem a garganta, nem sequer para impressionar Sam com meu heroísmo.

— Entendo — disse Knight com lentidão.

— Sabe quem são esses homens?

— Tenho uma ideia. Sam disse o que queriam dele?

— Não, não falamos disso. Ou melhor disseram algo importante a ele.

Knight ficou em silêncio. Começou a caminhar pela biblioteca sem dizer nada. De repente se virou.

— Não diga nada disso a Li... À senhora Winthrop. Não quero que se preocupe sem necessidade. Ela e as crianças vão amanhã para Castle Rosse. Estarão bem longe de qualquer vilão.

— Não tem o direito de saber?

— Não. Eu decidirei o que deve ou não saber.

— Você se tornou bastante autoritário, velho.

— Um brandy, Julien?

— Sim, obrigado.

Knight estava no processo de servi-lo quando escutou as vozes de Lily e de Sam do outro lado da porta da biblioteca. Fechou os olhos por um momento, rogando para que Sam ficasse calado. Mas era pedir muito.

Bateram na porta. Ao abrir, Knight escutou que Sam dizia de um modo muito descritivo:

— Eram horríveis e malvados, mamãe!

— Sam ama sua mãe — observou Julien. — Não esperava de verdade que ele ficasse calado, não?

Knight amaldiçoou em voz baixa, bebeu seu brandy de um só gole e olhou funestamente para a porta semi-aberta.

— Entrem — disse.

O rosto de Lily estava pálido, mas parecia composto.

— Boa tarde, senhoria — saudou Julien. — Espero que sua esposa esteja bem.

— Sim, senhora Winthrop. Por favor, senhora, você não precisa cumprir com essas convenções sociais comigo, não quando está queimando com certas perguntas.

— Obrigado, senhor. Vem aqui, Sam. Contará para mim e para Knight exatamente o que aconteceu. — E adicionou para Julien — Se puder adicionar o que achar necessário, senhor.

Sam sabia que ia receber um castigo pelo menos. Pela expressão turbulenta no rosto de seu primo Knight, suspeitou que pudesse ser muito pior. Respirou fundo e se lançou à água.

—...e logo o homem mais velho disse aos gritos: "Não é um dos pirralhos do Tris?"

Usaram seus próprios nomes: Monk e Boy, tenho certeza, embora pareçam estranhos.

— Um momento, Sam. Descreva esses homens.

Sam descreveu Monk e Boy com certa imprecisão devido à perspectiva de um menino que media menos de um metro e meio de altura. Julien ajudou a esclarecer algumas coisas. Quando tudo foi dito, Knight falou com uma voz que quase nunca tinha usado em sua vida adulta.

— Agora, vá para o seu quarto, Sam. Ficará ali até amanhã pela manhã. Jantará, mas sozinho, em seu quarto. O que fez foi estúpido e perigoso. Desculpe-se com sua mãe e então saia.

— Sinto muito, mamãe.

Lily mal escutou as palavras, estava olhando para Knight com uma fúria e uma surpresa crescentes. Como se atrevia a castigar Sam! Ela sabia, entretanto, o valor de os adultos se manterem unidos quando se tratava de disciplinar um menino. Ela mesma depois de ter sido informada da escapada de Sam, teria querido estrangulá-lo, bater até que não pudesse sentar, e abraçá-lo forte porque estava são e salvo. Ela e Tris formavam uma equipe nesses casos. Ele nunca havia contradito suas ordens, nem ela as dele. Agora refreou sua língua, mas foi difícil. Este homem não era o pai dos meninos.

Mas era seu tutor legal. De repente se deu conta de que ele tinha mais a dizer sobre a conduta dos meninos e sobre suas consequências que ela.

Sam, com seu lábio inferior quase chegando ao chão, abandonou a biblioteca com a lentidão de um caracol. Lily seguia contendo-se.

— Lily, não deixe que a presença de Julien a impeça de descarregar todo seu ódio — disse Knight divertido. — Vamos, cuspa antes que se engasgue.

Ela levantou o queixo. Julien se encostou em seu assento como um espectador interessado. Knight a estava olhando sem ocultar a graça que causava a situação. Ele a estava estimulando.

— Eu teria sido mais dura com ele — disse. — O teria trancado no mezanino e teria dado só pão e água durante... Três dias.

Isso o desconcertou, Lily viu, e esteve mais que feliz com sua desavergonhada mentira.

— Enviá-lo ao seu quarto, que compartilha com Theo, não é um castigo — continuou. — Vai desfrutar imensamente e, como Theo o ama, não vai deixá-lo isolado. Considerará sua obrigação ocupar-se de diverti-lo.

— Sua lógica é assustadora. Mandarei passar a noite com Laura Beth.

Lily começou a rir incapaz de conter-se.

— Agora, esse sim seria um castigo. Sam provavelmente tiraria os olhos de Czarina Catherine se o obrigássemos a passar embora fosse uma hora a sós com Laura Beth. — Logo se dirigiu ao Julien: — Czarina Catherine é sua boneca...

— Uma extensão de seu braço, mais precisamente — adicionou Knight.

— Sim, sua constante companheira. Agora, Knight, pode dizer. Esses dois homens são os mesmos que vieram ontem.

Julien ficou de pé. Sorriu a Knight e a Lily.

— Sem dúvida estão desejando que vá neste momento. Não é que não esteja fascinado com tudo isto, mas vocês precisam falar a sós. Além disso, não me considero um árbitro imparcial. Na verdade, antes de toda a excitação, só vinha te ver, Knight, para te perguntar se desejava vir comigo a uma luta de boxe. Perto de Becklesfield, amanhã pela tarde.

Os olhos de Knight se acenderam, mas rechaçou a proposta com elogiável força.

— Não, acredito que não, Julien.

— Por que não? — perguntou Lily. — Sabemos que você não nos acompanharia a Castle Rosse — continuou, com a decepção pesando na língua, mas, por sorte, não se revelando em sua voz. — Seria uma enorme perda de tempo.

Knight estava confuso. Preocupava-se que os homens os vissem e os seguissem. Por outro lado, sabia que se os acompanhava, teria muita dificuldade em manter as mãos

longe de Lily. Precisava separar-se dela. Necessitava tempo para recuperar sua perspectiva de vida e precisava levar Janine para cama, ao menos uma dúzia de vezes. Precisava voltar a pôr o leme em equilíbrio. Se podia assegurar-se de que ela e os meninos estivessem a salvo...

— Muito bem, Julien. Passe para me pegar as duas.

— Excelente. Senhora, Winthrop, um prazer.

Uma vez que estiveram a sós, Knight se apressou a dizer.

— Enviarei dois guardas com vocês para Dorset, onde está Castle Rosse. Terão um bom amparo.

Lily sentiu tristeza e de uma vez alívio de que Knight não fosse com eles. Sentiria saudades. Espantosamente.

— Estou certa que não teremos problemas. Os homens não podem estar observando a casa todo o tempo, e podemos nos assegurar que não estejam quando partirmos amanhã pela manhã.

Knight não considerou esta última observação.

— A pergunta é por que, Lily. O que é o que querem? Chamaram-no de pirralho do Tris. Obviamente eram conhecidos de Tris, ou seus sócios, ou algo, pelo amor de Deus. Estavam muito dispostos a levar Sam.

— Como refém?

— É possível. Pense. O que podem querer?

Lily se afastou e se dirigiu para as janelas que davam ao parque.

— Lily, você deve ter algo de valor que eles querem.

— Não sei! — Virou para olhá-lo enquanto falava. — Estou dizendo a verdade. Não tenho ideia do que eles querem.

— Tris foi assassinado justo antes de chegar a sua casa. Certo?

— Sim.

— Assassinado, possivelmente, antes que pudesse dizer que coisa valiosa tinha em seu poder.

— Não havia nada de valor na casa ou entre suas posses pessoais. Estas são meras hipóteses, Knight.

— Tem alguma outra sugestão, senhora?

— Não tem por que zangar-se!

— Beba uma xícara de chá, Lily.

— Duckett não o trouxe ainda.

Knight, frustrado, caminhou até a porta, abriu-a com violência e gritou:

— Duckett! O chá, homem!

— Senhor.

Knight saltou meio metro para trás. Duckett estava ao seu lado, silencioso como uma sombra, com a bandeja de chá em seus braços.

— Maldito seja — disse Knight sem fôlego.

— Confio que retire suas palavras, senhor, quando recuperar seu bom humor.

— Está acabando o bom humor.

— Rogo a Deus que isso não seja certo, senhor.

— Sirva o chá, maldição.

Duckett serviu o chá em meio de um tenso silêncio.

— As crianças, senhor? — perguntou quando teve terminado.

— Sim, leve o chá, por favor — disse Knight. — Também para Sam. Deve estar bastante sedento depois de sua aventura.

— Não está sendo castigado por ter desobedecido — disse Lily cerrando os olhos.

— E o que! Não estou acostumado a ser pai! Fiz o que pensei que merecia. Queria que o açoitasse? Bom, não o farei.

Lily riu entre dentes. Seu sorriso inclinado era atraente e a desejou tanto nesse instante que bebeu o chá de um gole e queimou a boca. Voltou a engolir e grunhiu.

Duckett não disse uma palavra. Prudentemente, partiu da biblioteca depois de despedir-se com um gesto de Lily.

— Sinto — disse Lily depois de um momento.

— O que? Queimo-me e você sente?

— Não, não por isso, isso é culpa sua. O que lamento é havê-lo admoestado pelo castigo de Sam. Eu não poderia machucá-lo fisicamente tampouco. Às vezes quero torcer seu pescoço, mas, na verdade, no mesmo momento torceria o meu. Vou Deixá-lo sozinho. Perdoe-nos por interromper sua paz.

— Vai resgatar Sam?

Sacudiu a cabeça.

— É obvio que não. Se os adultos não apoiarem uns aos outros, produzir-se-ia um caos. E creia-me, você não sabe o que é o verdadeiro caos até que veja as crianças tomarem o controle.

Virou-se e escutou que ele a chamava.

— Sim? — voltou a olhá-lo e por um momento, tudo o que ele pôde fazer foi extasiar-se com sua imagem.

— Você é... — tão deliciosa que a única coisa que quero fazer é te beijar, beijar cada parte de seu corpo. — Vê-la-ei no jantar.

— Não acredito Knight. Tenho muito que empacotar.

— Como quiser — disse tentando soar indiferente.

Eram só sete da manhã. O céu estava nublado, a névoa, densa, tão densa que Lily não podia ver mais que meio metro de distância. Fazia frio, além disso, um frio úmido que atravessava qualquer capa, cachecol e jaqueta até chegar aos ossos. Knight também teria

tremido, mas estava muito ocupado conversando com os dois guardas para assegurar-se que Monk e Boy não estivessem por perto.

— Disse aos guardas que vigiem bem de perto — assegurou a Lily. — Têm descrições completas destes tipos: Monk e Boy. Não devem se preocupar. Chegarão a Castle Rosse esta noite. Estarão esperando-os.

— Obrigada, Knight.

— Primo Knight! — A cabeça de Theo saltou da janela da carruagem.

— Sim?

— Terminarei com a biblioteca quando voltar a Londres.

— Sei Theo.

A cabeça de Sam apareceu, logo a de Laura Beth. Knight se aproximou da janela e roçou com os dedos no rosto de cada uma das crianças.

— Vocês cuidarão de sua mãe — disse em voz alta. — Não a levem a borda da loucura, está bem? E estejam bem alerta se por acaso veem os vilões que atacaram Sam.

— Sim, senhor!

— E obedeçam a Tucker, escutaram-me?

— Sim, senhor!

Knight ajudou Lily a subir na carruagem, então fechou a porta rapidamente.

— Que tenham uma boa viagem — desejou e retrocedeu.

Fez um gesto a Tucker Dilly, o chofer, e a carruagem iniciou sua travessia. As três crianças, John e Lily foram em um carro.

Sentiu piedade pelos dois adultos. Os guardas, dois homens imponentes e com décadas de experiência, saudaram Knight com confiança e esporearam seus cavalos atrás da carruagem.

Knight ficou em silêncio no degrau mais baixo até que a carruagem se perdeu na névoa. Já na casa, subiu para o quarto. Deteve-se um momento no corredor e escutou Stromsoe que dizia com voz feliz:

— Ah, o silêncio. Por fim, o silêncio! A casa de um cavalheiro não deve estar cheia de crianças. Por fim.

Knight sorriu. Sentia o silêncio.

Janine, uma ingênua que fazia o papel de leiteira em uma produção do Drury Lane, tinha uma espécie de beleza limpa, uma conversa intracetedente, e uma cabeleira loira muito espessa. Era tão habilidosa quanto Daniella e Knight fez amor com ela três vezes antes de retornar a sua casa às três da manhã.

Ao menos não tinha gritado o nome de Lily quando chegou a seu clímax com Janine.

Na manhã seguinte, ficou na cama um momento, observando uma moldura do céu raso. Sorriu para si mesmo, recordando o que tinha pensado na tarde anterior quando assistia à briga no Becklesfield. Não deixava de perguntar-se o que teriam dito Theo e Sam dos dois boxeadores. Temia não ter sido a melhor companhia para Julien. Assim e tudo, pensou, tinha ganhado quatrocentas libras apostando no campeão.

— Vais comprar um novo cavalo de corrida com suas ilícitas libras? — Havia perguntado lorde Alvanley.

Knight sacudiu a cabeça. Pensou que compraria uns pôneis para Sam e Laura Beth e que os faria levar a Castle Rosse. Sir Charles Ponsonby caminhou até a carruagem de Julien.

— Onde estão suas crianças, Knight? — perguntou enquanto não perdia detalhe da carruagem.

— Estão em Castle Rosse.

— E sua gloriosa mãe? — perguntou sir August Krinke, um homem com mais dinheiro que sentido comum e um odioso olho vesgo. Knight fez uma pausa, e olhou sir August nos olhos.

— Com as crianças, naturalmente — disse arrastando as palavras.

Sir August deu um passo atrás ante semelhante olhar. Knight Winthrop era famoso por sua urbanidade de cavalheiro, mas um olhar bastava para que um homem civilizado se segurasse.

Mais conhecidos se detiveram, e Knight, uma vez que entrou na conversa, sentiu-se feliz que Lily não cruzou por sua mente mais que três ou quatro vezes durante essa hora. Foram à estalagem de Mordant Tooth nos subúrbios de Becklesfield, onde os seis cavalheiros se fartaram de bebidas espirituosas e comentários atrevidos, nenhum deles, por sorte, dirigidos a Lily ou as crianças de Knight.

Logo tinha ido ao Drury Lane e tinha suportado a comédia incrivelmente ruim e tinha levado Janine, a leiteira, para a cama.

Ao menos agora, pensou, estava bem descansado. Esticou-se quando Stromsoe entrou em seu quarto.

— Ah, senhor, está acordado. Trouxe seu café.

E assim começava o dia, pensou Knight, recostando-se em dois travesseiros bem macios.

O dia parecia vazio e, entretanto, ao mesmo tempo, tremendamente ocupado. Estranho, mas era assim.

A casa estava tão silenciosa. Maldição.

Knight podia até escutar quando Duckett entrava na estadia.

— Posso perguntar se jantará em casa esta noite? — inquiriu o mordomo.

Knight negou com a cabeça.

— Não, não voltarei para casa até muito tarde.

Duckett sabia que isso significava que uma mulher acalmaria sua senhoria. Retirou-se em tanto silêncio como tinha entrado. Por Deus, a casa estava tão silenciosa!

Castle Rosse

Dorset, Inglaterra

Lily estava esgotada. Finalmente, só em seu quarto, três pares de mãos exigindo isto e aquilo e três bocas falando ao mesmo tempo. Supunha que John estaria tão aliviado de se encontrar sozinho como ela.

O mordomo de Castle Rosse, Thrombin, tinha os saudado feliz — para grande alívio de Lily— assim como a governanta, a senhora Crumpe. Os guardas tinham cumprido com suas obrigações e tinham assegurado que antes de partir de volta para Londres que não tinham visto nem ouvido nada dos dois homens.

— Senhora, não existe nada com o que se preocupar.

Lily estava refugiada sob a pilha de mantas cálidas quando escutou que a porta do seu quarto estava sendo aberta. Ficou gelada e se sentou na cama.

— Mamãe? — Laura Beth.

— Vem aqui, amor — disse sem lutar contra o inevitável.

Vinte minutos depois, com Laura Beth grudada em sua lateral, dormiu. Mesmo com sua pequena companheira de cama, Lily descansou bem. No dia seguinte, encontrou-se com John na sala de jantar, lendo jornal, tomando o café da manhã com as crianças. Estava falando com um Theo cativado e a um aborrecido Sam.

— Castle Rosse é uma casa de campo muito antiga e com muita história. Foi construída por Sr Peter Winthrop, então barão de Rosse, no ano 1568, durante o reinado da Primeira Isabel.

— É por isso que nossa estadia é tão fria— disse Sam sem deixar de mastigar seu toucinho. — É uma antiguidade.

— É histórica — corrigiu Theo. — E cuida sua língua, Sam. Sabe que a mamãe não gosta disso.

John tratou de manter-se sério.

— É uma espécie de toca, mas desfrutaremos explorando-a, não tenho dúvidas. Até me disseram que há alguns lugares encantados. Talvez possamos encontrar algum.

Lily saudou com a mão e se localizou em seu lugar, escutando John e as crianças:

—...e no começo do século dezoito, diz-se que a então princesa Ann ficou aqui por uma noite antes de virar rainha.

— Mamãe nos mostrou uma imagem — disse Theo. — Era uma mulher muito gorda.

— Também contei, se me lembro bem, que estava doente e que essa era a razão pela que era gorda.

— Sim, bem, depois Castle Rosse foi lugar de reunião para alguns dos ministros de Jorge II.

Sam bocejou sobre sua torrada e Lily o condenou com o olhar. Então começou, pouco a pouco, a atormentar Laura Beth. Lily se deu conta depois de uns minutos que não deixava de olhar para a porta, esperando que aparecesse Knight. Era absurdo. Descobriu que já não tinha mais apetite.

Castle Rosse era uma toca, mas uma muito formosa descobriu Lily durante os dias seguintes em companhia da senhora Crumpe. Os pisos se afundavam e se elevavam imprevisivelmente, as escadas terminavam de um modo abrupto; habitações pequenas sem uso davam a passagens menores que não conduziam a nenhum lugar em particular. A área

destinada às crianças estava na asa oeste, no terceiro andar, e levava uns vinte minutos chegar a ela da sala na asa norte do segundo andar, sempre que não se perdesse no caminho.

— Isto é ridículo — anunciou Lily na segunda manhã. — John vamos ter que mudar tudo nesta casa. Há tantos quartos livres, e muito deles conectados, dois ou três ao mesmo tempo.

John proferiu um suspiro de alívio. Estavam lhe saindo frieiras.

E assim o grupo dos Winthrop ocupou a asa leste do segundo andar de Castle Rosse. Os serventes estavam muito agradecidos.

— Parecia que ia ficar sem ar — disse Lily a senhora Crumpe.

— É muito gentil de sua parte ter reunido a todos em um só lugar.

O único quarto que não foi ocupado foi à suíte principal, localizada no final do corredor.

— Lembro de seu marido, senhora Winthrop — disse inesperadamente Thrombin uma tarde enquanto acomodava a bandeja com o chá em uma mesinha da sala. — Um cavalheiro muito elegante. Lamento que tenha morrido.

— Obrigada — respondeu Lily. — Todos sentimos muita saudades. Levantou o olhar e viu Sam, de pé na soleira, escutando sem se envergonhar.

— Vem, Sam. Talvez o senhor Thrombin possa te contar algo de seu pai.

Para seu prazer, assim foi. Não tinha visto Tris em dez anos, mas recordava ao jovem cavalheiro, de bom porte, que tanto tinha impactado seu primo Knight Winthrop.

— Um sedutor, esse era seu pai, senhor Sam, sempre disposto a fazer uma brincadeira, um truque. Seu primo Knight, nosso senhor, você sabe bem, adorava seu pai. Seguia-o a todas as partes, e seu pai era um verdadeiro cavalheiro, sim era, e gentil, muito gentil com seu primo menor.

Mas foi através da senhora Crumpe, um dia depois, que Lily descobriu os preceitos de vida de Knight.

Capítulo 12

— Sua senhoria era um moço tão simpático, e tão bem educado — disse a senhora Crumpe com uma luz maternal nos olhos. Fez uma pausa, franziu um pouco o cenho e então adicionou: — Bom, a maior parte do tempo era bem educado. Como todos os cavalheiros, às vezes, parecia um potro desbocado. Mas nunca malicioso, não, nunca mesquinho ou malvado.

Lily sorriu ante este comentário, pois imaginou o tipo de travessuras que devia ter feito o jovem Knight. Estava segura de que tinha sido mais parecido com Sam do que com Theo. Junto com a senhora Crumpe, percorria a estreita galeria de retratos que se encontrava na asa oeste. Lily não podia tirar os olhos do retrato em tamanho natural que tinha diante dela. Mostrava um Knight de quinze anos, de pé, junto a um potro. Era alto, esguio, e havia uma faísca de humor em seus olhos, um humor zombador e divertido. Era um moço ardiloso que prometia converter-se em um homem belo, e o tinha cumprido.

— Sua mãe morreu quando tinha dez anos, sabe. Nunca viu muito seu pai, pois sua senhoria acreditava firmemente que um menino não devia carregar com a maldição das faltas de seu progenitor, mas sim devia desenvolver as suas próprias.

Esta informação assustou Lily.

— O que? — exclamou — Isso é absurdo! Quer dizer que o ex-visconde de Castle Rosse simplesmente ignorava seu filho?

— Bom, sim, mas de propósito, você me entende — explicou à senhora Crumpe, enquanto tirava o pó do retrato. — Era um homem mais velho quando sua senhoria nasceu. Não se casou até os quarenta e sua viscondessa era uma menina que não chegava aos vinte.

Mas, a deixou grávida quase imediatamente e então retornou para Londres para seguir com sua vida.

Lily não podia acreditar no que estava escutando. Por Deus, um menino pequeno deve ter pai pensou. Uma mãe deve ter marido.

— Estou segura de que isto não é novo para você senhora Winthrop, conhecendo o visconde como deve conhecê-lo — continuou à senhora Crumpe com sua voz precisa. — Ele sustenta a mesma filosofia de seu pai. Não se casará até os quarenta. Vou dizer, senhora Winthrop, o senhor Thrombin e eu nos surpreendemos muito de que você e as crianças ficaram com sua senhoria em sua casa de Londres durante tanto tempo. Sua senhoria, como seu pai, sente que as crianças devem ser cuidadas por suas babás e instrutores. — Voltou a maravilhar-se, sacudindo a cabeça por causa da incredulidade. — Quase duas semanas. Suponho que deve ter estado perto da loucura com todo o ruído e as travessuras das crianças.

Não, pensou Lily, ele se maravilhou. Não ia se casar até que chegasse aos quarenta? Só tinha vinte e sete! Algo dentro dela protestou de um modo surdo e urgente.

— E esta era sua mãe, lady Elysse. Encantadora, é verdade? Sua senhoria tem seus olhos... Olhos de raposa, dizem todos. Sua cor ouro misturado com marrom, vê. Pouco comuns.

— O antigo visconde amava sua jovem esposa?

A senhora Crumpe se permitiu uma amostra de reprovação

— Em realidade não, senhora Winthrop. Pensava que essas emoções eram ridículas e absurdas. O amor, estava acostumado a dizer em tom petulante, era para gente que não tinha cabeça e para aqueles que tinham dois dedos de frente. O amor não era para um homem como ele, não, absolutamente. Acredito que esta é outra das crenças que também compartilha sua senhoria.

Lily seguiu obedientemente à senhora Crumpe, escutando com interesse tudo o que dizia. Em certo modo não podia classificar Knight como um espelho das convicções de seu pai.

Por alguma razão inexplicável, a formosa casa e os imaculados jardins, primeiro considerados como um refúgio e um lar, agora pareciam uma prisão. Ali não havia amor, pensou, não havia afeto... Nem gritos, nem discussões. Não havia vida.

Perto de Winthrop House Londres

Knight assobiava. Seu corpo se sentia maravilhosamente relaxado, bastante, satisfeito; em geral, feliz. Tudo estava pronto. A questão era esperar. E manter-se alerta. Assobiar sempre ajudava.

O único que o assustava, pensou, ao recordar seu encontro com Janine na noite anterior; era que o cabelo de Lily era mais espesso, mais variado e mais suave do que o de sua amante. Ele tinha tocado o cabelo de Lily na noite que a tinha salvado do asqueroso Arnold e então a tinha atacado na carruagem. Assobia mais forte, disse-se, e pensa em outras coisas.

O senhor Wheat, um dos guardas que tinha acompanhado Lily e as crianças a Castle Rosse, reportou-se ante sua senhoria. Não havia sinais dos homens. Tudo estava em ordem. Monk e Boy não tinham aparecido por nenhuma parte perto de Castle Rosse. Tinham que estar em Londres.

Isso era um alívio. Perguntava-se quando realizariam seu próximo movimento. Foram obrigados a fazer. Era só uma questão de tempo e oportunidade, e durante os últimos dois dias e duas noites, Knight tinha estado dando mais que uma grande oportunidade. Nesse instante, por exemplo, estava caminhando sozinho, um alvo fácil.

Sorriu. Obviamente a Lily não tinha ocorrido que ele ia converter-se no alvo, desde que ela tinha abandonado a cena. Do contrário, ele não tinha nenhuma dúvida de que ela teria insistido em protegê-lo de algum modo.

Viu que um homem envolto em uma capa dobrava uma rua lateral, fez uma pausa por um momento debaixo de um farol na esquina leste de Pordand Square, e então o saudou com cortesia para seguir seu caminho. Knight queria começar a rir. Certamente não se tratava de Monk ou de Boy. Este cavalheiro era o epítome da civilização.

Knight começou a assobiar de novo.

Quando se produziu por fim o ataque, foi rápido e silencioso. Knight sentiu a presença dos dois, embora não os viu, e foi capaz de tirar sua espada.

— Ah, é nosso sofisticado cavalheiro, muito bem — disse Monk com desfrute. Knight saiu das sombras, se adiantou fazendo uma finta insinuando para frente e para trás enquanto o vilão passou zunindo a brilhante prata de seu estilete que passava de sua mão direita à esquerda e vice versa. — Rodeia-o, Boy, mas se mantenha longe de sua arma.

— Cavalheiros — disse Knight em voz alta, todo amabilidade— finalmente apareceram. Por que não me perguntam ao invés de me cortar as tripas?

Knight viu a figura de Boy com a extremidade do olho. Não se movia com muita agilidade, graças a Deus por esse pequeno favor.

— Muito bem, cavalheiro, nos diga onde estão os diamantes e deixaremos as tripas onde estão.

— A que diamantes se refere?

— A queridinha de Tris sabe, como não! Diga-nos isso você ou nos diz isso ela, e a vamos encontrar, não tenha dúvida.

A queridinha de Tris? Knight sacudiu a cabeça.

— Repito-lhe — continuou, dando um passo para trás longe do braço esticado de Boy. — Que diamantes?

— As quinquilharias de Billy, assim as chamava Tris — explicou Monk. — Era este tipo Billy o que tinha estas quinquilharias feitas em Paris para sua amiguinha, uma mulher chamada Charlotte. Depois esta Charlotte rompeu o compromisso e Billy quis devolver os diamantes, só que nós os pegamos e os escondemos antes que alguém se desse conta.

— Tris os enganou, não há dúvida disso — interveio Boy. — Mandou-nos a polícia e terminamos, no cárcere e ele ficou com os diamantes. Agora, nos diga onde estão e o deixaremos ir. Seguro que a prostituta que vivia com Tris o disse. Não é você o que agora se ocupa dela?

Joias, em outras palavras, pensou Knight enquanto tratava de traduzir mentalmente o discurso dos malfeitores. Assim Tris era um ladrão de joias, então? E tinha enganado a estes dois. Não tinha sido muito ardiloso de sua parte. Que diabo cruzou pela mente de seu primo? Era um maldito criminoso? Tentou não pensar nas outras palavras. A prostituta que vivia com Tris...

— Sinto muito, amigos — disse Knight com toda a calma que pôde aparentar — mas têm o tipo equivocado. Não sei nada das quinquilharias de Billy, nenhuma palavra.

Este anúncio não agradou nem a Monk nem a Boy.

Knight se posicionou cuidadosamente. Monk e Boy não eram lutadores estratégicos. Eram brigões sujos, ratos de esgoto, mas Knight também era bastante sujo e sabia que podia superá-los.

— Lamento dizer, cavalheiros, mas penso que o melhor que posso fazer é despachá-los ao inferno. Certamente o merecem. Suponho que mataram Tris?

— Tipo orgulhoso, tem bastante arrogância, não te parece, Boy? O velho Tris nos traiu, já dissemos isso, assim não tínhamos alternativa.

Essas foram às últimas palavras que pronunciou Monk. Knight se jogou para contra ele, de uma forma perfeita, com a espada bem segura e disposta a matar. Pegou Monk fora de guarda e sentiu que a ponta da arma afundou no ombro do malfeitor. Com relutância a

lâmina atravessou a pele e penetrou com fluidez entre a carne e o sangue que começou a brotar.

Monk gritou e jogou a espada, saltando de volta para encostar-se à parede do edifício enquanto Knight tirava a espada de seu ombro.

— Maldito bastardo! Mata-o, Boy, não o necessitamos! Procuraremos à prostituta de Tris!

Knight girou com rapidez para enfrentar Boy que avançava sobre ele. Maldição, o tipo tinha uma pistola. A sua estava dentro do bolso interno de seu casaco. Não tinha tempo de tirá-la. Inclinou para a esquerda quando Boy disparou. Sentiu a bala que roçou a têmpora. Escutou que Monk gritava com o seu companheiro enquanto sentia que deslizava lentamente até ficar de joelhos.

— Que o diabo o leve! Aí vem outro tipo. Vamos sair daqui!

A última coisa que Knight viu foi Boy pegando Monk pelo braço e arrastando-o entre maldições. Então desapareceram de sua vista.

— Meu Deus! Está ferido!

Knight conseguiu manter seu olho direito aberto. Julien estava agachado sobre ele.

— Fui um estúpido — explicou. — Esse maldito Boy tinha uma pistola, e como um parvo deixei a minha no bolso de minha jaqueta.

— Eu estava a caminho, amigo. Agora, vamos para casa. Tem o rosto coberto de sangue.

Quando Julien St. Clair, conde de March, cruzou a porta de entrada da casa levando o visconde de Castlerosse inconsciente, coberto de sangue, Duckett lançou um gemido de estupor.

— Oh, Meu Deus! Senhor, não está...

— Não, não está morto — se apressou a dizer Julien. — Busca imediatamente um médico, Duckett.

Duckett gritou a um servente uma série de ordens desarticuladas. Meu Deus, todo esse sangue! Seu senhor estava mortalmente ferido... O que se... Não, Deus, não. Mas não podia ignorar suas obrigações.

O médico dos Winthrop, o Dr. Tuckman, tão velho, frágil e venerável como a primeira edição do livro de Theo, chegou neste momento.

O Dr. Tuckman tinha visto de tudo em seus quase sessenta anos, mas o jovem visconde, com o rosto coberto de sangue, foi uma surpresa desagradável para ele.

— Vejamos o que temos aqui — disse, empurrando Julien para um lado. Depois de lavar o rosto de Knight, o Dr. Tuckman falou com um tom de suave reprovação. — Bom, é apenas um arranhão. Olhe. A bala roçou a têmpora. Espetacular, nada muito profundo ou perigoso.

— Então por que está inconsciente? — perguntou Julien. Stromsoe tinha se mantido a distância, para desgosto de Duckett, embora soubesse que o valete não podia suportar sangue.

— A comoção, provavelmente — respondeu o Dr. Tuckman. — Amanhã vai ter dor de cabeça, mas nada mais sério que isso. Os malfeitores fugiram?

Julien decidiu criar uma ficção verossímil. Assentiu.

— Que desgraça que estas coisas sigam acontecendo em uma cidade tão moderna como Londres.

Nesse momento, Knight gemeu.

— Graças a Deus — disse Julien.

— Não há nada de milagroso em sua recuperação, nada absolutamente — demarcou o Dr. Tuckman em sua ácida voz e começou a guardar seus instrumentos na maleta.

Duckett não sabia o que fazer agora. Tinha tentado atuar como considerava melhor, na verdade assim tinha sido. Esperava que Charlie tivesse seguido suas instruções. Quem podia adivinhar ou saber que as coisas teriam que sair desse modo?

Escutou que uns cavalos se detinham diante da casa e suspirou. Oh, Deus.

A porta se abriu de repente e Lily, com seu chapéu de montar torcido, seu traje de montar, sempre de um azul profundo e agora toda enlameada, aproximou-se correndo de Duckett.

— Está bem sua senhoria? Por favor, me diga que não morreu!

— Senhora Winthrop — começou o mordomo, logo se deteve para umedecer os lábios. — Você chegou muito... Rápido. — Estava começando a suar; podia senti-lo em sua cabeça calva. — Não usou um carro.

Lily nem se deteve para pensar o que considerava tolices.

— Por favor, não, cavalgamos. Sua senhoria. Duckett, como...

— Que diabo está fazendo aqui?

Lily virou sobre seus calcanhares para ver Knight de pé na soleira da porta da biblioteca com os braços cruzados sobre o peito. Tinha uma bandagem na cabeça, mas estava completamente vestido; sua cor era saudável; em linhas gerais, parecia gozar de muito boa saúde.

O alívio a alagou. Todas suas frenéticas súplicas tinham sido escutadas.

— Não está morto — gritou e correu para ele.

Com toda a presença de ânimo que pôde conservar Knight a tomou pelos pulsos e a manteve afastada dele.

— Lily, o que está fazendo aqui? — repetiu.

Lily pestanejou e se afastou, como se de repente tivesse tomado consciência de sua precipitada e, pelo visto, inesperada corrida. Solto suas mãos enluvadas.

— Charlie foi me buscar em Castle Rosse. Disse que tinham disparado em você e que estava ferido possivelmente com gravidade. Vim imediatamente, é óbvio.

Knight olhou por cima de sua cabeça e cravou os olhos em Duckett que estava tão erguido como seu metro e meio o permitia, tentando ser mais justo que juiz.

— Estava coberto de sangue, senhor. Estava terrível, pálido, como se estivesse morto.

— Isso é verdade — adicionou Charlie.

— A senhora Allgood necessitou duas criadas para limpar o sangue do quarto esta manhã — disse Duckett decidido a entrar nos detalhes mais desagradáveis para justificar-se.

— Uma grande quantidade de sangue — voltou a adicionar Charlie.

— Você nem sequer estava aqui — disse acidamente Knight. Era consciente de que, nesse momento, converteu-se em uma espécie de espetáculo.— Senhora Winthrop, por favor entre na biblioteca. Duckett traga um pouco de chá e alguns refrescos.

A porta da biblioteca se fechou.

Lily ficou com as costas apoiada na porta, observando o visconde de Castlerosse. Estava diferente. Os olhos com que a olhava eram diferentes. Não entendia nada.

— Quem disparou?

— Na verdade, nossos dois vilões, Monk e Boy.

Ela conteve um soluço.

— Não! ... Sabia, sabia.

— Vejo que é muito rápida para tirar conclusões. Sim, Lily, sabia que iam vir me buscar quando você estivesse longe. Não sou tão parvo como você deve acreditar.

— Nunca acreditei que você fosse um parvo! Você é muito nobre, se quer saber a verdade.

— Nobre? Que gentileza de sua parte. Estou tão feliz, asseguro. Estava esperando que viessem por mim. Dei muitas oportunidades. Arriscaram-se ontem à noite, por fim. Minha única estupidez foi que Boy tinha uma pistola e disparou. Não esperava isso, e tinha a pistola em minha jaqueta. Acreditei que seu estilo eram as facas na escuridão da noite. Por outro lado, estou certo que Monk não tinha planejado que o ferisse com minha espada no ombro. Suponho que deve ter uma ferida de consideração e que não vai poder levantar-se em uma semana, pelo menos. Julien, é obvio, formava parte de meu plano. Ele me trouxe de volta para casa. Minha ferida sangrou muito, mas não foi nada sério.

— Estou vendo — disse Lily finalmente. Respirou fundo. — Estava aterrorizada por você.

— Obrigado — respondeu no tom mais seco que ouviu.

— O que acontece?

Duckett chegou com a bandeja com chá e uma com bolos e bolachas.

De repente Lily se deu conta de que estava morta de fome. Sentou-se e viu o estado em que se encontrava seu traje.

— Oh, Deus, estou toda suja...

— Primeiro coma; depois pode ir arrumar se.

— Obrigado. Estou esfomeada.

Knight a olhou fincar seus dentes em uma parte de bolo de limão, especialidade de Cuthbert. Esperou que ela tivesse a boca cheia outra vez.

— Descobri o que esses tipos querem. Querem diamantes. Joias, em outras palavras.

Lily quase se afogou. Ele se apressou a dar tapinhas nas costas e lhe aproximou uma xícara de chá.

— Me perdoe. Sim, estou bem agora. Não sei nada de joias! Por Deus, por que...

— Eram cúmplices de Tris. Mataram-no antes de averiguar o que tinha feito com as joias que tinham roubado. Evidentemente ele tratou de extorqui-los, uma ação, penso, que não foi muito bem pensada. Tris chamava as joias de quinquilharias do Billy, por um tipo chamado Billy que as tinha encarregado para sua prometida, Charlotte. Parece que Charlotte rompeu o compromisso e as joias estavam em trânsito para seu lugar de origem... Não sei muito bem onde. Tris e seus companheiros as roubaram.

Lily não podia deixar de olhá-lo. Pouco a pouco, foi recuperado o dom da palavra.

— Não acredito nessa história. Tris não era um criminoso. Era um bom homem, um pai maravilhoso...

— E um amante marido também?

Lily voltou a ficar sem palavras. Levantou o queixo e pronunciou com firmeza:

— Sim, é obvio que era. Não era um ladrão. Ele não teria se associado com homens dessa índole.

— Lily, é verdade. Deixe de contradizer os fatos. A única pergunta que tenho... Bom... Em realidade, há duas perguntas. A primeira, onde estão os diamantes? A segunda, de quem eles roubaram? Quem é esse Billy?

— Digo que não há joias! Não acredita que teria me informado depois da morte de Tris?

— Monk e Boy estão convencidos de que você sabe. Também estão convencidos de que Tris as escondeu. Nós temos que as encontrar e as devolver a seu dono. É lógico pensar que assim Monk e Boy não vão ter nenhuma razão para nos incomodar.

Lily bebeu o resto de seu chá. Não podia ser possível, não... Fechou os olhos e os apertou forte, lutando contra as lágrimas. Tris, não, não.

— Não deveria ter vindo aqui.

Escutou suas palavras, o tom impessoal de sua voz. Demorou uns minutos para recuperar o controle.

— Tinha que fazê-lo— disse abrindo os olhos para ver como a observava sem expressão no rosto.

— Por quê? Você e eu não temos nenhuma relação, Lily. Nenhuma — adicionou com deliberada frieza.

Estava mudado. Muito mudado. Agia como se a odiasse. Knight continuou sem mudar o tom de sua voz e sem esperar uma resposta de sua parte.

— Talvez... Talvez esteja brincando com algo mais complicado que não consigo compreender. Agora sou o tutor legal dos meninos. Agora sou responsável por eles. E você, senhora, bom, pode deixá-los a meu cargo e partir aonde queira, com uma fortuna em joias.

— O que... O que disse?

— Você me escutou.

Ficou de pé de um salto e quase jogou a bandeja de chá.

— Por que age de um modo tão estranho? Tão cruel?

— Veio com Charlie para passar comigo minhas últimas horas? Talvez pensasse que estaria tão agradecido com sua preocupação que me casaria com você em meu leito de morte. A teria feito uma mulher muito rica, sabe. Provavelmente mais rica que se vendesse as joias roubadas.

Lily estava pálida e muito, muito fria por dentro. Mas composta. Levantou o queixo. Estava enlameada, suja, tinha o cabelo emaranhado, e se via formosa.

Knight se manteve firme. Tinha que fazê-lo.

— Ou, senhora Winthrop, imaginou que embora sobrevivesse a minha ferida, sua presença aqui em minha casa, sem acompanhante, teria o mesmo efeito. Haver-me-ia sentido obrigado a me casar com você. Certamente você sabe o muito que quero me deitar com você, por desgraça fui mais que direto sobre esse tema. Mas o matrimônio, senhora? Não sou tão tolo. Você pode deixar a casa dos Winthrop quando a agradar. Nem me importa se sua reputação está destrozada. Não me casaria com você, nunca vou fazer.

— Os dois homens... Disseram não? Disseram que não estava casada com Tris?

Knight lançou uma gargalhada. Foi um som espantoso e rouco.

— Se me perguntar se eles se referiram a você como a queridinha de Tris, ou sua prostituta, sim, disseram-me que você não estava casada com ele.

Lily não emitiu som. Ficou de pé, em silêncio. Parecia incrivelmente composta, incrivelmente... Ferida.

Ele tinha que manter-se firme. Não podia ser derrotado uma vez mais por sua beleza, por seus remarcáveis dotes de atriz.

— Você faz o papel de mãe à perfeição, senhora. Todos que a observam concordaram comigo. Afetuosa, gentil, todas as qualidades que alguém espera de uma mãe. Assim que seu pai a entregou, ou talvez a vendeu, ao Tris quando você tinha quinze anos? Reconheceu-a como uma prostituta embora fosse sua própria filha. Ou possivelmente Laura Beth não é sequer sua filha. Talvez essa seja outra mentira para ganhar simpatia pela pobre viúva dolorida. Diga-me a verdade. Embora já não importe. A mim, pelo menos não me importa. Termine seu chá, senhora. Coma um pouco mais de bolo. Está muito magra neste momento e precisa ganhar um pouco de carne para assegurar-se que seu próximo protetor seja um homem de fortuna e posição.

Sentia-se gelada, um deserto de dor, mais do que ela acreditava possível.

— O que, não tem nada a me dizer, senhora Winthrop? Bom, não importa. Lembro-me como muito recentemente, você escapou daqui. Que pena que o asqueroso Arnold tenha frustrado seus planos. E eu, é obvio, como um parvo São Jorge, fui a galope salvá-la. Você não queria minha assistência, não é certo?

Ela só o olhou, muda. Pouco a pouco, foi assentindo.

Knight não se deu conta. Caminhava pela biblioteca sem olhá-la. As palavras brotavam de sua boca sem freio.

— Foi muito sábio de sua parte que não escapasse de mim depois que despachei Arnold e seu miserável cúmplice. E logo tive o mau tino de atacá-la no carro. E a encantou,

não é certo, Lily? Você, minha querida, tem todos os atributos teóricos de uma hábil prostituta. Por desgracia, é honestamente apaixonada, acredito. Aceite meu conselho. Uma prostituta de êxito é fria como um cadáver.

Knight terminou por esgotar suas palavras, saudou-a com uma brincadeira, girou sobre seus calcanhares e abandonou a biblioteca. Não fechou a porta de uma portada, mas sim o fez com supremo cuidado.

Lily se afundou em uma poltrona. Tinha o olhar perdido, não via nada, só desejava estar morta.

Se tivesse tido a energia, teria ido embora nesse mesmo momento. Mas estava exausta, tanto física como mentalmente. Subiu a seu quarto. Betty preparou o banho. A senhora Allgood lhe trouxe o jantar em uma bandeja.

— Sua senhoria vai jantar aqui? — perguntou Lily.

— Não, está jantando no clube esta noite. Por que, não sei. — A senhora Allgood franziu o cenho. — Tinha pensado que se você tomou a moléstia de vir desde Castle Rosse... — encolheu-se de ombros. — Bom, não é meu assunto. O que pensa da senhora Crumpe?

— É do mais gentil. Com todos nós.

— Assim deve ser. É minha prima. Seu nome é Emily. Escrevi-a, é obvio que você e os meninos iam para lá e disse a ela quão bons eram. Desejo que passe uma boa noite, senhora Winthrop.

Que mundo pequeno, pensou Lily. As oito já estava dormindo, seus sonhos eram escuros, mas indefinidos.

À uma da manhã, Knight mediu o trinco. A porta se abriu sem ruído. Tudo estava às escuras. Esforçou-se para ver a Lily, mas nem sequer pôde imaginar seus contornos.

Uma vela pensou. Queria vê-la, tinha que vê-la. Tropeçou com a perna de uma cadeira e amaldiçoou aos gritos. Tinha que controlar-se. Pensava que nunca tinha estado tão determinado a fazer algo em sua vida.

Acendeu a vela e caminhou lentamente para a cama.

Capítulo 13

Produziu-se uma corrente de ar na estadia. Knight se apressou a acender o fogo. Queria que o quarto estivesse quente porque pretendia tê-la nua.

Não se moveu até que as chamas alaranjadas se elevaram com força. Celebrou sua habilidade e ficou de pé enquanto limpava as mãos na bata. A bata se separou um pouco na parte da frente, e o desgostou ver que não era tão indiferente à presença dela como tentou se convencer. Maldição incomodava e ainda não a tinha visto, ainda não a havia tocado. Fechou melhor o cinturão, mas isso não ajudou muito.

Deteve-se enquanto a observava sem fazer ruído. A habitação estava se tornando mais e mais cálida, e pôde ver as sombras das chamas na parede onde se apoiava a cama. De repente, um braço apareceu por entre as cobertas. Lily empurrou as mantas entre sonhos, as quais se amontoaram à altura de sua cintura. Knight se conteve.

Queria observá-la para encher-se dela de uma vez para sempre. Tinha o cabelo solto e esparramado sobre o travesseiro. Uma cabeleira incrivelmente espessa, tão formosa que Knight engoliu com dificuldade, desejando desesperadamente brincar com seus dedos nela. As pestanas, mais escuras que o cabelo, sombreavam suas bochechas. Em seu sonho parecia muito jovem e muito inocente. Maldita inocência. Quase expressou seu desejo e seu desprezo em voz alta.

Seu olhar se voltou mais carnal quando se deteve na camisola. Era de um branco virginal, de pescoço alto e cheio de pequenos botões que se estendiam ao longo da linha que ia da cintura à garganta. Tratou de imaginar como seria em um objeto como a que tinha comprado a Daniella uns meses atrás. Era uma peça de seda de cor salmão que ocultava,

emoldurava, sugeria e definia. Mas por muito que o tentou, por algum motivo não pôde conjurar essa imagem.

Aproximou a vela da pequena mesa que estava ao lado da cama. Era suficiente. Sentou-se ao seu lado, sem tocá-la ainda.

— Uma prostituta — sussurrou para que o escutasse a estadia vazia ou a moça dormida. — A mulher mais atraente que conheci em minha vida e é uma maldita prostituta. — Começou a rir com secura.

Lily escutou essa risada. Não formava parte de seu sonho. Era real. Produziu-se aqui, a seu lado. Seus olhos se abriram de repente. Virou a cabeça e o viu.

— Knight? — Que estranho que estivesse ali, sentando em sua cama, sorrindo para ela. Não, não sorria. Estava rindo. Certamente era estranho. Havia dito algo gracioso e não se deu conta? Ainda estava sonhando? — Realmente está aqui? — Levantou uma mão para tocar seu rosto, logo a deixou cair. — Aconteceu alguma coisa? Os meninos?

— Olá, querida Lily. Sim, estou aqui, e não, não aconteceu nada.

— Knight! — Ele estava em seu quarto, em sua bata de noite! — Não! O que está fazendo aqui? Na verdade... — interrompeu-se enquanto lutava por levantar-se.

Knight a puxou pelos ombros e a pressionou para baixo.

— Oh, não, Lily, quero você deitada. — Tinha voltado para a familiaridade de tutor. Ela o olhou, confundida.

— Não o entendo. O que está fazendo aqui? Jura que não aconteceu nada ruim?

Desta vez Knight não começou a rir, mas seus lábios se torceram em uma paródia de sorriso. Não soltou os ombros dela.

— Nada absolutamente, querida Lily. Estou aqui para pôr a prova uma teoria, nada mais.

— Que teoria? — perguntou sem entender.

Ah, esse olhar incrível, perplexo, inocente.

— Faz tão bem, Lily. Talvez possa dar lições de atuação às moças da ópera.

Não entendia nada, essas palavras não tinham nenhum sentido.

— Bebeu Knight?

— Apenas um pouco. Possivelmente teria sido melhor que me embebedasse até me esquecer de tudo, mas não fiz. Não, queria ver, entender, conhecer os resultados de me... Experimento. Agora, minha querida, quero te olhar.

Algo estava muito mau. Este homem não era o Knight Winthrop que ela conhecia. Mas uma vez mais, esse homem amargo, sarcástico, que não deixava de insultá-la na biblioteca tampouco. Não tinha medo, mas desejava que tivesse um pouco de consideração. Tinha os olhos entrecerrados e as luzes douradas aumentavam por causa do reflexo da vela. Esses olhos de raposa como havia dito a senhora Crumpe. Estava olhando-a, por debaixo de sua camisola, e ela soube imediatamente o que se propunha. A respiração se tornou dificultosa.

— Não — expressou claramente. — Vá, Knight.

— Não desta vez, Lily. Agora... — de repente, sem aviso, rasgou a parte da frente da camisola do pescoço até a cintura. Ela levantou e lutou com todas suas forças contra ele, mas foi inútil. Ele a segurou até que ela se sentiu muito cansada para seguir brigando.

Viu o medo em seus olhos, mas se negou a deixar-se arrastar por isso. Tratava-se só de uma atuação. Não havia nada real nela exceto sua paixão. Ao menos isso era o que acreditava o que pretendia provar. Tomou os pulsos e os levantou por cima da cabeça. Ficou observando seus seios.

— Essas camisolas que usa Lily, não a fazem nenhuma justiça. Seus seios são lindos sabe, plenos e brancos, e os mamilos, de um rosado tênue e brando.

Queria tocá-los, levá-los à boca. Mas não, tinha que manter o controle.

— Basta, Knight. Por que faz isto? Não sou uma prostituta... Por favor, deixe me explicar — Sem dar-se conta começou a orientá-lo também.

Ele replicou em tom de brincadeira.

— Ah, muito bem, Lily. Tem algo que quer me explicar? Teve todas as oportunidades esta tarde na biblioteca. Mas não disse uma só palavra, não negou nada, não é certo? Agora, onde estava? Ah, sim, seus encantadores seios. Não são muito grandes, mas a forma, Lily, e a textura da carne... Deixe-me ver a textura... — Ergueu os pulos com uma mão, e com a outra roçou apenas os seios. Os olhos estavam fixos no rosto.

Um grito profundo e brutal saiu da garganta de Lily.

— Não! Não pode fazer isto, Knight! Não pode me forçar!

— Te forçar? Quer dizer te violar? É obvio que não o farei. Não é meu estilo. Absolutamente. Acredito que já disse isso. Oh, não, Lily, você gosta disto, não é certo? Logo estará sussurrando tolices, quererá me tocar tanto como eu a ti. — Seus dedos continuavam brincando com o mamilo, e ela viu em seus olhos que ele não estava disposto a deter-se. Estava determinado a obter seu objetivo. Ela enlouqueceu de repente. Começou a sacudir-se. Tratava de soltar-se, chutava a um lado e a outro em uma tentativa vã por liberar-se.

— Deixe-me ir, Knight! Maldição! Gritarei, juro-te que...

Sua mão deixou o seio e se apoiou com firmeza sobre a boca. Knight se aproximou. Seu fôlego roçava a bochecha.

— Não, não o fará, Lily. Vou beijar-te agora e quererá que volte a fazer como aquela noite na carruagem. Cale-se já, Lily e observa o que te faço sentir.

Sentiu o fôlego ardente em sua bochecha, viu a dureza masculina de seus olhos e a percorreu um espasmo de completo terror. Oh, Deus, não, pensou, e virou a cabeça. Mas Knight tomou a mandíbula com violência e a obrigou a olhá-lo.

— Não sou uma prostituta — disse, mas não importava. Era como se tudo estivesse além de seu alcance, além de seu entendimento. A boca de Knight cobria a dela, ardente e firme. Sentiu que sua língua insistia contra seus lábios. Gemeu a modo de protesto e ele tremeu ao escutar esse som. Ela tinha que deixar de fazê-lo; Ela tinha que se fazer entender suas razões. Ele soltou sua mandíbula e ela soltou um grito:

— Não!

— Maldição — disse Knight. A fúria e a fria determinação enchiam sua voz. Rodou e ficou em cima dela para mantê-la quieta enquanto procurava outra vez sua boca. Segurou os braços longe do corpo e ela sentiu todo o peso de seu corpo. Agora não era gentil. Era todo exigência. Devorava sua boca e seu sexo endurecido pressionava contra seu ventre. Pressionava para baixo e logo para frente em uma paródia do ato sexual, e ao mesmo tempo sua língua se deslizava em sua boca, procurando cada vez mais profundo, e retirando-se. O fez uma e outra vez, e ela pensou: é Knight o que está fazendo isto, é Knight o que me está fazendo sentir vazia e ardente e cheia de desejo, e isto é tão incrivelmente erótico que não posso suportá-lo.

Knight soube imediatamente que respondia. Soube que a estava enlouquecendo e imediatamente tirou vantagem.

— Lily — disse em sua boca. Apertou o pulso e baixou o braço enquanto saía de cima dela. Levou a mão a seu ventre. — Me toque Lily. Olhe o que faz comigo. — Os dedos da jovem roçaram sua pele e seus quadris se sacudiram apesar de suas intenções. De repente os dedos se chocaram contra o grosso veludo da bata. Knight sentiu uma intensa frustração que se abafou em um profundo gemido. Afastou a bata e logo voltou a lhe guiar a mão.

Lily não podia acreditar no que estava fazendo, o que queria fazer, o que morria por fazer. Seus dedos tocavam a estranha pele masculina, tão ardente, tão dura e de uma vez tão lisa. Sacudiu-se, seu corpo tremia enquanto seus dedos procuravam e exploravam. Estava assustada em presença de sua masculinidade, de sua diferença, de seu tamanho, e, entretanto, estava tão excitada que sentia que seu corpo se aproximava irresistivelmente a ele, para esfregar-se contra ele, para levá-lo dentro dela.

De repente, tirou a mão.

— Chega — sussurrou, com voz rouca. — É muito hábil, maldição. — Voltou a subir sobre ela, a cobrir sua boca com a sua, a exigir com a língua, e ela se entregou a ele.

Hábil para que? Perguntava-se Lily, mas não importava. Nada a preocupava exceto ele e o que ele estava fazendo com ela, o que a estava fazendo sentir.

Ele acariciava a bochecha, o nariz, a garganta. Ela queria mais, mas não sabia o que. Sentiu uma dor ardente entre as coxas e se sacudiu. Ele se deleitou, pois sabia que era o único responsável. Localizou-se entre suas pernas.

— Mais, Lily. Abre as pernas um pouco mais.

Ela obedeceu sem duvidar, sem pensar. Ele voltou a lançar-se contra ela. Só a camisola esmigalhada se interpunha entre eles.

Ela estava fora de si e ele sabia. Gritava indefesa dentro de sua boca, e esses gritos o enchiam de uma sensação de triunfo e de uma dura alegria que tentava negar. Inclinou-se para trás, seu sexo pressionado contra o corpo da moça, e empurrou e soltou e ela abriu os olhos, olhou-o e gemeu. Tinha as mãos em seus ombros, e tratava de tirar a bata.

— Não, Lily! — Não podia permitir que o despisse. Perderia, sabia. Não podia deixar que isso acontecesse. Não podia permitir que ela ganhasse. Em um movimento se colocou a seu lado. Ela pronunciou seu nome entre gemidos e tratou de aproximar-se dele, de encontrá-lo, de empurrá-lo em cima dela. Tinha as mãos em seu rosto, em seus ombros, em seus braços.

Ele voltou a beijar e a acariciar os seios e sentiu o furioso pulsar de seu coração, as suaves dobras de sua pele, o desejo que a abrasava. Abriu os dedos e deixou sua mão estendida sobre seu ventre. Sentiu a tensão dos músculos e soube que ela não podia escapar ao desejo. Tinha-a em suas mãos. Estava completamente a sua mercê. Tinha ganhado.

— Lily, me olhe, Abre os olhos! Quero ver seu rosto quando te toco. Quero que saiba que estou olhando quando te toco.

O prazer palpitava pelo corpo de Lily. Empurrava-o, alagava-o. Ao abrir os olhos, viu o olhar decidido, o triunfo masculino. Sentiu que Knight não formava parte dela, mas sim era um ser distinto, distante e dominador.

— Não... Por favor, não... Knight... —Não podia deixar que isto acontecesse, não podia. Por que ia fazer isto a ela?— Por favor, Knight...,

— Por favor, o que, Lily? — disse em sua boca. Deliberadamente voltou a subir a mão e a apoiou com suavidade contra seu seio. Viu a decepção nos olhos da moça; sentiu que seus quadris se levantavam, procurando, desejando algo mais e sorriu.— É muito apaixonada, Lily, e agora é minha. Você não gosta disso?— Sua língua golpeou a dela, e ao mesmo tempo seus dedos roçaram o mamilo. Ela gritou dentro de sua boca e sentiu seu triunfo, seu intenso prazer masculino e sua satisfação, e se odiou e odiou a seu corpo pela traição. Nunca tinha imaginado sentir nada como isso. Quando Tris a tinha beijado, não havia sentido nada, nem o mais ligeiro tremor. Mas com Knight, sacudia-se somente com os pensamentos que vagavam por sua cabeça. Abriu os lábios um pouco e os ofereceu. A mão de Knight estava tão firme em seu seio. Acariciava-o com seus dedos habilidosos, de repente sua boca abandonou a dela e se fechou sobre o mamilo.

Era muito. Lily arqueou as costas e gemeu no profundo de sua garganta.

— Isso, Lily, é isso— se estivesse verdadeiramente no controle, teria se detido neste ponto.

Enquanto sugava com a boca, sua mão encontrou o outro seio. Sentia o batimento do coração que galopava cada vez mais selvagem, e por um breve instante levantou seu rosto para olhá-la, Tinha os olhos fechados, a cabeça arqueada contra o travesseiro, a expressão de seu doloroso prazer. Deus era tão formosa, tão comovedora... Rapidamente capturou o mamilo na boca. Não voltaria a olhá-la até que estivesse seguro de que podia suportá-lo— Era um engano. Não era mais que outra mulher, outro corpo, imensamente desejável, mas nada mais. Baixou a mão para tocar sua cintura e logo percorreu com ela o ventre. Ela se retorceu contra ele. Knight sorriu. Seu sorriso era cruel.

— Deseja-me, Lily?

Ela abafou um grito e ele viu que tinha as mãos fechadas em punhos, agarradas à colcha.

— Me toque Lily.

Desejava que ela abrisse os olhos, e quando o fez, voltou a ordenar.

— Me toque Lily.

Pouco a pouco, ela levantou as mãos e roçou com elas seus ombros. Esse simples roce, nem sequer em seu corpo nu, a não ser em sua maldita bata, o fez perder o fôlego. Apressou-se a fechar os punhos com suas mãos e as pressionou de novo contra a cama.

— Como se sente Lily?

— Não sei. — Era um gemido, um uivo, cheio de frustração. Respirava com dificuldade, seus olhos estavam muito abertos e dilatados, selvagens e frustrados.

Os olhos de Knight estavam fixos em seu rosto. Moveu a mão pelo ventre, como uma suave carícia.

Lily entrecerrou os olhos como se seu corpo desse a boa-vinda.

— Knight...

— Não feche os olhos! Abre-os. — Agora me diga o que quer. Diga-me o que sente. — Seus dedos a deixaram, só, por um momento. Rasgou um pouco mais a camisola. Viu os cachos loiros escuros e sorriu. — Me diga Lily. — Seus dedos a buscaram e, ao encontrá-la, exerceram uma ligeira pressão. Teve uma sensação de triunfo. Deus era a sensação mais forte do mundo.

— Eu... Eu... Knight, ah...

Knight ficou maravilhado da profundidade e a rapidez de sua resposta. Quase se separou dele de um salto nesse momento, depois que ele a tocasse apenas por uns segundos. Levantou os dedos e observou seu rosto. Viu que abria pouco a pouco os olhos e o olhava com confusão e algo parecido ao desespero. Esperou um pouco mais e voltou a tocá-la com seus dedos.

— Knight...

— Sim, Lily? Isto te dá prazer, não é certo? É tão suave, Lily, e ardente e úmida para mim, só para mim. Vê? Assim é você, Lily. — Levou os dedos até sua bochecha para que pudesse sentir sua própria umidade. Ela tremeu e ele sentiu que seu próprio corpo quase explodia em resposta.

Desta vez teve muito cuidado de não levá-la a seu clímax. Jogava com ela, brincava com seus dedos habilidosos, incitava-a, e sabia que estava perto, mas seria ele quem decidisse o que ia receber, e quando.

De repente, ela separou as coxas e empurrou os quadris para cima, para seus dedos, procurando, além de seu orgulho, além de tudo, desejando só a plenitude. Ele a deixou e com extrema rapidez introduziu seu dedo médio nela. Oh, Deus! Era muito pequena e estava ardente, tensa, e Knight não pôde evitar um gemido de prazer.

Não, não podia. Tinha que recuperar o controle. Não permitiria que ela o afetasse desse modo.

Voltou a tocá-la com seus dedos e sorriu dolorosamente. Território familiar pensou. Seus movimentos eram rítmicos, ligeiros, logo profundos, brincalhões, depois duros e secos. Sentiu que estava construindo seu clímax, desfrutou das selvagens sacudidas de seus quadris, o endurecimento de suas pernas, os gritos incontroláveis que rasgavam sua garganta. No momento preciso, quando ela estalou em seu clímax, deixou-a.

Ficou de pé rapidamente e ficou ao lado da cama. Seu peito se agitou ao olhá-la. Tinha a camisa aberta até as coxas. Não pôde deixar de observar a expansão de carne suave e branca, o ventre plano e o formoso cabelo loiro escuro. Deus era deliciosa, e tão ardente. Para qualquer homem que fosse o suficientemente parvo para tocá-la.

Estava movendo os quadris, arqueando-se para cima, ainda fora de si, e chorava brandamente. Tratou de manter-se longe dela. Mas não pôde. Não pôde tolerá-lo.

— Muito bem, maldição. — Não se deitou a seu lado desta vez, não podia. Sentou-se. Com uma mão pressionou o ventre. Segurou-a para que se aquietasse e com a outra mão a buscou de novo. Olhou-a nos olhos. Ela o observava e logo seu olhar se perdeu

quando ele a levou até o clímax. Ela gritou e ele se apressou a cobrir a boca. Deus era muito. Ela se retorcia contra seus dedos, tremia grosseiramente. Ela seguia olhando-o enquanto alcançava a altura máxima de seu prazer, e ele sentiu então que se convertia em parte dela por um breve instante.

Pareceu que tinha passado uma eternidade. Pouco a pouco, muito pouco a pouco, ela começou a se aquietar. Sentiu que a atravessavam sacudidas, ligeiros espasmos e tremores do prazer que se desvanecia.

Viu que seus olhos se esclareciam gradualmente. Estava olhando-o, mas agora o via. Era ela mesma outra vez, longe dele, longe de seu controle.

Sorriu, com um sorriso cruel, mas muito satisfeita.

— A próxima vez, Lily, a próxima vez terei minha boca dentro de ti. Imagina minha língua te tocando em lugar de meus dedos. Ficaré louca, Lily. Ficaré louca, e me rogará, rogará.

Ela tremeu ao escutar estas palavras e ele soube que ela estava imaginando sua boca cobrindo-a, acariciando-a. Imediatamente, viu que sua mente se esclareceu e agora entendia o que ele acabava de fazer.

Não disse nada. Só o olhou, muda, imóvel.

— Não será uma prostituta de êxito, querida Lily.

Ela só o olhava, com uma expressão incompreensível.

— Não, como te disse antes, a prostituta é fria, muito fria. Precisa ser assim para poder controlar ao homem, ganhar, por assim dizer. Mas você, Lily, é apaixonada, e um homem mataria por obter sua paixão. Mas não te faria rica, isso, não. Vê, não teria necessidade. Tudo o que teria que fazer seria te tocar e te voltaria louca desejando que te fizesse sentir prazer. Tudo seria grátis. Talvez, Lily, se for boa comigo, faça-a minha amante. Como agora sei quem é o que é, como já não haverá mais mentiras entre nós, não vamos ter maiores dificuldades. Você gostaria de ser minha amante, Lily?

Seus lábios se moveram, mas não se escutou nenhum som.

— Você não gostaria de sentir meu sexo dentro de ti, Lily? Enchendo-a, sabe isso, porque já me tocou e me teve entre suas mãos, e te farei conhecer um prazer muito superior ao que acaba de experimentar. E minha boca, Lily. Agradarei-te muito mais que o que Tris fez. Mas uma vez mais, estiveste muitos meses sem um homem, não é certo? Sei que o asqueroso Arnold não conta. Tem certas exigências, depois de tudo. Ficou muda? Não conseguiu te liberar ainda de sua paixão? Quer mais? Bom, ainda estou duro para uma mulher. Qualquer mulher naturalmente. Mas te darei mais se o desejar, Lily. Sou um homem generoso.

Pouco a pouco, a jovem se sentou. Fechou sua camisa à altura dos seios. Fechou os olhos para evitar a dor, a humilhação. Não podia evitar escutar a odiosa ladainha.

— Bom, agora está começando a me aborrecer. Não me interessa muita conversa em uma mulher, mas um pouco nunca vem mau. Me faça saber pela manhã, Lily. Possivelmente ainda esteja interessado. Talvez a próxima vez entrarei em ti, embora eu gostaria de saber quantos homens me precederam.

Deu meia volta para abandonar o quarto. No instante seguinte, uma jarra de água meio cheia o golpeou totalmente entre as omoplatas. Knight cambaleou, e virou.

Não teve tempo de reagir, nem de pensar.

— Bastardo!

Ela se lançou sobre ele com sua camisa rasgada flutuando como a vestimenta de um fantasma, seu cabelo solto sobre o rosto. Knight viu que tomava impulso com o braço, mas tudo foi como um raio, um momento de indecisão, um fragmento de um sonho.

Com todas suas forças, Lily o golpeou com o punho na mandíbula. A dor explodiu em sua cabeça. Perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Lily estatelou seu punho contra o ventre de Knight enquanto gritava sem cessar:

— Bastardo! Insensível, maldito bastardo!

Ele deslizou sobre o tapete diante da lareira e caiu, batendo a cabeça na borda da pedra.

Desabou como um pássaro morto.

Lily ficou olhando-o, com o fôlego agitado, movendo as mãos para acalmar a dor que se intensificava em seus nódulos.

— Odeio-te, maldito. Odeio-te. — Caiu de joelhos e colocou a palma da mão sobre o coração de Knight. Escutava-se forte e estável. — Nada te mataria, miserável, malvado, estúpido...

Lily respirou fundo. Ficou de pé e o olhou uma vez mais. Logo sorriu. Empurrou-o até que o localizou em meio de um tapete menor que estava diante da poltrona de balanço. Envolveu-o e começou a arrastá-lo desde seu quarto, detendo-se a cada dois ou três passos para recuperar o fôlego. Quando chegou ao quarto de Knight, doíam-lhe os braços. Solto uma das pontas do tapete e ficou um momento na porta.

A estadia principal, pensou, enquanto olhava a porta fechada. A do senhor. Deixou-o jogado ali no corredor, esparramado no chão, com sua bata semi-aberta mostrando as coxas peludas, inconsciente como se estivesse morto. Retornou a seu quarto, tomou duas mantas de sua cama e voltou para o lugar onde tinha deixado Knight.

— Deve morrer por sua maldade, não por um estúpido resfriado.

Cobriu-o com as mantas, esfregou as mãos no que foi um grande gesto para sua audiência privada, fechou a camisa rasgada, voltou para seu quarto e trancou sua porta.

Em dez minutos dormiu.

Capítulo 14

— Senhor!

Knight despertou ao escutar uma voz estridente e chocada.

Abriu um dos olhos e viu que Stromsoe se inclinava sobre ele. Que estranho que estivesse sobre ele. De repente se deu conta de que estava dormente e gelado e que suas costas estavam apoiadas sobre o chão de madeira. Sentou-se de um modo abrupto. Uma dor aguda paralisou sua mandíbula e outra dor partiu sua cabeça e provisoriamente esfregou com seus dedos a parte posterior de seu crânio. Um pouco de sangue manchou seus dedos. O lugar da têmpora onde tinha roçado a bala de Boy começou a pulsar. Era um desastre, um completo e absurdo desastre.

— Senhor! O que está fazendo aqui, no corredor? Não entendo... Eu...

— Fica calado, Stromsoe. Estou morrendo, ou ao menos estou considerando a ideia. — Enquanto friccionava a mandíbula, e logo a cabeça dolorida, todos os sucessos da noite anterior se atropelaram em seu cérebro. A última coisa que viu foi o punho de Lily e disse: — Meu Deus, que magnífico gancho me bateu.

— O que disse senhor? Magnífico o que? Está... Bem, senhor...?

— Stromsoe, fecha a boca. Ajude-me a levantar. Deus, estou tão duro como uma senhora gorda com espartilho.

— Não há dúvidas disso, senhor, se dormiu toda a noite no chão. Como chegou aqui? E as mantas?

— Interessante pergunta, não é certo? Bom, não tenho resposta, Stromsoe. Na verdade — adicionou em voz baixa — não tenho tampouco todas as respostas. — Então Lily, como não queria vê-lo morrer congelado, tinha jogado umas mantas em cima. Sorriu, mas começou a doer à mandíbula, a cabeça, as costas; tudo doía como o diabo. Se ela queria revanche, e só um santo não teria querido vingar-se, tinha-o obtido. — Um banho quente — disse ao Stromsoe enquanto entrava lentamente em seu quarto, com seu valete atrás. — Muita água quente para me tirar todos os maus humores. — Enfiou os dedos em seu cabelo emaranhado. Acidentalmente roçou o galo, e fechou os olhos. Enquanto baixava a mão, sentiu o perfume de Lily. De repente recordou o olhar em seus olhos quando o prazer se apoderava dela. Recordou seus gritos, a sensação de vê-la sacudir-se contra seus dedos... — Oh, Deus. — Virou no momento em que Stromsoe partia. — Viu à senhora Winthrop esta manhã?

— Não, senhor.

— Pergunte ao Duckett.

— Sim, senhor.

— Se apresse Stromsoe.

Stromsoe levantou uma sobrancelha pelo tom utilizado por seu amo, mas assentiu e se retirou. Quando retornou ao quarto de seu amo, nem cinco minutos depois, junto a dois serventes que traziam a tina de água quente, sentiu-se como o famoso mensageiro grego portador de más notícias. Esse tipo tinha tido um final catastrófico, mortal.

— Bem?

— Aqui está à água quente, senhor. Está bem quente.

— Não seja tolo, Stromsoe.

— Se foi... Faz uma hora.

Knight se deu conta de que tinha empalidecido. Não deveria haver acontecido, pois não era uma surpresa, não na verdade. O que tinha esperado? Vê-la sorrindo na mesa do café da manhã dizendo: bom dia, Knight. Espero que tenha dormido bem no chão do

corredor depois que te estatelei o punho na mandíbula. Ah, sim, o prazer que me deu, esteve bastante bem, e sim, decidi ser sua amante, mas deve ter mais cuidado porque posso te matar, pois é um bastardo.

Riu e seu valete o olhou. Knight fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Não me leve a mal. Ah, esta água está soltando vapor. Excelente. Pode se retirar, Stromsoe. Quero um pouco de paz para meu corpo dolorido.

— Sim, senhor — respondeu Stromsoe, e se dirigiu para a porta o mais rápido que pôde.

— Diga ao Duckett que venha.

— Sim, senhor.

— Que tipo servil — murmurou Knight.

Despiu-se e se introduziu na tina de água quente. Duckett se deslizou em seu quarto não mais de quinze minutos depois.

— Senhor, queria me falar?

— Está cada vez mais lento com os anos. Fecha a maldita porta. Está gelado e, como pode ver estou nu.

Duckett, talhado de um diferente tecido que Stromsoe, então virou um pouco, sem perder o aprumo, e fechou a porta. Então, ficou ali, — com os braços cruzados, espera. Sabia o que queria seu senhor, mas não ia fazer nada voluntariamente, não no presente estado de ânimo de sua senhoria. Perguntava-se o que tinha acontecido na noite anterior. Os serventes estavam comentando que o visconde tinha chegado sem dúvida bêbado. Por que se não ia dormir no chão? Por quê? Pensava Duckett. Nem o mesmo sabia a resposta, mas sim sabia que o visconde não havia tornado bêbado. Sabia que o visconde bebia só com moderação e nunca perdia o controle.

Knight se afundou na água quente e emitiu um profundo suspiro de prazer.

— Isto é melhor que uma harpa. Não pensa que no céu oferecem banhos quentes, Duckett? — Recolheu água na mão e a derrubou sobre sua cabeça, fechou os olhos ao sentir que o líquido penetrava no corte aberto, logo suspirou de novo de prazer.

— Essa é uma pergunta teológica, senhor, sem dúvida, para ser feita ao arcebispo.

— Ah, sim? Não, não responda a isso. Diga-me, Duckett, que horas são?

— Quase oito da manhã.

— Aha. A que hora se foi à senhora Winthrop?

— Às sete.

— Como?

— Insistiu em voltar a cavalo, senhor. — Duckett viu que o visconde dava um salto e empalidecia, por isso adicionou em sua voz mais lacônica: — Eu, é obvio, insisti que Charlie a acompanhasse de retorno a Castle Rosse.

Ao menos retornava a Castle Rosse. Mas por quanto tempo? Não estava preocupado pelos dois ladrões de joias. Monk estava fora de circulação por um tempo, e Knight duvidava que Boy se separasse um momento de seu lado.

— Eu deveria ter me oposto a sua partida, mas não houve tempo, senhor. É pouco usual que esteja tão quente a esta altura do ano.

— Por que nenhum servente despertou antes que Stromsoe? O que fizeram? Passaram por cima de mim?

— Nenhum servente se deu conta, senhor. Só Stromsoe vem a seu quarto pela manhã.

Knight murmurou algo bastante gráfico e obsceno, mas Duckett, imutável, não disse nada.

— Quando vai viajar a Castle Rosse? — perguntou por fim Duckett, vendo que o visconde começava a lavar com parcimônia seu cabelo. Esse tipo Boy o tinha ferido na têmpora. Era possível que tivesse outra ferida?

— Humm Ir a Castle Rosse? Por que teria que ir?

Isto era muito interessante. Duckett não moveu uma pestana.

— Não tenho a mais remota ideia, senhor. Ah, aqui está Stromsoe. Necessita algo mais, senhor?

Knight abriu os olhos e entrou sabão neles.

— Saia. É um imbecil, Duckett.

— Sim, senhor.

— Saia também Stromsoe.

— Sim, senhor.

Dois dias depois, Lily estava sozinha, observando a pintura quase de tamanho natural de Knight aos quinze anos de idade. Falava com bastante seriedade.

— O que me fez não é nada adulator. Quer dizer, foi lindo, mais que lindo, em realidade, mas não me tocou porque me quisesse ou porque se preocupasse por mim. Não, Knight, queria me castigar e me humilhar e o fez bastante bem. — Fez uma pausa por um momento, compreendendo que seria considerado bastante estranho se a pegassem falando com um retrato. Entretanto, estava sozinha, e isto permitia demonstrar todo o aborrecimento que sentia, e a vergonha por sua paixão desenfreada.

— Você não ganhou senhor. Talvez não forcei minha vontade, mas te dei uma grande dor de cabeça... Ao menos espero ter feito. Também espero que tenha se sentido humilhado ao ser encontrado no chão do corredor. Pergunto se considerará que estamos quites. — Sacudiu a cabeça. — Não, não o fará. Sou uma parva ao pensar por um instante que consideraria isso. Se ficar, enviar-me-á uma mensagem me dizendo que tenho que partir? Não, esse não é seu estilo, não é certo? Teria um imenso prazer em vir pessoalmente me mandar embora. Sim, gozaria com isso. Fá-lo-ia com grande ousadia e ironia com esse frio tom de voz tão seu.

Uma tosse se escutou atrás dela, e Lily se virou, assustada.

— Oh, senhora Crumpe!

— Senhora Winthrop, sinto muito incomodá-la... Eu também, em ocasiões, falo com os retratos, parecem tão reais, sabe... Bom, Laura Beth cortou um dedo e está chorando como se fosse morrer neste momento.

— Irei já — se apressou a dizer Lily.

Laura Beth estava na cozinha, sentada na mesa de mármore, rodeada de Mimos, a cozinheira; a criada; Thrombin, o mordomo; e outro criado que Lily não tinha visto ainda. Estava soluçando de um modo bastante teatral ante sua audiência que a adorava e se preocupava com ela, e Lily se sentiu tentada a rir.

— Menina malvada — disse, atravessando a audiência que se separou para deixá-la passar. — Como se cortou? Basta já de chorar, Laura Beth. Sei que está atuando. Olhe, é um pequeno corte. Está se comportando como um bebê.

Os soluços aumentaram de volume.

— Suponho que terei que contar ao Sam. Já posso ouvi-lo desprezar às tolas garotinhas que choram por tudo.

Os soluços morreram de morte súbita.

— Mamãe? Oh, mamãe, cortei-me e isso é mau e me dói muito!

— Sim, estou vendo, pequenina...

— Assim é como me chama Knight. Mimms, a cozinheira, interrompeu.

— Não quis fazê-lo, senhora Winthrop, pobre menina inocente! É culpa desta estúpida moça... — Um dedo acusador assinalou à criada. — Agnes deixou a faca sobre a mesa onde qualquer um podia pega-la e matar-se com ela!

Lily olhou o rosto redondo de Agnes e sorriu.

— Não aconteceu nada. Cuidarei que nenhuma menina de quatro anos dê voltas pela cozinha e perturbe a paz de todo o mundo.

Este anúncio provocou uma série de protestos, mas Lily só sacudiu a cabeça, sem deixar de sorrir. Voltou a agradecer a todos, desculpou-se uma vez mais, levantou Laura Beth e a levou.

— Dói, mamãe.

— Provavelmente lateje, mas só um pouquinho. Acredito que está sendo muito malcriada, Laura Beth.

— Beije mamãe.

— Bem, muito bem. — Lily beijou o dedo e logo abraçou forte Laura Beth. O que ia acontecer? Knight a obrigaria a partir? A deixar as crianças? Se fosse, Laura Beth ia se tornar uma criatura malcriada e exigente? O que seria de Theo? Seria um recluso, um ermitão rodeado só de livros sobre motores a vapor? E Sam, seria ferido por um disparo quando o encontrassem roubando maçãs do pomar do vizinho?

Sacudia a cabeça enquanto as perguntas silenciosas percorriam sua mente. E em todo momento, desde essa noite, a lembrança desses sentimentos tão intensos, quase dolorosos, que tinha feito experimentar, alagavam-na, deixando-a uma vez mais excitada, envergonhada e furiosa tanto com ele como com ela mesma.

— O que acontece, mamãe?

— Nada, querida. Nada. — Era incrível, pensava com que rapidez se podia mentir a uma criança. Confiava em que a menina estivesse mais interessada nesse momento no corte de seu dedo que nos motivos ocultos de sua mãe. Uma mãe que não era na verdade sua mãe, e uma mãe que pela primeira vez em sua vida havia sentido o prazer de uma mulher. Oh, basta, queria gritar.

Enfaixou o dedo de Laura Beth, logo bateu em seu traseiro.

— Quero que vá brincar agora com... — interrompeu-se enquanto olhava fixamente Czarina Catherine. Limpou a garganta. — Laura Beth, quero que vá procurar Theo e diga que venha me ver. Está bem? Pode mostrar seu curativo. É bastante grande e Theo ficará impressionado.

Isso fez com que a menina partisse com mais entusiasmo que de outro modo.

Lily pegou o pulso e o investigou com os dedos: os braços, o peito, as pernas. Não podia sentir nada. Não estava segura da conveniência de destroçar Czarina Catherine, mas as joias — as quinquilharias do Billy— tinham que estar escondidas na boneca. Tris sabia que Laura Beth não se separava dela nem um segundo.

Nunca. As joias tinham que estar ali. Com muito cuidado, Lily tratou de separar a cabeça do corpo. Os enormes olhos pintados da boneca a olhavam.

— Não estou te assassinando, pelo amor de Deus! — disse Lily e continuou com sua busca. — Consertarei o que destruir.

A cabeça saiu por fim. Rodou de sua mão e aterrissou na cama, com o buraco do pescoço para cima. A cabeça estava vazia. Nenhum sinal das joias. Lily colocou com cuidado a mão no corpo. Nada exceto cabelo de cavalo e lã de ovelha.

Lily sentiu que o abatimento a alagava. Os dois vilões estavam enganados. Não haviam joias. Nada das quinquilharias do Billy. Se Tris as tinha roubado, se Tris as tinha escondido de verdade, estariam ainda em Bruxelas. Apressou-se a voltar a colocar a cabeça da Czarina Catherine ao corpo. Ficava solta, maldição, Estava tirando a agulha do pescoço da boneca quando Laura Beth, seguida por Theo, retornou ao quarto.

— O que acontece, mamãe? — perguntou Theo imediatamente. — John e eu estamos trabalhando na biblioteca de sua senhoria.

Lily tinha se esquecido de inventar uma mentira, e mentir ao Theo era muito mais difícil que mentir a Laura Beth. Olhou-o direto nos olhos.

— Esqueci-me. Volta com John. Se o recordar, direi na hora do jantar. Sinto muito Theo.

Theo inclinou a cabeça, um dos gestos de Tris, mas como ela continuava em silêncio, partiu.

Graças a Deus, Laura Beth não notou nada estranho com Czarina Catherine. Por sorte, estava pronta para uma sesta, sua representação dramática ante o pessoal da

cozinha a tinha esgotado. Por fim Lily estava livre por um momento. Até Sam estava ocupado, ajudando Alfred, o chefe dos moços do estábulo, com os cavalos.

Lily ponderou a ideia de cavalgar, mas sentiu pena por Violet. Tinha-a extenuado na viagem de Londres dois dias atrás. Ia deixá-la descansar um dia mais. Não, o que precisava era uma caminhada.

Pensar e caminhar.

As joias tinham que estar em alguma parte, era assim, simples. Sem elas, estava apanhada. Knight ia vir, sabia. Tinha que encontrar essas joias, as vender e escapar com as crianças, abandonar a Inglaterra. Pensou de repente nos livros de Theo. Havia trazido sete ou oito de seus favoritos. Talvez as joias estivessem costuradas em alguma das encadernações. Não podia imaginar como, mas as sacudiria e as dobraria para examinar cada uma delas com cuidado.

Onde mais?

Lily suspirou e caminhou para o lago ornamental que se encontrava na borda da ladeira. Um enorme carvalho de copa esparramada e uns salgueiros circundavam o perímetro do lago. Agora sem folhas, as árvores pareciam tão tolas, miseráveis e vazias como ela se sentia. A água era cinza; os poucos patos que viviam ali evidentemente se aborreceram dos arredores, porque não os podia ver por nenhuma parte. Lily caminhava, pensando, descartando ideias tão rápido como apareciam em sua mente. Enquanto caminhava, soltou as fivelas de seu cabelo e os jogou no chão ou às árvores, sem prestar atenção a nada que não fosse ela mesma ou essas malditas joias.

As quinquilharias do Billy. Tremeu ao pensar nesses dois personagens malvados, Monk e Boy. Mesmo que pudesse encontrar as joias e conseguisse vendê-las e escapar da Inglaterra com as crianças, eles não se dariam por vencidos. Seguiriam procurando-a até que a encontrassem.

Lily se recostou contra o carvalho, sentindo-se completamente vencida.

Ali foi onde Knight a viu pela primeira vez. Parecia abatida, tinha os ombros curvados para frente, seu glorioso cabelo solto nas costas e sobre os ombros. Seu vestido era velho, de lã marrom barrosa, e seu pesado xale parecia em condições para ser jogado no lixo. Sentiu algo que crescia na profundidade de seu ser.

Era desprezo.

Sentiu desprezo por ele mesmo até que respirou fundo, olhou outra vez — com olhos realistas desta vez— e viu uma jovem mulher muito pensativa, provavelmente procurando a melhor maneira de superá-lo outra vez.

Prostituta.

Lily estava pensando nele. Outra vez. Não queria; queria que desaparecesse, que caísse em um esquecimento absoluto. Mas não ocorria. Ainda podia sentir o roce de sua boca, de suas mãos, sua ardente carne de homem sacudindo-se quando ela o tocava.

— Lily.

Lily gemeu. Agora estava escutando sua voz. Era muito. Ergueu os ombros e começou a caminhar.

— Lily! Espera! — gritou Knight, perplexo.

Oh, não, não podia ser! Lily olhou por cima do ombro, viu-o dirigir-se para ela e começou a correr o mais rápido que pôde.

— Pare maldição! — Não levou muito tempo para alcançá-la. Suas pernas eram mais largas, mais fortes e não estavam impedidas por estúpidas anáguas e saias.

Puxou-a por um braço e a obrigou a virar-se.

Lily impulsionou seu braço livre para ele, mas desta vez Knight conseguiu deter o punho no ar, a dez centímetros de sua mandíbula.

Lily não emitiu nenhum som, não disse nada, só o olhou com os olhos entrecerrados e a respiração agitada.

— Não me golpeará outra vez, Lily. Não o permitirei.

Não soltou o punho. Tomou o outro e manteve as mãos diante dela com uma só das dele. Lily respirava agitada, e era difícil para Knight tirar os olhos de seu seio.

— Por que fugia de mim?

Que pergunta estúpida! Maldição, que parvo era, mil vezes mais parvo do que pensava. Não podia, não ia permitir que ela visse nenhuma debilidade nele. Ela se aproveitaria disso imediatamente. Não deixaria que uma mulher o rebaixasse.

Lily o olhou direto nos olhos, sem mostrar nenhuma emoção ou expressão.

— Humilhou-me— disse com calma. — Eu não gosto. Não quero te ver. Certamente, não quero que me toque.

— Bom, é uma lástima — replicou, segurando os pulsos com mais firmeza. — Estou aqui e você está me olhando e estou te tocando, Lily, não onde você gosta... Mas estou te tocando.

Lily se desesperou e puxou os pulsos, mas Knight não cedeu nem um pouquinho. Lily sentou-se e apenas esperou, olhando suas mãos e a dele.

— É obvio que sabia que ia vir. Esta é minha casa. — Fez uma pausa e olhou o lago ornamental. — Dervin Winthrop ampliou isto a partir de um pequeno lago malcheiroso faz uns oitenta anos. É bastante impressionante, não é verdade? Não diz nada? Bom, é impressionante e muito formoso na primavera e no verão. — Esperou sua réplica, que dissesse algo, mas foi inútil. — Perguntava-me, na verdade, se ainda estaria aqui. Esperava que encontrasse as joias e partisse para quando eu chegasse.

— Não as encontrei. — Não havia nada de mal em dizer a verdade a esse respeito.

— Onde esteve procurando?

— Na Czarina Catherine. — Tampouco havia nada de mal em dizer a verdade em relação à boneca.

Knight parecia bastante assustado.

— Um excelente esconderijo. Laura Beth não tira a vista de sua boneca. Não houve sorte então?

— Não.

— Me escute, Lily. Se encontrarmos as joias, se agora formos nós, devolveremos. Pertencem ao Billy, quem quer que seja o maldito, mas eu descobrirei sua identidade. Não tenho intenção de me converter em criminoso.

Ela o olhou. Sua voz e seu rosto eram igualmente frios.

— Não me interessa. Ser uma criminosa seria melhor que ter uma má relação.

— Relação? — A sobancelha de Knight levantou uns centímetros. — Não temos nenhum tipo de relação, Lily— disse devagar a olhando nos olhos. — Você não tem relação com as crianças, nem comigo. — Ao menos não por agora. Seus olhos se abriram enormes ante o pensamento imprevisto e falou uma maldição.

Lily emitiu um som profundo e lutou de novo. Ele a segurou com mais força.

— Não, não quero ter que correr atrás de você por hoje. Fique quieta.

Ela ficou em silêncio outra vez. Muito silêncio. Queria que ela gritasse. Era perverso, sabia, mas não podia evitar. Deus, o turbilhão que tinha se metido desde que se introduziu em sua vida fazia tão pouco tempo.

— Vejo que desta vez nem te incomoda em negá-lo. Não é a mãe de Laura Beth, certo? — Podia vê-lo em seus olhos, a questão era se ela ia mentir ou não. — Me diga a verdade, maldição!

— Não — respondeu. — Não sou a mulher que a trouxe a vida, mas sou sua mãe.

Devia ter estado prevenido, mas não foi assim. Estava submerso em seus pensamentos e em imagens eróticas muito vívidas para abandonar, quando de repente ela o chutou com todas suas forças na tíbia. Ele a soltou e ela saltou para trás enquanto ele recuperava seu fôlego parado em um só pé.

Rápida como um falcão fugiu para a casa.

Desta vez não correu atrás dela. Se o tivesse feito, quando a alcançasse, a teria destruído. Sem mais. Isso ou a teria beijado até que os dois se voltassem loucos.

Não, desta vez se conteve.

Retornou a casa. Nem sequer tinha acabado de chegar, nem entrou. Um dos moços do estábulo tinha visto Lily caminhando para o lago ele tinha contado a Knight, que imediatamente foi segui-la.

Thrombin não pareceu surpreso de vê-lo, só fez uma reverência tão respeitosa como seus anos e sua artrite o permitiam e sorriu. Knight viu que havia menos dentes na boca de Thrombin que a última vez que tinha estado ali, e se sentiu um tanto preocupado. Deus, Thrombin o conhecia desde que nasceu. Conversaram um momento, logo Knight ouviu que gritavam seu nome.

Virou e viu Laura Beth descendo as escadas tão rápido como suas pequenas pernas deixavam.

— Tome cuidado e diminui a velocidade! — Mas não o fez, é óbvio. Ele se aproximou da escada e, quando Laura Beth aterrissou três degraus antes de chegar ao final, ela se lançou sobre ele.

Escutou que Thrombin gemia de consternação. Knight sorriu simplesmente. Segurou-a contra seu peito e beijou sua pequena boca.

— Está bem, pequenina? — Levantou-a no ar e os gritos foram escutados por todos os serventes de Castle Rosse.

A senhora Crumpe chegou com a respiração agitada ao vestíbulo. Olhou a cena.

— Não posso acreditar — disse em voz alta.

Viu seu mundano e sofisticado senhor levantar a menina de novo, soltá-la no ar, recuperá-la e abraçá-la até que gritou de alegria. Viu como Laura Beth quase afogava o visconde com beijos úmidos na bochecha.

— Senhor! — Theo, maior e tentando parecer tão calmo como um adulto indiferente ante a visita inesperada de seu tio favorito, desceu as escadas com parcimônia,

mas falando a grande velocidade. — Oh, primo Knight, espera e verá o que John e eu temos feito na biblioteca. Sabe que já estou na L? Sabe quantos volumes há, alguns que nem sequer têm as páginas abertas?

— Não, Theo, não sei. Até a L, é? Notável, moço, realmente notável.

Theo se conteve um minuto mais; quando Knight sustentou Laura Beth com um só braço, com um amplo sorriso, voou ao lado de Knight.

— Estou contente de que esteja aqui, primo Knight — disse Theo. — Mamãe esteve tão triste e nós tememos que tivesse se machucado muito, embora ela nos disse que estava bem.

— É o primo Knight!

— Só tenho dois braços — gritou Knight enquanto Sam se equilibrava pela porta de entrada.

Se tivesse havido quatro meninos, talvez tivesse sido um problema. Entretanto, Knight juntou os dois meninos contra ele e por um momento fechou os olhos. Deus, meu Deus, eram dele e tinha sentido saudades tanto. Não tinha se dado conta...

— Olá, senhor — disse John. — Estamos encantados de ver que recuperou sua saúde. Estivemos bastante preocupados quando a senhora Winthrop nos contou do ataque em Londres.

— Mamãe chorava — adicionou Sam com os olhos fixos em Knight — e nos fez prometer que nos comportaríamos bem porque ela ia imediatamente a Londres para te cuidar.

Knight não gostou de escutar isso. Voltou a abraçar cada uma das crianças e então os soltou.

— Olá, senhora Crumpe. A senhora Allgood envia carinhos. É bom voltar a vê-la. A todos vocês — adicionou, reunindo todos os serventes com o olhar. Devia ter representado uma cena bastante inesperada para eles. — O que pensam destes bonitos? Já estão a ponto de sair correndo de Castle Rosse?

— Oh, primo Knight, fomos tão bons como...

— Bons como o que? O demônio?

— O que é o demônio? — perguntou Laura Beth.

— Não importa pequenina. Não gostariam de beber uma limonada de Mimms e comer uns bolos? É obvio que sim, e eu também. Vejo a gulodice brilhando em seus olhos. Por favor, senhora Crumpe? Estaremos na sala... Não, melhor na biblioteca. Tenho que examinar todos os volumes até o L.

Theo brilhou de orgulho.

— Tenho tanto que te contar dos cavalos — disse Sam, pondo sua mão na de Knight. — Tudo está bem. Lavei-os depois de limpar o estábulo de Violet. Sabe, temos que fazer alguns ajustes na parte sul — continuou explicando com seriedade seus planos.

Knight se armou de paciência e escutou aos três. De uma vez.

Capítulo 15

Knight deixou correr o tempo sem fazer nada até uma hora antes do jantar. Lily não tinha deixado ver seu rosto nem nenhuma outra parte de seu ser. Mas ele se inteirou de muitas coisas essa tarde graças às crianças.

E comprovou, realmente comprovou, o quanto a adoravam. Era sua mãe, não cabia nenhuma dúvida. Enquanto tinha estado prisioneiro de seu aborrecimento, enquanto as crianças não tinham estado em Londres, esqueceu-se.

— Pensei que mamãe ia desmaiar, ficou tão mal — jurou Sam enquanto devorava os biscoitos com a limonada. — Mas você sabe como ela é... Nunca chora, só endurece os lábios. Partiu com Charlie logo que pôde.

— Sam tem razão — adicionou Theo. — E mamãe esteve muito calada quando voltou. Estávamos preocupados, primo Knight, mas ela nos assegurou que estava bem.

Knight podia imaginar quão silenciosa devia ter estado.

— Rezei muito por você — disse Laura Beth, olhando-o nos olhos com a boca cheia de roscas e geleia de morangos.

Quando começou a vestir-se para o jantar, pensou sem nenhum tipo de escrúpulos como ia fazer para que Lily se sentasse à mesa com ele. Sorriu quando descobriu qual era o enfoque correto. Enquanto colocava sua jaqueta de noite, descobriu que sentia saudades de Stromsoe pela primeira vez. Voltou a sorrir ao recordar como seu valete quase tinha estourado em lágrimas ante a ideia de que seu amo tocasse suas botas reluzentes com dedos que distavam muito de ser imaculados.

Knight estava assobiando quando Thrombin chegou para procurar a mensagem para Lily.

— Ah, sim, Thrombin, por favor, diga à senhora Winthrop que cheguei a uma decisão. Diga que a espero abaixo para jantar, que é essencial para seu futuro e para o das crianças que venha.

Sorriu ante o espelho enquanto examinava a gravata. Mesmo que não tivesse Stromsoe fiscalizando cada um de seus objetos de vestir, estava feliz com sua aparência. Parecia formal e elegante. Sim, realmente.

Caminhava de um lado a outro da sala, esperando Lily. Atrasou-se dois minutos. Conteve o fôlego em seu peito quando a viu. Estava com o mesmo vestido de lã marrom, uma relíquia de longas mangas justas no braço e decote de freira. Nem sequer tinha escovado o cabelo. Tinha uma expressão pétrea no rosto que ele não tinha visto antes, e, entretanto, seguia sendo formosa.

— Boa noite, Lily — disse e ofereceu um sorriso. Na verdade não era um sorriso, mas parecia.

Lily fez a brincadeira de uma cortesia.

— Que encantador que me convidasse para jantar — foi sua resposta distante. — Vai ser meu último jantar?

Knight encolheu os ombros.

— Quem sabe? Ah, aqui está Thrombin. Acredito que Mimms superou a si mesma.

— Sim, senhor, estou seguro de que se sentirá satisfeito.

— Um novilho gordo, sem dúvidas — disse Lily e soava bastante séria.

— Para o visconde pródigo?

Knight permitiu que Thrombin e Thomas, um criado, servissem o primeiro prato; logo pediu que se retirassem.

— Nos cuidaremos, obrigado. — Dirigiu-se a Lily. — Gostaria de um pouco de toucinho acompanhado de feijões? É uma das especialidades de Mimms.

Lily se serviu sem dizer nada.

Knight se serviu de uma boa porção de quarto traseiro e pudim de rins, comeu dois bocados, sentiu que caíam em seu estômago como uma pedra, e se recostou em sua cadeira com os olhos fixos em Lily. Tomou sua taça de vinho e começou a brincar com a delicada base entre seus dedos.

— Esperas que te jogue a chutes?

— Sua mensagem era que tinha tomado uma decisão. Estou esperando. — Não tinha levantado a vista para falar. Parecia que seus vegetais despertavam um grande interesse. — Como assinalou, não sou sequer uma má relação. Não sou nada absolutamente, para falar a verdade.

— Eu não diria isso. É uma mulher muito formosa, Lily. E muito apaixonada também.

Lily se manteve imperturbável ao escutar esta observação, e continuou sem olhá-lo.

Knight bebeu um gole; a perversidade corria por suas veias. Maldição por sua indiferença.

— O que um homem ama é escutar os pequenos gritos femininos, sentir os dedos incrustados em seus braços, saber que ela quer que ele...

— Chega, maldito!

Deteve-se e sorriu. Tinha ganhado; ao menos tinha obtido que seus olhos se separassem das verduras e se cravassem nele.

— Muito bem. Tudo o que queria era sua atenção. Me responda esta pergunta, Lily, e não, não volte a olhar seu prato.

— Muito bem.

— Me diga por que Tris não se casou contigo.

Primeiro pareceu como se ela quisesse voltar a golpear sua mandíbula com o punho e depois, como se tivesse estado muito cansada para fazê-lo. Encolheu os ombros.

— Por que não dizer isso embora não vai acreditar. Tris pediu que me casasse com ele. Rechacei-o, particularmente antes da morte de meu pai. Depois de sua morte, não tinha dinheiro, nem casa, e Tris me pediu de novo. Segui rechaçando. Queria-o muito, mas não o amava, sabe não do modo que penso que uma mulher deve amar ao homem com quem vai casar-se. Mas existiam as crianças. Finalmente, aceitei. Agora estaríamos casados se não o tivessem assassinado.

— Entendo. Quanto tempo viveu com ele?

— Seis meses. E não vivi com ele, só vivi, em sua casa.

— É obvio. Que grosseiro estive ao pôr as coisas desse modo. Foi, naturalmente, a governanta dos meninos?

— Fui.

— Na casa do Tris?

— Sim, é correto.

Encontrou-a completamente fora de guarda e então aproveitou, depois de uma pausa, para tirar vantagem.

— Tem um gancho bastante bom. Pude deixar ocorrer?

Nunca entenderia a mente de um homem, pensou Lily enquanto o observava. Eram as criaturas mais curiosas, seu processo de pensamento desafiava toda lógica.

— Não, depois de te golpear, cambaleou, perdeu o equilíbrio e se chocou com a parte posterior da cabeça contra a borda da lareira. Isso que aconteceu. Eu, não obstante, acrescentei outro golpe em seu estômago.

Baixou a mão de maneira inconsciente para tocar o ventre.

— Obrigado. Não podia recordar nada depois de sua direita em minha mandíbula.

Lily não disse nada. Bebeu um pouco de seu vinho, apoiou seu copo com cuidado, logo dobrou seu guardanapo.

— Se incomodaria de me dizer que decisão tomou?

Knight desprezou a pergunta.

— Eu gostei muito de voltar a ver as crianças. — Franziu o cenho no momento em que essas palavras saíram de sua boca. — Não tinha me dado conta de que sentia saudades.

— Eles estavam contentes de te ver. É obvio, não sabem como é, mas...

— Você tampouco.

— Se isto te faz sentir mais poderoso, direi que você é o único tema de conversa. Sem dúvida foram dormir falando de você. Terão maravilhosos sonhos contigo.

— Isso soa bastante nauseante, não é verdade?

— Sim, bastante. Qual é sua decisão?

— Não está muito interessada em uma conversa superficial. — Empurrou a cadeira para trás e fez o gesto de levantar-se. — Sente-se! Não terminei contigo, Lily, falta muito. Sente-se!

Não ia obedecer assim porque assim ele queria. Levantou o queixo no ar.

— Por quê? Não tem nenhum poder sobre mim. O único que te diverte é brincar comigo como um gato com um camundongo.

— Sente-se e te direi o que decidi.

Estava a ponto de rebelar-se, mas finalmente optou por acomodar-se na cadeira e escutar.

— Bem. Decidi não te jogar com um chute, por assim dizer, se é que você e eu chegamos a um acordo de algum modo satisfatório. É importante que me escute, Lily.

— Não serei sua amante, Knight.

— Não te consideraria para essa posição. Duvido que tenha a habilidade requerida.

Lily levantou as sobrancelhas, tratando de congelá-lo com o olhar. Então se conformou levantando os ombros.

— Vai ser um insulto de qualquer modo — remarcou, mais para as verduras de seu prato que para ele.

— Espero que não — disse com tranquilidade.

— Muito bem, diz o que quer Knight. Estou escutando.

— Quero que se case comigo.

Se houvesse dito que era Lázaro e que só tinha estado de viagem por três dias, não poderia ter parecido mais surpreendida. Ficou tão rígida como a mulher de Ló, sua palidez se aproximava da brancura da estátua de sal.

— Quero que seja minha esposa — repetiu. — Finalmente será uma Winthrop.

Ela seguia com os olhos fixos nele.

— Irei amanhã pela manhã. Não ficarei um minuto mais para que continue brincando comigo.

— Não estou brincando contigo, nem, acredito, estar te insultando. Estou te pedindo que se case comigo.

— Por quê?

— Por que não?

— Porque me despreza! Crê que sou uma prostituta, uma qualquer, uma...

— Não, não é assim — disse, mas sabia que estava mentindo. E ele sabia que ela também sabia. — Muito bem, é certo que tenho sérias dúvidas a respeito de seu caráter, mas não me importa. É assim simples. Não me importa nada. Gosto de você e gosto das crianças. Não posso ter um sem o outro. Não sou tão monstruoso para te separar deles, tampouco. Assim faz parte do pacote. Se case comigo.

— Poderia ser só sua governanta! Isto é absurdo que você...

— Não, não pode ser sua governanta. Recorda a razão pela que foi de Londres? Todos esses malditos rumores? Bom, não desaparecerão de qualquer jeito. É muito formosa. E muito jovem. Outra coisa, querida. Não posso me obrigar a não te tomar. Se não se casar comigo, terminará em minha cama. Desejo-te muito e sabe, como já o comprovaste, que você também me deseja. O matrimônio é a única solução.

— Mas ainda não tem quarenta anos!

Knight pestanejou ante esse comentário, jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Onde escutou isso?

— A senhora Crumpe me disse, quando estávamos olhando seu retrato. É uma das principais convicções em sua filosofia de vida.

— Estou vendo. Suponho que não se deteve ali. Não. Está bem, também encheu seus ouvidos com muito mais.

— Sim, com algumas coisas mais.

Ele podia imaginar em particular o que se referia a como não gostava de crianças e planejava ignorar os seus, do mesmo modo que seu pai o tinha ignorado. Em realidade, tinha acreditado alguma vez nessas tolices?

— Não, ainda não tenho quarenta anos, tenho só vinte e sete, e me casar contigo me dará três crianças, toda uma família. Meu pai não pararia de gritar se estivesse aqui para vê-lo. Mas já me decidi. Agora, se casara comigo?

Olhou-o por um momento. Era uma solução, uma solução perfeita, se a gente pudesse manter o sangue-frio em assuntos como estes. Ele queria seu corpo. Isso era tudo. E a respeitabilidade do matrimônio. Para proteger seu nome e o das crianças. Mas não a amava. Ao menos Tris a amava, a sua maneira. Sacudiu a cabeça.

— Não— respondeu. — Não posso me casar.

— Quantos homens houve antes do Tris? Por esse motivo ele não se casou contigo, não é verdade? Já tinha tido um protetor. Ou talvez sim pediu isso. Usou as crianças como isca para apanhá-lo?

Lily riu do seu comentário. Tudo voltava para a normalidade.

— Boa noite, Knight.

— Que estranho soa isso! De todos os modos, talvez te veja amanhã pela manhã. Talvez, possivelmente seja afortunada e não veja nunca mais nem sua sombra. — ficou de pé. — O que fará com as crianças, Lily?

— O que quer dizer?

— Se não se casar comigo, terá que deixá-los. Não te incomoda? Não te importa? Seu amor por eles não é mais que uma representação? Uma farsa?

Com estas últimas palavras Lily perdeu o controle.

— É um bastardo, um parvo, um idiota! Irei senhor, mas primeiro encontrarei as joias. E então as crianças e eu partiremos juntos. Estou segura de que estará encantado quando estivermos longe de sua inútil vida de solteiro!

Knight já estava fora de sua cadeira, ao lado dela. Tomou seu pulso com força e a apertou entre seus dedos.

— Me escute bem, mulher estúpida, não irá a nenhuma parte e se o fizer, será sozinha e sem um cobre no bolso! Entendeu Lily?

Levantou os olhos e o olhou um momento e ele se desfez. Tomou seu rosto entre as mãos e a beijou com violência. Sua língua tratava de penetrar os lábios apertados. Suas mãos abandonaram o rosto e desceram pelas costas para aproximar o corpo de Lily do seu peito. Suas mãos estavam agora no cabelo, lutavam contra as fivelas, tratavam de desamarrar as grossas tranças.

— Por Deus, Lily. — Gemeu dentro de sua boca.

— Não— disse. — Não! — Mas estava mentindo e ele sabia que ela estava mentindo, e de todos os modos, não importava. Os lábios se separaram e a língua de Knight encontrou a dela e ela ficou gelada e então se derreteu mais rápido que um sorvete do Gunthers em um dia de julho.

Ele sentiu e se encheu de alegria. Tinha-a em suas mãos uma vez mais. Não se permitiria esquecer como o respondia. Do mesmo modo que tinha respondido a todos os homens antes dele.

Levantou a cabeça e a olhou. Tinha os olhos perdidos e nublados. Pôde ver o pulso batendo fortemente em sua garganta. Se quisesse, poderia possuí-la ali mesmo, na sala de jantar, no chão, sobre a mesa, de pé contra a parede. Poderia levantá-la e apertá-la contra seu corpo até que...

Obrigou-se a acalmar-se, a controlar sua respiração.

— Vê? — disse. — Não é uma virgem mãe. Não tem que simular que é não comigo, Lily.

— Uma virgem mãe — repetiu Lily com lentidão, tratando de voltar a si. Ele a tinha feito cair outra vez. Ela era uma mulher débil e tola. Tinha que controlar-se. — Soa muito bem. Mas tem razão, vou deixar de tratar de te convencer. Boa noite. É provável que vá amanhã pela manhã? O tempo está bastante bom para viajar, não é verdade?

Knight não disse nada por um longo momento. Só a olhava, observava sua perfeita estrutura óssea, suas sobrancelhas arqueadas, o nariz fino, a boca suave. Desejava-a. Desejava-a mais que a qualquer outra mulher que tinha conhecido, visto ou sequer sonhado. Mais que a qualquer dama, mais que a qualquer cortesã.

— Falaremos de nossas bodas amanhã. Dorme bem, Lily, mas não muito bem. Sonha comigo. E quando o fizer, sonha contigo nua, jazendo debaixo de meu corpo, e a mim te acariciando com as mãos, com a língua...

Lily conteve o fôlego por um momento, separou-se dele e abandonou a sala.

Era uma prostituta, mas não importava. Não podia permitir que se importasse. Uma coisa era segura, entretanto. Nunca teria que preocupar-se de que o enganasse. Nunca a deixaria sair de sua cama.

A manhã seguinte, o tempo continuava sendo bom. Knight se aproximou da sala de jogos das crianças depois do café da manhã. Disseram que Lily tinha acabado de sair.

Laura Beth estava tão excitada de vê-lo que ele ficou com ela mais de trinta minutos. Viu os pequenos pontos ao redor do pescoço de Czarina Catherine. Onde estavam essas malditas joias? Lily e ele tinham que discutir o tema.

Juntou-se ao John e Theo por uns minutos, mas Theo estava em meio de uma aula de geometria e isso era mais do que Knight podia tolerar. No que se referia ao Sam, estava no curral, limpando um estábulo. Foi Sam, Deus o abençoe, quem disse que a mamãe tinha saído para cavalgar com Violet.

— Para o oeste, senhor. Gosta do bosque de carvalhos. Agora, primo Knight, deve olhar o curral.

E o fez. Não restava alternativa. Não podia decepcionar Sam, cujo entusiasmo pelos cavalos e tudo o que se relacionasse com eles, deu ao Knight muito que pensar.

Uma meia hora depois se dirigiu com seu cavalo para o antigo bosque de carvalhos. Era um lugar formoso, até nos fins de outono. Sorriu. Era um sorriso cínico, decidido. Ia fazer tudo o que fosse necessário.

E o faria essa manhã.

Lily necessitava que se esclarecessem algumas coisas, nada mais.

No que se referia a Lily, acariciava a cabeça de Violet e desfrutava da brisa tenaz que tentava tirar seu chapéu de montar.

Sentia-se bem longe da casa, longe das crianças por um momento — ai, diga a verdade, tola! Tinha que se afastar de Knight e sua maldita proposta matrimonial. O que ia fazer? Não se casaria com ele; não podia. Sabia o que ele pensava dela e não podia ser tão estúpida para casar-se com um homem que acreditava que ela era uma mulher sem virtude. Ela podia dizer a verdade a esse respeito, mas ele não acreditaria.

O que podia fazer? Sentia-se apanhada, igual à antes com Tris. Não podia deixar as crianças, entretanto, ficar com eles significava aceitar ao homem que era seu tutor legal. Não, não era o mesmo que tinha ocorrido com Tris. Tinha que ser honesta com ela mesma. Era o fato de que Knight não a amava o que incomodava. E ela, parva como era, queria-o, desesperadamente. Não sabia por que, mas era assim e não podia mudar.

Se continuasse rechaçando-o, ele a mandaria embora? A resposta era mais que óbvia: sim, ao menos para ela. Ela congelou o rosto em uma careta de desgosto. Não pensarei nele, disse em um sussurro, não o farei.

Tratou de forçar sua mente a concentrar-se na paisagem, nessas arredondadas colinas nuas a sua esquerda, e o pequeno povo de Cranbourne a diante e a direita.

Cavalgou de retorno ao bosque de carvalhos, que se dizia tinham habitado os Druidas séculos atrás. Tinha-o descoberto no segundo dia em Castle Rosse, e agora, sempre que saía para cavalgar, retornava ali. Era um local privado, um lugar aonde ia para estar em paz. E se havia fantasmas eram tão calmos e pacíficos como o doce ar que se respirava ali.

Se visse um fantasma, perguntaria onde diabos estavam às joias. Tinha examinado todos os livros de Theo. Sem sorte. Não tinha nenhum outro lugar onde procurar.

O que podia fazer?

Do mesmo modo que a tinha visto no dia anterior junto ao lago ornamental, Knight voltou a vê-la, com as costas apoiada em um grosso carvalho, olhando para baixo, a suas botas de montar. Seu cabelo não estava solto e ao vento; estava preso com severidade à altura da nuca.

— Bom dia, Lily — disse, todo afabilidade, enquanto se aproximava dela.

Ela levantou a mão diante de seu corpo, para mantê-lo longe, supunha, mas Knight só sorriu e continuou aproximando-se dela. Viu certa indecisão em seu rosto e se apressou a dizer:

— Não, não fuja de mim hoje. Não estou com ânimo para outra caçada. Fique quieta.

— Por que não vai? — gritou. — Volta para Londres! A sua maldita amante! Saia! Não teríamos nem que nos dirigir a palavra se não estivesse aqui.

— Não posso ir — disse e se deteve apenas a quinze centímetros dela.

— O tempo está muito bom. É obvio que pode.

— Não. Nenhum dos dois irá até que estejamos casados. Então faremos a viagem de bodas. Aonde você gostaria de ir?

— Knight, chega! Rogo-te que vá.

— Eu adoro estes dias quentes. Imagine, já estamos no começo de novembro e estou suando. — Sorriu e ela sentiu tanto calor que quase começou a suar também. — Você gostaria de saber o que vou fazer Lily?

— Dirá isso de todos os modos. Em geral não tenho possibilidade de escolha quando se trata de você.

— Primeiro vou perguntar de novo. Far-me-ia a honra de ser minha esposa?

— Não.

— Muito bem — disse ainda todo doçura e amabilidade. Tirou o paletó, afrouxou a gravata e a jogou no chão.

— O que está fazendo?

— Estou me despindo. Então vou te despir. E vou fazer amor contigo, aqui mesmo, debaixo deste formoso e velho carvalho.

Capítulo 16

Lily olhou para Knight. Explicava a história do bosque de carvalhos enquanto desabotoava a camisa. Não podia estar falando sério. Não, era impossível. Era meio-dia.

Por outro lado, tinha entrado em seu quarto, tinha rasgado sua camisola, tinha a acariciado e beijado e a tinha feito gritar de prazer. Um prazer que não sabia sequer que existia. Um maravilhoso prazer. Um prazer que não queria que terminasse. Oh, Tinha que fazer algo.

— Não, maldição! — Lily tomou suas saias de montar e saiu correndo.

— Não, outra vez — disse Knight franzindo o cenho. — Lily, não quero me casar com uma cabra de montanha! — Ele a teria alcançado rapidamente se não tivessem estado nesse maldito bosque de carvalhos. Ela se escondeu atrás de uma árvore. Ele corria para um lado e ela aparecia pelo outro.

De repente Knight se deteve e esperou. A cabeça de Lily apareceu por trás de uma árvore. Ele não se moveu. Tampouco ela. Olharam-se.

— Não aceitaria vir aqui por bem, não é verdade?

— Não.

Knight suspirou. É obvio, ela brincava assim com as crianças. Provavelmente soubesse mover-se muito melhor que ele.

— Lily, quando foi seu último período menstrual?

Ela lançou um chiado.

— Não queria te envergonhar, bem, na verdade, não me importa, mas sabe, se te deixar grávida, e aqui fora, no bosque, não pode fazer nada para impedi-lo, bom, então, isso

resolveria nossos problemas. Agora, tem uma resposta para mim ou só outro som de camundongo? — Tudo o que pôde escutar foi sua respiração dificultosa. — Lily, pode estar segura de que estarei dentro de você tudo o que possa. Assim haverá uma boa possibilidade de que fique grávida. Agora...

— Vá embora, Knight! É um homem miserável, não me ama!

— O que tenho que escutar, o amor não tem nada haver com o matrimônio, Lily. Peço-te que não seja uma parva, uma parva romântica, uma parva romântica sem cabeça.

— Knight, por favor, vá embora. Não tenho nada que fazer contigo, nada.

— Lily, é suficiente. Vem aqui, agora.

Estava pálida e tinha a boca ligeiramente aberta.

— Esperas que saia e te diga: "Bem, meu senhor, por favor, me viole"?

— Não seja estúpida — disse um tanto irritado. — Não vou te forçar, só vou te dar um pouco de, bom, incentivo, isso é tudo.

— Mentiroso! Escute-me, Knight. Nem sequer gosta de mim, me despreza, crê que sou uma prostituta, o tipo mais devasso de mulher. É impossível que queira se casar comigo. É impossível!

— Mas assim é, de modo que cale-se. Simplesmente me esquecerei de todos os outros. Para falar a verdade, manter-te-ei tão ocupada em minha cama que não terá nem tempo, nem a energia para procurar outros cavalheiros. — Quando terminou de falar, lançou-se para ela, mas Lily foi mais rápida. Correu à proteção de outro carvalho, tão retorcido que deve ter sido o local de muitos sacrifícios religiosos no passado.

Tentou apanhá-la, mas ficou com as mãos cheias de ar.

Lançou um insulto e se dispôs a aplicar estratégias masculinos e, portanto, superiores.

Lily o olhava e desconfiava desses olhos que não se separavam de seu rosto. Esses olhos de raposa com brilhos amarelos. Nesse momento, Knight os cravou nos dela e Lily

soube, soube na profundidade de seu ser, que tinha perdido. Também soube que talvez quisesse perder. Talvez não significasse perder absolutamente...

Knight simulou ir para a esquerda, logo como um relâmpago se inclinou para a direita e estava sobre ela antes que pudesse se dar conta. Lily gritou, se virou, mas ele a segurou com firmeza.

— Te peguei — disse com prazer e a apertou contra seu corpo. — Te peguei Lily — repetiu e a beijou. — Hoje é o começo de nossa vida juntos, e, maldição, admitirá que é verdade.

Ela não estava disposta a admitir nada, mas queria esse beijo, e outro depois desse e outro mais. Por que não admitir que fizesse bastante voluntariamente algo que pedisse sempre que seguisse beijando-a assim? Deixou de lutar.

Com os braços rodeou suas costas e sentiu a firmeza da musculatura de Knight. Era algo temerário, sentir o corpo desse homem, sentir sua pele debaixo de seus dedos... Lily se aproximou mais. Knight a beijou mais profundamente. Sua língua explorava sua boca, sem violentá-la no mínimo. A língua de Lily tocou timidamente a dele e ela ficou gelada por um momento quando o escutou gemer. Ela era capaz de causar semelhante efeito nele?

— Knight — disse, preocupada agora porque seus quadris pressionavam contra os dele e podia senti-lo duro contra ela, e era vergonhoso sentir isso, ver em seus olhos que sabia que ela estava sentindo esse calor no ventre.

As mãos de Knight desceram pelas costas e se detiveram em suas nádegas. Levantou-a para aproximá-la a ele e a apertou contra seu corpo. O calor explodiu e ela esqueceu sua vergonha, esqueceu que ela não queria que ele soubesse o que estava sentindo. Simplesmente não importava. Só queria mais e mais...

Ele estava tão duro e ela serpenteava contra seu corpo, com as mãos em seu pescoço, os dedos jogando com o cabelo, a boca pinçando a dele. Oh, Deus, ela queria mais e mais e dava mais e mais e era muito estranho, ao menos para Lily, que tudo o que fazia cada roce de seus dedos, de seus lábios, a pressão de seu corpo, enlouquecesse-a mais que

no momento anterior. Como podia sabê-lo? Como podia dar-se conta do que estava fazendo?

Ela estava fora de si agora que as mãos dele acariciavam suas nádegas, e a aproximavam cada vez mais a seu corpo. Rapidamente se virou e apoiou as costas contra um carvalho. Afastou-se por um momento, ajoelhou-se e rasgou sua saia de montar.

Lily gemeu e ele se apressou a levantar-se para cobrir sua boca de novo. Lily sentiu que os dedos de Knight se dirigiam a seus joelhos. Seus joelhos, por favor! Estava tremendo violentamente, esperando, vendo os dedos em suas meias que se moviam para cima, sempre para cima, onde a carne feminina estava ardendo, úmida e dolorida. E não importava. Abriu as pernas para ele e escutou que ele perdia o fôlego.

Os dedos se moviam com lentidão, com tanta lentidão. Agora tocavam sua liga, logo a parte superior das meias. Estava enjoada pela expectativa, a antecipação, a incerteza.

— Lily — disse, com o fôlego entrecortado e ardente em sua boca. — Você gosta disto? — Seus dedos roçaram ligeiramente a pele nua de sua coxa. — O que sente Lily? Conte-me. — Levantou seu rosto e a olhou. Tinha os olhos fechados e os lábios separados. Sua respiração era agitada. — Abre os olhos.

Ela abriu e toda vergonha desapareceu, ou possivelmente nunca tinha sido uma parte verdadeira dela.

— O que sente Lily? — voltou a perguntar, sem tirar os olhos dos dela. Seus dedos acariciaram o interior da coxa e se moveram um pouco mais acima. Quando a encontraram, ela gritou, ficou tensa, arqueou as costas e se segurou com suas mãos os braços de Knight. — É tão formosa e tão ardente e tão suave. O que sente Lily?

Ela umedeceu os lábios.

— Eu... Ah, Deus, Knight, por favor!

Deslizou seu dedo médio dentro dela, abrindo suas pernas enquanto a pressionava contra a árvore, e seus olhos brilharam de prazer.

— Por favor, o que, Lily?

Retirou o dedo, voltou a introduzir, só um pouco, então repetiu o movimento, muitas vezes. Ela era estreita, muito estreita, e isso o voltava louco. Lily respirava com dificuldade, mas seguia olhando-o, e ele podia ver tudo o que sentia através de seus olhos.

Então seus dedos provaram algo mais e ela gritou; suas mãos eram dois punhos agora, que cravaram em seus ombros e ele também queria gritar pelo prazer que sentia. Levá-la-ia a seu clímax, dá-la-ia tanto prazer, mais do que podia imaginar, para selar com isso todas suas estúpidas discussões. Não a possuiria desta vez, não, só queria conseguir que aceitasse casar-se com ele. E o obteria. Agora era dele e ela tinha que saber. Tinha que admitir. Em voz alta.

Sentiu um doloroso protesto em sua virilha por sua imperdoável decisão. Mas não era um moço luxurioso, podia controlar seu desejo, e o faria. Não a possuiria até que aceitasse casar-se com ele. Seus dedos teceram a paixão no corpo de Lily que foi pega de surpresa quando levou sua boca à sua. E a beijou como nunca.

Podia sentir sua tensão. Diminuiu a pressão, sorrindo para si mesmo, sabendo que continuaria até que ela estivesse louca por ele, louca pelo prazer que lhe dava. Diria sim a tudo.

— Lily, se casará comigo?

Por um breve instante, afastou-se da paixão e pareceu perdida e assustada. Ele odiava isso. Não podia suportá-lo. Voltou a acariciá-la, fazendo que seus olhos estalassem de prazer, fazendo que seus quadris empurrassem contra seus dedos.

Ele escutou os gritos antes dela.

— Senhora Winthrop! Lorde Castlerosse!

Não, pensou, não, não era justo, não podia ser. Os gritos vinham de um lugar muito próximo.

Ela estava perto, tão perto, movendo-se contra e para seus dedos, seus seios agitados, sua respiração ardente e selvagem contra sua boca.

— Lily — disse com muita suavidade contra seus lábios separados — Querida, sinto muito.

Seus dedos a abandonaram, mas ela seguia serpenteando contra seu corpo, procurando, esperando...

— Lily.

— Senhora Winthrop! Lorde Castlerosse!

Os olhos de Lily foram recuperando seu foco pouco a pouco, com lentidão foi desaparecendo a névoa que os cobria. Ficou consciente de que seu corpo ainda se movia para ele, rogando que seus dedos...

Gritou pela mortificação.

Ele entendeu. Esfregou os braços para consolá-la.

— Lily, sinto muito. Querida, está bem? Maldição, sinto-o tanto, estava tão perto.

Perto dessas maravilhosas sensações que a tinha brindado outra vez. Finalmente conseguiu que seu corpo se mantivesse erguido. Sentiu uma espécie de dor entre as coxas. Deixou cair à cabeça sobre o ombro de Knight. Ele a separou da árvore e começou a acariciar suas costas.

— Sinto muito, Deus, sinto tanto te deixar neste estado.

Tinha-a chamado querida. Soava maravilhoso a seus ouvidos.

— Senhora Winthrop!

Lily levantou a cabeça, seus olhos inteligentes já tinham recuperado a plena consciência.

— Quem nos chama? Ah, é John. Algo ocorreu... Por Deus, o que aconteceu? As crianças,... Não...

— Shh, Lily. Fique aqui um minuto. — Rapidamente alisou a saia, então acomodou sua roupa. Não havia nada que pudesse fazer em relação a sua jaqueta que tinha jogado no

chão. Olhou com atenção o rosto de Lily, mas decidiu que só ele podia ver os restos da paixão, escondidos, mas ainda à espera dele, só dele.

Respirou fundo e sorriu com ternura. Com a ponta de seus dedos roçou seus lábios e alargou o sorriso ante sua reação.

— Estamos aqui, John — gritou.

John não era um jovem particularmente mundano. Por outra parte, tampouco era um estúpido. Deu-se conta de que algo acontecia e se envergonhou até a ponta das botas. Mas não podia ir.

— Senhora — disse com o pomo de Adão tremendo. — É Sam, estava limpando o estábulo e um dos animais o chutou. Tem a perna machucada, penso, mas não quebrada.

Knight se apressou a tomar a mão de Lily.

— Thrombin foi procurar o doutor?

— Sim, senhor. Por favor, não se assuste, senhora Winthrop. Examinei-o e não é algo muito sério. Está bastante bem, mas quer vê-los você e sua senhoria.

— Sim, sim, já vou. Onde está Violet?

— Iremos em seguida, John — disse Knight com uma voz que o urgia a retirar-se.

John assentiu e se afastou a todo galope.

— Tudo está bem, Lily. É só uma ferida. É um menino, sabe, e os meninos sempre estão fazendo coisas estúpidas.

Knight podia compreender que a dominava a preocupação, e a preocupação por Sam se mesclava com a vergonha de ter estado contra um carvalho, distraída com os dedos de um homem enquanto um animal o chutava. Viu que esta vergonha apagava toda cor de seu rosto.

— Chega! — Sacudiu-a. — Não tem por que se sentir culpada. Não poderia ter evitado que o cavalo chutasse Sam. Vamos para casa. O menino precisa de nós.

Lily respirou fundo. Olhou-o direto nos olhos.

— Tem razão. Obrigado.

Soltou sua mão e sorriu. Ela se afastou dele e arrumou um pouco o cabelo enquanto caminhava.

Então se deu conta de que não tinha fivelas para prendê-lo. Zangada, consciente de sua estupidez, colocou o cabelo dentro da gola de seu vestido. E seguiu caminhando até que viu seu chapéu de montar no chão. Agachou-se e o recolheu, sem olhá-lo.

O pôs na cabeça de um golpe.

Peguei-te agora, Lily, pensou. Pode se enfurecer tudo o que queira. Não te fará nenhum bem. É minha.

Bear Alley

Whitehall, Londres

Monk soltou uma gargalhada surda e gemeu com a mesma violência.

— Monk, fica quieto, ainda não está curado.

— Tem razão, Boy. — Monk permitiu que Boy o acomodasse contra os sujos almofadões. Suspirou. — Mas o que disse, eu gostei. Sim. Contratar um maldito advogado para que nos consiga os diamantes de volta. Sim. Eu gosto disso. Mandar um tipo com uma proposta para esse maldito cavalheiro.

— Uma aberração — disse Boy, imaginando este advogado. — Com um grande chapéu negro e uma estranha forma de falar.

— Conseguiremos os diamantes, Boy, sim, conseguiremos. Uns dias mais, e já estarei bem. Então perderá a mão este maldito senhor!

— Essa adaga foi bastante profunda, Monk. Ao menos três dias mais, isso é o que disse o doutor.

— Nos fez cair, sabe — disse Monk, ignorando as palavras de seu cupincha. — Nos fez uma armadilha e nós caímos como uns idiotas.

— Quem? O que?

— O visconde — disse Monk, com mais paciência que de costume, pois dependia da boa vontade de Boy para que o alimentasse, desse de beber e trocasse os curativos.

Os olhos de Monk se estreitaram, mas não foi só pela ideia de vingança. Era pelas dores de seu próprio corpo. A estadia era pequena, a única janela que tinha estava fechada.

— Se não tivesse lhe metido uma bala, seu amigo e ele nos teriam liquidado.

Boy se sentiu feliz por este elogio.

— Nunca fui muito bom com adagas — disse com modéstia.

— Não, é um inútil com facas. Não pode ferir um homem como corresponde. Note o que lhe fez o velho Tris. Mas eu vou encontrar este senhor, com minha faca. Passe-me isso Boy. Sim, uma linda peça, não é verdade?

— Mataremos esse senhor, não se preocupe Monk.

— Sim, faremos — afirmou Monk, com os olhos fixos na folha magra e bem afiada da faca. — Mas sabe quase te diria que eu gosto dele. Um tipo valente, sim, que tem o que terá que ter. Mas vou liquidá-lo.

Boy tratou de sorrir, decidiu que não era apropriado e baixou um copo de cerveja em troca.

— É um menino tão valente, e não, não te deixarei Sam. — Lily sentiu que sua pequena mão apertava com mais força a dela. — Só uns minutos mais, amor, e o doutor Mumfries te dará uma bala, uma de suas favoritas.

— De licor, Mamãe?

— De licor — repetiu Lily com firmeza.

Sam abafou um gemido e mordeu o lábio inferior.

— Está bem, amor, grita se quiser. Eu gritaria.

— Mas você é uma menina, mamãe — assinalou Sam com muita precisão. — Os meninos não podem fazer sons de gato.

Knight sorriu ante este comentário, e se perguntou se os sons que fazia enquanto acariciava o corpo de Lily podiam ser considerados de gato.

— Pode grunhir — disse Knight. — Isso é masculino, juro. A semana passada sem ir mais longe eu grunhia sem parar.

— Quando esses malfeitores atacaram?

Ah, pensou Lily, Knight tinha conseguido distrair sua atenção. Lily se moveu devagar para que Knight pudesse sentar-se ao lado de Sam. Viu que tomava a mão do menino, escutou que sua voz provocava como um encantamento, e observou a forma com que Sam respondia

— Então, desgraçadamente para mim, o outro tipo, que se chama Boy, disparou. Quis me esquivar, mas já era tarde. Então, Julien St. Clair chegou e os dois fugiram. Isso está bem, Sam, um formoso grunhido. Bem, quase te diria que eu gosto desse som. E o doutor Mumfries já terminou contigo.

— Mas o que passou com Monk? Ao que esfaqueou?

— Não sei. Direi-te isso quando souber, prometo.

O doutor Mumfries, um homem novo no condado, estava impressionado com o visconde, mas não entendia como tinha chegado a ter três crianças com ele e por que, o mais importante, a essa formosa jovem as crianças a chamavam mamãe. Supunha que não era da sua incumbência. Sorriu para Sam.

— É um bom esportista, menino — disse. — Foi um prazer te curar. Agora, não vai poder usar essa perna por uma semana. Se não será pior para você. Aqui tem um pouco de láudano em sua limonada. Bebe.

Sam, muito cansado para discutir, abriu a boca. Cinco minutos mais tarde estava completamente adormecido. Lily sorriu para o doutor Mumfries e agradeceu pela décima vez.

— Dormirá como o demo... Bom, profundamente — se corrigiu o doutor Mumfries.

— Está bem de verdade, senhor?

Knight viu Theo, com o rosto pálido, de pé contra a parede do corredor. Parecia doente de preocupação pelo que Knight se apressou a tranquilizá-lo.

— É óbvio que está bem, Theo. O que esperava? Sam é uma boa dor de cabeça, um terror absoluto, já sabe isso, Theo.

— Sentar-me-ei com ele, senhor. Mamãe, eu o cuidarei, prometo isso. Lerei e...

Knight apoiou a mão no magro ombro de Theo.

— Theo, você é seu irmão. Não é sua mãe nem seu médico nem o cavalo que o chutou. Conto contigo para terminar com a biblioteca. Se passar todo seu tempo com Sam, não terminará com o trabalho e é provável que acabe estrangulando seu irmão. O pobre John ficará sem trabalho.

— Mas como, senhor?

— É óbvio, Theo. Irá a Newgate, então à força por assassinar seu irmão. Sam irá ao céu ou ao inferno; não estou muito seguro de que lugar ocupará. John ficará estagnado com

Laura Beth. Pensando melhor, o pobre tipo provavelmente abandone Castle Rosse, espantado.

Theo começou a rir, uma risada débil, mas risada no fim.

— Vem aqui, vamos beber uma limonada. Provaste a limonada de Mimms? Sim, é óbvio que sim. Fará sua boca franzir pela acidez.

Knight saudou o doutor Mumfries com a cabeça e partiu pelo corredor com sua mão sobre o ombro de Theo. O doutor Mumfries sacudiu a cabeça e sorriu.

— O visconde é excelente com as crianças. Estou surpreso de que não tenha uma dúzia de criaturas próprias. É óbvio, ainda é jovem. Não é tão surpreendente depois de tudo.

— Sim, é certo. Ainda não tem quarenta anos.

— Por Deus, não! Agora, senhora Winthrop, prescrevo a você um pouco de brandy. Sofreu um choque bastante importante.

Mais choques do que imagina doutor, pensou, mas seu sorriso não deixou aparecer nada.

Só se viam as sombras do fogo que se desvaneciam na lareira. Lily se moveu em silêncio: acomodou as cobertas de Sam e seus travesseiros. Estava dormindo profundamente, algo bom, sabia, para curar-se. Pobre pequeno. Estaria dolorido e, sem dúvida, à medida que se fosse melhorando, se tornaria insuportável. Obrigado a estar de cama por uma semana. Só a ideia a fazia tremer.

Levantou a cabeça ao escutar um ruído surdo. Era Knight em sua bata e sapatilhas de noite. A temperatura tinha baixado muito com o avanço da noite e agora tinha alcançado os níveis que correspondiam a novembro.

Knight não disse nada, então saudou Lily com a cabeça e pôs sua atenção na lareira. Avivou o fogo, então se levantou, limpando o pó das mãos.

Lily tinha observado cada um de seus movimentos, particularmente de suas mãos, fortes, bem formadas, as unhas curtas e polidas. Por que estava em sua bata de noite? Certamente não pretenderia continuar de onde tinha parado esta tarde?

Este pensamento fez pulsar seu coração com força e agitação.

— O que quer? — sussurrou com a boca incrivelmente seca. — É muito tarde.

Knight sorriu e caminhou para ela com uma cadeira na mão.

— Estou aqui para ver meu pequeno paciente, é obvio — disse com calma e se sentou. Viu que os olhos de Lily percorriam o comprimento de suas pernas e adicionou: — Não se preocupe, não te farei uivar de prazer aqui. Não queremos perturbar o descanso de Sam. Quando uivar, estará sozinha.

— Chega!

— Está bem. Ainda dorme profundamente?

Lily assentiu.

— Não tem febre, graças a Deus. O doutor Mumfries acredita que Sam é muito robusto para ter febre.

— Muito malvado, muito peralta, muito... Bom, não posso pensar em mais adjetivos. É um bom menino, Lily. Fez um bom trabalho com ele. Com todas as crianças.

Não pôde fazer outra coisa que olhá-lo. Um elogio? Para ela, uma prostituta, uma qualquer, uma...

— Não pareça tão surpreendida. É obvio que é uma boa mãe. Apesar de todas minhas inclinações no outro sentido, acredito que eu serei um pai bastante adequado para estes pequenos demônios. — Recostou-se em sua cadeira e olhou para o lado oposto da habitação. — Nunca acreditei que ia estar sequer na mesma estadia com um menino. Olhe-me agora. Que estranha é a vida. Tampouco pensei que me casaria tão jovem, tão imaturo, entretanto me olhe. Mudou minha vida, Lily.

— Se me ajudasse a encontrar as joias, as crianças e eu poderíamos lhe devolver a seu estado anterior.

— Muito tarde, querida. Muito tarde. Entretanto, deveríamos encontrar as quinquilharias do Billy. De outro modo, temo que nossos dois vilões cruzem uma e outra vez o nosso caminho até que os mate ou eles tenham êxito e acabem comigo. — Escutou que Lily se afogava com seu fôlego. — Você se incomoda que me matem, Lily?

— A morte de um vira-lata me incomodaria se fosse desnecessária.

— Ah, estou vendo. Então, querida, parece-te bem a próxima semana? Assim que Sam possa parar em suas muletas? O quanto antes possível.

Amanhã?

Lily tratou de deslizar de sua cadeira mas sentiu que Knight fechava sua mão sobre seu pulso. A fez perder o equilíbrio e a arrastou até sentá-la em seu colo.

— Me beije, Lily, e então escolha uma data.

— Não! — disse, e se inclinou para frente para que a beijasse.

Knight riu brandamente e a beijou.

O tempo se deteve para Lily. Estava se afundando e adorava. Aproximou-se mais, com os dedos se segurou às lapelas de sua bata. Sentiu que ele se endurecia contra suas nádegas e era insuportavelmente excitante.

— Mamãe, por que Knight está te abraçando?

Knight amaldiçoou em voz bem baixa e com palavras muito explícitas.

Capítulo 17

Lily deu um estúpido olhar para Sam.

— Oh, Deus — conseguiu dizer e tratou de afastar-se de Knight, mas ele não a deixou ir.

— Como se sente Sam? — perguntou Knight com voz calma.

— Muito estranho, como se a estadia estivesse dando voltas e voltas. Mamãe e você também estão dando voltas.

— Não tem do que preocupar-se. É o láudano. Não sente dor na perna?

— Talvez um pouco. O que está fazendo minha mamãe sentada em seu colo, primo Knight? E a está envolvendo com os braços.

Knight nem se alterou. Tinha conseguido um minuto para desenvolver uma mentira acreditável.

— Ela está muito preocupada com você, querido. Muito preocupada, e estava chorando. Só tentava consolá-la, isso é tudo. Acaso ela não te abraça quando está preocupado ou põe-se a chorar?

— Eu não choro.

— Bom, quando está preocupado, então?

— Sim — permitiu Sam, mas tinha a voz arrastada e caíam os olhos.

— Volta a dormir Sam.

— Boa noite, mamãe, primo Knight.

Lily se sentou nas coxas de Knight, com a cabeça encurvada, as mãos cruzadas sobre o colo. Sentiu que a mão larga acariciava suas costas e se ergueu como uma vara.

— Lily, não seja parva — disse, apoiando a mão por um momento em seu quadril.
— Quando estivermos casados, amanhã ou na sexta-feira ou no sábado, as crianças nos verão abraçado todo o tempo.

— Não.

— É a mulher mais teimosa que conheço — se maravilhou em voz alta.

— Só porque não quero estar atada a um homem que não me ama?

Knight não disse nada. Estava balançando um pé pensativo. Lily podia sentir o movimento debaixo de seu traseiro. Comoveu-se um pouco e o causador sorriu.

— Queria que se retirasse agora, Knight.

— Por quê? Tem muitas coisas em que pensar?

— Não, estou quase decidida.

— Lily, se for necessário, levar-te-ei neste mesmo momento a meu quarto e faremos amor. Não te deixarei sair até que Sam tenha dez anos. Farei amor contigo até que te deixe grávida. E acabou.

E além. Ela sabia que era fácil de tratar, encantador, a maioria das vezes, e gentil, a maior parte do tempo. Até que decidia algo, até que estabelecia seu curso de ação. Então, tornava-se inabalável como o espartilho da Regente. Discutindo não ia conseguir nada. Tampouco ia permitir que ele a seduzisse, uma tarefa extremamente fácil para ele. Assim sorriu e assentiu.

— Muito bem, Knight. Casar-me-ei contigo se prometer manter distância até depois da cerimônia.

Knight fez uma careta, e a apontou com o dedo.

— Isso foi tremendamente rápido, essa tua mudança. Não crê que eu seja muito inteligente, não é certo?

— Pode fixar a data — disse com os dentes apertados.

Ele ficou em silêncio por um momento, ponderando tanto suas palavras como sua expressão. Não podia saber se estava mentindo ou não. Bom, não importava. Tinha-a, aqui, em Castle Rosse. Sam estava de cama. Não podia ir, não iria. Ofereceu um sorriso luminoso.

— Muito bem, então. Na sexta-feira. Obterei uma licença especial do bispo Morley. Meu pai e ele foram grandes amigos. Você gostaria que fosse casada por um bispo?

— Um bispo — repetiu, tratando de encontrar certa alegria, certo entusiasmo.

Nesse instante, ele soube que ela estava mentindo. Não podia esconder nada a seu olho afiado, ao menos não por muito tempo. Decidiu deixar passar. O que podia fazer, depois de tudo?

— Ah, o bispo Morley não compartilhava os preceitos de meu pai. Em realidade, é um romântico da antiga escola.

— Que antiga escola?

— Pergunte quando o vir amanhã.

Ela virou a cabeça e ele pôde observar seu formoso perfil. Pouco a pouco foi subindo a mão até acariciar um seio. Lily se abafou e girou em suas coxas para ver seu rosto.

— Knight...

— Assim está muito melhor, Lily — disse e moveu seus dedos rodeando o mamilo. Viu que ela estava contendo o fôlego. Viu que suas bochechas se avermelhavam e os olhos turvavam. Ele sorriu de puro triunfo. Então baixou a mão. — Levarei muito tempo para acalmar um pouco — disse. Ficou de pé, rápido, e a jogou de seu colo ao chão. — Boa noite, Lily. Se tiver algum problema com Sam, me chame. Sabe onde fica meu quarto.

Sua última imagem foi a dela olhando-o, completamente perplexa, com a camisa esparramada no chão.

Ele estava excitado e agitado. Tremia a mão. Sexta-feira pensou. Sexta-feira, e ela será minha legalmente.

Mas ela era uma prostituta.

Por outra parte, ela amava de verdade as crianças e eles a ela. Estava seguro de que as crianças sabiam se os estava tratando sinceramente; sentiriam de algum modo. Não, ela amava as crianças.

Onde estavam essas malditas joias?

Decidiu passar o tempo até as bodas procurando em cada um de seus pertences.

Não teve tempo para buscas à manhã seguinte. Cavalgou de Castle Rosse a Blimpton, até a casa do bispo Morley. Não retornou até as três da tarde. Encontrou a casa turbulenta.

Sam, a vítima abatida, não estava envolvido. Evidentemente, estava dormindo o doce sono dos anjos. Tampouco se via Theo em nenhuma parte.

Laura Beth, que estava resplandecente de saúde essa manhã, aproximava-se do vestíbulo, apertando o estômago e gritando com toda a força de seus pulmões.

Lily estava a ponto de cair. Tentava acalmar Laura Beth, segurá-la, mas a criatura continuava gritando como se quisesse colocar o teto abaixo.

Knight observou os serventes que retorciam as mãos com nervosismo, Lily tentava arbitrar em vão, e Laura Beth continuava com sua performance vocal. E era uma representação. Sacudiu a cabeça. As crianças eram assombrosas, realmente assombrosas.

Caminhou para a menina, deteve-se com as pernas abertas e as mãos à cintura.

— Cale-se!

Laura Beth o olhou com um só olho, e fechou a boca como se fosse uma ostra.

Lily levantou a vista e estava a ponto de explodir da fúria, mas Knight fez gestos de que se contivesse.

— Agora — disse. — Agora temos silêncio. Não, Laura Beth, nem tente falar ou será pior para você. Lily, o que acontece?

— É seu estômago. Queixa-se de sérias cólicas.

Mimms, a cozinheira de Castle Rosse, apareceu na porta que comunicava com as dependências de serviço.

— Comeu duas de minhas bolachas de aveia, senhor, isso é tudo. Aveia! Como pode adoecer com minha comida, pergunto?

— Uma boa pergunta — respondeu Knight. — Lily, deixa-a e vem aqui, por favor.

— Knight, na verdade, ela...

— Vem aqui, Lily. Não voltarei a pedir.

Lily estava tão cansada que não tinha energias para discutir com ele. Tinha estado acordada grande parte da noite com Sam e agora Laura Beth estava agindo como se fosse morrer. Agindo! Deu a Knight um olhar de suspeita, logo duvidou um momento antes de caminhar para ele.

Uma vez que esteve ao seu lado, Knight falou com o tom mais severo que pôde.

— Laura Beth, agora te levantará, alisará a roupa, se desculpará com Mimms e com sua mãe e se retirará para o seu quarto. — Laura Beth deixou sair um uivo. — Se não fizer imediatamente o que te digo menina, sentirá minha mão em seu traseiro.

Laura Beth deu o olhar mais patético que podia haver sequer imaginado no rosto de uma criatura. Refreou a incrível urgência de envolvê-la com seus braços e prometer a lua.

— Saia — disse assinalando com o dedo para a escada. — Agora, Laura Beth. Estou muito aborrecido com seu comportamento, em particular pela forma com que trataste sua mãe.

Lily não se surpreendeu quando Laura Beth ficou de pé, alisou um pouco o vestido, e murmurou:

— Sinto muito, mamãe, Mimms. — Lançou um pequeno soluço, mas Knight segurou Lily pelo braço para que não corresse para ela.

— Saia — voltou a dizer.

A menina se virou com muita lentidão e com os pequenos ombros encurvados, começou sua longa viagem escada acima.

— Não vá atrás dela, Lily — disse Knight. — Deixe-a só até depois do jantar.

— Foi uma atuação — disse Lily atônita observando à pequena talentosa.

Knight sorriu e fez que Mimms e os outros serventes se retirassem.

— Bom, querida, vem à sala. Necessita uma xícara de chá bem forte.

Viu sua palidez, sua fadiga, mas não disse nada. Obviamente Sam a mantivera acordada, mas ela não tinha ido pedir ajuda, maldição seu formoso orgulho.

Observou como se sentava em uma velha e confortável cadeira de rede. Fechou os olhos e apoiou a cabeça no respaldo.

— Não descansou nada?

— Sim — disse, sem abrir os olhos. — Pela manhã Sam se tranquilizou.

— Posso perguntar por que não me chamou durante a noite?

— Você não é o pai de Sam e eu... — Sua voz se deteve como morta quando se deu conta do que havia dito.

— Essa é uma verdade que não posso negar — aceitou Knight. — Ah, aqui está Thrombin com o chá.

Não disse nada mais até que o mordomo se retirou com uma reverência e bebeu vários goles da bebida forte e quente.

— Sabe Lily, teria dado conta da notável atuação de Laura Beth se não estivesse tão cansada.

— Ela queria atenção, minha atenção.

— É verdade, mas deve aprender que não é a única moradora deste mundo.

— É só uma pequena menina, Knight.

— Agora, por sorte, é uma menina pequena de algum modo domesticada, pelo menos durante os próximos trinta minutos.

— Talvez quinze — disse Lily e deu de presente um sorriso torto que o encheu de desejo tanto quanto a cabeça de um rebanho de cabras.

— Eu não gosto deste excesso seu — esclareceu. — Você gosta de te converter em mártir e isso me dá náuseas. — Ela ficou em silêncio e Knight continuou desenvolvendo seu tema. — Tinha esperado, Lily, que tivesse mais sentido comum. Não quero que minha noiva esteja pálida e gasta, com os olhos vermelhos pela falta de sono.

Knight tinha muito talento para tirá-la de sua calma e revelar seu temperamento. Estava gritando quando ficou de pé.

— Por que não acredita em mim? Não quero ser sua maldita noiva!

— Não queria te chamar mentirosa, Lily, mas se não quer ser minha noiva, então deve estar aspirando à posição de amante. Qualquer das duas, porque desejas meu pobre corpo desesperadamente. Sim, ontem à noite o único que tive que fazer foi te tocar os seios, acariciá-los com muita suavidade e...

Ela atirou a xícara de chá em sua cabeça. Ele a esquivou, mas não conseguiu impedir que o chá quente manchasse a parte da frente de sua jaqueta.

Knight pegou um guardanapo e limpou as manchas com o fino material azul claro.

— Quer que te castigue por isso?

Lily respirou profundo e tratou de formular uma exausta súplica de paciência, mas estava tão cansada.

— Sinto muito ter jogado a xícara de chá, mas merecia Knight.

— Não era minha intenção provocar seus sentimentos mais delicados, Lily, só te mostrar a verdade. É uma mulher muito apaixonada, e depois de sexta-feira, ocupar-me-ei de que todas suas necessidades, todos seus desejos sejam satisfeitos.

Cada linha de seu corpo falava de seu cansaço. Knight se aproximou dela e a pegou entre seus braços. Beijou seu cabelo e acariciou suas costas. Depois de uns momentos, ela se apoiou nele e pôs sua cabeça para descansar sobre seu ombro.

— Cuidarei das crianças até a hora de dormir. Melhor até, cuidarei de Sam e darei instruções ao John para que cuide de Theo e assim justifique o muito que o pago. Nossa pequena atriz estará em seu quarto até... Bom, o que te parece até a hora do jantar? Não quero que fique com fome. Mas não se renda e a deixe sair antes. E você, minha querida Lily, irá para a cama, desgraçadamente sozinha.

Ela ficou rígida e ele sussurrou ao ouvido:

— Isso foi uma pequena tentativa de humor, nada mais.

— Não te custa nada dar ordens.

— Naturalmente. Sou um homem.

Lily fechou o punho e o afundou no ventre de Knight que lançou um grunhido. Então beijou seu cabelo de novo, abraçou-a e a separou de seu lado.

— Há outra coisa que vou fazer. Não está interessada? Bom, vou procurar em cada uma das coisas que as crianças e você possuem e vou encontrar essas malditas joias. Vem comigo? Amanhã pela manhã?

Lily suspirou e esfregou as têmporas. Podia contar com os dedos da mão esquerda a quantidade de dores de cabeça que tinha tido em sua vida. Uma estava vindo e não ia ser agradável. Falou antes de pensar.

— Já procurei por toda parte. Não pude encontrar. De fato, estive procurando ontem à noite depois...

— Por favor, continua.

— Muito bem. Depois que me humilhou de novo ontem à noite, comecei a procurar de novo. Digo isso, essas joias não existem.

— Hmm — disse Knight e começou a esfregar a mandíbula. O gesto se desvaneceu logo e voltou a trazer Lily contra seu corpo. Esteve a ponto de desculpar-se com ela, até de negar o que tinha feito, mas o fato era que tinha tentado dominá-la, de fazê-la compreender que ela o desejava e que era ele quem tinha o controle da situação e que sempre seria assim e que não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Pensar as coisas com essa crueldade o fez sentir-se mesquinho e pequeno. Era consciente que estava excitado e que a aproximava mais a ele, ela sentiria quanto a desejava. Era uma questão de controle. Não queria perder. Aterrorizava-o como o inferno.

— O que acontece?

— Só uma dor de cabeça.

— Tem muitas dores de cabeça?

Lily fez um gesto negativo.

— Quase nunca.

— Suponho que estas circunstâncias garantem uma. Vem me deixe te acompanhar até seu quarto. Devo te trancar com chave? Isso deixaria você dentro e a todas as crianças fora. — Fez uma pausa e brincou por um momento com seus dedos na suave bochecha. — E a mim também.

— Me dê a chave.

Knight sorriu.

— Não. — Deixou-a na porta, observou um momento mais seu formoso rosto e sorriu. — Não se preocupe Lily. Tudo vai estar bem. Poderia considerar sequer a possibilidade de confiar em mim, embora fosse um pouquinho.

Ela não disse nada. A cabeça pulsava e sentia que as náuseas rondavam o estômago.

— Até poderia considerar que casar comigo não se converterá nessa terrível degradação que está imaginando. Ficaremos bem juntos, sabe.

Empurrou-a brandamente para dentro do quarto e fechou a porta. Teria desejado encerrá-la com chave, mas sabia que não ia poder ser de um modo tão macabro.

Knight percorria pensativo, o comprido corredor até seu quarto. Ela tentaria algo, conhecia-a muito bem. Ele tinha que adiantar-se o quanto antes melhor. Deteve-se diante da porta de Sam e sorriu.

Deu uma hora mais para o castigo de Laura Beth, então fez com que a menina fosse ao quarto de Sam. Ela ofereceu um sorriso luminoso que a princípio o fez desconfiar até que se deu conta, de que se tratava de uma menina de quatro anos que não guardava o menor ressentimento contra ele.

Quando Theo chegou e olhou Knight com incerteza, algo que Knight tinha esperado que tivesse desaparecido até então. Sorriu ao menino e o convidou a sentar-se na cama de Sam.

— Agora que todos estão aqui— começou Knight, olhando uma a uma das três crianças — tenho algo para dizer. Vou me casar com sua mãe. Na sexta-feira.

Completo silêncio.

— Quer dizer depois de amanhã.

Sam o olhou com os olhos estreitados.

— Ontem à noite a estava abraçando. É por isso que vai se casar com ela, primo Knight?

— Abraçá-la é parte disso. Sua mãe e eu nos queremos. Desejamos fazer o que é melhor para nós e para vocês.

— É muito rápido — disse Theo, seu rosto magro, pálido e tenso de repente.

Era muito rápido, pensou Knight.

— Vem aqui, Laura Beth. — Tomou-a entre seus braços e a sentou em um de seus joelhos. — Theo, por favor, me escute. Sam está suficientemente confortável? — Quando Sam assentiu, Knight continuou. — Eu sou seu tutor legal. Sua mãe esteve de acordo para que o

asqueroso Arnold não pudesse sequer voltar a ameaçá-la com o tema de seu bem-estar. Por sorte, embora sua tia Gertrude seja um parente mais próximo que eu, tenho os recursos para assegurar que eles não possam machucá-los ou afastá-los de mim. Por desgraça, Lily não é sua verdadeira mãe, de modo que ela não pode protegê-los sozinha.

— Ela é nossa mamãe! Ela é minha mamãe!

Knight levantou a mão para impor silêncio.

— Vocês a amam, sei muito bem, mas o fato é que...

— Ela é minha mamãe! — voltou a gritar Laura Beth, saltando para cima e para baixo em seu joelho.

— Não, pequenina, ela não é sua verdadeira mamãe, mas isso não é importante. Ela é sua mamãe para o que realmente importa. Mas, sabe as cortes inglesas não têm isso em conta.

— Tivemos que fazê-lo, senhor — disse Theo.

— Fazer o que, Theo?

Sam encolheu os ombros.

— Diga a verdade, Theo. Ele já sabe a maior parte.

Theo o olhou um momento longo, então pareceu satisfeito e começou.

— Quando fomos à casa dos Damson em Yorkshire, Lily disse a verdade, que tinha sido a prometida de nosso pai. Tia Gertrude não se comportou como uma dama com ela e o asqueroso Arnold tentou de machucá-la, mas eu o detive. À manhã seguinte escapamos. O único que nos ocorreu foi dizer que Lily era a mãe de Laura Beth e a viúva de meu pai.

— Ela é minha mamãe — repetiu Laura Beth, virando-se no joelho de Knight. Pela primeira vez notou a semelhança com seu pai. Esse queixo teimoso que tinha.

— Uma vez que se case comigo, ninguém poderá desafiar seu direito a estar com vocês. Theo, o que acontece? Esta preocupado com algo?

— Mamãe é muito formosa. Os homens sempre a olham. Em geral, ela nem se dá conta. Mas às vezes são muito óbvios e a fazem sofrer. Sam e eu tentamos protegê-la. Seriamente nós gostamos de você, primo Knight, mas mamãe está em primeiro. Você me promete que você não está forçando-a a se casar contigo?

Meu Deus, pensou Knight, aturdido, escutar essas palavras da boca de um menino de nove anos. Não podia responder essa pergunta. Não o faria.

— Isso significa que não querem me ter como pai? — perguntou em troca.

— É muito jovem para ser nosso pai — disse Laura Beth virando para olhá-lo diretamente nos olhos. Imediatamente o polegar voltou para a boca.

Por quê? Perguntava-se. Por que tinha tanto medo de sua afirmação como da réplica dele?

— Em realidade, não. Tenho vinte e sete anos. É idade suficiente para ter procriado a todos vocês. — Viu o relâmpago de dor nos olhos de Theo, por isso se apressou a adicionar: — Vocês tiveram um pai, um pai maravilhoso. Tris era meu primo e eu o queria muito. Por desgracia, teve que deixá-los. Eu serei seu padrasto e espero que me permitam cuidar de vocês. Embora todos sejam uns demônios, absolutos diabinhos, tenho descoberto que os quero um pouco. A maior parte do tempo.

— Você gosta de nos dar ordens — disse Sam.

— Isso é certo. Em especial a sua irmã, a atriz.

Laura Beth tirou o polegar da boca e ofereceu a Knight o sorriso mais inocente que tinha visto em sua vida.

— Teremos que ir para Eton? — perguntou Sam em seu tom mais agressivo, mas foi incapaz de olhar Knight diretamente nos olhos.

— É obvio. Eu fui ali, igual meu pai antes de mim. É uma tradição dos homens Winthrop, sabe.

— Papai foi a Eton?

— Sim, Sam, ele também. Era um terror ali. Uma praga, e tinha muitos amigos, pelo que sei.

— Quando iremos senhor? — perguntou Sam.

— Talvez em janeiro. Veremos.

— Machucará a mamãe?

— Sam, é obvio que não. Cuidarei muito bem dela e de você. Isso se me promete te manter afastado das patas de uma égua enfurecida.

Sam sorriu.

Theo se levantou e estendeu a mão. Knight, perplexo, a estreitou.

— O que significa isto, Theo?

— Deixamos que se case com mamãe — disse Sam.

— Obrigado — replicou Knight em seu tom de voz mais sério. — Muito obrigado por confiar em mim.

Laura Beth tirou o dedo da boca e olhou Knight.

— Agora é papai.

Se Knight não pareceu completamente surpreso, assim foi como se sentiu. Observou um momento à menina, pensando: Eu, pai? Ridículo, absurdo! Oh, Deus, agora são meus e sou responsável por eles.

— Agora, Laura Beth — começou Theo, e Knight viu que esfregava as mãos, um hábito nervoso. — O primo Knight não está acostumado às crianças. Certamente não quer...

— Chega Laura Beth — disse Sam mais direto. — O primo Knight é nosso tutor, não nosso papai.

Knight se levantou devagar e apoiou Laura Beth no chão. Olhou de Sam para Theo e dele a Laura Beth.

— Na verdade, penso que se pudessem me chamar papai, eu gostaria muito.

— Papai — disse Laura Beth.

O lábio inferior de Sam começou a tremer. Sacudiu a cabeça.

— Não! — gritou com agressividade. — Não, meu papai está morto. Nunca o esquecerei. Nunca!

— Eu espero que não. — replicou Knight. Sentiu-se perdido por um momento e se perguntou se tinha sido uma boa ideia falar com os meninos sem que Lily estivesse presente. Respirou fundo. — Pensa nisto, Sam. Na verdade, eu não estou tentando ocupar o lugar de seu pai. — Mas isso era o que estava fazendo e se deu conta nesse momento. Queria as crianças, queria que eles o amassem e que recorressem a ele quando estivessem em problemas, o que, pensou com um pequeno sorriso, lhe faria sair cabelos brancos em pouco tempo.

— Senhor — disse Theo, limpando a garganta — vamos pensar.

— Oh, fecha sua maldita boca grande, Theo!

— Senhor, Sam não está se sentindo muito bem neste momento e...

Antes que Theo pudesse seguir procurando desculpas diplomáticas para as explosões de seu irmão, Knight se adiantou.

— Entendo-o. Agora, Theo, Laura Beth, deixem que Sam recupere suas forças. Precisa andar em suas muletas a semana que vem. — Knight fez uma pausa e deu um tapa na testa. — Oh, Deus! O que fará com muletas, Sam? Devo advertir aos vizinhos e ao juiz de paz?

— O que? — disse Lily.

— Falei com as crianças e me deram permissão para me casar contigo.

— Mas Laura Beth não me disse nenhuma palavra, nenhuma só palavra! Sam estava dormido e não pude encontrar Theo...

— Disse que não abrissem a boca. Estou impressionado com Laura Beth. De verdade ficou calada?

Lily estava completamente distraída. Um bom trabalho pensou Knight, e cortou uma boa parte de seu filé de frango.

— Assim é. Subornou-a. Deixou-a sair muito antes do jantar, Knight. Isso não é justo.

Sorriu sem vergonha.

— Algo, Lily. Algo até que seja minha esposa, com tudo como deve ser. Logo retornarei a minha antiga personalidade malvada e insensível.

— Não — disse, com a voz semeada de aceitação — não, não o fará, porque não é nenhuma dessas coisas. O que fará é voltar a ser bom.

Knight arqueou uma sobrancelha.

— Bom né? Está segura disso? Finalmente se convenceu de que tenho um caráter maravilhoso?

— Não deveria ter ido pelas minhas costas falar com as crianças.

— Por que não? Pensei que era uma excelente estratégia. Agora está em minhas mãos, por assim dizer, e está bem capturada. Deixa já de resistir, Lily. Se quiser, podemos contar as crianças o assunto das joias. Se estiverem em alguma parte entre suas coisas, nos entregarão. Pode imaginar Sam com uma tarefa deste tipo?

— Não, não quero que saibam nada das joias. Não deixarão por aí, quererão saber tudo. Não quero que eles saibam que esses homens horríveis mataram Tris.

Lily tinha espremido seu cérebro, com dor de cabeça e tudo, tentando descobrir uma forma de escapar de Castle Rosse e de Knight Winthrop. Mas ele a tinha derrotado. Em voz alta, disse sem se dar conta:

— Não sei o que fazer.

— Se me disser qual é seu problema, tentarei te ajudar, de verdade.

Levantou a vista, assustada.

— Falou em voz alta, Lily.

— Não quis fazê-lo. Oh, Knight, não pode dispor de um pouco de dinheiro para as crianças? Levá-las-ei e não terá que se incomodar nunca mais conosco. Por favor, eu...

Sua taça de vinho, parcialmente vazia, aproximou-se da cabeça da jovem.

Lily ficou gelada, olhando-o.

— Por que parece tão surpreendida? Mandou-me mísseis tantas vezes que já nem posso contar.

— Só dois!

— Com intenções mortais.

— Merecia-o!

— Bom, diferente de você, não ia te golpear. Pretendia nada mais que derrubar o vinho tinto sobre seu decote, entretanto. Um resultado muito interessante. Você gostaria que limpasse isso Lily?

Lily baixou a cabeça. O vestido não tinha um decote tão fechado como os outros, mas tampouco era tão provocador. De repente sentiu que o vinho escorria entre seus seios.

— Arruinaste meu vestido — disse, sem olhá-lo. — Somente tenho três, sabe.

— Não importa. Comprarei cem.

Sentiu uma picada de dor ao escutar suas palavras.

— Não quero cem vestidos. Não quero que me compre nada.

Knight se recostou em sua cadeira de respaldo alto. Olhou-a de perto, sem dizer nada. Finalmente usou a voz adulta com que se dirigia a Sam para dizer:

— Não me importa no mínimo o que queira neste momento. Seu guarda-roupa é muito pobre, para usar um termo gentil. Ver-te-ei vestida como corresponde. Agora, tem algo mais que me dizer? Tome cuidado, Lily, a garrafa de vinho está ao lado do meu cotovelo.

— Casa-te comigo pelas razões equivocadas, Knight. Não pode te dar conta disso?

— Fala em um tom tão persuasivo, querida. Aqui, este é meu anel de compromisso. — Tirou o anel do bolso e o alcançou.

Lily ficou contemplando-o. Era uma imensa esmeralda rodeada de diamantes engatados em uma delicada faixa de ouro. Era a joia mais bonita que tinha visto em sua vida.

— As quinquilharias do Billy?

— Oh! Que divertido! Este anel pertenceu a minha mãe e a minha avó antes dela.

— Deve ser uma antiguidade então, se tivermos em conta que os Winthrop nunca se casaram antes dos quarenta.

— Não, essa estupidez começou com meu pai. Tenho vinte e sete anos e sou quase o marido de uma mulher formosa e o padrasto de três crianças. É surpreendente. Devo admiti-lo, mas já está quase feito, Lily. Depois de amanhã, querida, será viscondessa. Além de títulos possuo riqueza. Isso não acende um pouco a cobiça em seu coração?

— Sim — respondeu Lily sorrindo. — É obvio que sim. Caso-me contigo por seu dinheiro e pelo que pode me dar. Tinha razão a respeito dos motivos pelos quais fui a Londres quando estava ferido. Esperava que te casasse comigo em seu leito de morte, assim eu teria ficado com tudo.

— Excelente — disse recostando-se em sua cadeira com um sorriso encantador. — Deste modo é melhor não o crê? Terá todo o dinheiro que deseje e, além disso, terá meu desejado corpo com tanta frequência como possa suportá-lo.

Lily não pôde pensar em uma réplica.

Não foi até umas três horas depois quando estava na cama completamente acordada que ocorreu que nem sequer tinha perguntado a Knight como tinham reagido as crianças com a notícia.

Provavelmente tinham gritado aleluia.

Com este pensamento, sacudiu a cabeça. Não, era muito rápido para que eles aceitassem Knight no lugar de Tris. Falaria com eles pela manhã.

Tinha aceitado os fatos, agora se dava conta. Que outra possibilidade a não ser casar-se com Knight?

Não podia dizer que o achasse repulsivo.

Tampouco podia dizer que fosse malvado e enganoso como o asqueroso Arnold.

Mas podia dizer que ele não a amava. E isso doía. Terrivelmente. Ao diabo com seu título e seu dinheiro. Ao diabo com sua grosseria. Ao diabo com ele por ser o homem mais maravilhoso que conheceu em sua vida.

Lily deixou de amaldiçoar por um momento quando escutou um ruído. Sam! Tirou as cobertas e colocou a bata enquanto corria fora de seu quarto.

Capítulo 18

O grito de Lily morreu em sua garganta. Deteve-se abruptamente tão logo entrou no quarto de Sam. Observava atônita. Sam e Knight estavam entrelaçados no chão, duas mantas os rodeavam.

A mesa de noite que estava ao lado da cama jazia de lado, a jarra estava quebrada e tinha esvaziado o conteúdo no piso de madeira. A água deslizava para o cotovelo de Knight.

A perna ferida de Sam estava quase em vertical ao seu corpo.

O menino ria.

Knight tratava de manter a perna de Sam direita. Amaldiçoava.

— Posso perguntar o que acontece? — escutou Lily dizer na voz mais calma que poderia imaginar.

— Mamãe — disse Sam e então voltou a estalar em risadas incontroláveis.

— Suponho que não está machucado.

Knight conteve por um momento suas maldições.

— Não, quer dizer, Sam não está machucado, porque estou sustentando a perna no ar. No que respeita a mim, esta maldita tabela que contém a perna pesa ao menos uns dez quilos. Não te atreva a rir, Lily! Ajude-me a levantar Sam. Está sob a influência de uma incrível quantidade de láudano. Ele, nosso querido menino, não sente absolutamente nada.

Lily deixou escapar uma risada sufocada até que se deu conta de que Knight tinha a bata de noite aberta até a cintura e que não tinha posto nada debaixo. Engoliu com dificuldade e o olhou. Ele sabia que ela estava olhando e embora o envergonhasse até as raízes do cabelo não poderia ter impedido que seu corpo anunciasse seus sentimentos.

Graças a Deus o quarto estava frio. Isso e o fato de que Lily agora tinha seus olhos no rosto de Sam ajudava.

— Ai, querido — conseguiu dizer enquanto o subia à cama. Não podia conter a risada. Knight a observava enquanto ela segurava o ventre com as duas mãos.

Sam tampouco podia deixar de rir. Knight o olhou com seriedade.

— Já riu o suficiente as minhas custas, pirralho bobo. Volte a dormir agora e sonhar com todas as iguarias que, sem dúvida, comerá no dia do casamento. — Ele acariciou o rosto do menino, acomodou as mantas e deu um passo atrás. Olhou para Lily que, por fim, tinha conseguido recuperar sua gravidade.

Na verdade, viu que ela o estava olhando e esse olhar o fez perder todo o controle imediatamente, irreparavelmente. Poderia ter feito cinquenta graus menos de temperatura na estadia e mesmo assim não teria importado. Oh, Deus. Estava excitado, e não havia nada, absolutamente nada, que deixar a sua imaginação. Queria tomá-la, que ela o acariciasse, queria sentir seus seios formosos enquanto sua boca...

— Primo Knight, poderia ficar um momento?... Mamãe, iria por favor?

— Ir? Por quê?

— Mamãe tenho certas necessidades...

— Ah, isso — disse Lily e suspirou exasperada. — Não seja tolo, Sam.

— Não deveria estar aqui, mamãe. O primo Knight me ajudará. Não é certo?

Knight deu um tapinha no ombro de Lily.

— Está descalça querida. Volta para a cama. Cuidarei deste pirralho. Saia.

Foi, mas não antes de escutar outro risinho de Sam.

Não se surpreendeu, na verdade não, quando escutou que a porta se abria uns minutos depois.

— Sam está bem?

— É obvio. Desfrutou muito me fazendo cair, acredito. Pondo-me de joelhos, por assim dizer. Suponho que nesse aspecto é como sua mãe.

— Mas eu não te poria de joelhos, eu...

— Lily — interrompeu. Agora estava mais perto, de pé, ao lado da cama, com os olhos fixos nela. — Lily, depois que nos casarmos, me terá de joelhos. Primeiro quero te despir, muito devagar, e te ter de pé, perto do fogo, é obvio. Não quero que se resfrie. Logo beijarei cada centímetro de seu corpo, farei que arrepie o cabelo da nuca e procurarei por sua garganta o caminho para sua boca. E seus seios, Lily. Pode imaginar o que sentirá quando acariciar seus seios com minhas mãos e acaricie seus mamilos com minha boca? Então terá minha língua em seu ventre, logo mais abaixo até que se deslize dentro de seu formoso corpo e então... — conteve-se ao ouvi-la respirar agitada e franziu o cenho. — Certamente sabe bastante destes assuntos carnavais.

— Não, não sei.

— Lily, por favor. — sentou-se a seu lado, capaz de lembrar suas feições ali mesmo na escuridão da noite. — me escute, nunca, jamais minta para mim. Não me importa seu passado, deve acreditar em mim. Tudo o que importa é você e as crianças e nosso futuro juntos.

— É obvio que te importa meu passado. Volta-se incrivelmente cruel quando pensa na possibilidade de que tenha estado com outros homens. Já disse isso Knight, não vivi com o Tris, vivi em sua casa. Há uma imensa diferença, que não pode deixar de admitir.

Mas esses homens sabiam de você, quis gritar. Chamaram-na de amante do Tris, sua prostituta...

— Te quero agora mesmo, Lily. — antes que pudesse dizer algo, deitou-se a seu lado na cama. — Me beije.

Não podia permitir que isso acontecesse. Virou o rosto, para que o beijo aterrisasse em sua orelha esquerda. Se a beijasse na boca, ia sucumbir imediatamente.

A mão direita de Knight a segurou pelos pulsos, a esquerda buscou a garganta e baixou até roçar com a ponta dos dedos o seio. Ela conteve o fôlego, retrocedeu e se separou dele. Rodou para o lado mais longínquo da cama.

— Saia, Knight. Não me fará isto.

Ficou um momento ali, sentindo-se um idiota, traído e furioso. Então começou a rir.

— Tem razão. É só que te desejo tanto que me esqueço que sou um cavaleiro, um homem civilizado. — ficou de pé, acomodou sua bata e disse com voz tranquila: — boa noite, querida. Amanhã encontraremos as quinquilharias do Billy. Sonha comigo, Lily.

— Boa noite, Knight.

Lançou uma gargalhada e partiu.

Lily não sonhou com ele. Sonhou com Monk e Boy e sentiu medo. Tinham que encontrar as joias.

Mas não conseguiram encontrar. Knight o expôs as crianças como um jogo. Só disse que se encontrassem algo de interesse entre seus pertences, seriam recompensados. Cada peça de roupa que possuíam foi examinada com minúcia, cada brinquedo apertado, separado ou provado de algum outro modo. Nada

— Tinha razão — disse Knight na hora da comida. — Nem o mínimo sinal.

São John, como Lily chamava agora ao jovem instrutor, estava falando com Theo, nenhum dos dois lhes prestava atenção. Laura Beth estava jogando com o pudim de ameixas de Mimms. Lily mal assentiu sem dizer uma palavra. Knight ficou em silêncio e Lily soube que estava tentando decidir o que fazer com respeito a Monk e Boy,

Estava a ponto de desculpar-se quando Knight disse de repente:

— Lily, por favor, se encontre comigo na sala, digamos em dez minutos. Tenho algo para você.

— O que? O que? — perguntou Laura Beth.

— Nada que te diga respeito, pequenina — respondeu Knight. — Sente-se direita e termina seu bolo de ameixas.

— O que?

— Laura Beth, o primo Knight quer que fique calada, se não te enviará à sala de jogos.

— Essa é uma excelente ameaça, Theo — disse Knight. — Faz frio ali, Laura Beth, e provavelmente congele os dedos dos pés a Czarina Catherine.

A menina começou a rir.

— Mamãe vou passar um momento com Sam.

— Obrigado, Theo. John merece um descanso.

— Theo e eu vamos cavalgar mais tarde, senhora Winthrop. Essa será minha saída.

— Outro mártir — remarcou Knight a ninguém em particular.

Exatamente dez minutos depois, Lily fechava a porta da sala.

— Queria me ver?

Knight tirou uma caixa enorme de trás de suas costas. Ela a olhou.

— O que é isto?

— Por que não a abre e vê? — Caminhou devagar para ele. — Se você gostar do que encontra possivelmente me dê um beijo — disse.

— Possivelmente — respondeu e tomou a caixa. Knight viu que a levava a mesa embutida. Levantou a tampa e separou o papel de seda. Por um momento parou a respiração. — Knight!

Ele não disse nada, só a olhou levantar da caixa o requintado vestido de seda branca. O pescoço redondo foi feito de renda Valencia como as mangas compridas e a bainha. Assim que ele o viu, soube que tinha que pertencer a Lily.

— É seu vestido de noiva — disse depois de um longo momento de silêncio.

Parecia atônita.

— É incrível, mas...

— Sem mais, por favor. Quando visitei o bispo Morley, também fui à costureira e a encomendei. Tem que ficar bem. Sua assistente tinha quase seu mesmo tamanho e eu me baseei nela. — Fez uma pausa, pois se deu conta de que não parava de falar e Lily estava tão silenciosa como um rato estúpido. Tinha a cabeça encurvada. — Lily?

Ela sacudiu a cabeça e deu as costas. Knight franziu o cenho.

— Você não gosta?

— É obvio que eu gosto idiota!

Sorriu.

— Estava começando a pensar que tinha se convertido em uma chorona. Sei que não se supõe que o noivo veja a noiva com o vestido antes do casamento, mas...

— Não, não me verá. — virou-se para olhá-lo e, para surpresa de Knight, parecia tão composta como uma Santa. — Obrigado, Knight. É muito gentil.

Ele olhou para ela atentamente

— Talvez chegue a acreditar Lily. Amanhã há esta hora, será minha esposa e todos seremos uma família. Não é um pensamento tão repulsivo, não é verdade?

Lily sacudiu a cabeça.

— Não conseguimos encontrar as joias — disse e ele quis estrangulá-la.

— Entendo — disse em seu tom mais irônico. — Se o tivesse feito, teria escapado daqui, esta prisão robusta, de madrugada, do mesmo modo que fez em Damson Farm.

— Sim — disse e ele deu um passo para ela considerando o estrangulamento como uma alternativa tentadora.

Lily apoiou o vestido contra seu peito e deu um rápido passo atrás.

— Eu gostaria de um matrimônio de conveniência.

Ele congelou.

— O que?

— Um matrimônio de conveniência. Por três dias, talvez?

— Um matrimônio de conveniência muito breve. Depois de três dias decidirá se me quer em sua cama?

— Por favor, Knight, só três dias. Não é muito tempo, e agradeceria muito.

— Começo a entender. Ainda esperas encontrar as joias que não existem. Três dias mais para procurar sem o medo de que te deixe grávida?

Ela ficou em silêncio.

Ele estava furioso. Arrancou o vestido de suas mãos, transformou-o em uma bola e o jogou no outro lado da sala.

— Senhora, pode ter três anos, trinta anos! Não me importa! Darei-te cinquenta mil libras. Pode ir. Entretanto, não pode levar as minhas crianças. Entendeu? — Puxou-a pelos braços, sacudiu-a e gritou: Não levará as minhas crianças! Não permitirei isso!

Lily não lutou contra ele. Estava escutando, realmente o escutava.

— Conhece as crianças há menos de um mês. Não podem te importar tanto.

Knight estava fora de si.

— Faz um movimento para afastá-los de mim e eu pessoalmente...

— Pessoalmente o que? — perguntou com muita suavidade.

Ele a olhou, sabendo que tinha sido vencido sem chicote. Odiou-a nesse momento. Não se sentiu um ser humano normal desde que ela entrou em sua vida bem ordenada e tinha virado o seu desejo. Odiava-a por ter perdido o controle de si mesmo e de todos os que o rodeavam.

— Deus, oxalá pudesse te arrancar do meu coração!

Ela sorriu e o envolveu com seus braços ao redor de sua cintura. Ele ficou rígido, mas não se separou. Ela o abraçou com força.

— Knight?

— O que, maldita e irritante criatura?

— Realmente estou em seu coração?

— Não, não quis dizer isso absolutamente. Foi um lapso temporário, uma aberração. O que quis dizer em realidade era que estava só em minha virilha. Minhas partes masculinas não têm nenhum sentido comum.

— Ah.

Knight tinha as mãos sobre seus braços, e os acariciava com suavidade.

— Lily, isso soou como uma verdadeira decepção para mim, como se na verdade se importasse.

— Suponho que não te acho completamente detestável; Knight.

— Casaria se comigo?

— Sim.

— Não mais três dias de conveniência?

— Nem sequer uma hora. Não agora.

Sentia-se tão vivaz como uma mariposa. Puxou-a pela cintura e a levantou por cima de sua cabeça.

— É tempo já, mulher tola. Me beije. Como se me quisesse, como o fará amanhã de noite quando estivermos na cama.

Baixou pouco a pouco enquanto ela o beijava e sentia toda sua força e sua ternura. Beijou-o com grande entusiasmo e, como ele bem o notou, com grande inocência.

A cerimônia de casamento de Knight Cardem Paget Winthrop, oitavo visconde de Castlerosse, com a senhorita Lily Ophelia Tremaine foi um assunto bastante satisfatório, embora só assistisse as crianças e os serventes de Castle Rosse.

O primo do bispo Morley, o eminente advogado Drake St. John entregou à noiva. No momento em que colocou sua mão na de Lorde Castlerosse pensou que o noivo era o homem mais sortudo que pisava na face da terra.

Se Knight tivesse perguntado sua opinião, teria estado de acordo, sem a menor dúvida. Mesmo as crianças.

— Mamãe é um anjo — informou Laura Beth a Mimms.

— Shh — sussurrou Theo nervoso.

Sam olhou seu irmão com impaciência e disse em voz alta para que Knight pudesse escutar:

— Mamãe é mais formosa que os perus reais de Castle Rosse.

Havia somente um pavão vivendo em Castle Rosse e era muito magro. Lily abafou a risada.

— Mamãe é mais formosa que Violet — adicionou Laura Beth, para não ser menos.

Sam dirigiu seu olhar ao bispo.

— Violet é a égua de mamãe — explicou.

Laura Beth, em uma explosão de confiança, segurou na cauda da jaqueta do bispo.

— Olhe o anel da mamãe! É muito velho porque todos os papais do primo Knight eram muito velhos quando se casaram.

— Laura Beth!

— Mas o primo Knight ama tanto a mamãe que se casa agora que é muito jovem.

— Não, por favor, Laura Beth — disse Theo com a voz estrangulada.

— Está bem, Theo — o acalmou Knight afogando uma gargalhada. — Laura Beth misturou toda a história, bom, parte dela ao menos. Perguntarei depois da cerimônia de onde tirou essa informação.

— Bom, de...

Lily se aproximou de Laura Beth e tampou sua boca com a mão.

— Ponha o polegar na boca! Está bem?

— Mas você não gosta que faça isso, mamãe.

Lily elevou seu olhar ao céu e Knight se apressou a dizer.

— Fica quieta, Laura Beth, ou não conseguirá nem um pedaço do bolo de Mimms.

Isso foi mais que suficiente.

Knight fez um gesto com a cabeça ao bispo Morley, um cavalheiro dotado de um profundo senso de humor, graças a Deus. Lily escutou as palavras de Knight, graves e profundas e sentiu que apertava sua mão. Suas próprias respostas foram igualmente firmes.

— ... Declaro-os marido e mulher. Senhor pode beijar sua encantadora noiva.

— Vão abraçar-se — disse Sam e se sacudiu.

— Mais que isso — explicou Theo. — Observa bem.

— Posso? — murmurou Knight contra os lábios fechados de Lily.

— Apesar de nossa audiência que não pára de falar? Terei que prestar contas. Não sei bem como...

A boca de Knight se apoiou na dela e foi tudo o que Lily pôde fazer para ficar em seu lugar e não voar para ele até que caíssem no chão.

Quando a soltou, olhou-a nos olhos e ficou satisfeito pelo que viu e deu de presente um sorriso muito masculino.

— Pensa nesta noite, Lily. Ou nesta tarde. Talvez inclusive dentro de uma hora se posso arrumar tudo.

Lily cantarolava uma melodia que vinha do fundo de si. Aceitou as felicitações, sem entender em realidade as palavras, mas com um sorriso que não se desvaneceu nem por um instante.

Theo e Laura Beth os rodearam. Sam os chamou de sua cadeira colocada em um lugar de honra.

— Mamãe teremos que ver isso todo o tempo?

— Ver o que, Sam?

— Que o primo Knight te toque e ponha sua boca em todo seu rosto.

— Sim, meu menino, terá. Agora, John vai te levar ao salão de jantar. Portou-se muito bem e é hora de sua recompensa.

— Quero Mimms! — gritou Laura Beth e tratou de tomar a mão de John.

— Cuidarei deles, mamãe — disse Theo e se apressou a ajudar seu instrutor.

— São crianças maravilhosas, sua senhoria — comentou o bispo tomando sua mão. Sua senhoria! Por Deus, Lily nem tinha pensado nessa consequência.

— É muito gentil ao me dizer isso. Estavam tão excitados esta manhã. Senhor St. John, muito obrigada por estar aqui.

Ao senhor St. John teria gostado muito de ressuscitar esse maravilhoso privilégio, o direito de senhoria, assim poderia ter reduzido ao visconde à categoria de camponês. Suspirou. Algumas coisas não podiam ser.

Mimms tinha superado a si mesma. O bolo de casamento tinha três andares e a cobertura mais doce que Lily provou em sua vida. Instalou-se em seu estômago junto com o champanhe e a certeza de que agora estava casada pela primeira vez em sua vida, com um homem que evidentemente queria seu corpo mais que qualquer outra coisa dela, o que, acabava de decidir, era suficiente no momento. Talvez o mais importante fosse que amava as crianças. E isso era uma comoção. Para ele tanto quanto para ela, Lily suspeitava, e sorriu enquanto limpava um bigode de cobertura da boca de Laura Beth.

— Está pensando em todas as perversidades que vou fazer tão logo possa desocupar a casa?

— Não.

Knight tratou de pôr uma acreditável expressão de dor.

— Esperava que fosse um pouco mais maleável agora que está casada, Lily. Decepciona-me.

— Muito bem. Sim.

— Sim o que?

— Estava pensando em... — deteve-se, inclinou-se para seu ouvido e murmurou:

— Na verdade, senhor, estava pensando em todas as perversidades que eu vou te fazer.

Knight deu um salto para trás, tão surpreso que espirrou em seu copo de champanha. Nesse momento, imaginou-a em cima dele, com a boca percorrendo seu ventre, as mãos movendo-se para baixo, acariciando-o e beijando-o e quase lançou um gemido audível.

— Não.

Lily inclinou a cabeça.

— Só me parece justo — disse. — Não posso ser malvada em certas ocasiões?

Knight não disse nenhuma palavra mais. Sentou-se e cruzou as pernas. Bebeu seu champanhe, sem olhar sua mulher a não ser à expressão perdida de Sam enquanto comia seu segundo pedaço de bolo de sacramento.

Sua esposa. Era bastante aceitável a situação. Embora só tivesse vinte e sete anos. Embora seu filho mais velho tivesse nove anos. Embora...

— Tem um sorriso um tanto vazio em seu rosto, moço — disse o bispo Morley enquanto se sentava ao lado do visconde. Como Knight continuava sorrindo, o bispo decidiu seguir. — Seu pai estaria orgulhoso. Sua esposa é uma mulher formosa e é gentil e de boa disposição, também. É um homem de sorte, não há dúvidas a respeito.

— Meu pai — disse Knight olhando ao bispo diretamente nos olhos cansados — teria me enviado a África, com a esperança de que recuperasse um pouco de sentido comum ou me apodrecesse se não o conseguia. Já sabe que não tinha paciência para nada que se relacionasse com o sexo frágil e as emoções de um homem caprichoso.

— Seu pai estava um tanto equivocado — adicionou o bispo. — Mas era tão engraçado, tinha um senso de humor tão interessante que estranha vez alguém se precavia

de seus defeitos. Duvido que ele se desse conta de que os tinha. É estranho que você tenha seu juízo, moço, já que ele não ficou contigo mais de duas semanas em um ano.

— Bom, agora estaria rindo de mim, ou grunhindo, ou algo que seja permitido no céu quando um progenitor vê que seu filho não respeita seus conselhos. Parecia-se muito a lorde Chesterfield, sabe, sempre me escrevia cartas infestadas de sua filosofia.

— Agora já não importa. Repito-te, moço, sua esposa é uma dama encantadora. Devo levar St. John... Sem dúvida, notaste que estive olhando sua esposa como se estivesse ante uma relíquia sagrada ou um bolo de ameixas. Entretanto, é um tipo de grande coração, sabe.

Knight suspirou.

— Sei. A maioria dos homens a olham com uma devoção profana. Não podem evitar. Lily, graças a Deus, nunca se dá conta.

— Ah, não é um marido possessivo, então?

— Não sei ainda. — Knight ficou pensativo olhando como o senhor St. John, um cavalheiro o suficientemente velho para ser o pai de Lily, afagou sua mão, então tomou seu pulso e por último o cotovelo. Deteve-se ali.

Obviamente o homem valorizava sua vida.

Laura Beth se aproximou e se pendurou em uma das pernas da calça de Knight.

— Papai — disse com um sorriso radiante.

— Onde está Czarina Catherine? — perguntou com um repentino nó na garganta.

— Não tinha um vestido lindo para estar no casamento de mamãe. Fiz que ficasse na cama.

— Tinha que ter pensado nisso. Vem aqui, pequenina, e diga coisas sábias e inteligentes ao bispo Morley.

— Eu não gosto do negro — disse Laura Beth e colocou o polegar na boca.

A noite de casamento deveria ser um acontecimento para recordar toda a vida, pensava Knight enquanto olhava Lily que falava com cada um dos serventes. Uma noite que Lily recordaria — com grande detalhe— e o que recordaria ia fazê-la sorrir, inclusive cinquenta anos depois.

Knight olhou através das amplas janelas da sala de jantar imponente. Parecia frio, o céu estava coberto de pesadas nuvens que ameaçavam chuva. Virou-se e viu que Lily o estava observando. Ela sorriu com acanhamento.

Ele devolveu o sorriso e pensou que ela iria com ele para a cama todas as noites e despertaria a seu lado todas as manhãs. Essa noite, as seis, Knight se deteve para despedir-se das crianças, desceu as escadas e se dirigiu a sala de jantar menor onde ele e Lily jantariam a sós. O querido John, graças a Deus, estava entretendo as crianças até a hora de dormir, e essa Santa da senhora Crumpe era, essa noite, a amiga mais próxima de Laura Beth.

Agora, pensou Lily, é sua vez. E a minha.

Capítulo 19

— Como pode estar mais bonita do que há uma hora? Obviamente é uma pergunta metafísica que não tem resposta. — Knight levantou sua taça de champanhe: — Por você, viscondessa de Castlerosse, minha senhora, minha esposa, minha companheira, mi... — Está indo rapidamente morro abaixo!

Lily bateu sua fina taça de cristal com a de seu marido.

— Por nós — disse sorrindo. — É tão estranho — continuou, observando como Knight servia a comida — mas nunca pensei em ser uma viscondessa ou nenhuma espécie de "dama". Não tinha dinheiro, sabe depois que meu pai e eu abandonamos a Inglaterra, e sempre me disseram que os cavalheiros só se casavam com damas que tinham dotes importantes.

— Você tem algo melhor que dinheiro, Lily, um bem do que já usufruí amplamente.

— Ah, sim? Qual? Diga-me qual.

Ele sorriu.

— Deu-me não só sua pessoa, mas também uma família. Ambas as coisas muito interessantes.

Lily não estava segura de que estivesse falando a sério.

Parecia, mas ainda não o conhecia o suficiente para ter certeza.

— Bom, as crianças são maravilhosas.

— E você não?

— Eu sou só eu, Knight, uma mulher bastante comum.

— Nunca diria que minha esposa é uma mulher comum, por favor, Lily. Deus, estou contente de que tudo tenha passado. Pode admitir que se sente aliviada de ser por fim minha esposa?

— Não sei — disse com lentidão enquanto brincava com sua taça. — Tudo foi tão rápido e... Bom, não sei o que pensar.

— Estou aliviado pelos dois então — concluiu. — Agora é minha, e juro que te cuidarei bem.

Ela olhou sua boca enquanto falava; então baixou os olhos e os posou em suas mãos fortes, nesse momento, ocupadas em servir cenouras e imaginou o que sentiria se tivesse essas mãos em seu corpo, em seu...

Knight se endireitou em sua cadeira.

— Deixa de me olhar assim ou se não te colocarei entre o coelho assado e o recipiente de ostras e te possuirei aqui mesmo.

— Essa é uma estranha forma de dizê-lo — disse Lily tentando apagar esse olhar, fosse qual fosse de seu rosto.

— Tem razão. Talvez fosse mais preciso dizer que você possuirá meu pobre corpo. — Esse olhar faminto desapareceu por um momento, e Knight suspirou. — Aqui tem — disse e colocou o prato diante dela. — Mimms cozinhou maravilhosamente bem. — Quando Knight se acomodou na cadeira, sorriu a sua esposa. — Pensa que pode comer algo? Só doze garfadas, Lily. Necessitará de forças.

Tremeu o garfo, só um pouco, mas Knight viu, e seu sorriso aumentou satisfeito. Uma esposa, uma legítima esposa perante Deus, que era uma dama por nascimento e que queria ter relações sexuais com seu marido. Era uma ideia maravilhosa, e se negava a permitir que qualquer outra ocupasse sua cabeça. Se ela só tinha tido Tris ou se deitou com muitos homens, não importava. Disse a verdade. O passado não era importante.

Comeram em silêncio. Os olhos de Knight brilhavam como as velas acesas sobre a mesa.

— Lily.

Ela levantou a vista e se inquietou um pouco ao ver sua expressão.

— Esta é nossa noite de núpcias.

— Sim, sei.

— Não está nervosa, está?

— É obvio. Acaso você não está?

— Não.

— Que pergunta tola. Você é, depois de tudo, um homem.

— Não posso discutir esta afirmação. Mas é nossa noite de núpcias e quero que confie em mim. Está bem?

— Isto é tão diferente do que estou acostumada. Estar casada significa que eu não sou só responsável por minha pessoa e das crianças. Agora devo te incluir.

— Por que não deixa que eu seja responsável por todos? Pode descansar um pouco e te acostumar a ser minha mulher.

— Você não tem que te acostumar a ser meu marido?

— Tudo o que estou dizendo é que agora não está sozinha, Lily, não precisa ser tão independente. Agora estou aqui.

— Sim, aqui está. Na verdade não tenho fome, Knight.

— Come. Dez garfadas mais, isso é tudo. Agora, lembra-se da tarde quando estávamos no bosque de carvalhos? À tarde inesquecível em que Sam machucou a perna?

Lily não queria dizer que sim, não queria alimentar mais sua vaidade por essa demonstração de superioridade masculina, mas não pôde evitar. Esses escassos momentos estavam claros como cristal em sua mente. Engoliu ao recordar as sensações selvagens que a haviam possuído. Assentiu.

— Recorda o que estávamos fazendo?

— Por favor, Knight. Come seu purê.

— Estava de pé contra um carvalho, recorda? Um de copa muito espessa e tronco muito antigo? Estava te beijando e você estava desesperada procurando algo mais. Inclinei-me para baixo então e pus minha mão por debaixo de sua saia de montar.

Fez uma pausa. Observou que ela tomou o primeiro garfo com a mão direita, logo com a esquerda. Apoiou-o no prato. Não sabia o que fazer com as mãos. Tomou um guardanapo.

— Tenho os braços largos, graças ao bom Deus — continuou em voz mais baixa, mais suave. — Recorda como acariciava a parte de trás do seu joelho, e lentamente subia por sua formosa coxa? Estava tremendo, Lily, emitindo esses pequenos gritos femininos, e voltei a te beijar enquanto meus dedos seguiam subindo, roçando apenas sua pele.

— Knight...

— Quando meus dedos encontraram, estava ardente e toda úmida para mim, e me desejava, Lily. Lembra como te toquei, como te acariciei até que começou a gritar dentro de minha boca, me desejando tanto que não podia evitar? — A voz de Knight estava rouca; estava perdendo o controle apenas lembrando essa tarde há uma semana. Lily estava sentada muito ereta.

— No que pensa Lily?

Ela percorreu com sua língua o lábio inferior. Fechou os olhos por um momento.

— Seus dedos — murmurou. — As sensações em meu ventre quando me tocava. E sua boca e a sensação de seu corpo pressionando o meu.

Quase caiu da cadeira. Oh, Deus, tinha pensado que podia controlar as coisas e aí estava. Sofria mais que ela, e ele sabia. Era um homem, depois de tudo, e os homens sofrem mais que as mulheres quando se trata de sexo. Não tinha esperado que ela fosse tão... Honesta.

— Sabe que o vou fazer esta noite?

Lily sacudiu a cabeça; pensamentos coerentes ou inclusive as simples palavras estavam fora de seu alcance. Ele a tinha seduzido agora do mesmo modo que aquela tarde no bosque.

— Não temos um carvalho na casa. E faz muito frio para te levar de novo ao bosque. Mas, Lily, não, não vou dizer isso. Mostrarei. Não estará nervosa, Lily, ou assustada.

Knight se levantou de sua cadeira, com uma clara intenção no rosto. Para surpresa de Lily, pareceu espantar essas ideias de sua mente. Afastou-se dela e disse por cima do ombro:

— Você gostaria de tocar piano pra mim?

Ela olhou suas costas sem compreender.

— É obvio — respondeu. — Isso é o que mais desejo fazer neste momento. — O que mais queria na verdade, pensou, era que seu marido dissesse que se importava. Mas só se interessava em seu corpo. Ele continuava deixando bem claro. Lily não era uma hipócrita. Mesmo que pensasse nessas coisas, admitia que ela também o desejava enormemente. Mas a ela importava ele, maldição. Importava mais que qualquer outro homem que tivesse conhecido.

Deixaram o salão com quase tanta comida como quando tinham entrado nele.

Lily, com certo realismo, sabia que qualquer peça musical exceto a mais simples do mundo superaria sua habilidade essa noite. O que se propunha Knight? Essa noite, pensava, ia converter-se em mulher, e era tão excitante que queria se jogar nesse momento em seus braços, ali mesmo no meio da sala.

Mas o que fez foi tocar uma balada irlandesa que era, graças a Deus, muito lenta e só requeria quatro diferentes notas.

Knight a observava, observava o candelabro que brilhava por trás de sua cabeça e iluminava sua espessa cabeleira loira com reflexos de ouro. O vestido de noiva ficava nela ainda melhor do que tinha imaginado. O suave encaixe que rodeava o decote emoldurava os ombros brancos e sugeria os suaves seios cobertos pela seda. Sacudiu a cabeça. Se

continuasse pensando desse modo, estaria perdido por completo. Tinha pedido que tocasse piano para poder tomar um pouco de distância, mas não estava funcionando.

Tinha que manter o controle. Esses sentimentos estranhos e desconcertantes que tinha por Lily deviam ser contidos. Não se deixaria governar por seus instintos sexuais. Mas isso era tudo?

— É suficiente, Lily.

Ficou de pé e tomou o candelabro. Os dedos de Lily caíram sobre uma nota em falso e o olhou, surpreendida e, como bem se deu conta, aliviada. Ele estava brincando com ela e ela só queria que terminasse. Ela queria que fizessem amor. Uma vez que soubesse do que se tratava, pensava que ia recuperar um pouco de equilíbrio. Não muito, mas ao menos uma pequena porção.

Ficou de pé com muita lentidão, e sorriu com acanhamento. Knight estendeu a mão e ela colocou a sua na dele.

— Fiz mudar todas suas coisas para o meu quarto — disse enquanto subiam as escadas.

— É muito gentil de sua parte.

— Gentil? Só quero que esteja comigo. A semana que vem começaremos a remodelar seu guarda-roupa.

— Não importa — disse. — Meu vestido de noiva é formoso, Knight. E também meu anel. Não quero parecer ingrata.

— A gratidão não tem nada a ver com isto, Lily. Não a quero, absolutamente. Quero a ti, e nada mais.

— Me tem.

— Não ainda — disse e parecia dolorido.

Quando chegaram ao enorme quarto no final do corredor, Knight abriu a porta, sorriu a sua esposa e disse:

— Aqui, pegue as velas.

Ela pegou e entrou no quarto. Knight se virou e fechou a pesada porta de carvalho. Voltou a olhá-la, apoiado contra a porta.

— Por favor, fica quieta um momento. Quero te olhar.

Lily se sentiu tola e observada, mas não era assim, absolutamente. As velas tremeram em sua mão e Knight se apressou a recuperá-las para colocá-las sobre a lareira.

— Faz bastante calor aqui — disse enquanto se agachava para adicionar um pouco mais de lenha ao fogo. — Disse ao Thrombin que o queria assim.

— Não há um biombo aqui, Knight, e eu...

Levantou a mão para que fizesse silêncio.

— Eu serei sua dama de companhia, Lily, mas não ainda. Não, não ainda. — Caminhou muito lentamente para ela, com os olhos fixos em seu rosto. — É tão bela — disse e se deteve diante dela.

Lily fechou os olhos enquanto os dedos dele acariciavam sua bochecha, as maçãs do rosto, as orelhas.

— E você, meu senhor. Nenhuma mulher te disse quão formoso é?

— Não mais de uma dúzia. Mas não acreditei.

— Em mim acreditará?

Olhou-a um longo momento.

— Já veremos. Amanhã. Agora, minha querida esposa quero te beijar até que estourem meus ouvidos.

Lily baixou a cabeça, envergonhada, mas os largos dedos de Knight se fecharam debaixo de seu queixo e a levantaram.

— Lily — disse e ela sentiu seu fôlego quente na boca. Ela colocou as mãos em seus ombros e se apoiou contra ele. Knight olhou um longo momento sua boca e então a beijou

ligeiramente, com pequenos beijos que a fizeram sorrir e abrir os olhos. Com a ponta dos dedos acariciou os lábios. — Separa os lábios.

Ela fez e ele aprofundou seus beijos. Ela o saboreou, o doce gosto do champanhe, o ácido gosto do bolo de limão, o quente gosto dele, de Knight, um homem maravilhoso, seu marido. Era delicioso e já não estava proibido para ela. Sentiu-se livre pela primeira vez na vida, livre para ser ela mesma, livre para mostrar o que sentia por ele. A boca de Knight tocou a dela e Lily saltou de surpresa. Depois o aceitou.

Agora era dele, estava completamente em seu poder e ele podia fazer o que quisesse com ela. Ignorou a dor em sua virilha, tomou suas nádegas com as mãos e a levantou no ar. Levou-a ao outro lado do quarto, perto da lareira. Pressionou suas costas contra a parede e se aproximou dela. Sentiu seus suaves seios contra seu peito, sentiu seus seios agitados enquanto apoiava seu sexo endurecido e exigente contra o ventre dela. Lily conteve a respiração ao senti-lo.

— Você gosta disso, não é verdade?

Ela não podia pensar em palavras e sua resposta foi aprofundar o beijo e cravar as unhas em seus braços.

Lily sentiu a parede contra suas costas, sentiu que ele a empurrava contra seu corpo e que ela se inclinava para ele, incapaz de evitar. Lembrou suas palavras sobre o carvalho e o que tinha feito esse dia. Estava envergonhada, excitada, quase incoerente pela antecipação.

Então ele se afastou dela e Lily abriu os olhos por causa da consternação.

— Knight?

— Um momento, Lily.

Knight estava de joelhos diante dela, levantando o vestido de noiva.

— É mais delicado que seu traje de montar e, portanto requer mais cuidado. Não quero rasgá-lo.

Ela sentiu o ar frio em suas pernas. Ele estava de novo de pé diante dela, com a cabeça encurvada para que ela pudesse beijá-lo. Lily sentiu sua mão na coxa. Voltou a conter o fôlego e rodeou com os braços suas costas, aproximando-se dele.

A mão de Knight se movia para cima, com grande lentidão, e ele voltou a beijá-la. Disse devagar em sua boca:

— Você gosta disto, Lily? Quase aí, meu amor, apenas estou te tocando. Deus, tem ideia do que me faz sentir?

Com a ponta dos dedos encontrou o caminho entre os pelos para encontrá-la. Ela gritou e se sacudiu contra ele.

— Sem interrupções desta vez. Nenhuma.

Seu beijo foi profundo, sua língua acariciava a dela enquanto seus dedos acariciavam ritmicamente sua suave carne feminina, fazendo-a enlouquecer, gemer e gritar, fora de si, e pressionar contra seus dedos para sentir mais...

Ele deslizou seu dedo médio dentro dela e Lily caiu para frente, com a cabeça no ombro dele.

— Knight, não posso...

Mais profundo nela.

— Não pode o que? É tão ardente, Lily, tão firme, e...

Knight sentia que seu sexo pulsava fora de seu controle, e se separou um pouco dela. Queria levá-la a seu clímax antes de possuí-la.

Seus dedos deslizaram para cima até que a encontraram de novo. Sorriu e procurou seu rosto para beijá-lo.

— Você gosta disto, não é verdade, Lily? Sei que é assim. Está úmida e suave e eu...

— Sua língua penetrou em sua boca.

Ela não seria capaz de falar nem que a casa estivesse pegando fogo.

Gemeu, jogando a cabeça para trás, oferecendo a garganta e os seios. Os dedos de Knight afundavam e brincavam. Ele sentiu a tensão que crescia nela, as pernas que ficavam rígidas, e soube que em um momento mais alcançaria seu clímax e quando o fizesse, ele estaria olhando seu rosto. Queria esperar, aumentar a tensão um pouco mais, mas sabia que não era possível.

Empurrou-a então, com seus dedos ardentes, até chegar ao frenesi. Suas costas se arquearam, seus quadris se adiantaram e ela fechou os olhos e gritou.

— Abra os olhos!

Ela o fez e ele viu a maravilha neles enquanto seu corpo explodia, então a vaga surpresa e a corrente de sensações que a alagou e que nunca poderia ocultar dele.

Ele seguiu acariciando-a, seus movimentos eram suaves agora, mais gentis, enquanto ela se aquietava pouco a pouco. Sem aviso, tirou as calças, levantou-a e disse com autoridade:

— Ponha suas pernas ao redor de minha cintura!

Lily fez o que dizia, sem compreender, mas sem importar absolutamente. As mãos de Knight estavam separando seu vestido de noiva, despindo suas pernas e quadris.

— Knight — sussurrou. Ficou congelada quando seus dedos começaram a abri-la. Afogou-se quando o sentiu. Seu sexo estava contra ela, empurrando-a, ardente e palpitante e ela tratou de jogar-se para trás, incapaz de fazê-lo. Ele insistiu e, de repente, sem aviso, suas mãos a levantaram e se introduziu em seu corpo. Ela ficou rígida e gritou pela dor.

Knight entrou um pouco mais profundo, oferecendo-se um pouco mais. Era consciente de seu tamanho, de sua estreiteza, mas ela o desejava e estava úmida e ardente e ele estava dentro dela e ele queria gritar, pois o que sentia o estava enlouquecendo. Escutou que foi ela quem gritou.

Mas não de prazer. Sentiu que lutava com ele. Não podia entendê-lo. Aproximou-a um pouco mais contra a parede para mantê-la erguida.

Suas mãos estavam firmes ao redor de sua cintura e, de repente, levantou-a e a empurrou para ele com todas suas forças. Deus era tão pequena e algo andava mal, algo... Rasgou seu hímen e foi até o fundo. Podia sentir seu ventre.

Ela o golpeava com os punhos, chorando. Seu corpo tremia de dor. Suas longas pernas se agarraram a seus quadris.

Era virgem e ele a tinha possuído com todas suas forças. Knight não podia medir todas as consequências. Ele estava dentro dela, bem dentro dela, e podia sentir sua dor, sentir seus músculos que se agarravam a ele, e, por um instante, tentou se conter.

— Lily, sinto muito. Fica quieta, não se mova! Deus!

Mas ela tentava se soltar dele, e sua luta o estava pondo no limite. Estava fora de si, não podia controlar-se, nem controlá-la, enquanto a acariciava com suas mãos, empurrando cada vez mais rápido e mais profundo até que gritou e ficou rígido e caiu para frente contra ela, lançando sua semente bem dentro de seu corpo.

Durante um momento, esteve sem sentido. Sua respiração era agitada e entrecortada enquanto pressionava seu rosto ao lado do dela contra a parede. Foi o som de seus soluços o que o voltou para a realidade.

Lily era virgem.

Sentiu que as pernas dela deslizavam pelos lados. Com delicadeza, saiu de dentro dela e se sobressaltou quando a escutou gemer de dor. Levantou-a em seus braços e a levou para sua cama. Seu formoso vestido de noiva era uma massa enrugada de seda.

Tratou de acomodar-se depois que a apoiou na cama. Lily tinha os olhos fechados e Knight pôde ver o rastro das lágrimas que desciam por suas bochechas. Parecia o maldito sacrifício de uma virgem.

— Lily — disse enquanto se sentava a seu lado. — Abre os olhos, por favor.

— Não — respondeu com muita clareza. — Não quero.

— Não te culpo. Eu... — Teria começado a dizer que não sabia, que não tinha acreditado que ela era virgem, mas não era tão estúpido. — Sinto muito, é só que me voltou louco e te desejava tanto, Lily.

Ela abriu os olhos e o olhou.

— Dói muitíssimo. Pensei que ia ser agradável.

— Sinto-o — repetiu. — Mas nunca mais doerá, juro. A próxima vez estaremos tão perto, Lily, e você vai querer que eu esteja dentro.

Ela não estava tão segura disso, embora ele parecesse que sim.

— É isso o que me teria feito no bosque esse dia se John não tivesse chegado?

— Não. Queria, mas decidi que só ia te dar um prazer feminino. Seu prazer é muito formoso, Lily.

Ela estudou seu rosto, em silêncio.

— Pode me deixar sozinha agora, Knight?

— Não. Deixe-me te ajudar, Lily. Não discuta comigo... Sabe que não pode se arrumar sozinha com todos esses pequenos botões.

Ajudou-a a se levantar e começou a desabotoar a comprida fileira de botões nas costas. Foi eficiente e rápido. Fez uma pausa só quando ela ficou de pé em sua camisa. Lily baixou a vista e viu as manchas de sangue sobre o linho branco e abafou um soluço. Olhou-o, horrorizada. Ele sorriu com dor.

— Não, não, está bem. Vem e deite-se. Eu te limparei.

— Mas Knight, estou sangrando!

— Só um pouco. É porque rompi o hímen. Agora fica quieta.

Ela não disse nada. Para falar a verdade, não podia pensar em nada que dizer, inclusive quando ele levantou a camisa até a cintura e a limpou com um suave pano úmido. Sabia que ele a estava olhando, mas seguia sem mover-se. Ele pressionou o pano contra ela e o ardor desapareceu por um momento.

Knight a olhava enquanto suas mãos massageavam com delicadeza o interior das coxas, separando-as um pouco. Tirou o sangue e sua semente. Nesse momento só queria olhar, acariciá-la, e o pano úmido dava uma desculpa. Deus era formosa, essas pernas delicadamente musculosas e maravilhosamente suaves. De repente voltou a ver essas longas pernas brancas lhe rodeando os quadris, e a desejou. De novo. Tocou-a com delicadeza e ela saltou.

— Ainda dói?

Levantou a vista e ficou olhando-o um momento. Apoiou sua mão cálida sobre ela.

— A próxima vez, Lily, estará sorrindo pra mim, e me ordenará que não te deixe.

— É difícil de acreditar.

Seu sorriso não desapareceu nem por um instante. Não podia culpá-la. Tinha sido um parvo, não havia nenhuma dúvida. Completamente estúpido.

— Vem me deixe tirar essa camisa.

— Não — disse e, para sua surpresa, cruzou os braços sobre seus seios a modo de amparo. Suas coxas estavam bem abertas e ela cobria os seios. Knight sorriu.

— É maravilhosa, minha senhora — disse enquanto tomava sua camisa e a tirava com um só movimento. — Move os braços.

Quando esteve nua, apoiada nas costas, ele se manteve longe. Então apoiou a palma de sua mão em seu ventre. Logo se inclinou para baixo e tomou um mamilo com a boca.

Súbito prazer selvagem. Lily arqueou as costas em uma decisão inconsciente.

— Você gostaria mais, Lily? Não voltarei a entrar em ti, está muito dolorida, mas posso te agradar.

Ela lançou um pequeno gemido e cruzou as mãos por cima de seus ombros.

— Suponho que isso quer dizer sim.

Ela quis dizer que ele ainda estava vestido e que ela queria vê-lo, tocá-lo, mas sentiu seu fôlego quente na pele enquanto se aproximava de seu corpo.

Ele beijou seu ventre, e a buscou com seus dedos enquanto empurrava as pernas para que se separassem. Colocou-se entre suas pernas, levantou-a. Sua boca entrou nela, ardente e profunda, e Lily gritou pela maravilha dessa sensação, por sua força e seu poder e seguiu gritando enquanto seu corpo se sacudia e se tencionava. Afastou-se dele, mas, por estranho que pareça, era parte dele, algo profundo dentro de seu corpo girava em torno dele, ligado a ele. Nesse momento, Knight se esqueceu de tudo exceto da magia de sua boca e a forma em que esse corpo respondia, e seguiu, seguiu e seguiu.

Ela deslizou longe dele enquanto se aquietava e dormia no momento em que ele levantava a cabeça para sorrir, Um sorriso de triunfo.

Ele viu que ela estava dormindo. Deveria estar bastante satisfeito consigo mesmo. Ele a tinha esgotado de prazer. Levantou-se brandamente da cama. Voltou a olhá-la. Seu cabelo estava gloriosamente esparramado ao redor de sua cabeça. Seu corpo branco foi contorcido pelo prazer, e ele ficou chocado ao vê-la. Até seus pés magros eram formosos. Era um homem sorte, muita sorte. Ela era apaixonada e ardente.

Não podia imaginar sequer que alguma vez pensou que o homem sábio devesse esperar até os quarenta para desfrutar de uma mulher que era sua esposa.

Knight tirou a roupa e a jogou no chão. Normalmente era limpo e arrumado, mas mais que tudo no mundo queria nesse momento tê-la entre seus braços, sentir seu fôlego quente contra seu ombro, sua suave palma contra seu peito. Deitou-se ao lado dela e colocou a manta em cima deles.

Lily murmurou algo que não pôde entender.

Ele a beijou na têmpora e se acomodou de barriga para cima e apertou ainda mais sua mulher entre seus braços. A vida era maravilhosa. Não havia nada que queria mudar, o mínimo.

Knight despertou pouco a pouco, consciente de que algo não andava bem. Mas até antes de abrir os olhos pensou em Lily e sorriu como um parvo. Não, não era...

Abriu os olhos e não viu Lily a não ser Laura Beth. Estava enroscada entre eles e tinha o cotovelo na garganta de Knight. Olhou atônito e então se levantou da cama. Não entendia nada. Nesse momento, Lily abriu os olhos. Olhou Laura Beth, então a seu marido.

Sorriu e murmurou:

— Ai, querido. De onde veio este pacote?

— Devia ter fechado a porta com chave — respondeu Knight.

— Ao menos está entre nós. Às vezes dorme sobre mim e quando acordo então que mal posso respirar.

— Olá, papai. Olá, mamãe.

Um pequeno cotovelo quase se chocou com o seu pomo de Adão. Knight sentiu um beijo muito úmido em sua bochecha.

— Laura Beth — começou Lily e começou a rir. Virou as costas e riu com mais força.

— Mamãe, não está vestida. O que aconteceu com sua camisa de dormir?

— Oh, querida — disse Lily, endireitando-se. — Papai tampouco tem camisa, acredito.

Knight levantou os braços e os pôs como travesseiro. Olhou Lily com indolência.

— Quero ver como dirige este problema de quatro anos.

Lily teve só um minuto para olhar o peito nu de seu marido. Era encantador, tão encantador como se lembrava desde a tarde em que tinha dado banho em Laura Beth vestido só com suas calças. Ele queria que ela se levantasse e caminhasse sem nada de roupa. Lily umedeceu seu lábio inferior.

— Laura Beth quero que me passe essa toalha — disse. — Vê, ali, perto do biombo.

— Faz frio — sentenciou Laura Beth e se apertou contra o peito de Knight.

Knight abafou uma risada e começou a brincar com o cabelo da menina.

— Escuta, pequenina...

Laura Beth levantou a cabeça.

— Por que está aqui com mamãe? Esta não é sua estadia. Estava assustada porque não podia encontrá-la.

— Sua mamãe se casou comigo ontem, Laura Beth. Isso significa que ela sempre estará comigo, em todas as partes, todo o tempo, sem exceção, em particular, quando dormir.

— Ah. — O dedo de Laura Beth encontrou seu lugar na boca

— Me passe essa toalha — voltou a tentar Lily.

Knight decidiu ter piedade dela. Ele se esticou um pouco e puxou a corda que estava ao lado da cama.

— Agora, fica quieta e logo virá alguém. Não é tão cedo.

Não foi simplesmente alguém quem veio, foi Stromsoe, que ficou vermelho como um entardecer no mar. Tinha chegado só dias antes e se manteve longe de todos exceto de Knight.

— Necessitamos sua ajuda, Stromsoe — disse Knight sem problemas, desfrutando do desconforto de seu valete. Tão presumido. — Me passe minha bata, logo vá à cozinha e diga a Mimms que queremos que nos sirvam o café da manhã aqui, digamos, em meia hora. Um café da manhã digno de um nobre, por favor.

— Sim, senhor.

Stromsoe tomou o cuidado de desviar a vista quando se aproximou da cama com a bata na mão. Entendeu o problema de sua senhoria, naturalmente, uma menina em sua cama, que barbaridade! Isto não tinha ocorrido jamais antes que ela... Deu um olhar à nova viscondessa com a extremidade do olho. Então a viu, não como uma intrusa, mas sim como uma mulher, e quase se engasga com sua língua. Deus, ela estava mais que bem. Afastou-se com rapidez e fugiu do quarto.

— Acredito que o velho Stromsoe estava um pouco incômodo.

— Eu também. Vou perdoar todos os problemas que tivemos no passado. É um horror com suas brincadeiras.

Knight colocou a bata. Laura Beth quis ajudá-lo com sua mente refinada e ele suspirou.

— Lily, por favor, segura essa pirralha e a mantém quieta. Obrigado.

Escutou que Laura Beth ria enquanto ele se levantava da cama, correndo para acomodar a bata de um modo apropriado.

— Por favor, Knight. Uma camisola e minha bata.

Ele sorriu, mas se rendeu.

Trinta minutos depois, enquanto passava manteiga em uma fatia de pão quente disse:

— Em duas horas saímos para Brighton.

— O que?

— Não acredito que a manhã após o casamento deva incluir uma menina de quatro anos que não só crava o cotovelo na garganta de seu novo papai, mas também começa a rir e pergunta por que estamos dormindo juntos.

— Mas Brighton? Estamos no inverno, Knight.

— Sei. Não deve haver ninguém. Só você e eu. Quando não estivermos na cama, poderemos falar do tema, ou cantar sobre ele, ou inclusive entoar um hino de louvor.

Lily começou a rir, ruborizou-se um pouco e sentiu essa maravilhosa sensação de prazer que se derramava por cada centímetro de seu corpo.

— Está louco — disse. — Em duas horas?

Capítulo 20

O dia estava frio e claro, o céu, de um azul escuro. Knight não podia apagar o sorriso de seu rosto. Tirou a cabeça pela janela da carruagem e saudou pela última vez as crianças, que estavam alinhadas nos degraus da frente. Theo sustentava a mão de Laura Beth, Sam estava apoiado em dois serventes.

— Obedeçam ao John — gritou. — E ao Thrombin. E a qualquer outro adulto que lhes diga que façam algo!

— Laura Beth — gritou Lily, apoiando-se em Knight — não coloque o polegar na boca e deixa em paz os biscoitos de Mimms!

— Encarregar-me-ei de que obedeam — respondeu Theo.

Knight sacudiu a cabeça.

— Este menino se converterá em um vigário ou em um revolucionário fanático. Não haverá meio termo para ele.

Lily sorriu esse sorriso torto que sempre o excitava. Atraiu-a para seu colo enquanto a carruagem se afastava pelo longo caminho sinuoso de Castle Rosse.

— Não sente frio?

— Não, minha capa é muito quente. Obrigada.

Knight acariciou o suave forro de arminho.

— Seu pai deve ter estado atravessando um período de grande riqueza para comprar isto.

— Sim, é da Rússia. Um certo conde ou algo assim a tinha comprado para sua esposa, e meu pai ganhou em um jogo de cartas. Acomodou-se entre seus braços e apoiou seu rosto no dele. — E você não tem frio?

— Deus, se soubesse, Lily. Segue movendo seu encantador traseiro assim, e acontecerá o pior.

Lily deixou escapar um risinho. Foi um som tão inesperado, tão doce e claro. Knight sentiu que um ponto muito profundo dentro dele se movia. Desejava-a, isso era tudo. Era uma mulher bonita e era sua esposa, e a combinação era suficiente para fazê-lo sentir coisas que nunca antes havia sentido.

— Fica quieta. Advirto-lhe isso, Lily.

— Muito bem — aceitou. — Quer que eu vá para o outro assento?

— Não. É necessário que compartilhemos nosso calor.

Lily se aproximou um pouco mais a ele. Knight cobriu as pernas de ambos com a manta que havia na carruagem.

— Agora quero que falemos.

— Isso soa bastante sério. Não vais mudar, não é certo, Knight?

— Por que diabo teria que mudar? Quer que me converta em um senhor malvado?

Ela negou com a cabeça apoiada em seu ombro.

— Não houve nenhum cavalheiro antes de você, Knight.

— Sei. Fui um estúpido. Fui um parvo, um perverso e um cego. Fui o maior ridículo que se encontra com vida e...

— Seria melhor que terminasse aí. Estava dando argumentos para mais de uma década.

— Me perdoará?

Ela beijou sua mandíbula.

— Sim. Agora, marido, me diga do que queria falar.

Segurou-a entre seus braços e a beijou na têmpora.

— Só pensava que talvez poderíamos visitar Burke e Arielle Drummond. Eles são o conde e a condessa do Ravensworth. Poderíamos passar no caminho de volta de Brighton. Burke e eu crescemos juntos, fomos juntos a Oxford, estivemos juntos no exército e servimos juntos na Península. Eu estive em Paris no tempo da batalha de Toulouse no último abril. Burke acabou ferido e nós dois voltamos para casa. É obvio depois da queda de Napoleão, abandonamos tudo. Era o momento de voltar para a civilização. Suponho que para o Burke em particular.

— Não sabia que tinha sido soldado.

— Não conte as crianças. Eu ficarei farto de relatar minhas aventuras e, me acredite, a maioria delas são tremendamente sórdidas. Agora, sobre o Burke e Arielle. Arielle e você têm a mesma idade, acredito. Ela e Burke se casaram não faz muito tempo. Os dois são excelentes pessoas.

— Não se surpreenderão? Ou sabem o que aconteceu conosco?

— Não, não têm a menor ideia. Não posso sequer imaginar a cara que fará Burke.

— Ah, a nefasta filosofia de Knight Winthrop: matrimônio aos quarenta e crianças protegidas das extravagâncias de seus progenitores.

— Exatamente. Entretanto, nem bem Burke coloque os olhos em você, querida, saberá que não tive outra possibilidade que fazer o que fiz.

— Isso não tem sentido — replicou Lily, e Knight não pôde negar a absoluta sinceridade em sua voz, embora estivesse amortecida pelo pescoço do casaco. — Obviamente se casou comigo pelas crianças.

Knight lançou uma gargalhada.

— Lily — disse depois com voz séria — Acredito que nunca deixará de me surpreender. — Voltou a beijá-la. — Creio que nos deteremos em The Waddling Goose esta tarde. É uma velha estalagem em Godalming. Amanhã viajaremos a Brighton. Deve fazer

muito frio ali, e tem que estar bastante nublado e inóspito, de fato, não deve ter viva alma, tal como desejamos.

Isso pareceu muito bem a Lily.

— Não haverá meninas de quatro anos que se metem em nossa cama?

— Não. Só um marido de vinte e sete.

Na sua chegada a The Waddling Goose em Godalming, saiu para recebê-los o proprietário, um tal senhor Turnsil. Por desgraça, nem Knight nem Lily estavam com ânimo de dar conversa ao amigável senhor Turnsil. Estiveram se beijando e acariciando-se durante a última hora. Knight agradecia que fosse inverno e que seu sobretudo permitisse ocultar sua intensa excitação. Olhou para sua mulher com fome enquanto a ajudava a descer da carruagem, mas Lily manteve a cabeça encurvada. Sabia que qualquer um que a visse poderia perceber o selvagem desejo em seus olhos, a boca avermelhada pelos beijos e saberia exatamente o que estavam fazendo no carro.

Subiu as estreitas escadas da estalagem diante de Knight, sua mão apoiada no antigo corrimão de madeira. De repente, sentiu que a mão de seu marido acariciava o seu traseiro e deu um salto.

— Knight!

— É melhor que segure a saia e corra Lily. Não temos muito tempo.

Assim o fez, levantou sua capa e suas longas saias e se apressou a subir as escadas.

— Para a direita — Ele indicou.

Uma vez dentro do quarto, uma estadia grande e fria com amplas janelas que davam para o jardim, Knight respirou fundo tentando se acalmar. Nunca em sua vida adulta se sentiu desse modo. Tentava se concentrar em seus dedos enquanto punha a chave na fechadura.

— Jantaremos depois — disse e pouco a pouco foi girando para enfrentar Lily. Ela tinha tirado a capa e estava desabotoando a comprida fileira de botões que fechavam o espartilho do vestido. — Lily.

Ela se deteve, sorriu com dor, e no instante seguinte se jogou em seus braços.

— Como pode me fazer sentir assim? — disse ao ouvido. Segurou seu rosto entre as mãos e começou a beijar o queixo, o nariz, as sobrancelhas. — De verdade, Knight, não posso...

Knight colocou as mãos debaixo de suas nádegas e a levantou contra seu corpo. Ela arqueou as costas, pressionando seu ventre contra ele.

— É muito, de verdade, é muito...

— Sei — conseguiu dizer entre beijos — meu céu, sei meu amor. — Knight a levou para cama. — Malditas roupas — disse e deu um passo atrás enquanto desabotoava a camisa.

Lily tentou acalmar-se. Isto era uma loucura, pensou este incrível conjunto de sensações que ferviam dentro dela sempre que ele a tocava. Na hora em que ele a acariciou no carro, que sussurrou todas essas coisas que queria fazer, e ela queria...

— Knight?

Não levantou a vista do que estava fazendo.

— Sim?

— Sabe de uma coisa? Nunca te vi completamente sem roupas antes.

Isso fez sorrir a seu marido e deter-se.

— Isso é verdade. É muito estranho. Ontem à noite, bom, isso foi bastante estranho, acredito que poderia se dizer. Sou só um homem, Lily. Não terá medo?

— Posso te ajudar, meu senhor?

Tremeram as mãos nos botões de suas calças.

— Bom, sim, acredito que pode.

Lily, com seu espartilho aberto, concentrou toda sua atenção em seu marido, cuja camisa estava no chão e cujas mãos estavam na cintura de suas calças.

— Me toque Lily.

Ela o viu e dirigiu seus dedos para baixo. Knight saltou para frente e ela conteve o fôlego.

— Não sei se isto é uma boa ideia — disse, e ela pensou que soava como se estivesse suportando uma intensa dor.

— Ajudar-te-ei — disse Lily e se ajoelhou diante dele. Com rapidez desabotoou os botões. Com lentidão tirou as roupas. Quando ficou de pé, completamente nu, Lily se sentou sobre seus calcanhares. Ele baixou a vista ao tempo que ela a levantava.

— É incrível — afirmou, e ele viu que seus dedos se moviam para cima, roçando apenas as coxas. Gemeu mesmo antes que ela o tocasse. Era muito.

— Lily, não posso esperar. Já não aguento mais.

— Sim — respondeu, e desejava tanto que seu corpo quase vibrava pelo desejo — Sim. Mas só um momento, Knight. Só um momento. — E então ela o tocou, seus dedos quentes e delicados sobre a pele, e ele quis uivar e se deixar ir. Queria que a boca dela estivesse nele, mas quando ela se inclinou para frente, ele se apressou a dar um passo atrás.

— Não, Lily, não posso. Não mais, ao menos não por agora.

Ela o olhou intrigada, mas não deu mais explicações. Lily franziu um pouco o cenho. Então ficou de pé e começou a lutar para tirar suas roupas. Knight começou a rir e a ajudou. Quando ela estava nua, ele a elevou em seus braços, cruzou com ela a estadia e a apoiou na cama. No instante seguinte, colocou-se em cima dela. Lily fechou os olhos quando sentiu seu corpo sobre o dela.

— Não pode haver nada melhor que isto em todo mundo. — Ele se moveu em cima dela, pressionou com seus quadris para baixo enquanto observava seu rosto. Seu aparente controle era coisa do passado. Entrou nela, com somente um poderoso

movimento que o levou bem profundo. Lily gritou e ele ficou gelado. — Deus, te machuquei? — Tentava sustentar-se por cima dela, com o corpo tremendo pela pressão.

— Não, não.

Era suficiente. Os braços de Lily rodearam as costas e ela levantou os quadris.

— Se mova Lily. Move seus quadris comigo.

Ela não entendia em realidade o que ele queria que fizesse, mas movia os quadris de todos os modos. Ele gemeu, jogou a cabeça para trás e ela quis acariciar seu musculoso pescoço.

Ela era pequena e úmida e tão ardente que ele soube que não ia poder conter-se muito tempo. E ela era Lily e o desejava, possivelmente até o amasse um pouco, e mais que nada no mundo queria que ela alcançasse primeiro o prazer. Sua voz era um som rouco, seco.

— Lily, eu...

Tinha os dedos entre os corpos. Buscou-a até encontrá-la e ela se apertou contra ele. Ele ficou de lado e a arrastou junto com ele em seu movimento, então voltou a girar até ficar apoiado de costas e ela ao lado dele, olhando-o sem compreender até que ele fechou as mãos ao redor de sua cintura e a levantou para colocá-la em cima dele, e ele se sentiu em seu ventre, tão profundo estava.

O cabelo de Lily estava solto e selvagem ao redor de seu rosto e ela não deixava de olhá-lo enquanto sentia essas mãos que se moviam para cima até encontrar seus seios. Ela arqueou as costas e ele foi um pouco mais profundo dentro dela.

— Lily, se mova sobre mim. Faz o que queira. Tudo o que queira.

Ela se levantou, sentiu que ele saía muito devagar de dentro de seu corpo; então, sem aviso, desceu para ele com rapidez e Knight gemeu. Ele estava acariciando seus seios, massageando os mamilos, e ela se perguntou se ele sabia que em um segundo, em menos de um segundo, seu corpo explodiria.

Mas suas mãos experientes deixaram seus seios então, e ela ficou no limite, com o corpo palpitante, desejando mais. Ele deslizou as mãos para baixo até que seus hábeis dedos a encontraram, e ela arqueou as costas de um modo selvagem, lançando o cabelo para trás, e ele viu seu belo rosto enquanto ela se sacudia e serpenteava sobre ele, alcançando seu prazer e o levando junto com ela.

Lily caiu para frente, à cabeça se apoiou contra a garganta de Knight.

— Não sobreviverei a isto.

Knight não disse nada. Simplesmente não podia acreditar no que tinha acontecido. Deu-se por completo a outra pessoa, tinha abandonado todo o controle, na verdade, nem sequer tinha pensado nisso. Deveria ter sido aterrador para ele, um homem que sempre se considerou o dono da mulher, seu governante natural, que devia controlá-la, que sabia como e quando agradar enquanto observava e aplaudia sua habilidade, seu talento, seu poder. Sua generosidade.

Acariciava as costas de Lily de um modo mecânico. Nada do que acabava de acontecer entre eles tinha algo a ver com o poder ou a generosidade ou o controle. Suas mãos se detiveram. Ela estava beijando seu ombro e ele se endurecia dentro dela, voltando a encher. Ela o sentiu e pressionou para baixo, como se quisesse ainda mais dele.

— Lily, está dolorida e aqui estamos... — Lançou um gemido e moveu suas mãos para baixo para enchê-las com suas suaves nádegas. Não deu a oportunidade de que voltasse a subir nele, mas sim a fez rodar até ficar de barriga para cima e se colocou em cima dela.

As pernas de Lily se agarraram na sua lateral e ele começou a mover-se nela cada vez mais até que ela gritou e se segurou ainda mais a ele e o beijou. E desta vez ele pensou que ia ser suave e doce. Mas não foi assim absolutamente. Foi feroz e rápido como uma tormenta.

— Lily.

Ela não podia mover-se, não queria mover-se. Gostava da sensação de tê-lo, molhado de suor; seu corpo em chamas e avassalador e tão maravilhoso que queria ficar vivendo dentro dele, converter-se em uma parte dele. Ela suspirou. Era capaz de tocá-lo e seguir tocando-o para sempre. Só que não sabia, não se dava conta...

— Knight? Sei que, bom, tiveste experiência com outras damas antes e...

— E? — foi o único que Knight disse enquanto sorria. A sua Lily que nunca deixava de falar faltavam às palavras. Isso era interessante. — Sim? — apressou-a.

— Bom, elas desfrutaram de você tanto quanto eu?

— Não sei. Diga-me quanto desfrutou de mim e tentarei te dar uma resposta.

— Você está molhado, Knight.

— Pelo suor, por causa de todos os meus exercícios e dos teus e...

Lily espremeu suas nádegas com os dedos e ele abaixou a cabeça para beijar seus lábios.

— Você é a única dama que desejo de agora em diante. As outras já pertencem ao passado. Não importam.

— Te agradei então?

— Se me agradasse mais estaria morto. — Ele parecia muito sério e ela deixou escapar uma risada. — Não ria. Não me ajuda.

— Elas eram tão selvagens como eu?

Ah, isso era o que preocupava. Podia ser a dama perfeita, também perfeitamente desenfreada? Tinha medo.

— Não — disse. — Bom, sim, mas não do mesmo modo. Você é generosa e aberta e cálida. Poucas damas são tão maravilhosas como você, Lily, tão naturais como você.

— Então não te envergonha que eu seja tão... Bom, acredito que poderia dizer...

— Me envergonhar? Não seja tola! — fez com que ela virasse até ficar ao seu lado, nariz contra nariz. — É minha Lily — disse e começou a beijá-la. — Minha para sempre.

Lily dormiu com essas últimas palavras flutuando em sua mente. Palavras que agradavam mais do que poderia ter imaginado. Quando despertou foi para mais beijos. Sorriu e a língua de Knight abriu caminho em sua boca.

— Knight — sussurrou e esticou os braços para ele.

— Não, Lily. Ordenei nosso jantar. Precisamos comer. Aqui está sua bata.

O senhor Turnsil havia trazido coelho assado, pudim de toucinho, pastéis de ostras e algumas verduras. Era um banquete, e Lily deu um olhar à magnificência da mesa e mergulhou nos pratos como uma mulher faminta. Knight observava sua esposa. Sua esposa.

— Uma comilona de marca maior — assinalou Knight enquanto servia um pouco de um excelente Bordeaux.

Ela engoliu seu bocado de coelho e ofereceu um amplo sorriso.

— Uma comilona que deve manter sua força.

— Você tem alguma ideia de quão bela está neste momento?

Lily inclinou a cabeça e deu de presente um de seus sorrisos.

— Você gosta do cabelo emaranhado, não é?

— Sim. E eu gosto em particular da forma em que sua bata se abre na altura de seus seios.

Isso atraiu sua atenção e, para a imensa surpresa e diversão de Knight, ruborizou-se.

— Notável absolutamente notável. Um brinde, Lily, se pode resistir à tentação do coelho por um momento. — Chocaram suas taças. — Por esta noite.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Porque quebramos um recorde. — Ela picou.

— Porque eu estava reduzida a um trapo usado pela manhã.

— Sim, sim!

— Mulher insaciável — disse enquanto observava o pastel de ostra que ficava no prato de Lily. — Outro brinde. Que toda minha vida tenha que suportar a praga desta mulher insaciável.

— Sim, sim!

Mas Knight não ia romper nenhum recorde essa noite. Ele a estava segurando em seus braços, acalmando sua respiração, acariciando seus seios agitados, quando de repente, sem aviso, a janela se abriu e ele escutou uma voz familiar.

— Sei que está acordado, não me engana. — Knight ficou gelado. — Não, não, não se mova meu senhor. Olhe Boy, ainda está em cima da senhora. Ao menos demos tempo para que se divertissem um pouco. Já se desforrou com ela mais do que correspondia.

— Knight? O que...?

Knight se apressou a virar-se e pôs um dedo na boca de Lily.

— Fique quieta e não se mova.

— O que acontece?

— Temos companhia. — ficou rígida como uma pedra. Knight cobriu aos dois com uma manta e esperou.

— Fecha a porta, Boy. Faz um frio de morrer. Temos que conversar um momento com nossos amigos. Sim, isso. Vire a maldita vela. Agora, meu senhor, já terminou com sua senhora? Não tem que cobri-la, sabe. Boy e eu, bom, já vimos o que estavam fazendo.

Lily se engasgou com sua respiração. Eram os homens que tinha visto, os que tinham assassinado Tris. Tola! Esqueceu-se por completo das malditas joias.

Knight não respondeu à incitação. Não podia. Lily e ele estavam nus, na cama, e sua pistola estava no bolso de seu sobretudo, do outro lado do quarto.

— Deus, mas ela é bonita, Monk, mais linda do que recordava. Olhe todo o cabelo que tem.

— Já sei — disse Monk — mas temos coisas melhores a fazer.

— Esperava ter te mandado para o inferno — disse Knight ao Monk.

O tipo maior então sorriu enquanto se sentava comodamente na pequena mesa onde Knight e Lily tinham desfrutado de seu jantar fazia não muitas horas.

— Fez o melhor que pôde senhor. Agora, dê as quinquilharias e iremos. Boy deixará sua senhora sozinha, honestamente. Você me cai bem, vê. Pobre Tris! Seu próprio primo na cama com sua dama, e não faz mais que três meses que está debaixo da terra. Não há lealdade neste mundo, não.

— Ela é minha esposa — replicou Knight.

— Sua o que? Bom, escutou isso, Boy? Sua senhoria se casou com a prostituta do Tris. Bom, na verdade, isso não é nosso assunto. Onde estão as quinquilharias?

— O direi se deixarem minha esposa ir.

— Sinto muito, mas ficaremos com sua senhora aqui mesmo. Ela o manterá na linha.

— Deixe-a ir. Ela não tem nada a ver com isto. Nada.

— Não, Knight não te deixarei sozinho.

— Lily, fica calada.

Ela sacudiu a cabeça e se endireitou um pouco para poder ver Monk.

— Me escutem, os dois. Não sabemos onde estão as joias! Procuramos e procuramos. Estou dizendo a verdade. Tris nunca me disse uma palavra, nada. Não sei nada das joias e tampouco sua senhoria sabe.

— Ela é escorregadia como o velho Tris — disse Boy. — Só que é muito mais linda sim senhor. Olhe seus seios, Monk.

Oh, Deus. Tinha os seios cobertos. Ela não se moveu. Sentiu que a mão de Knight se fechava sobre seu braço.

— Por favor, fica calada. Não nos fará nenhum bem discutir com eles. Por favor, faz o que te diga.

Lily o olhou entre trevas. Sentia-se invadida pelo medo. Deus, o que seria se ferissem Knight? Tudo seria culpa dela. Ela tinha feito entrar esses homens em sua vida.

— Ela não está mentindo. Não as temos — disse Knight. — O único que nos ocorre é que ainda estão na casa de Tris em Bruxelas. Olhamos em todas as partes.

Boy coçou a orelha e disse ao Monk:

— Podem estar dizendo a verdade, Monk. Pensa que...?

— Não sabe nada do mundo, Boy; é muito inocente e crédulo. Os homens são homens, e são ambiciosos quando tudo está dito e feito. Um olhar aos diamantes e nosso delicado senhor venderia sua senhora, hmm, sua esposa. Fora da cama, os dois, e vistam-se.

— Não — respondeu Knight com relativa calma. — Me levarão ao corredor como refém enquanto minha esposa se veste. Não a verão, cavalheiros.

Talvez fosse a voz autoritária do militar de muitos anos, mas funcionou. Monk coçou o ventre. Boy já estava se dirigindo para a porta.

— Muito bem — disse Monk. — Entregue uma bata, Boy, e traga-o. E quanto a você — disse olhando para Lily — tem dois minutos, não mais, entendeu-me? Se não estaremos aqui de novo para olhar.

Lily assentiu, sem palavras. Viu Knight, maravilhosamente nu, levantar-se da cama, ficar de pé e estender a mão para receber sua bata. Olhou-o até que a porta do quarto se fechou atrás dos três, e logo se equilibrou fora da cama. Estava vestida em um segundo.

Estava procurando desesperadamente uma arma, algo, quando a porta abriu e Monk entrou com um olhar abstrato em seu rosto.

— Lástima — foi quão único disse. — Agora, seu turno, senhor.

— Sente-se, Lily — ordenou Knight, aproximando a cadeira à mesa. Ele não ia permitir que a levassem ao corredor. Onde diabo estava Turnsil? Onde estavam os outros

hóspedes? Eram os únicos na estalagem? Talvez Monk tivesse pagado ao velho Turnsil para que mantivesse a boca e sua porta fechadas. O que Monk havia dito era, em grande parte, verdade. A ambição governava a muitos homens.

Necessitava sua pistola, e a teria nem bem conseguisse seu sobretudo. Então procuraria a oportunidade adequada. Sorriu a Lily para lhe dar coragem, tirou a bata, e se vestiu. Em uns dez minutos, o estranho quarteto descia as escadas em silêncio e saía da estalagem.

O velho Kenny, seu chofer, daria o alerta pela manhã, pensou Knight, quando descobrisse que partiram. Mas que desastre. O que diria? O que poderia dizer às pessoas?

A noite estava negra. Não havia lua, e as estrelas se ocultavam atrás de pesadas nuvens. Estava mais frio do que devia; o ar carregado com a ameaça de neve.

Em cinco minutos, a carruagem, conduzida por Monk, estava no caminho. Não para Brighton, deu-se conta Knight, a não ser para o norte e para o este.

Boy estava no assento oposto, coberto até as orelhas com um cachecol de lã. Com uma pistola apontava ao peito de Lily.

— É uma viagem curta — disse depois de um momento. — Monk e eu conseguimos esta pequena cabana. Alugamos como faz a gente de verdade. Já verão quando estivermos ali.

Nem Lily nem Knight disseram nada ao receber esta informação. Várias horas depois, a carruagem saiu do caminho principal e continuou durante uns dez minutos até fazer outro giro à esquerda. Knight não tinha ideia de onde se encontravam. Finalmente Monk fez deter os cavalos diante de uma cabana pequena e desmantelada, completamente coberta de hera.

— Lindo lugar, não? — perguntou Boy. — Monk se encarregou de consegui-lo. Tem um gosto refinado, Monk.

Knight não pôde mais que maravilhar-se deste homem. Tinha algo de idiota, um pouco de animal ardiloso e algo de assassino. Ambos eram assassinos. Não podia esquecê-lo.

Monk abriu a porta da carruagem.

— Tudo bem, Boy?

— Sim, Monk. Nenhum problema com nosso senhor aqui.

A cabana estava escura. Knight e Lily esperavam na galeria estreita e fedorenta. Boy montava guarda enquanto Monk entrava para acender as velas.

— Traga-os! — gritou Monk.

O interior da cabana era tão deprimente como o exterior. Lily observou a única habitação mal iluminada, que tinha um fogo fumegante em um dos extremos e uma separação feita com uma cortina no outro, onde, supunha, escondia-se uma cama e talvez uma mesa. A cozinha parecia suja e não utilizada.

— Você vá para lá e nos prepare o fogo — ordenou Monk manipulando seu estilete perto de Knight. — E você, minha senhora, pode nos fazer algo para comer.

Lily não pronunciou palavra e se dirigiu à área da cozinha.

— Não há água — disse.

— Irei procurar um pouco. Há alguns mantimentos... Encontrá-los-á debaixo do balcão. Apresse-se, queremos chá.

Lily tirou sua bonita capa e a acomodou com cuidado no respaldo de uma cadeira. Pela extremidade do olho viu que Knight tirava o sobretudo, e discretamente tirava a pistola que tinha e a escondia nas dobras do tecido. Faria o que precisasse no momento oportuno. Tinha que acreditar nisso.

Lily estava fritando duas grossas partes de carne quando sentiu o fôlego quente de um homem contra sua nuca. Continuou com sua tarefa, sem mover-se.

— Ah, sim, o velho Tris te desejava, desejava-te mais que tudo. Fizemos-te um favor, né? Desfizemos-nos dele e lhe demos um homem rico. Ainda tem os pirralhos? O pequeno, esse sim que me deu bem na tibia. Esse maldito merece um bom golpe.

Lily fechou os olhos por um momento. As palavras não eram nada. As palavras não feriam nem matavam. De repente, Monk a rodeou com seus braços e a apertou contra ele.

— Deixa-a — escutou que Knight dizia com calma. — Agora Monk, ou juro que te matarei, muito lentamente e com mais dor do que seja capaz de imaginar.

Monk riu no ouvido de Lily. Levantou a mão, passou por seus seios, então a soltou e deu um passo para trás.

— Mais tarde, né? Boy e eu sabemos que adorará... Vimos como suava com seu marido. Deus endureceu-nos como troncos de árvores!

Lily serviu a carne frita e umas batatas cozidas. Estava consciente de que os olhos lascivos de Monk não se separavam dela, mas se obrigou a manter a calma.

— Já me decidi — anunciou Monk, sem esperar engolir a parte de carne antes de falar. — Nada os fará mudar de opinião, a nenhum dos dois, ao menos não palavras lógicas e persuasivas. Por isso, meu senhor, Boy e eu tomaremos sua esposa, aqui mesmo diante de você, se você não nos disser onde estão os diamantes. Entendeu-me? Abriremos suas pernas e a possuiremos e você o verá tudo.

— Eu primeiro, Monk?

— Você não tem o suficiente nem para brincar com ela, Boy. Sim, eu vou esquentá-la primeiro, por assim dizer, e depois você poderá se divertir. Agora, meus dois pombinhos, o que pensam deste plano?

Capítulo 21

O medo atravessou Lily, mas se manteve erguida. Completamente rígida. Não demonstraria seu medo.

Fique forte, Knight pedia a ela em silêncio; não se renda. Deus desejou estar o suficientemente perto para tocá-la, para tomar sua mão, mas não era assim. Por vários minutos se levantou, ameaçou-os, suando copiosamente, oferecendo uma maravilhosa atuação. Lily sentia desgosto por sua debilidade? Entendia-o? Não podia saber.

— Muito bem, malditos criminosos! — disse por fim, emoldurando suas palavras com uma fúria derrotada. — Direi onde estão as joias. Só mantenham suas mãos longe de minha mulher. As pedras estão em Castle Rosse. Lily e eu as encontramos em um dos brinquedos das crianças justo antes de nos casar. Escondi as joias no estábulo. Não posso dizer especificamente onde, devo mostrar

— Ah — disse Monk e recostou-se na cadeira. — Você vê Boy — continuou, dando a seu amigo o benefício da sabedoria. — Nosso Senhor aqui só precisava de um pouco de incentivo certo. Natureza humana, Boy, você deve saber como apelar à natureza humana. Na parte da manhã, iremos para Castle Ross e vamos procurar as quinquilharias do Billy sem mais atrasos.

— Mas, o que fazemos com ela? — Boy soava petulante, como um menino que foi privado do doce que tinham prometido.

— Por favor, Boy, se controle — disse Monk com suavidade. — Simplesmente se controle.

— Não quero me controlar, quero tê-la. Viu seus seios, Monk. Deus são maravilhosos e redondos, e essas pernas brancas, todas abertas, e eu vou entrar nela como...

— É muito doente para desfrutá-lo, Boy — interrompeu Monk e ficou de pé para intimidá-lo com sua altura. — Está tremendo, e eu sei que não pode fazer o que corresponde quando treme.

Boy recuou, mas continuou expressando suas queixa. Só que em um tom mais baixo.

O ventre de Knight estava dando câibras. Ele teve que respirar com calma.

— Iremos com a primeira luz da manhã — informou Monk. — Você e sua senhora podem descansar agora, se é que não quer possuí-la de novo. Não? Bom, então, teremos que atá-los, não tem sentido que se arrisque com Boy e sua pistola. Não quero que Boy volte a disparar.

— Como esfaqueou Tris?

— Assim é. Isso foi um engano, mas Boy aprendeu a lição. Já o golpeei o suficiente por isso.

Logo as mãos de Knight estavam atadas atrás de suas costas com uma corda grossa. Ele se aproximou da lareira e se apoiou contra a pedra afiada.

Monk ficou de pé e tirou o pó das mãos.

— Agora, minha senhora, é sua vez. Sente-se ao lado de sua senhoria, aqui. — Atou as mãos de Lily pela frente, não com muita força, mas com um complicado labirinto de nós que teriam conseguido os elogios de um marinheiro. — Agora, Boy, observa-os durante quatro horas, então me acorde. Não durma me escutou? Sua senhoria não pode ficar sem atenção.

A única fonte de calor na cabana provinha do fogo agonizante da lareira. Knight fez um gesto a Lily com a cabeça e ela se aproximou dele.

— Nada de murmuros com sua senhoria — disse Boy a Lily, um comentário inútil considerando a corda que rodeava suas mãos.

Lily se apoiou no ombro de Knight.

— Sei — sussurrou com suavidade. — Sei. — relaxou confiante, contra seu corpo.

Knight não disse nada, mas desejou ter tanta confiança em si mesmo como Lily parecia ter. Esperou até escutar os sonoros roncões de Monk. Só ficou Boy, pensou.

— Se prepare — disse em voz muito baixa no ouvido de Lily enquanto beijava sua têmpora.

Havia duas pistolas: uma na mão de Boy e a outra solta nas dobras do sobretudo de Knight. Por desgraça, seu sobretudo estava pendurado no respaldo de uma cadeira no outro extremo da habitação. Então, embora, Boy adormecesse. Ele tinha certeza disso. Então faria seu primeiro movimento. Com muita lentidão, começou a esfregar as cordas que rodeavam os pulsos contra uma protuberância afiada da pedra da lareira.

— Sabe Monk não disse nada que não pudesse te tocar, não é verdade?

Lily ficou rígida.

— Se o faz — disse Knight com calma — não te mostrarei onde escondi as joias. Lily não sabe assim sou a única fonte, e sem mim; Boy, não conseguirá os diamantes. Monk poderia acabar com a amizade, não é verdade? Desta vez poderia fazer algo mais que te golpear na cabeça. Poderia deslizar esse estilete em seu coração.

Os olhos de Boy se estreitaram. Knight viu sua indecisão e começou a rezar. Suas preces foram atendidas de um modo que nunca poderia ter antecipado.

— Muito bem, então, você possui-a. Abre as calças e então suba em cima dela. Você se mete nela e eu posso olhar.

— Não — disse Knight. — Se esquece Boy, que um homem tem que estar excitado para poder fazer o que pretende. Tenho minhas mãos atadas atrás das costas, estou muito incômodo, sinto que meus ombros estão a ponto de sair de seu lugar natural, tenho frio e meu membro está mais morto que um escaravelho egípcio.

— O que é um escava abaixo?

— Um escaravelho é um inseto negro morto faz muito tempo.

— Bom, espero que tenha morrido faz muito tempo! — Boy se rendeu. Agasalhou-se e se envolveu em seu sujo cachecol de lã no pescoço. Mas não dormia mais. Não era que isso importasse muito a Knight; As cordas não cediam à pedra. Tinha cãibras nas mãos. Os dedos intumesceram. Queria gritar de frustração.

Quando Boy foi despertar Monk, Knight simulou estar dormido. Observou que o homem se acomodava diante de Lily e dele, com a pistola de Boy no colo.

Tinha que ser mais cuidadoso agora.

Finalmente, Knight dormiu e teve um pesadelo espantoso. Estava sozinho, suas armas e suas pernas estavam acorrentadas a uma parede de pedra nua. Podia escutar que Lily gritava, mas não podia vê-la, nem ajudá-la. E seguia, seguia e seguia. Foi o horror do pesadelo o que terminou de despertá-lo. Escutou que Monk respirava pesadamente. Sacudiu a cabeça para limpar as últimas imagens. O pesadelo tinha sido uma bênção. Tinha-o feito despertar. Voltou a trabalhar com energia e força renovadas nas malditas cordas.

Lily dormia profundamente a seu lado. Monk não dizia nada, limitava-se a observá-los. Já estava perto da alvorada quando a corda se cortou e Knight pôde liberar suas mãos. Ficou muito quieto. Primeiro tinha que recuperar a sensibilidade para poder superar Monk e Boy.

Monk desatou Lily e ordenou que preparasse café.

— Necessito água para fazer café. Acabou.

Foi Monk quem saiu da cabana para procurar água, Knight não sabia de onde. Esperava que fosse de um lugar bem longínquo. Knight moveu-se então, moveu-se mais rápido que nunca antes em sua vida. Ficou de pé e se lançou sobre Boy no mesmo momento. Seu punho aterrisou com violência sobre o ventre do primeiro vilão e depois sobre seu nariz. Retrocedeu e deu um rápido chute na virilha.

Boy gritou de dor e caiu de joelhos.

— Maldito seja! Matá-lo-ei por isso... Ai!

Knight golpeou a cabeça de Boy com o cabo da pistola e o malfeitor se esparramou inconsciente, no chão sujo. Knight se aproximou da janela e olhou para fora. Não havia sinais de Monk. Graças a Deus.

— Rápido Lily.

Em um minuto, Knight e Lily tinham saído da cabana e se encontravam no estábulo.

Os dedos de Knight estavam ainda torpes e intumescidos, seus nódulos, ensanguentados. Lily o ajudou a selar o enorme cavalo que tinham tirado da carruagem.

— Levará a nós dois. Soltaremos os outros cavalos. Fica quieta, agora, Lily. Não se mova.

Knight espiou pela porta do estábulo. Viu que Monk derramava um balde de água ao escutar um grito de Boy.

— Vamos! Rápido!

Knight tomou as rédeas do cavalo e o tirou fora do estábulo. Lily se apressou, com sua capa, espantou aos outros cavalos para que saíssem do estábulo e se afastassem. Depois levantou a cabeça e ficou gelada.

— Knight! Deus! Tem uma pistola!

Knight se virou, soltou as rédeas do cavalo e tirou sua pistola. Boy e ele dispararam quase ao mesmo tempo. Nesse breve instante, Lily se jogou diante dele, gritando, e Knight sentiu que o corpo de sua mulher era alcançado por uma bala; sentiu o impacto que empurrou suas costas contra ele.

— Deus, Não! — Rodeou sua cintura com o braço para sustentá-la. — Deus, Lily!

O tempo pareceu deter-se. Knight ouviu um grito agonizante, mas parecia muito longe, muito longe dele, até que seus olhos se concentraram e viu que Boy caía segurando o peito. Monk gritou de fúria enquanto corria para seu amigo. A pistola de Knight estava

vazia. Com rapidez, levantou Lily em seus braços, tomou as rédeas soltas do cavalo de Monk e saltou para a sela.

Uma bala passou perto de sua orelha. Esquivou-se e cravou seus calcanhares nas laterais do cavalo, protegendo Lily com seu corpo.

— Maldito bastardo! — gritou Monk atrás dele. — Matá-lo-ei por isso! Mil vezes bastardo! Oh, Deus, Boy!

Outra bala atravessou o casaco de Knight, sem tocar o braço por muito pouco. Outra bala? Monk tinha outra pistola? Knight manteve a cabeça encurvada. Apertava Lily contra seu peito.

Por fim tudo ficou em silêncio. Sem mais balas, sem mais maldições de Monk. Um floco de neve caiu em seu nariz e outro mais. Knight levantou a cabeça e observou o céu do amanhecer. Fazia muito frio e agora nevava. As nuvens eram quase negras, carregadas de neve.

Olhou o rosto silencioso de Lily. Estava tão pálida. Teria que parar logo, tinha que estancar o sangue. Deslizou sua mão por debaixo da capa e pressionou na altura do coração. Os batimentos do coração eram fracos, mas constantes.

Não escutou sons de cavalos que os seguissem e soube que, no momento ao menos, Monk não os seguia. Deteve o cavalo ao lado de um grupo de plátanos desfolhados. Com toda a delicadeza de que era capaz, desmontou e manteve Lily contra seu corpo com o braço que tinha livre.

Apoiou-a na terra e abriu a capa. Tinha o peito coberto de sangue. Viu o buraco que a bala tinha feito no ombro esquerdo e que tinha atravessado a capa e o vestido. Com suavidade a levantou e se permitiu um pequeno momento de alívio. A bala tinha penetrado e saído pelas costas. Mas a hemorragia ainda era forte. Rasgou o vestido e separou a camisa. Com cuidado, tomou neve com a mão e apertou a palma contra a ferida. Isso devia diminuir a hemorragia e limpar a ferida também. Repetiu o procedimento nas costas. Ele fez novamente, desta vez levando mais tempo até que sua mão ficou entorpecida pelo frio

e seus dedos ficaram azuis. A hemorragia parou. Então levantou a prega do vestido e rasgou parte da anágua. Com isso envolveu o ombro e o atou bem forte. Oh, por favor, Deus, rogou, por favor que sobreviva.

Ela estava inconsciente. Knight tomou a decisão de não tentar despertá-la. A dor seria insuportável quando recuperasse o sentido. Olhou ao redor, tratando de descobrir onde estavam. Era impossível discernir. Não havia sol que saísse pelo leste. A neve caía agora mais espessa e obscurecia todos os sinais que poderiam indicar onde se encontravam.

Tinham que chegar a um lugar quente. Um médico devia ver Lily. E ele, seu maravilhoso protetor, não tinha ideia de que direção tomar. Montou uma vez mais, apoiou Lily contra seu corpo, e deixou que o cavalo ordenasse. Estavam em um caminho de campo, certamente, mas ao menos bem usado, o qual era alentador. Cedo ou tarde teria que encontrar sinais no caminho. Tinha que haver granjas ou cabanas, pessoas que não fossem criminosas.

Knight sentiu que o frio transpassava o casaco. A neve caía espessa e rápida, e quase o cegava. De repente Lily se moveu, retorceu-se contra ele e gritou:

— Knight, não! Não! Não podem te matar, não o deixarei! Oh, Deus, Knight!

— Estou bem, Lily, de verdade, estou bem. Fique quieta agora, não se mova. Não posso te sustentar e manter o cavalo no caminho. — Ela voltou a ficar quieta e ele continuou falando, palavras sem sentido na verdade, mas, embora parecesse estranho, isso pareceu tranquilizá-la.

Knight não sabia quanto tempo tinha passado até que viu um celeiro, uma velha estrutura em ruínas que parecia ter visto dias melhores uns vinte anos atrás. Mas era um refúgio, e estava perto do caminho. Em meio da neve, não podia ver se havia uma granja perto. Bom, era um começo.

O celeiro era um desastre. Algumas tábuas estavam caindo nas laterais, o que permitia a passagem do vento e da neve.

Viu o que pareceu um montão de feno seco em um escuro canto do celeiro. Suficiente, pensou. Mantê-los-ia quentes até que deixasse de nevar. Encontraria a granja que devia situar-se perto dali.

Estava aterrorizado por Lily. Suas roupas estavam encharcadas e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Levou-a para um canto protegido e com delicadeza a deitou sobre o feno. Tirou o casaco e a cobriu com ele, logo empilhou sobre ela um montão de feno seco. O cavalo bufava, suas ancas tremiam. Tinha que cuidar de seu único meio de transporte. Knight acariciou o pescoço do animal enquanto dizia o valente e fiel que era. Esfregou-o com feno até que suas ancas se aquietaram e procurou Knight com o nariz.

— Muito bem, velho amigo, vem aqui e come sua ração. E descansa, necessitará.

Uma vez que teve terminado com o cavalo, retornou para Lily. Não tinha muito frio por todo o exercício que estava fazendo. Recostou-se ao lado de sua mulher e a estreitou em seus braços para lhe dar todo seu calor. O feno que os cobria mantinha o calor e podia sentir o corpo dela que se relaxava pouco a pouco contra o seu. Dormiu um momento, logo despertou com um ruído. Seu coração pulsava agitado, o suor cobria sua testa.

Monk! Outra vez se escutou o ruído. Deus, tinha-os encontrado. Knight ficou tenso como um arco preparado para disparar. Estava preparado para mover-se com rapidez. Nada.

Estavam sozinhos. O cavalo tinha relinchado, isso era tudo. Um pássaro tinha saído voando. Nada mais.

Não havia outro ser humano no celeiro.

Knight se sentou devagar, com cuidado para não perturbar Lily. Através de um buraco bastante grande que havia na parede oposta do celeiro, pôde ver que ainda nevava em abundância. Maldição. Não tinha ideia de quanto tempo tinha passado. Não havia nada que pudesse fazer. Nada.

Voltou a recostar-se e olhou sua mulher. Estava tão pálida.

— Lily— disse com suavidade e deslizou um dedo por sua bochecha. Para sua surpresa, suas pestanas tremeram e abriu os olhos. Olhou-o e, embora parecesse incrível, sorriu.

— Olá.

— Está acordada — disse.

— Sim. Está bem? Onde estamos?

— Shh, contar-te-ei tudo. Estou maravilhosamente bem e não tenho a mínima ideia de onde estamos. Está nevando muito, como vê, e não pude encontrar nenhum sinal no caminho. Estamos em um celeiro muito descuidado, no único canto que tem todas as tábuas na parede. Não tem frio?

— Oh, não. — de repente seu corpo se comunicou com sua mente e disse que não andava tudo bem. — Knight! — Pressionou sua cabeça contra o braço de seu marido e sentiu uma intensa dor no ombro. Não era nada que pudesse ter imaginado antes em sua vida. Era uma dor profunda, ardente e dilaceradora. Queria gritar, tratar de escapar dele, mas Knight a sustentava e ela se negava a gritar, negava-se a deixar que a dor ganhasse.

— Respira lenta e profundamente — escutou o que dizia, com seu fôlego quente na bochecha. — Ajudará a acalmar a dor. Lento, muito, muito lento. Prova vai.

Ela fez. Necessitou de uma incrível força de vontade, mas fez. Lento e profundo. Lento e profundo.

— Muito bem. Esta se controlando. Sabia que poderia. Estaremos muito bem, Lily, prometo isso. Logo que deixe de nevar, levar-te-ei a um lugar seguro onde seja assistida por um médico. Muito bem... Lento e profundo.

Continuou falando, orientando, atacando até que voltou a cair em um estupor.

Não sabia se estava aliviado ou aterrorizado. Ao menos por um momento ia se liberar da dor. Levantou os olhos e viu uma copiosa cascata de neve através de um dos buracos da parede.

Passaram várias horas antes que Lily voltasse a abrir os olhos. Knight a estava observando, rezando para que não tivesse febre. Se isso ocorresse, sabia que estaria derrotado. Havia visto muitos homens feridos em batalha sucumbir, não por suas feridas, mas às febres devastadoras que esgotavam a vida que ficava. Quando a tocou, estava fresca.

— Knight?

— Lily. Respira lenta e profundamente. Isso.

— Faz calor. Está quente.

— É o feno, mantém o calor de nossos corpos. Ainda neva muito. Mas acredito que não será por muito tempo mais, Lily. Parece que já está limpando. Ao menos Monk não nos seguirá com este tempo.

— Matou Boy?

— Não sei. Vi que segurava o peito e caía. Rogo que não, assim Monk terá que ficar com ele.

— De outro modo, Monk estaria nos seguindo.

— Não nos encontrará Lily.

— Posso controlar a dor, Knight. Está ali, sabe como um animal enjaulado obstinado às grades para ficar em liberdade, mas não o permitirei, não o farei.

— É maravilhosa, Lily, e não o esqueça nunca. — Beijou-a na testa. — Além disso, salvou minha vida. Agradeço isso, Lily, mas o preço é muito alto. Prometa-me que ficará bem.

Agora estava rogando, não estava fornecendo segurança. Ela se obrigou a sorrir. Pensou que era maravilhoso.

— Prometo isso, Knight. Não quero te deixar agora. Nem nunca.

— Não o fará. Agora, tenta relaxar. Não, não lute contra a dor. Isso está bem. Lento e profundo. Quero te contar o que faremos quando tudo isto termine. Quando estiver

recuperada, iremos à Itália. Quero te levar a Veneza. Ficaremos no Palazzo dava Contini. É na praça de São Marcos, junto ao Grande Canal. O próprio patriarca Contini nos receberá e você, meu amor, será atendida e mimada até que se converta em uma pessoa intratável. Então voltaremos para a Inglaterra porque imaginaremos que as crianças são pequenos anjos que anseiam nossa volta, embora estejam mimados pela cozinha de Mimms. É obvio, os pequenos diabinhos nos olharão e exigirão os presentes que levamos.

E, é obvio, teremos levado para Theo algum tratado sobre a máquina que voa à lua. Vejamos, ao Sam teremos que dar uma frota de gôndolas, que são os meios de transporte nos canais de Veneza, e para minha diabinha menor, uma boneca especial dos Médici, uma que tenha veneno no anel da mão esquerda. — Escutou que Lily ria? Não estava seguro. Tinha os olhos fechados, a expressão endurecida. Continuou. — Depois, nos instalaremos em Castle Rosse até o fim da primavera. Então já terá meu filho em seu ventre. Não estará doente pelas manhãs, não o permitirei. Nosso filho, Lily. Será um varão ou uma menina?

— Um varão, para que se pareça com você — disse sem abrir os olhos. — Terá olhos de raposa, dourados e marrons, amarelos quando estiver zangado. Sim, eu gosto disso, Knight, tudo isso. Quando disse que poderíamos partir para a Itália?

Ele a abraçou com força.

— Logo, Lily. Muito em breve.

Beijou-a na testa e se recostou. Estava sentindo algo que nunca antes tinha experimentado, algo quente e imensamente gratificante que se expandia e o enchia por completo. Sentiu que as lágrimas se acumulavam em seus olhos. Tinha medo, muito medo, sentia-se tão indefeso. Amaldiçoou profusamente.

O cavalo se queixou.

Lily voltou a dormir. Ou estava inconsciente. Não podia discernir. Continuou rezando.

Parou de nevar quando acabou à tarde. Knight se levantou e caminhou até a porta do celeiro. Haveria uma hora mais de luz. Tinha que descobrir onde estavam. Tinha que encontrar ajuda.

Em dez minutos, Lily e Knight estavam montados no cavalo, de novo no caminho. Fazia muito frio. O vento assobiava entre as árvores, a neve se amontoava ao redor das ferraduras do cavalo. Era como um assobio agudo, e uma jaqueta pesada não podia impedir que penetrasse até os ossos. Knight sentia que o frio transpassava seu casaco, sentia que o intumescimento se expandia por seu corpo. Segurava Lily o mais perto que podia, dando todo seu calor.

Knight viu fumaça que se elevava por cima de um grupo de plátanos. Começou a puxar as rédeas do cavalo quando de repente encontrou uma bifurcação no caminho e um sinal. Crawley para a direita, a dez milhas de distância. Crawley. Meu Deus pensou Knight alagado de excitação. Burke Drummond vivia a cinco milhas de Crawley. Não estava tão longe da casa de Burke, Ravensworth. Sentiu um intenso alívio que quase gritou

Ravensworth estava para o sul e para o este. De modo que Monk e Boy os tinham levado de volta para Londres por uma rota alternativa.

— Lily — sussurrou — estamos quase a salvo. Deus ajuda aos loucos e aos viscondes meio tolos.

Escureceu. As nuvens carregadas de neve ocultavam as estrelas. Knight seguiu pelo caminho que se alargava. Quase perdeu o sinal. Estavam tão perto agora, tão perto.

Knight não tinha ideia de que hora era. Tinha começado a nevar de novo e o vento se acalmou um pouco. Mas estava muito frio depois que a noite tinha chegado.

Então viu os enormes portões de ferro de Ravensworth, a cabana do porteiro e enviou uma prece de agradecimento ao céu.

Nunca antes se deu conta de que o caminho para Ravensworth fosse tão longo. Parecia interminável essa noite. Interminável. Apareceu ante seus olhos a enorme casa de

três andares e viu luzes em várias janelas. O conde e a condessa estavam na residência, graças a Deus.

Knight gritou com toda a força de seus pulmões enquanto detinha seu cansado cavalo diante dos degraus de pedra. A porta de entrada rangeu ao abrir-se.

O mordomo de Ravensworth, Montague, tirou a cabeça.

— Apresse-se, homem — gritou Knight enquanto desmontava. — Faz com que um moço do estábulo se encarregue de meu cavalo!

No seguinte minuto, Knight estava atravessando o vestíbulo, com Lily em seus braços.

Burke Drummond, conde de Ravensworth, escutou a comoção, e saiu da biblioteca nesse momento. Viu Knight no vestíbulo, e o mais inesperado, com uma mulher inconsciente em seus braços.

— Bem, boa noite, Knight. Que diabo está acontecendo?

Knight mal fez uma pausa.

— Por favor, Burke, faz que um homem vá procurar um médico. Se apresse, por favor. Feriram-na e não está bem.

Burke Drummond não perdeu tempo. Deu as ordens necessárias, enquanto acompanhava Knight à biblioteca.

A condessa de Ravensworth, Arielle Drummond, estava de pé, ao lado da cadeira, olhando para a porta.

— Knight! Santo céu, o que acontece? Quem é ela?

— Arielle, então. Está ferida e está muito molhada. Pode me trazer roupa seca?

— Para você também, Knight — disse o conde.

— É obvio — disse Arielle, e sem mais palavras, sem mais perguntas, abandonou a biblioteca.

Knight deitou Lily em uma poltrona estreita e comprida que logo aproximou do fogo. Tirou a jaqueta e com delicadeza, tirou a capa dela. Sua formosa capa, pensou enquanto a acomodava em uma cadeira. Agora tinha um buraco negro e o sangue manchava todo o arminho.

Seu vestido estava encharcado, assim como também o curativo. Começou a desabotoar a larga fileira de botões.

— Contarei tudo, Burke, uma vez que termine com ela.

— Toma, bebe isto.

— Em seguida.

Burke Drummond observava seu amigo que com cuidado tirava o espartilho do vestido esmigalhado. Viu o curativo caseiro e ficou perturbado ao comprovar que estava encharcado de sangue. Tinham disparado, muito bem, e Burke comprovava que a ferida estava em bastante mal estado. Escutou que Knight repetia uma e outra vez;

— Está bem, Lily. Juro-te que tudo estará bem. O doutor estará aqui logo. Sim, muito em breve.

Knight desatou o curativo e o tirou. Por um momento ficou sem fôlego. A ferida continuava sangrando.

Sentiu a mão de Burke em seu ombro.

— O doutor Brody estará aqui logo, Knight. Ela estará bem. Agora, bebe este brandy. Deus sabe que necessita.

Knight bebeu o licor de um gole.

— Obrigado, Burke. Deus, ela está ferida e é tudo minha culpa. Ela salvou minha vida, colocou-se diante de mim quando Boy disparou. Eu...

— Aqui está Arielle — disse Burke tentando raciocinar. — Traz roupa seca. Ela pode trocar à dama se desejas.

— Não, não. Ela é minha, sabe.

Burke não sabia. Olhou-o por um momento, em silêncio, sem dizer uma palavra.

Deu meia volta e fez um gesto com a cabeça a sua esposa. Quem diabo era essa jovem? Por Deus, até nesse estado, era uma beleza. A última das amantes de Knight? Mas, o que tinha acontecido?

Arielle e Knight tiraram as roupas molhadas de Lily e a envolveram em uma das batas do conde. Arielle entregou a Knight um lenço limpo e contemplou em silêncio como o pressionava contra o ombro da jovem.

— Pedi à senhora Pepperall que trouxesse algumas mantas. Ah, sim, aqui estão. Obrigado, Burke. Também está preparando um quarto.

Uma vez que Lily esteve coberta até o queixo com uma das pesadas mantas, Knight ficou de pé.

— Estive tão assustado — disse a ninguém em particular enquanto esfregava as mãos diante do fogo. — Logo vi o sinal que indicava a rota para Crawley. Não podem imaginar o alívio que senti.

— Quem é ela, Knight? — perguntou o conde.

Knight se virou com lentidão e sorriu.

— Bom, ela é minha esposa.

— Sua o que?

— Minha esposa — repetiu Knight com prazer. — Tenho tantas coisas que te contar, tantas coisas que não sabe ainda...

Arielle tomou seu braço.

— Logo, Knight. Primeiro deve se trocar e colocar algo seco. Ela necessita que esteja bem, não espirrando e tossindo.

— Esperarei o médico. Estou apenas um pouco molhado.

Arielle deu outro olhar a jovem inconsciente: a esposa de Knight! E disse.

— Irei procurar um pouco de chá e uns sanduíches.

O doutor Michael Brody chegou uns quinze minutos depois.

— Senhor — saudou o conde. Logo se virou para Knight. — É o visconde de Castlerosse, não é verdade?

— Sim. Rápido, é minha esposa. Está ferida.

Se o médico pensou que a situação era bastante incomum, em particular na casa de um nobre do lugar, não deixou transparecer. Sentou-se ao lado da mulher e separou a manta. Abriu a bata e levantou o lenço.

Inclinou-se para o peito de Lily, escutou o batimento do coração e então se deteve para examinar o buraco que tinha deixado a bala.

— A bala está dentro dela?

— Não, saiu pelas costas.

— Teve sorte. Quando aconteceu?

— Esta manhã cedo. Começou a nevar e não pude determinar aonde nos dirigíamos. Por sorte demos com um celeiro, e a levei dentro até que deixou de nevar. Esteve inconsciente a maior parte do dia.

— Não tem febre. Muito bom sinal. A hemorragia quase parou. — O doutor Brody fez um gesto a Knight, e os dois a levantaram para que o médico pudesse examinar suas costas. A ferida de saída não estava tão bem como a de entrada. Necessitaria uns pontos. — Lavarei a ferida e a esfregarei com um pouco de pó de bacílico, senhor, e darei alguns pontos nas costas. Depois veremos.

— Obrigado — disse Knight. — Subi-la-ei pelas escadas.

— Muito bem. — O doutor Brody fez uma pausa e perguntou — Como aconteceu? Um malfeitor?

— Suponho que assim pode chamar a esses vilões. Ela me salvou a vida. Recebeu a bala que vinha dirigida a mim.

— Knight?

Knight ficou de joelhos ao lado do assento. Começou a acariciar as sobrancelhas, o nariz, os lábios.

— Tudo está bem agora, Lily. Está a salvo. Devo te levar para cima.

— Está bem? Jura?

— Juro. — Quando a levantou, ela gemeu. — Respira lentamente, Lily, e bem profundo. Recorda.

Burke Drummond e o doutor Brody trocaram olhares.

Enquanto Knight subia Lily pelas longas escadas de Ravensworth, era consciente do olhar penetrante de seu amigo Burke. Planejava contar tudo a seu anfitrião, mas não ainda, não até que Lily estivesse fora de perigo.

— O quarto do diamante — indicou Burke e, adiantando-se, abriu a porta. Já tinham acendido o fogo e a senhora Pepperall estava de pé ao lado da cama, tirando a colchas.

Lily não queria que Knight a deixasse. Quando a apoiou na cama, ela se segurou a ele, entre soluços.

— Não, Knight, por favor, não vá. Prometeu que iríamos a Veneza. Para sempre, disse. Não vá!

— Não irei — disse com uma voz suave e reparadora como a manteiga quente. — Não te deixarei. Mas quero que volte a dormir Lily. Acha que pode?

— Não vá!

Knight se inclinou sobre ela e a beijou na boca.

— Tudo está bem, amor. Não acredita em seu marido? Não mentiria para você, sabe. Tudo está bem.

— Não, não mentiria — disse Lily e se sacudiu com uma intensa rajada de dor. Arqueou as costas e um grito quebrou na garganta. De repente, lançou um suave gemido e caiu sobre os travesseiros.

O doutor Brody tirou Knight do caminho.

Capítulo 22

O doutor Brody se incorporou pouco a pouco.

— Está bem, senhor. Está inconsciente pela dor. Eu ia dar láudano, mas seu corpo só a liberou da dor por um momento. Dormir fará maravilhas por sua saúde, sabe, e isso é o que necessita.

Knight parecia como se tivessem tirado todo o peso do mundo de seus ombros.

— Graças a Deus — disse e desabou na cama.

— Deveria tirar a roupa molhada, Knight. — Burke lhe entregou uma bata. — Arielle, amor, pode se retirar um momento?

— É obvio — disse a condessa. Deu um tapinha no braço de Knight e abandonou o quarto.

Entretanto, Knight não se moveu até que o doutor Brody não terminou de dar os últimos pontos nas costas de Lily e voltou a enfaixar o ombro. Então, Knight, metodicamente, começou a tirar a roupa encharcada.

— Sabe, sua senhoria — disse pensativo o doutor Brody olhando para Lily — há algo que não entendo. Se ela ficou diante de você e recebeu a bala que estava dirigida a você, então onde caiu o projétil? — A mente de Knight se concentrou e olhou atônito ao médico. — Quero dizer, ela estava verdadeiramente diante de você ou o disparo passou longe de seu corpo?

De repente, sem aviso, Knight sentiu uma dor aguda nas costelas.

— Passou através dela — continuou o doutor Brody — mas, aonde foi? Acreditei que você disse que ela estava justo diante de você.

— Ela estava diante de mim. — Knight tirou a camisa e olhou sem entender seu peito ensanguentado. — Bem, maldição — disse e levantou a cabeça pouco a pouco para observar assombrado Burke e o médico. — Seu mistério está resolvido, doutor Brody. Parece que depois de tudo recebi o disparo. Gracioso, não... Não senti nada.

Com essas palavras, Knight ofereceu a Burke e ao doutor um sorriso torto, então caiu no chão.

Quando despertou, o rosto preocupado de Arielle estava em cima dele.

— Olá, Knight.

— Lily?

Arielle não acreditou por um momento que estava delirando e confundindo às pessoas.

— Está dormindo, não inconsciente, a não ser verdadeiramente dormindo desta vez. Despertou e o doutor Brody deu um pouco de láudano. Você está no quarto ao lado. Bom, estou encantada de que esteja conosco de novo. E de verdade, Lily está bem. No que respeita a você, meu senhor, o doutor Brody extraiu a bala. Estava alojada contra uma costela. Não rompeu nem machucou nada. Tampouco produziu nenhum dano. Era muito superficial, graças a Deus, e estará bem em pouco tempo. — Arielle fez uma pausa, levantou a mão esquerda de Knight e a apoiou na dela. Havia marcas ao redor dos pulsos. — Seus pulsos estavam machucados e ensanguentados, por essa razão estão enfaixados. Ah, aqui está Burke, preparado, suponho, para te voltar louco com as perguntas.

O conde deu à condessa um olhar ferido.

— Por nada... Bom, possivelmente algumas. Minha curiosidade está me comendo vivo, Knight. Estava fugindo. E estava ferido. E está casado, pelo amor de Deus. — Adicionou pensativo — Sem dúvidas, isso é o que mais me perturba.

— Estou tão faminto que poderia comer sua curiosidade, Burke. Não há nenhuma possibilidade de que consiga um pouco de carne ou algo deste estilo?

— Muito bem, encarregar-me-ei disso, mas só se jurar que me contará tudo. Depois de que coma.

O conde respeitou sua palavra. Não fez mais perguntas, mal falou do tempo até que Knight terminou de comer.

— Aqui tem outro pouco de brandy.

Knight suspirou profundamente, satisfeito, e fechou os olhos por um momento.

— Estou casado, e não, Lily não está grávida, e não, ela não foi minha amante, e não acreditará, mas também sou pai. Tenho três crianças que são uns demônios e os amo tanto como a sua mãe.

— Meu Deus.

— Lily estava comprometida com meu primo Tris Winthrop. Eles na verdade são seus filhos. Eu não tinha visto Tris nos últimos cinco anos. De todos os modos, meu primo acabou sendo um ladrão diplomado até que tentou fazer uma fraude incrível. Enganou dois de seus cupinchas, e eles o mataram. Há muito mais. Vejamos, Lily tomou as crianças e abandonou Bruxelas com apenas cinquenta libras em seu bolso. Conte-te de Bruxelas?

O conde necessitou muitas perguntas, mas terminou conhecendo todos os fatos e os colocou em sua sequência correta.

— Não tem a menor ideia de onde estão as joias, então? — perguntou Burke.

— Não. Acredite-me, Lily e eu revistamos todos os brinquedos das crianças, todas as suas coisas, de verdade. As quinquilharias do Billy têm que estar em Bruxelas. Não há outra possibilidade.

— As quinquilharias do Billy — repetiu Burke. — Isso é interessante. Há uma história por trás delas?

E Knight, tão cansado que então não podia dizer coisas significativas, contou ao Burke sobre Billy e sua prometida, Charlotte, e como havia dito ao Billy que já não queria casar-se com ele e ele levou então as joias. E em seu caminho de volta a Bruxelas, Tris e seus homens as tinham roubado.

— Billy e Charlotte — repetiu Burke. — Devem ser William e Charlotte. Humm. Bruxelas.

Knight teria estado de acordo se tivesse tido a suficiente energia, mas esse não era o caso. Dormiu, profundamente.

— Muito interessante — disse o conde e ficou de pé. Olhou seu amigo de toda a vida. — Muito interessante na verdade.

Lily despertou pouco a pouco. Tinha tanta sede que sentia a língua torcida.

— Água, por favor, água — Começou a dizer com voz rouca.

Em um instante sentiu um copo contra sua boca e um braço que levantava sua cabeça. A água fresca caiu em sua boca e por seu queixo.

— Obrigado.

Arielle sorriu a uma das mulheres mais bonitas que tinha visto em sua vida. O espesso cabelo loiro escuro estava emaranhado e se esparramava pelo travesseiro; seu rosto estava impressionantemente pálido, mas mesmo assim era encantadora: cada contorno de seu rosto complementava ao outro de um modo tão perfeito que era impossível encontrar um defeito.

— De nada. Imagino que está faminta.

Lily pensou nisso um momento e descobriu que poderia comer até o copo de água.

— Sim, acredito que sim.

— Alguma dor?

A dor estava ali, mas a distância.

— Posso controlar ao menos no momento.

— Bem. O láudano ainda está surtindo efeito. — Arielle alimentou sua hóspede com uns cereais adoçados com mel e uma tigela de espesso chocolate. — Logo estará dançando, Lily.

— Quem é você? Conhece meu nome. Onde está Knight?

— Ah, querida, há tantas coisas que te contar. Em primeiro lugar, seu marido está bem. Como você, está na cama, recuperando-se. Sabe, minha querida, quando recebeu a bala que ia dirigida a ele, atravessou-te, mas então penetrou em seu peito e se alojou contra uma costela. Nem sequer a sentiu. Mas está bem. Michael, quer dizer o doutor Brody, disse que não é uma ferida muito profunda. Nada que se preocupar. Também é da opinião de que Knight não sentiu nada porque estava muito assustado com o que acontecia com você. Bem, meu nome é Arielle Drummond. Está em Ravensworth Abbey, em um quarto bastante pretensioso chamado de Diamante. E posso ver que é suficiente por agora. Mal pode manter os olhos abertos. Volta a dormir Lily.

E Lily fez o que ordenou.

— Tem um cabelo bonito — escutou que dizia enquanto dormia. — A cor é notável, não é vermelho, mas tampouco é dourado, é como a cor que vi em algumas antigas pinturas italianas, mas não estou segura...

Arielle sorriu e deu uns tapinhas em sua mão.

— E você, minha querida, obtiveste um milagre. Casada com Knight Winthrop e muito antes do que possa gritar ao mundo que tem quarenta anos. Tratarei de controlar minha curiosidade até que possa me contar como conseguiu realizar essa façanha.

— Falando sozinha?

— Burke! Estava falando com Lily. É obvio, ela não pode me escutar, mas...

Seu marido a abraçou, então a beijou na boca.

— Nossos inválidos estão bastante bem, suponho.

— Esta, pelo menos. Comeu todos os cereais e bebeu o chocolate. A bebida tinha muito açúcar, como Michael ordenou. Sabe algo, Burke? — Arielle continuou sem fazer pausas. — É a mulher mais bonita que vi.

Burke olhou Lily dormindo.

— É — disse pontificando. — Na verdade é bastante tolerável, suponho. Pensa que conquistou a nosso Knight com sua beleza? — Quando faltaram às palavras, fez um gesto com a cabeça. — Não, Knight aprecia a beleza, e Deus é testemunha disso. Desfrutou de muitas mulheres bonitas, mas casar-se com uma mulher por isso, não, nunca.

— E as crianças? Disse-me que tem três? — Quando seu marido assentiu, Arielle sacudiu a cabeça. — Não posso acreditar. Knight Winthrop com uma esposa e três crianças. Lembra-se do casamento de Lannie e Percy? Soava como um porco e balbuciava paranoico ao ver todas essas mães que quão único queriam era consegui-lo para suas filhas, e jurava que não o obteriam até que tivesse passado seu aniversário número quarenta.

— Sim, e seu desgosto com Percy e Lannie. Considerava que Percy era um parvo e que não tinha a mínima inteligência. — Burke começou com um risinho e depois começou a rir a gargalhadas.

Juntos, o conde e a condessa abandonaram o quarto, o conde seguia rindo.

Mas uns minutos depois o conde já não ria. Estava gritando a seu valete Joshua.

— O que ele está fazendo? É completamente absurdo! Por Deus, não pode!

Burke correu ao quarto de Knight e se viu obrigado a deter-se. Knight estava se vestindo, devagar, mas se arrumava. Havia um largo curativo à altura de sua cintura e pequenos curativos em seus pulsos. Precisava barbear-se, suas roupas estavam enrugadas e sujas, e parecia bastante decidido.

— Suficiente Knight.

Knight levantou a vista sacudindo a cabeça.

— Não, Burke. Provavelmente matei Boy. Se o fiz, então Monk estará procurando pelo campo ou estará a caminho para Castle Rosse e as crianças estão em perigo. Eu disse que as joias estavam no estábulo. Não sabe onde procurar, mas igualmente o fará. E se puder, tomará alguma das crianças como refém. Não posso me arriscar. Tenho que estar seguro de que estão a salvo.

— Está decidido a fazê-lo? Não deixará que eu procure as crianças?

— Não, eles não são sua responsabilidade. Se quiser cuidar de Lily por mim, eu irei buscá-los. Estarei de retorno com eles amanhã de noite.

— Não posso permitir isto, Knight. Não está em condições de ir a lugar nenhum.

Knight disse a seu amigo de um modo muito conciso e sem excessivo aquecimento o que podia fazer com sua opinião.

Burke o olhou por um momento; então, quando as calças de Knight estavam à altura de seus joelhos, deu um passo para frente e enfiou seu punho contra a mandíbula de seu amigo. Knight caiu sem fazer ruído.

— Me perdoe, velho — disse o conde enquanto esfregava os nódulos — mas já foste bastante nobre. Um pouco mais de nobreza e me dará náuseas.

— Oh, Deus!

Burke se virou e sorriu a seu valete, Joshua.

— Sua senhoria estará bem. Sem dúvida despertará me amaldiçoando, será o orgulhoso possuidor de uma mandíbula dolorida, mas se recuperará. Agora, Joshua, isto é o que quero que faça.

— Notável, absolutamente notável. — O doutor Brody ficou de pé e sorriu a Lily. — Sem febre, com cor nas bochechas e as feridas fechando-se muito bem. Se pudesse dizer o mesmo do temperamento de seu marido, então...

Lily empalideceu.

— Onde está Knight? O que aconteceu?

Arielle deu a Michael Brody um olhar de reprovação.

— Perdão — sussurrou o médico e se separou da cama.

— Bom, Lily, minha querida — disse Arielle com voz tranquilizadora — seu marido está... Bom, está...

— Por começar, amaldiçoando furioso, Arielle.

— Knight!

— Olá, Lily — Arielle viu que a expressão de Knight se alterou radicalmente. De repente era toda ternura e gentileza.

— Vê-se maravilhosa, esposa. Não posso imaginar por que me puseram em outro quarto. Meu lugar é ao seu lado, naturalmente. — Beijou sua testa, tomou sua mão na dele, logo deu um olhar a Arielle. Sua expressão voltou a ser de fúria. — No que respeita a seu marido, Arielle, quando puser as mãos em cima a esse maldito traidor, vou socar meu punho em...

— Fica calado, Knight Winthrop! — Para sua surpresa, Knight fechou a boca. Arielle, essa doce e pequena mulher, estava de pé com os braços a ambos os lados do quadril, disposta a chutá-lo em suas partes mais vulneráveis. — Não, você, tampouco, Lily! Calem-se os dois. Escute-me Lily. Knight, em seu estado, estava por retornar a Castle Rosse para procurar as crianças. Burke o incapacitou temporariamente para que...

— Esperou até que tivesse as calças na altura do joelho e logo me plantou um murro na mandíbula!

— Isso foi o que disse — replicou Arielle com grande paciência. — Agora Burke está a caminho para trazer as crianças aqui. Mais que isso, mandou chamar um guarda de Bow Street que antes trabalhou para nós, Trunk. Você, Knight, Lily e as crianças ficarão a salvo em Ravensworth até que capturem esse tipo, Monk. Agora algum dos dois tem perguntas?

— Eu — disse uma voz temerosa.

— Bem, qual? — perguntou Arielle ao doutor Brody.

— Poderia examinar a costela do visconde de Castlerosse?

Lily riu até que não pôde mais de dor.

— Knight desfizeram-se de você de um modo bastante elegante. Sem dúvida aprendi uma lição muito valiosa.

Knight não disse nada, fez um gesto com a cabeça ao doutor Brody, então subiu na cama ao lado de Lily.

— Muito bem. Examine-me.

— É um homem terrível!

— Sou seu marido. Não pode me obrigar a que vá. Pretendo ficar aqui e que Arielle nos mime. Uma vez que cheguem as crianças, será o caos e a destruição e lamentará sua gentileza, Arielle. Os pequenos demônios colocarão Ravensworth abaixo. Farão que todos vocês usem tampões nos ouvidos para conservar sua saúde mental. Então, quando estiverem dispostos a estrangulá-los, sorrirão ou enviarão um olhar que faria derreter uma pedra, e estarão perdidos e tudo começará de novo. Os serventes já não serão leais a vocês a não ser a eles. Verá.

Arielle não pôde mais que maravilhar-se em silêncio. Knight Winthrop estava dizendo essas coisas? De umas crianças?

— Pretendo contar a respeito de todos os presentes que compraremos em Veneza, Knight — disse Lily.

— Penso que... Ai, Deus, isso dói, maldição!

— Pode ficar quieto, senhor? — disse o doutor Brody e continuou a cutucar a pele que cobria a costela de Knight.

— Ao menos agora tenho aos dois no mesmo lugar. Se me causarem algum problema, posso trancar a porta com chave. — Arielle os olhou e Knight lançou uma maldição. — Quando terminar, Michael, por que não os deixamos sozinhos para que descansem? A viscondessa é uma pessoa muito razoável. Descansarão, não tenho dúvidas.

O doutor Brody murmurou algo com os lábios entrecerrados e Knight respondeu surpreso.

— Bom, acredito que se sente envergonhado! É um maldito médico! Eu, ai!...

— Já está, meu senhor, já terminei. Descanse como indicou a senhora. Vê-los-ei amanhã.

Quando Knight e Lily estiveram por fim sozinhos, Knight se apoiou no cotovelo e a olhou.

— Nós fizemos isso.

— Sim, nós fizemos. Ainda tenho dificuldades para entender por que não sentiu que a bala tinha te ferido.

— Acredito que o médico tem razão. Estava tão assustado por você que meu corpo decidiu não causar outra dor a meu pobre cérebro. — inclinou-se para baixo e a beijou na boca, no queixo, no nariz. — Olhe para fora, Lily. Está nevando de novo. Maldição, como Burke pode viajar com este tempo nefasto? Como poderão as crianças?

— Burke é um homem engenhoso e não é nenhum parvo. Isso é o que me disse. Não comece a preocupar-se de novo. Sente-se e segure a minha mão e me diga coisas excitantes.

— Conheci Olde Trunk o verão passado — assinalou Knight, com os olhos fixos em uns querubins nus que lhe sorriam das molduras do teto. — Acredito que Arielle não se lembrava disso. De todos os modos, é um bom tipo e tenaz como um touro. Ajudar-nos-á. Talvez possa descobrir quem são Billy e Charlotte.

— Te amo tanto, Knight — disse Lily com clareza, e no momento seguinte estava dormindo profundamente, sua respiração suave e regular.

Knight tremeu das orelhas aos tornozelos. Seu coração começou a pulsar. Com violência.

Esta mulher incrível o amava? Meu Deus a tinha obrigado a casar-se com ele, tinha tomado seu corpo como se fosse seu direito natural de marido sem considerar o que ela sentia, a tinha posto em perigo mortal... E ela o amava. Bom, maldição era um homem tão feliz que não podia acreditar. Sorriu. Queria cantar e dançar. Piscou aos querubins do teto.

Sacudiu a cabeça. Ele supunha que não estava na verdade surpreso de também amar sua esposa. Tinha dito ao Burke que a amava, mas não o tinha sentido nesse momento. Este assunto do amor tinha entrado em sua vida como um ladrão na noite. Não

tinha acontecido com seu pai. Portanto, pulou uma geração. Iria se assegurar que não pulasse nenhuma outra geração em sua família.

— Então somos dois — disse a Lily que dormia. — Mas aposto que eu te amo mais. Tenho sete anos mais que você, depois de tudo. Tenho mais experiência, mais conhecimento das coisas que se relacionam com o amor. Sim, estou certo que você não está nem perto do que eu sinto por você, Lily Winthrop. Mas deixarei que se esforce por chegar ali. Podemos voltar a examinar este tema em uns dez anos mais ou menos e então veremos. Mas ainda estarei na frente. Sim, tenho certeza. — Sorrindo como o idiota do povo, Knight beijou a orelha esquerda de sua mulher, então se virou, sorrindo ainda como um parvo, e em uns poucos minutos estava roncando com sonoridade.

Quando Lily despertou na manhã seguinte, Knight não estava ao seu lado na cama. Chamou-o. Não estava tampouco no quarto Diamante. Não queria perturbar sua anfitriã, mas finalmente a preocupação a fez tocar a campainha.

Arielle apareceu uns dez minutos depois. Não parecia absolutamente feliz. Na verdade, parecia pronta para matar.

— Seu marido — disse lentamente, como se estivesse tentando controlar uma fúria selvagem — saiu faz duas horas, quando amanhecia. Deixou esta nota para você. — Entregou uma folha de papel.

Lily:

Vou a Castle Rosse. Retornarei com as crianças logo.

Não se preocupe e não faça nada estúpido.

Knight

— Esse... Esse...

— Estúpido nobre? Tolo, idiota? — Arielle tratou de fornecer alguns adjetivos a Lily.

As mãos de Lily se fecharam em punhos sobre seu colo. Fez uma bola com a nota e a jogou no outro lado do quarto, então lançou um gemido pela dor que sentiu no ombro.

— Eu vou matá-lo. Maldição, Arielle. Está ferido!

— Sei — replicou Arielle, lamentando ter mostrado tanto aborrecimento. Esta paciente estava ficando muito ruim. — Bom, Lily, estará bem. Burke me disse que Knight é um homem que sabe cuidar de si mesmo. Disse que era um sobrevivente, que tinha atravessado a pé as montanhas de Portugal num verão em que fazia tanto calor que as pedras derretiam, e o fez para interrogar dois espiões na França. A ferida não é tão grave, Lily. Vai estar bem.

— Quando retornar terá que sobreviver a minha fúria. Agora mesmo me sinto mais má e mais dura que esses dois franceses.

— Não eram homens, eram mulheres francesas.

— Grr!

Ao menos tinha deixado de nevar. Graças a Deus. Agora podia manter seu cavalo ao galope. Knight conhecia um atalho ao noroeste de Castle Rosse. Burke não. Não o surpreenderia encontrar o conde antes de chegar a sua casa.

Doía a costela, mas não excessivamente, e o frio extremo o mantinha bastante amortecido. Quando estava deitado junto a sua bela mulher, tinha começado a perguntar-se e a preocupar-se, e finalmente se deu conta de que não podia permitir que Burke se expusesse à semelhante perigo. Burke não sabia quão perverso era Monk.

Knight trocou de cavalo em três postos diferentes. Em Netherfield, o hospedeiro da estalagem Wild Goose não tinha nada para alugar exceto um cavalo velho que tinha mais coração que condições de galopar. O trajeto a Castle Rosse terminou levando umas seis horas.

Não havia sinais de Monk.

Um grande escândalo se produziu quando Knight entrou pelas enormes portas de carvalho do vestíbulo revestido em mármore italiano de Castle Rosse.

Não tinha ganhado de Burke, mas estava bem, depois de tudo Burke tinha sido um magnífico soldado.

— Papai! — Laura Beth perdeu a estabilidade na escada e rodou os últimos três degraus para aterrissar no chão aos pés de Knight, que a tomou em seus braços, levantou-a no ar, e a apertou contra seu peito até fazê-la chiar.

Burke Drummond saiu da sala para ser testemunha desta reunião. Observava-a sem poder acreditar.

— O primo Knight está aqui! — disse Theo atrás dele. — Pensei que você havia dito que estava em Ravensworth, senhor. Meu Deus! Não está muito bem. Laura Beth vai estrangulá-lo!

Theo correu ao redor de Burke e se jogou para o braço livre de Knight.

— Theo, Theo, senti muitas saudades, como o diabo.

— Está ferido. O tio Burke disse que foi ferido por um homem malvado. Foi o que tentou sequestrar Sam em Londres? Que te atacou em Londres?

— Sim, foi esse. Não estou muito ferido, Theo. Deixa de tremer. Assim é o tio Burke? Laura Beth deixa de me beijar a orelha! Está me molhando por dentro. Ah, aqui está Sam. Vem aqui, pirralho, e me conte como está bem.

— Mamãe? Onde está mamãe? O Burke não disse... O tio Burke?

Abraçou com cuidado Sam que se apoiava em Charlie, um dos serventes. Knight tomou seu rosto entre suas mãos.

— Sua mamãe está bem. Está de cama, vagabundeando e dando ordens às criadas do tio Burke, jogando copos de água aos que se atrevem a discutir com ela. Em linhas gerais, está bem.

Sam começou a rir e Theo suspirou aliviado.

Knight levantou a vista e olhou Burke direto nos olhos.

— Não podia deixar que você se divertisse só, Burke.

— Estou vendo. Entretanto, está péssimo.

— Sim, senhor, do pior — adicionou Thrombin.

— Sim, de verdade! — disse Charlie acrescentando uma gota mais ao copo.

Knight olhou seus serventes, que até então se mantiveram em silêncio. A senhora Crumpe tinha os braços cruzados sobre seus grandes peitos. Até Mimms estava na soleira, com um prato de biscoitos na mão. Mas Thrombin era o mais assustado. Parecia desaprová-lo por completo. Seus lábios estavam tão magros que pareciam não existir.

— Sua senhoria — continuou Thrombin — nos havia dito que estava aqui para levar as crianças a Ravensworth. Também nos assegurou que estava bem, mas ferido, e devo adicionar que nos disse que estava a salvo em sua cama.

— Muito bem, agora me escute, Thrombin. Todos vocês. Laura Beth deixa de mastigar minha orelha. Sam fica quieto ou Charlie te deixará cair e o merecerá. Theo deixa de esfregar as mãos como se fosse membro de um coro grego. Senhora Crumpe, estaremos na sala. Morro de fome. Por favor, me leve comida e qualquer outra coisa que considere adequada. Vem, Burke, temos muito que falar.

— Papai — disse Laura Beth e apertou sua garganta. — Trouxe um presente a Czarina Catherine?

— Sim, eu.

A Laura Beth não gostou da resposta, mas estava distraída.

— Tem a cara toda arranhada.

— Sim, e estou sujo como uma cabra no inverno. Não, Betty — continuou falando com a nova babá de Laura Beth — ficarei com ela por um momento. Mas só se te levar bem, pequenina.

— Muito bem, papai — assegurou Laura Beth e ele suspirou sabendo o que esse doce sorriso queria dizer.

Charlie levou Sam à sala e o acomodou em uma poltrona. Theo tentou acomodar seu irmão até que Sam, aborrecido, disse que colocasse a cabeça em uma sarjeta. Laura Beth estava bastante satisfeita, grudada ao ombro de Knight. Isso fazia doer sua costela, mas não importava. Tudo parecia tão normal de novo. Ajudava a apagar o pesadelo dos últimos dois dias.

Passou outra meia hora antes que Burke e Knight estivessem a sós, pois as crianças, em meio a protestos, retiraram-se à cama. O fogo crepitava na lareira, e Burke aproximou a garrafa de brandy.

— Suas crianças são encantadoras.

Knight sorriu sonolento.

— Sim, estes diabinhos são únicos. Czarina Catherine é a boneca de Laura Beth.

— Obrigado. Era uma pergunta que não deixava em paz meu pobre cérebro.

— Nem sinal de nosso Monk?

— Não, nem o menor sinal. Só ganhei por três horas. Entretanto, alertei a todos os serventes, em particular, aos moços do estábulo. Estão preparados, Knight.

Knight assentiu.

— Agora o que precisamos é uma armadilha para nosso vilão.

— Tem alguma ideia?

Knight se sentou para frente e esfregou suas mãos nas chamas.

— Sim — disse semicerrando os olhos — sim, e trará Monk aqui muito em breve. Maldito bastardo.

Capítulo 23

Na manhã seguinte, Arielle trouxe George Curlew, o administrador do conde, e o doutor Brody com ela para visitar Lily em seu quarto e tomar uma xícara de chá.

— Pensei que você gostaria de ver um rosto que não o meu, para variar — disse Arielle.

Lily assentiu e bebeu um gole de chá.

— Isto é maravilhoso.

— Gostaria de um pouco de láudano? — perguntou o doutor Brody.

Lily sacudiu a cabeça. A dor era profunda e constante, mas não queria ver suas visitas através de uma névoa.

— Não agora, obrigado.

Arielle conversava com determinação, todo o tempo com um olho fixo em Lily, que estava silenciosa, muito silenciosa. Embora ainda estivesse confinada a sua cama, Arielle tinha escovado seu cabelo e tinha arrumado a camisola de seda azul ao redor dos ombros. Viu que George Curlew e Michael Brody olhavam Lily com novos olhos, olhos muito masculinos, e ofereciam inumeráveis adulações. A jovem condessa sorria para si mesma. Se a tivessem olhado assim o verão passado, ou houvessem dito uma vez sequer que seu vestido era encantador, haveria se sentido aterrorizada e provavelmente teria fugido do lugar.

Mas Lily era bonita, Arielle admitiu sem um pinga de inveja. Era algo que estava além da excelente complementação de seus traços; era algo mais, algo suave que brilhava e

iluminava tudo ao seu redor. Arielle tinha mais de uma suspeita de que Knight Winthrop era responsável. Ela começou a ver como Lily lidava com essa valorização excessiva masculina.

Lily nem sequer notava. Arielle se preocupava que o ombro de Lily doesse mais do que ela deixava transparecer, mas Michael não dizia nada, e, portanto tentou manter sua tranquilidade.

— Lily — disse Arielle esboçando um sorriso enquanto sua hóspede mordida a segunda bolacha — suponho que deve estar pensando em Knight e preocupando-se por ele. Bom, você sabe bem que Burke e Knight foram soldados e oficiais. Os dois têm muitos recursos, são inteligentes...

— São dois idiotas!

— Sim, bom, são homens, portanto isso também é verdade.

— Matarei Knight!

— Sem dúvida se sentirá satisfeito quando souber que esteve preocupada por ele. Bom, chega de nervoso. Isto não pode ser bom para sua recuperação.

— Você disse duas francesas?

— Eram espiãs, Lily, espiãs francesas. Na verdade não eram mulheres a não ser inimigos.

— Ha! Quanto tempo esteve a sós com elas nessas colinas tórridas de Portugal?

— Não muito. Não mais de quinze dias, ou talvez três semanas. Não me lembro. Não é importante. Foi uma missão, muito difícil de cumprir, mas só uma missão.

— Acredito — disse George Curlew, ansioso por fornecer informação a esta deliciosa amostra de feminilidade — que Lorde Castlerosse esteve a sós com as espiãs só uma semana. Então, senhora — adicionou voltando-se para Arielle — acredito que o conde se uniu a ele e os dois levaram às espiãs francesas ao comando inglês que estava perto do porto. Acredito que assim foi.

Arielle se dirigiu ao desventurado administrador.

— Está me dizendo que Burke também escoltou a essas malditas mulheres?

— Vamos, Arielle — disse Lily. — Eram espiãs, inimigas. Era só outra missão, difícil sem dúvida, mas só outra missão.

— Matá-lo-ei! — O cabelo de Arielle era de um vermelho furioso nesse momento, nada semelhante ao vermelho veneziano. — Mais chá, Michael? — adicionou entre dentes.

Lily riu ao ver a expressão alarmada do doutor Brody, então gemeu pela aguda dor em seu ombro.

O médico se levantou imediatamente e se aproximou dela.

— Devo partir logo, senhora. Uma mulher do lugar está para ganhar bebê e preciso dar uma mão. Posso examiná-la agora?

Que estranho parecia ainda, que a chamassem senhora. Lily assentiu. Arielle e o senhor Curlew abandonaram o quarto. O doutor Brody demonstrou sua eficiência ao tirar o curativo da ferida.

— Dói muito?

— Sim, mas em geral posso controlá-lo. Só às vezes, por exemplo, quando rio, tenho que pagar um alto preço.

— Direi a Arielle que se mostre mais séria. — O doutor Brody a ajudou a ficar de lado e baixou a camisola para olhar as costas. Quando terminou, levantou e sorriu. — Você é a paciente mais incrível que tive. Não tem sinal de febre ou envenenamento do sangue, e a ferida está rosada e sã. Ainda, minha senhora, deve descansar e não fazer nada exaustivo até que eu o indique. Por exaustivo entendo algo que requeira mais esforço que levantar uma xícara de chá. Se continuar a este passo, tirarei os pontos de suas costas na próxima terça-feira ou quarta-feira. Então... — encolheu os ombros, sorrindo.

— Estarei dançando — disse Lily. — E então a Veneza. Quer dizer, depois — adicionou com os olhos obscurecidos — que tenha assassinado meu marido. — Mas logo estava pensando em Monk, perguntando-se se Theo e Sam e Laura Beth estavam em perigo

e tentando convencer-se de que Burke e Knight podiam comandar bem qualquer tentativa de Monk de machucar as crianças, ou a eles.

Essa noite estaremos todos juntos de novo.

Sentia saudades dos pequenos demônios. Perguntava-se como tinham saudado seu pai postiço.

A dor piorou por volta do fim da manhã, e Lily tomou um pouco de láudano voluntariamente. Dormiu o resto do dia. Arielle jantou com Lily no quarto, as duas com um ouvido treinado para escutar os sons das carruagens que chegavam a Ravensworth.

Mas não escutaram nada.

Tampouco chegaram no dia seguinte.

— Deixa de te inquietar, Arielle — disse por fim Lily a sua nova amiga enquanto a olhava caminhar de um lado a outro do quarto, detendo-se com frequência para espiar através das pesadas cortinas.

— Eu não gosto. Esse miserável Don Juan pode estar em perigo.

— Eram espiãs, Arielle, inimigas. — Lily começou a rir.

— Está nevando outra vez — disse Arielle. — Como podem viajar com este tempo? Não disse que a perna do Sam estava machucada? Como farão?

Lily não sabia. Pensar nisso fazia doer sua cabeça quase tanto como o ombro.

Um pouco mais tarde, Lily dormiu. Seus sonhos não eram agradáveis. Monk estava perseguindo Knight e a ela por uns estreitos canais de uma água fétida. Iam em um bote longo e estreito que Knight chamava gôndola. De repente a gôndola virou por causa de um golpe perverso do remo de Monk. Lily sentiu a água negra perto de sua cabeça, ouviu que Knight gritava freneticamente. Gemeu e despertou de um salto.

Não estava sozinha. Estava olhando o rosto real e espantoso de Monk. Uma enorme mão tampou sua boca. Antes que pudesse reagir, introduziu um lenço sujo em sua boca e então colocou outro em cima e o atou com força atrás da cabeça.

Não acreditava que ele estivesse ali, pensou desconcertada. Acreditava que tinha que estar em Castle Rosse.

Parecia muito feliz consigo mesmo.

— Está viva e agora a tenho. Por que está de cama?

Lily só podia olhá-lo.

Monk sacudiu a cabeça, tomou sua mão e a fez levantar. Lily abafou um grito de dor. Monk franziu o cenho e abriu o espartilho de sua camisola, sem prestar atenção aos botões que caíam. Então viu o curativo.

— Então Boy a acertou com a bala, só que na pessoa equivocada. Não estava certo disso. É grave?

Ela só pôde sacudir a cabeça. Desta vez Monk lhe tirou o lenço da boca.

— Meu ombro — sussurrou Lily. — Por favor, dói muito.

Monk amaldiçoou longamente.

— Não quero matá-la ainda — disse. — Maldição, sua senhoria não me dará os brilhantes se estiver morta. Diabos! Se a tiro daqui, capaz que sangue. Só para me arruinar.

Lily pensou que era provável que esse fosse o resultado, mas não disse nada, pois a ruína de Monk não teria nada a ver com sua morte. O ombro estava inchado e a obrigava a fechar os olhos para mitigar a dor. Escutou que Monk voltava a amaldiçoar.

— Bom, não tenho outra opção.

Levantou-a por cima de seu ombro, sem incomodar-se em atar suas mãos e tornozelos. Sabia bem que não tinha a força suficiente para lutar contra ele.

— Fique quieta e não sangrará, ao menos, espero que não. — Voltou a amaldiçoar. — Faz frio fora, com a neve e tudo isso. Terei que envolvê-la. — Monk pegou duas mantas da cama e as jogou sobre Lily, então caminhou para as enormes janelas que davam ao jardim ao leste.

Estava a ponto de subir quando, de repente, viu-se frente a frente com um homem que nunca tinha visto antes, um homem cujo rosto se parecia tremendamente ao de um macaco e que parecia de uma vez desconcertado e ofuscado.

O homem gritou com Monk diretamente em sua cara.

— Fique aí, desgraçado! Peguei você! Deixe à mulher e jogue suas armas!

Monk deu um salto para trás.

— Quem diabo é você? — rugiu.

— Meu nome é Ollie Trunk e represento à lei. Vou te levar a Londres onde te prenderão por assassinato! Tome cuidado agora, deixa à senhora com muito cuidado.

— Ver-te-ei no inferno — gritou Monk e bateu seu punho no rosto do homem. Lily escutou o ruído e soube que seu salvador tinha perdido o equilíbrio e tinha batido no chão gelado. Escutou passos de gente que corria, gritos, e o ruído de uma conversa frenética.

Monk se deteve indeciso por um momento, junto à janela. Olhou para fora, viu uma meia dúzia de homens rodeando a casa e o homem com cara de macaco se levantando e limpando a roupa.

— Não entendo — disse, mais para si mesmo que para Lily. Pareceu se dar conta de que ainda a tinha sobre o ombro. Levou-a para a cama e a apoiou de costas e, com um movimento automático a cobriu com as mantas. A dor a atravessou de repente. — acreditava que todos estivessem em Castle Rosse... O conde que é dono de tudo isto, seu marido, os guardas, Deus, todos! Por isso vim aqui. Como chegou esse guarda tão rápido, de todos os modos? Não tem sentido, nenhum.

Lily não se preocupava com o sentido. Simplesmente queria morrer.

— O que acontece? É o ombro? — inclinou-se em cima dela e a sacudiu. Lily lançou um gemido. — Não se atreva a morrer aqui! Preciso-a! Você é minha refém! Maldição!

Mas Lily terminou com a tortura por um momento. Não soube quanto tempo esteve inconsciente, mas pareceu pouco. Escutou ruídos surdos. Pareciam vir de uma grande distância. Mais ruídos, e logo a maravilhosa voz familiar de Knight.

— Abre a porta, Monk! Agora! Se fizer algo a minha esposa eu te cortarei em pedacinhos!

— O que está fazendo aqui? — Monk levantou a voz, vociferando — Tenho sua esposa! Você siga com suas ameaças e eu farei que se sinta bastante mal!

Escutou-se o ruído de uma conversa e a voz de Burke Drummond.

— Escuta Monk. Sou o conde de Ravensworth. Deixa ir à senhora e te darei as joias.

— As quinquilharias do Billy? Você as tem?

— Não essas joias em particular, a não ser as que estiveram em minha família durante centenas de anos. Isso ou dinheiro. O que desejar. E irá daqui como um homem livre.

— Não, senhor! Não pode fazer isso. Esse tipo é um criminoso, e tenho que levá-lo a Londres! — Era a voz do homem com cara de macaco; Lily a reconheceu.

No corredor fora do quarto, Knight segurava Ollie Trunk pela gola da camisa e o levantava do chão.

— Fecha a boca, maldito parvo! O homem é um assassino, não é verdade? E pode matar minha esposa!

Ollie fechou a boca.

— Nunca estive em uma situação como esta — disse acomodando a gola. — Não quero que a senhora morra, mas não pode deixar que um tipo como Monk saia voando em liberdade.

— Não temos intenção de que isso aconteça, Ollie — disse Burke e fez gestos ao homem para que ficasse calado.

Knight se apoiou contra a porta do quarto.

— Lily — chamou.

Monk olhou para a porta e tirou sua pistola.

— Não tente nada e tudo sairá bem — disse a Lily. — Responda ao homem, não importa.

— Knight? Estou bem, de verdade. — Mas sua voz estava quebrada. Oh, por favor, Deus, não permita que faça nenhuma tolice.

— Quero os diamantes — gritou Monk. — Quero o que é meu e de Boy.

Knight respirou profundamente. A verdade pensou. Por que não a verdade, ao menos, por agora?

— Escuta, Monk, eu te disse a verdade. Não pudemos encontrar as joias. É de acreditar que nunca estiveram na Inglaterra. É a verdade. Não mentiria neste momento, não quando tem minha esposa em suas mãos.

Oh, Deus. Agora a mataria. Lily sentiu um enjoo. O ombro estava destroçado pela dor e ela queria liberar-se dele, mas não podia fazer nada exceto jazer ali e deixar que a dor a consumisse.

De repente sentiu que Monk estava inclinado sobre ela.

— Está muito pálida, mas não importa. O único que peço é que não morra enquanto eu esteja aqui. Está dizendo a verdade? Não encontraram as joias? Diga-me, ou encontrarei a forma de matar sua senhoria, de matá-lo bem morto.

— Por favor, não, por favor, não pudemos encontrá-las. É a verdade.

— Não estavam no estábulo de Castle Rosse? — Lily negou com a cabeça, sem pronunciar palavra. — Isso é o que pensava. Por isso vim para cá e não segui seu marido lá. Não, inteirei-me que você estava aqui, em Ravensworth Abbey, e ele não estava com você. Você foi à chave, sabia. Seu marido faria qualquer coisa para que você fique a salvo. Mas esses malditos diamantes! Maldito Tris! Maldito traidor! Se Boy não o tivesse transpassado com sua faca! Se esse guarda não tivesse chegado justo nesse momento! — Monk amaldiçoou, criticou e observou o enorme quarto. Para que, Lily não podia adivinhar. Então Monk os tinha seguido até aqui, tinha observado os movimentos de Burke e então depois de Knight.

Tudo estava em silêncio agora. Em um silêncio sepulcral. Fechou os olhos com o desejo de adquirir as forças suficientes para poder superar Monk. Fazer algo que terminasse para sempre com o pesadelo. Mas não podia sequer levantar uma mão. Sentia um ardor pegajoso e soube que a ferida do ombro estava sangrando. Perguntava-se se iria morrer. Não queria morrer, não agora, não agora que era feliz.

Onde estavam as crianças? Deus, o que tinha feito Knight com eles? Tinham que estar a salvo. Simplesmente tinha que ser assim. Ao menos se morresse, eles tinham Knight. Lily sentiu que as lágrimas se amontoavam nos olhos. Não queria morrer. Não queria deixar Knight nem as crianças. Sentiu o gosto salgado de uma lágrima na boca.

— Monk.

Era a voz de Knight.

— Me deixe entrar agora. Devo comprovar se minha esposa está bem. Pode me reter como refém, mas deixe-a ir.

— Não! — Lily não sabia de onde tinha tirado forças para gritar essa única palavra. Recostou-se, agitada, à espera, rogando que Monk não permitisse que Knight entrasse na estadia. — Não! — Desta vez foi só um sussurro.

— Muito bem — respondeu Monk. — Mas sem armadilhas, ou sua senhora encontrará seu criador neste momento.

— Não — repetiu Lily, em voz tão baixa desta vez que somente ela escutou. Viu que Monk tirava a chave da porta e a abria com lentidão. Viu que Knight entrava. Deus via-se grandioso, vigoroso, forte. Monk apontou com a pistola e disse que levantasse os braços. Knight fez o que o ordenava. Monk o apalpou com as mãos, levantou-se, assentindo.

— Está limpo — disse.

Knight olhou ao homem que tinha sido seu nêmeses no último mês. Deus queria matar ao maldito. Aproximou-se imediatamente da cama.

— Amor — disse com suavidade e se sentou a seu lado. — Tudo estará bem, Lily. Só espera, amor. Espera, por favor. — Beijou-a na bochecha. — Confia em mim, Lily — disse com mais suavidade.

— Sim — sussurrou. — É maravilhoso, Knight. — sorriu e ela viu algo mais, algo em seus dourados olhos de raposa: determinação, era isso. — Por favor, se cuide. — Ele assentiu e se levantou lentamente.

Monk estava de pé como um gigante no meio da estadia, as pernas separadas, a pistola na mão direita.

— Fez nossa vida miserável durante muito tempo, Monk — disse Knight. — Dar-te-ei o dinheiro que as joias teriam rendido. Quero que vá, agora.

— Levá-la-ei comigo.

— Não, não o fará. Está muito fraca. Só te atrasaria. Se levá-la, seguir-te-ei. Todo o tempo que seja necessário, até que te alcance e te mate. Certamente preferirá viver e gastar o que conseguiu.

— Matou Boy. Eu a matarei. É justo.

— Saia, Monk. Deixe-nos em paz. Terá todo o dinheiro que possa gastar em mais de uma vida.

De repente, sem aviso, produziu-se um forte ruído do outro lado da janela. Monk se virou. Burke Drummond, com uma corda na cintura, entrou pela janela, rodou e ficou de pé, com uma pistola pronta para disparar. Lily escutou que um homem gritava do exterior:

— Está a salvo! Conseguiu!

Burke ignorou a voz, preparou sua pistola e teria disparado nesse momento se não fosse por que Monk já estava apontando com a sua pistola, não a ele ou ao Knight, mas sim a Lily.

— Tente-o — gritou Monk. — Vamos, faça-o e enterrarei à preciosa aqui mesmo, neste mesmo momento.

Burke cuspiu no chão e amaldiçoou. Dirigiu-se a Monk com uma voz cheia de desprezo e brincadeira.

— Sua mãe era uma prostituta banhada em genebra que devia ter te afogado no momento em que nasceu!

Em uma feroz quebra de onda de raiva, Monk deu um salto e colocou sua arma à altura do peito de Burke.

Knight tirou com muito cuidado a faca de sua manga, balançou-a, e o lançou rápido e direto para Monk justo no momento de disparar.

A folha se afundou em um dos lados do pescoço de Monk, a ponta tinta de vermelho saiu obscenamente pelo outro lado, debaixo da orelha direita do criminoso. Burke caiu ao piso no momento em que a bala se perdia, desviada. Monk olhou Burke e girando muito lentamente, a Knight.

— Uma faca, me matou com uma faca, igual a que me deu minha mãe. — Tratou de dizer algo mais, mas eram sons inarticulados, afogados em seu próprio sangue.

Lily viu a faca que saía da garganta de Monk. Viu que soltava a pistola, desmoronava, e que pouco a pouco seu corpo caiu sobre si mesmo. Era estranho, mas seu corpo quase não tinha feito ruído ao tocar o chão de madeira. Viu que Burke ficava de pé, e ficava ali, imóvel. Viu que seu marido tinha ainda o braço estendido. Pouco a pouco pôde abrir a boca. Só emergiu um soluço.

Knight correu para a cama.

— Lily. Terminou tudo.

Ela o olhou incapaz de levantar a mão para lhe acariciar o rosto.

— Não pude te ajudar. Não pude fazer nada exceto jazer aqui como uma débil mulher e ver como Monk te machucava.

— Não me machucou. Agora está morto, Lily. Se foi e para sempre. Por favor, amor, tudo está bem. Eu estou bem.

Pouco a pouco a estadia se voltou escura, cada vez mais escura. Lily tratou de lutar contra isso, mas não pôde.

— Knight — sussurrou e se afundou na inconsciência.

Três dias depois, no meio da manhã no quarto Diamante, Lily estava rodeada de três crianças, um marido, um conde e uma condessa.

Sam demonstrava orgulhoso as sua habilidade com as muletas. Theo o seguia, como uma sombra, disposto a apanhá-lo se caísse. Laura Beth estava acomodada na cama ao lado de Lily com Czarina Catherine nos braços.

— Nenhum lugarzinho para mim — disse Knight. — Não quer ir um momento, Laura Beth? Talvez brincar com seu tio Burke? Parece muito sozinho, não é verdade?

A menina tirou o dedo da boca e sorriu para Knight.

— Papai — disse. Assentiu aparentemente agradada com o som e voltou a colocar o dedo na boca.

— Suponho que essa é uma espécie de resposta. Sinto muito, Tio Burke, possivelmente mais tarde. Cuidado, Sam cairá pela janela! Theo sente-se. Posso tomar uma xícara de chá, Arielle? Todo este trabalho de pai está me consumindo.

Lily sorriu e acariciou a manga da jaqueta de seu marido.

— É um pai maravilhoso.

— Mas ainda não um marido tão maravilhoso — disse Knight com a esperança de que só ela o escutasse.

— Tenho uma excelente memória, senhor.

— Eu também. Estou mau, Lily. Não poderia apressar sua recuperação? Depois de tudo, não foi mais que uma bala em seu ombro. Apenas um arranhão. Tão pouca força tem?

— Knight, não pode se sentar e deixar Lily com Laura Beth e sua boneca? perguntou Arielle. — Aqui tem seu chá. Agora se comporte. É tão ativo como as crianças.

Knight sem vontade fez o que lhe disseram.

— Você também, Arielle — disse Burke a sua esposa. — Lily estava me perguntando pelo plano de Knight.

— Que não funcionou — adicionou Arielle.

— Bom, foi uma tentativa — disse Knight. — Era bastante simples. Só enviei uma meia dúzia de homens para que distribuíssem a notícia aos hospedeiros e os comerciantes de que tínhamos encontrado estas fabulosas joias em Castle Rosse e que, como somos gente decente, as íamos despachar para Londres. Mencionamos a data e a hora, é obvio. Era um plano bastante bom, embora não funcionou, pois Monk veio aqui em lugar de ali.

— Na verdade enviou alguém a Londres com alguma coisa? — perguntou Lily.

— Sim, ao valete de Burke, Joshua. Dois homens mais o seguiam caso Monk fizesse um movimento. Joshua se sentiu frustrado porque perdeu toda a aventura que vivemos aqui.

— Joshua foi meu assistente no exército — disse Burke. — Este foi seu primeiro feito excitante em muitos meses e estava disposto a cortar algumas cabeças. Não esteve fazendo nada exceto queixar-se desde que voltou.

Nesse momento, o mordomo de Ravensworth, Montague, entrou na estadia e falou em voz muito baixa a Burke. Burke franziu o cenho e assentiu. Montague se retirou.

— Que estranho — disse Burke. — Ollie acaba de chegar de Londres. Pede para falar contigo, Knight.

— Paguei, não?

— Sim — respondeu Burke. — Talvez voltou por uma recompensa.

— Não, senhor — disse Ollie que estava entrando na estadia. Soava um pouco ofendido. — Nós os guardas de Bow Street somos tipos honráveis, não somos uns sanguessugas.

— Estava brincando, Ollie. Entra. O que tem a dizer a sua senhoria?

Ollie olhou a todos, um por um, logo se deteve nas crianças com uma espécie de horror. Clareou a garganta.

— As quinquilharias do Billy — anunciou. Todos lhe dirigiram o olhar. — As quinquilharias do Billy — repetiu. — As malditas joias. Não entendem?

— Não — disse Knight.

— Billy, é William — explicou Ollie em um tom de exagerada paciência. Ainda não obteve resposta. — São todos uns parvos! William: o maldito príncipe William de Orange! É esse Billy. Estava comprometido com Charlotte: a princesa Charlotte da Inglaterra! Deixou-o plantado o verão passado, disse que não queria casar-se com ele. Ele recuperou as joias e as enviou para sua casa em Bruxelas, mas foram roubadas. Tudo o que tive que fazer foi perguntar um pouco sem dar muitos dados. Lorde Kittaker sabia tudo. Como não aconteceu aqui na Inglaterra, ninguém tinha falado muito do tema.

— Meu Deus — exclamou Lily. — Imaginem isso. Não há dúvidas de por que são tão valiosas.

— Meu Deus — repetiu Knight. — E eu que pensava que esse Billy era um novo-rico ou algo deste estilo.

— A princesa da Inglaterra — disse Lily. — Joias para uma princesa real.

Arielle sacudiu a cabeça, incrédula.

— Bom, não importa quem é o dono. Não temos ideia de onde diabo estão — disse.

Não houve resposta.

Ollie ganhou uma recompensa de cem libras por esta informação.

À tarde seguinte, a senhora Pepperall, a governanta de Ravensworth, entrou na sala. Estava perturbada. Knight tinha descido Lily e a tinha colocado com supremo cuidado em um sofá perto da lareira.

As crianças estavam fora com John, que acabava de chegar. Brincavam com a neve recém caída.

A senhora Pepperall clareou a garganta.

— Senhora, aconteceu algo muito estranho. — Em suas mãos tinha a capa de Lily.

— Sim, senhora Pepperall? Ah, a capa.

— Sim, senhora. Tentamos limpá-la, mas o sangue... Bom, uma de nossas criadas estava tentando recortar a parte de pele manchada de sangue para que você pudesse voltar a usar a capa, e aconteceu o mais estranho. Olhe o que encontramos bem envolvido em linho dentro do forro.

A senhora Pepperall tinha em suas mãos um colar, brincos e um bracelete que brilhavam em todo seu esplendor. Diamantes, esmeraldas e rubis se derramavam por suas mãos, jogando faíscas ao contato com o sol da tarde.

— Minha capa! Estiveram todo o tempo em minha capa, e nunca me ocorreu...

— A nenhum de nós — disse Knight. — Graças aos céus, olhe o tamanho desses diamantes!

— São reais? — perguntou à senhora Pepperall com voz tremente e se apressou a deixar as joias nas mãos de Knight.

— Bastante reais — disse Knight enquanto acariciava as joias com seus dedos. — Obrigado, senhora Pepperall. Resolveu o mistério.

— Absolutamente, senhor — replicou à senhora Pepperall. — Não fiz nada, na verdade.

— Que ironia — remarcou Knight. — Já suportamos muitas ironias.

Epílogo

Veneza, Itália

Abril, 1815

Em uma esplendorosa tarde de princípios de abril, lorde e lady Castlerosse observavam o Grande Canal do balcão de seu quarto no Palácio de Contini.

— Graças a Deus logo começa a primavera e não estamos no meio do verão — disse Knight, apoiando-se no corrimão de madeira lustrada. — Tive a desgraça de visitar Veneza em agosto faz uns seis anos. O fedor era quase impossível de aguentar. Mas agora... — Knight fez uma pausa e aspirou o fresco ar da manhã primaveril.

— Estive me perguntando o que há debaixo da água escura — adicionou Lily, sem tirar os olhos do canal de sua localização no terceiro andar. — É ameaçadora e lúgubre, diria um amante do gótico.

— Não me arriscaria a averiguar o que há debaixo.

— Antigas moedas gregas, possivelmente? Urnas romanas e escudos de centuriões? Já sei, Atila o huno, deixou sua espada aqui e afundou.

— O primo morto de alguém, parece-me que é mais adequado. Os venezianos não são conhecidos precisamente por sua natureza clemente.

Lily sentiu um calafrio e se virou para apoiar suas costas no corrimão do balcão.

— Não é um romântico, Knight.

Ele sorriu, com esse sorriso bastante lascivo que provocava desejos de saltar em seus braços e jogá-lo no chão.

— E fazer o que quiser contigo — terminou em voz alta.

— O que? — Imediatamente roçou seus lábios com a ponta dos dedos. — Não, não repita o que disse. É possível que tenha entendido mal. Prefiro acreditar que quer me jogar no chão, me rasgar a roupa e me acariciar com suas mãos e sua boca e...

— É terrível! Mas sim, era exatamente isso. Esteve distante hoje, Knight. Admita.

Seu sorriso se desvaneceu um pouco. Estreitou-a entre seus braços, onde ela pertencia, a cabeça em seu ombro, suas mãos ao redor de sua cintura.

— É como se tivesse estado comigo toda a vida — disse enquanto beijava sua cabeça. — Está se sentindo totalmente bem já? Jura?

— Juro.

— Faz três semanas que estamos aqui. Assistimos a nove bailes, três em nossa honra, perdemos quinhentas libras...

— Eu só perdi cinquenta! No vermelho e preto, e você disse que armaram para mim.

— Bom, sabia que era uma soma considerável. De todos os modos, navegamos nas gôndolas até que quase se decompôs, alimentamos a quase todas as malditas pombas da praça de São Marcos, cruzamos a ponte do Rialto umas trezentas vezes mais ou menos e quase me encerrou nos calabouços do palácio dos Duques...

Isso a fez rir.

— Na verdade não te encerrei.

— Mas me fez acreditar nisso. Na manhã seguinte descobri um cabelo branco. Onde estava? Ah, sim, Estivemos no Tintoretto no café da manhã, no Carpaccio no almoço, no Parodi no chá na tarde, e no Bellini no jantar. A única atividade que não empalideceu, ao contrário, continua crescendo vigorosa para o céu, é fazer amor contigo.

Sentiu que uma pequena sacudida a atravessava ao escutar suas palavras e sorriu.

— Suspeito que isso não vai empalidecer em muito tempo.

— Cinquenta anos, Lily?

— Ao menos. Mas me diga o que é o que tem em mente?

Knight suspirou. Ela o conhecia bem, era sua esposa.

— Estranho as crianças — admitiu. — Já faz quase dois meses que fomos. E embora tenha sido maravilhoso...

Lily riu e o beijou.

— O que é o que realmente está tentando dizer?

— Não se pergunta se Castle Rosse segue em pé ou se se converteu em ruínas? Se nossos serventes seguem sendo pessoas normais ou se tornaram uns idiotas balbuciantes? Se as criadas do andar superior não partiram aos gritos depois de ter posto suas mãos na massa de pão de Sam?

Lily ria com tanta vontade que não podia falar.

— Chega, chega já — conseguiu articular. — É tão gracioso, Knight. Como vivi tanto tempo sem o homem mais engenhoso, mais belo, mais maravilhoso, mais...

— O melhor amante?

— Sim, o melhor amante e quase diria o marido mais jovem em todo mundo.

Knight suspirou.

— Toda minha filosofia... Feita pedaços e jogada ao vento. Eu, um homem jovem, capturado na flor da idade, reduzido ao cativo, forçado a servir uma mulher de apetites insaciáveis por meu corpo jovem e viril. Como posso suportá-lo?

— Como será então, meu senhor?

— É meu turno.

— De me jogar no chão? A mim, uma jovem dama, para me capturar na flor da idade?

Riu e a apertou com força contra seu corpo.

— Suficiente conversa no momento. É hora de que façamos certo serviço... Um ao outro.

Fizeram, e foi doce e feroz e lento e maravilhoso. O sol se ocultava ao entardecer quando Knight foi capaz de unir mais de duas palavras com sentido.

— Se tivesse te conhecido aos quarenta, teria me matado em uma semana. Por sorte sou jovem; é a única forma em que poderei sobreviver casado contigo.

— Verdade — disse Lily e beijou seu ombro.

Knight beijou a ponta do nariz.

— Quando pensa em me dizer

Lily foi apanhada em metade de um bocejo.

— Te dizer o que?

— Que está grávida.

Ela deu de presente um sorriso radiante.

— O mês que vem, pensava. Não, não franza o cenho. Queria estar certa, Como soube? É um homem.

— Até um homem se dá conta quando sua mulher não tem seu período mensal. Isso, amor, e seus seios. Estão mais cheios, mais sensíveis, mais macios. Não notaste quão cuidadoso estive quando te acariciava?

— Não — disse honestamente. — Quando me toca, tudo o que sei é que me volto louca e ardo em desejos.

— Ah — disse Knight. Apoiou sua mão em seu ventre e o acariciou. — Muito bem dito. Quando posso esperar que meu quarto filho venha a este mundo?

— Para fim de novembro, acredito.

— Sente-se bem?

— Sim, muito bem. Não me senti nada doente pela manhã.

— Sem dúvida isso se deve a seu notável marido e ao bem que te cuida. — Knight observou a ferida enrugada em seu ombro. Sentiu que a lembrança o chocava e ele

resolutamente se livrou. Isso tinha passado, para sempre. — O que estava dizendo? Ah, sim. decidi que te darei a recompensa e não ficarei para mim, embora certamente ganhei isso.

Lily pestanejou sem entender.

— Do que está falando?

— A recompensa. Por devolver as quinquilharias do Billy.

— Que recompensa? Do príncipe de Orange?

— É obvio do príncipe. Recebi uma carta do Burke esta manhã. Billy, minha querida, quer que aceitemos uma amostra de sua estima e de seu profundo agradecimento pela devolução dos diamantes, sob a forma de uma pequena casa do século dezessete que possui em Cornwall, perto de Lostwithiel, acredito.

— Uma casa por devolver umas joias miseráveis?

— Não tão miseráveis. Evidentemente valem aproximadamente sessenta mil libras.

— Meu Deus — disse Lily. — E estavam costuradas no forro de arminho de minha capa! E se eu perdesse minha capa? Ou a vendesse? Oh, querido...

Os dedos de Knight estavam em seus lábios; então se inclinou para ela e a beijou.

— Quando deixarei de te desejar todo o tempo? O imóvel se chama Swanson Grange. Pensei que poderíamos trocar o nome por um pouco mais nobre. Talvez...

Lily o acariciou ligeiramente e ele se esqueceu de tudo exceto desses dedos suaves sobre seu corpo.

— Talvez o que? — perguntou, com seu fôlego quente na boca dele.

— A casa de Atila? O imóvel de Napoleão? O recinto do Turco? Não sei não me importa.

A Lily tampouco importava nesse momento.

— Já sei — disse uns trinta minutos depois.

— Já sabe o que?

— Vamos batize-lo de Médici. Poderíamos construir velhas e úmidas prisões, vender venenos, importar o conceito italiano de vingança.

Lily soltou uma gargalhada.

— Está me fazendo rir muito.

— Minha missão na vida. Se acostume a isso.

— Muito bem — aceitou Lily e o beijou.

— E essa é sua missão, esposa.

— Muito bem — voltou a dizer, com entusiasmo e alegria na voz.

Fim

Série Noites

1 – Noites de Fogo

2 – Noites de Sombras

3 – Noites de Tormenta

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.br

